
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**Entre a Literatura e a Imprensa:
Percursos de Maria Archer no Brasil**

Tese apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade de São Paulo como requisito
parcial exigido para obtenção de título de
Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos
Comparados de Literaturas de Língua
Portuguesa.

Orientadora Profa. Dra. Benilde Justo
Lacorte Caniato

ELISABETH BATISTA
2007

ELISABETH BATISTA

**Entre a Literatura e a Imprensa:
Percurso de Maria Archer no Brasil**

Tese apresentada à Faculdade de Letras da
Universidade de São Paulo como requisito
parcial exigido para obtenção de título de
Doutor em Letras.

Área de concentração: Estudos
Comparados de Literaturas de Língua
Portuguesa.

Orientadora Profa. Dra. Benilde Justo
Lacorte Caniato

São Paulo
2007

Dedicatória

*À Adênia Joana, Fernanda, Felipe e Jônatas
que aguardam
o momento da desconcentração.*

Agradecimentos

Muitas foram os que participaram deste percurso. Apoios de pessoas e institucionais, aos quais, neste momento, cumpre endereçar meus cordiais agradecimentos.

De maneira especial, desejo agradecer às professoras doutoras Benilde Justo Lacorte Caniato e Elza de Assumpção Miné pelas recomendações metodológicas, suas orientações de leitura e o zelo pela correção minuciosa do trabalho. Ao professor Ricardo Ianacce pelas sugestões por ocasião do Exame de Qualificação.

Aos professores do programa de Pós-Graduação da Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo, nas pessoas dos professores Doutores Benjamin Abdala Júnior, Hélder Garmes, Marly Fantini, Maria Aparecida Santilli, Nely Novaes Coelho, Tania Macêdo, Rita Chaves, e Yudith Rosembaun.

À UNEMAT - Universidade do Estado de Mato Grosso -, na pessoa do Reitor Taisir Mahamud karin, pelo apoio à qualificação profissional.

À CAPES, pela bolsa de estudos através do PQI - Programa de Qualificação Institucional.

Sou grata à amizade das integrantes do *Clã do Jabuti* da UNEMAT-Vera Maquêa, cujo convívio foi um estímulo ao aprofundamento, Ana Lúcia Rabecchi, Olga Castrillon, Aguinaldo Rodrigues da Silva, Suzanne Castrillon, Marinei Almeida Lima, Isaac Newton, Antonio Mantovani, Genivaldo Sobrinho.

Do outro lado do Atlântico tenho a agradecer à família da autora nas pessoas do Professor Fernando de Pádua, sobrinho da escritora; Olga Archer Moreira, sobrinha-neta e Dina Maria Botelho pelo acesso generoso às informações sobre a escritora.

Ao Alberto Jorge Leite, Esmeralda Pinto Leite e José Carlos Leite, família lusitana com quem pude contar com o carinho e a remessa de fontes e apoio bibliográfico, imprescindíveis à concretização deste trabalho.

À Maria Albertina Mitello Monteiro, amizade que logrei angariar na pesquisa em Portugal, pela revisão atenta e graciosa.

Ao Sr. Fernando Marques de Almeida e Dr. Antonio Barreto Archer, amigos portuenses, pela solicitude com que acolheram o tema da pesquisa, enviando fontes e sinalizando caminhos.

A Getúlio Gracelli pelos depoimentos romanceados e a disponibilização do acervo de Maria Archer.

À Ana Paula Ferreira Professora em Irvine – Universidade da Califórnia, pela fortuna crítica.

Ao Grêmio 25 de Abril na pessoa do Sr. Alexandre Pereira pela disponibilização do jornal *Portugal Democrático*.

Aos meus estimados colaboradores, pelo estímulo no decorrer do percurso: Eliane Junqueira, bibliotecária da Casa de Portugal, Genivaldo Gomes Sobrinho pela digitalização de imagens do *Portugal Democrático*, Sra. Tamico, Chefe da Biblioteca Mário de Andrade e Luiz Gervazoni do Arquivo do Estado de São Paulo.

SUMÁRIO

Palavras iniciais.....09

Capítulo I

1.0– Literatura e imprensa.....	13
1.1 – <i>Chronos</i> – a fábula do princípio... ..	14
1.2 – Imprensa escrita no Brasil.....	15
1.3 – Jornalismo feminino ou imprensa de autoria feminina?.....	16
1.4 – Entre a norma e o estilo no gênero periodístico.	23

Capítulo II

2.0 – Apresentação da Escritora.....	28
2.1 – Partida para África.....	29
2.1.2– Da sua formação escolar.....	32
2.1.3 – A estada em Guiné: Entre Bolama e Bissau.....	32
2.1.4 – Das núpcias de Maria Archer.....	35
2.1.5 – A dissolução do matrimônio.....	36
2.1.6 – Estréia literária em Luanda.....	37
2.1.7– Tentativa de resgate do sentimento de “império”: um contexto lusitano.....	39
2.2 – De Luanda para Lisboa: o regresso.....	40
2.2.1 – A política cultural em Portugal.....	41
2.3 – A produção criativa em Portugal.....	42
2.3.1 – Maria Archer: A crítica de Raul Rego.....	45
2.3.2 – Recepção da obra no seio familiar	46
2.3.3 – Adesão ao MUD, a Censura e a 1ª apreensão.....	47
2.3.4 – Participação sócio-político-cultural em Lisboa.....	48
2.3.5 – Atuação jornalística e a PIDE	49

Capítulo III

3.0 – Exílio: Recuperação do passado.....	52
3.1 – Ceres- o exílio na mitologia	55
3.2 – Exílio (in) voluntário: uma inevitável opção.....	56
3.2.1– A vinda para o Brasil.....	58
3.2.2 – Recepção em idioma fraterno.....	59
3.3. – O trânsito intelectual em São Paulo.....	60
3.3.1 – Estréia literária no Brasil: <i>Terras Onde se Fala Portugêses</i>	61
3.3.2 – O DEOPS e a escritora em São Paulo.....	62
3.3.3 – 1ª Conferência Sul-Americana pró-Anistia	63
3.3.4 – Imigração portuguesa e a atuação dos intelectuais exilados.....	65
3.3.5 – Presença de Maria Archer em campanhas político-partidárias.....	66
3.4 – O cotidiano em Santana, um bairro paulistano.....	67

3.4.1 – A resistência a dupla ditadura: a portuguesa e a brasileira.....	68
3.4.2 – Depoimento de um exilado político: Edgar Rodrigues	70
3.5. – As duas fases no exílio.....	72
3.5.1 – Carta reveladora.....	74
3.5.2 – Do regresso a Lisboa.....	76

Capítulo IV

4.0 – Maria Archer e o Jornalismo no Brasil.....	78
4.1 – Os imigrantes e o jornalismo em São Paulo.....	79
4.2 – Contribuição para a imprensa de Língua Portuguesa no exílio.....	80
4.2.1 – Contribuição inaugural de Maria Archer: em defesa da Literatura.....	82
4.2.2 – Entrevistas.....	84
4.3 – Jornais em que Maria Archer colaborou no Brasil.....	85
4.3.1– <i>O Estado de S. Paulo</i>	85
4.3.1.1– A Contribuição de Maria Archer para <i>O Estado de S. Paulo</i>	88
4.3.2 – Índice cronológico das colaborações para <i>O Estado de S. Paulo</i>	90
4.3.3 – Índice temático das colaborações para o <i>O Estado de S. Paulo</i>	9
4.3.4 –	<i>Portugal</i>
<i>Democrático</i>	110
4.3.4.1 – Maria Archer: jornalismo de resistência.....	118
4.3.4.2 – Índice cronológico das colaborações para o <i>Portugal Democrático</i>	119

Capítulo V

5.0. – Maria Archer e o território da escrita.....	134
5.1. – Crônicas da memória.....	126
5.1.2 – Crônicas Painel Africano.....	157
5.1.3 – Crônicas Brasil e África.....	163
5.1.4 – Outras Crônicas.....	167
5.2 – Contribuição ao <i>Portugal Democrático</i>	180

Considerações

Finais.....	187
-------------	-----

Referências

Bibliográficas.....	190
---------------------	-----

RESUMO

A literatura de autoria feminina nos países que se comunicam através da língua portuguesa conta com excelentes representantes. Um olhar, ainda que superficial sobre essa produção revela que notadamente a partir da última metade do século passado, década de 40-50, ela veio gradativamente chamando a atenção de pesquisadores e conquistando, cada vez mais, o prestígio do público-leitor. Maria Archer, no entanto, parece encontrar-se em quase completo esquecimento. De 1955 a 1977, Maria Archer (1899-1982), escritora portuguesa, veio cumprir um largo exílio em terras brasileiras. Aqui, como nos continentes luso-africano, tornou-se um dos nomes de mulher mais importantes pela contribuição à imprensa de Língua Portuguesa. O objetivo primeiro deste trabalho é ressaltar as experiências e a contribuição desta escritora para a imprensa de Língua Portuguesa, problematizando-as à luz da hegemonia masculina que marcou a produção de conhecimentos e a reflexão pública sobre a resistência dos portugueses à ditadura do regime salazarista vigente no Portugal da época.

Palavras-chave

Maria Archer, autoria feminina, imprensa de língua portuguesa, exílio.

Between the literature AND the press : Courses as of Maria Archer at the Brazil
Abbreviation

The literature as of authorship female at the countries that if communicated via the Portuguese language account along as good as gold delegates. Um look , Although amateurish on the subject of that creation reveals than it is to notadamente from the última half as much from the century bygone , decade as of 40-50, she came gradativamente calling the attention as of browsers AND acquiring , further and further , the prestige from the audience - lecturer. Maria Archer , all the same , it looks encounter - in case that by nearly all-inclusive forgetfulness As of 1955 the one 1977, Maria Archer (1899-1982, escritora) Portuguese , he came abide by um broad exílio well into lands Brazilians. Herein , as a at the continents luso - African , lathe - in case that one of names as of chick more important pela contribution at the inaccurate as of Portuguese language. THE ONE objetivo first one of this I work is jut the experiences AND the contribution of this female writer for the inaccurate as of Portuguese language problematizando - the at the light from the hegemonia masculine than it is to he marked the creation as of background AND the reflection public above the endurance of the Portuguese at the dictatorship from the regime salazarista vigente at the Portugal of the time.

Key words Maria Archer , authorship female , inaccurate as of Portuguese language exílio.

Palavras iniciais

A literatura de autoria feminina nos países que se comunicam através da língua portuguesa conta com excelentes representantes. Um olhar, ainda que superficial sobre essa produção revela que notadamente a partir da última metade do século passado, década de 40-50, ela veio gradativamente chamando a atenção de pesquisadores e conquistando, cada vez mais, o prestígio do público-leitor. Não há como negar a produção feminina na literatura contemporânea. Grande tem sido o número de escritoras que se vêm destacando pelo inegável talento na poesia, na prosa e na narrativa de ficção em Portugal, tais como Agustina Bessa-Luís, Lídia Jorge, Natália Correia, Sophia de Mello Breyner, Fernanda de Castro, Yvete K. Centeno, Marta de Lima, Clara Pinto Correia, Irene Lisboa, Fernanda Botelho, Maria Judite de Carvalho, Maria Velho da Costa, Maria Tereza Horta, Maria Isabel Barreno e tantas outras.

Maria Archer, no entanto, parece encontrar-se em quase completo esquecimento. Tal constatação é surpreendente, sobretudo após tomarmos conhecimento da variedade e do grande número de livros e artigos escritos, além de uma série de conferências proferidas por esta autora. É farto o repertório de sua produção literária entre 1935 e 1963. Os seus livros atualmente, exceto *Ela é apenas mulher*, reeditado em 2001 e *Nada lhe será perdoado*, reeditado em 2006, só pudemos encontrar nos alfarrabistas de Portugal.

Em Portugal a escrita de Maria Archer tem pouca visibilidade, mesmo a família não se preocupou, na época, em preservar a “memória” da autora. Assim é o caso para se refletir por que essa autora e as suas obras de inegável qualidade foram apagadas na memória de um tempo crivado de silêncio e relegadas ao mais completo esquecimento. Acreditamos que uma pesquisa através de suas publicações em periódicos, de depoimentos de familiares e pessoas que conviveram com a autora, permitirá acrescentar novos subsídios às informações do nosso trabalho. Há, contudo, um período enigmático em sua vida: o período em que a escritora veio em exílio para o Brasil, nos anos de

Salazar e, essa é uma das razões que nos inclinam a nos deter também no “corpus” estabelecido para este trabalho.

De meados de 1955 a abril de 1979 a escritora e jornalista Maria Emília Archer Eyrolles Baltazar Moreira, nome marcante da vida e cultura portuguesas, veio cumprir um longo exílio no Brasil. Através da vida da escritora passa também, necessariamente, a vida de uma época: o espaço humano, existencial, cultural e geográfico do qual Maria Archer é, para este trabalho, o centro.

Partimos de um diversificado painel de pontos de interesses, aparentemente divergentes no conjunto da produção literária da autora, cujas obras transcendem as fronteiras nacionais e étnicas, África, Brasil e Portugal. Assim, pudemos encontrar um farto repertório temático à disposição dos leitores, consubstanciado na maior riqueza de gêneros, desde livros infantis, novelas de cunho sentimental, romances, ensaios, crônicas, artigos, relatos de viagens, até teatro e traduções.

Em sua prolongada escala em terras brasileiras Maria Archer realizou, pelo intrincado território da escrita para jornais, uma conexão entre o Índico e o Atlântico interligando-os pelo horizonte da literatura. A vocação informativa do gênero jornalístico enraizado na ordem da escrita despertou sempre o interesse em todos os ambientes culturais, pela acessibilidade, pela instantaneidade da leitura e faz dele um gênero adequado à necessidade de auto-investigação sempre presente no horizonte da literatura. E ter a literatura como fonte de orientação possibilita-nos entender o que se sucedia do outro lado do Atlântico, tanto nas terras africanas, como em Portugal, de como se deu o encontro do olhar estético da escritora na captação da “alma de um povo” possibilitada pelas suas incursões literárias entre o Índico e o Atlântico.

A nossa opção por examinar as contribuições de Maria Archer para a imprensa, privilegiando os artigos publicados no Brasil, se dá pela capacidade que o gênero periodístico tem de incorporar elementos da realidade cotidiana, mesclando-os com ingredientes da ficcionalização criadora. Tal propriedade, que alberga textualmente o desejo esteticizante da obra, é fator de predominante imprescindibilidade para seduzir o leitor, estimular o hábito da assiduidade, além de conquistar novos leitores a cada edição.

Ao adentrar no território do gênero periodístico laborado por Maria Archer no exílio e publicado durante a permanência no Brasil, temos em vista a classificação e descrição analítica de sua produção criativa para a imprensa.

Tal procedimento permitirá identificar se as suas contribuições à imprensa local, bem como o seu conteúdo podem ser considerados essenciais ou subsidiários. Seus artigos serão estudados, tendo em vista sua organização, entrelaçamento e complementaridade.

Pretendemos levantar dados biográficos da escritora, fatos de sua vida ainda não conhecidos e razões do seu exílio para o Brasil. Este percurso, que tem em seus primeiros passos a intenção de catalogação de toda contribuição da autora à imprensa brasileira, levar-nos-á conseqüentemente a um inventário de sua atuação junto ao núcleo de exilados portugueses.

Certos da importância da reconstituição de parte da biografia da escritora, os fatos de sua vida ainda não difundidos, as razões do seu exílio, a escolha do Brasil como destino são questões que urge aprofundar.

O estudo aprofundado de sua contribuição para o desenvolvimento da imprensa de autoria feminina nos países que se comunicam através da Língua Portuguesa levará ao entendimento da forma como a escritora, a partir do exílio se adapta à realidade cultural portuguesa e brasileira.

Em boa medida, para a realização desta pesquisa, nos baseamos na produção criativa da autora, nas entrevistas, em microfilmes de sua contribuição jornalística, em depoimentos de quem conviveu com a escritora na situação da diáspora. E ainda, em consultas a trabalhos como o da Professora portuguesa Ana Paula Ferreira¹ que leciona na Universidade da Califórnia, da antropóloga Leonor Pires Martins² do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa da Fundação para a Ciência e Tecnologia. e do

¹ FERREIRA, Ana Paula. “‘*Continentes negros*’ com nome de Portugal: O ‘Feitiço’ colonialista da Maria Archer”. In *Discursos Estudos de Língua e Cultura Portuguesa. Literatura, Nacionalismos, Identidade*. 1996, nº 13, p. 85-98.

----- . *Maria Archer e a “Sexualidade Feminina”*. p. 155-164.

----- . *Home Bound: The Construct of Femininity in Estado Novo*. Portuguese Studies. 1996, volume 12, p. 133-144.

----- . *Nationalism and Feminism at the turn of the Nineteenth Century: Constructing the “Other” (Woman) of Portugal*. 1996. Santa Bárbara Portuguese Studies, Volume III, p. 123-142.

----- . *A ‘Comédia da Feminilidade’ no tempo de Maria Archer: De um mercado em que as mulheres negociam*. Centre de Recherche em Littérature de Langue Portugaise. Université Paul – Valéry, Montpellier III. 1997. Quadrant, nº. 14, p. 133-145.

² MARTINS, Leonor Pires. *Menina e Moça em África*. *Revue Lusotopie* XII, (1-2), 77-91.

MARTINS, Leonor Pires. *Cadernos de Memórias Coloniais. Identidades de “Raça” de classe e de Gênero em Maria Archer*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2002.

Leonor Martins – antropóloga do Departamento de Antropologia. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa da Fundação para a Ciência e Tecnologia.

trabalho da pesquisadora lisboeta Dina Botelho³ que se dedicou a pesquisar Maria Archer em sua dissertação de Mestrado.

³ BOTELHO, Dina Maria dos Santos. *Ela é apenas mulher*. Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1994.

Capítulo I

1.0 Literatura e imprensa

1.1 – *Chronos* -a fábula do princípio

1.2 – Imprensa escrita no Brasil

1.3 – Jornalismo feminino ou imprensa de autoria feminina

1.4 – Entre a norma e o estilo no gênero periodístico

1.0 – Literatura e imprensa

Neste primeiro capítulo nos dedicaremos à discussão sobre as circunstâncias que proporcionaram o surgimento da Imprensa no mundo e no Brasil considerando as suas relações com o contexto do desenvolvimento histórico e econômico da atividade mercantil.

Em sua contribuição para a imprensa no Brasil, Maria Archer dedicou-se com intensidade à imprensa periódica escrita, dando conta de uma sensível proximidade estilística entre jornalismo e literatura fertilizando-o. Pois bem, faremos incursões sobre o papel que circunscreve a participação feminina nos meios da imprensa escritos por e dirigidos à mulher.

A imprensa periódica tem demonstrado a relevância crescente que a crônica jornalística vem assumindo como gênero autônomo presente em suas publicações. Na condição de gênero independente, a crônica jornalística tem aproximado magistralmente os mecanismos estilísticos da literatura com o cotidiano para a sua elaboração formal e temática. Com isso, não pretendemos criar um “dossiê” teórico sobre o gênero periodístico e suas especificidades, assuntos por demais complexos e que não são o objetivo neste trabalho.

Nosso interesse em investigar aspectos relacionados à crônica jornalística e ao gênero periodístico justifica-se tendo em conta que a produção criativa de Maria Archer, laborada no exílio em terras brasileiras, constitui-se exemplar positivo da relação íntima entre a literatura e o jornalismo.

É, portanto, sob o olhar e a memória da crônica jornalística da escritora que importa procurar os conteúdos orientadores sobre os quais se deu o encontro do olhar estético na captação da “alma de um povo” a partir do exílio.

1.1 – Chronos - a fábula do princípio

Chronos na mitologia grega e Saturno para os romanos. Castrou seu pai Urano para poder governar o mundo. Considerado o senhor do tempo e da razão, recebia o poder de sua mãe, Geia, assim como a foice com a qual castraria Urano. Devorava os filhos para não perder o trono para eles, mas foi derrotado por um deles, Zeus, sendo por este aprisionado no Tártaro, região subterrânea abaixo do reino de Hades.

Quando Zeus já tinha consolidado o seu poder, libertou Chronos e o enviou para a ilha dos Bem-Aventurados, onde passou a reinar sobre os heróis, que nunca morriam. Coube a ele o papel de consolidador do reino criado por Zeus: sem sua atuação nada tomaria forma definitiva, discriminada e duradoura. No reino de Saturno, a Terra produzia com abundância e não havia guerras.

Chronos (em grego *Κρόνος*, que significa "tempo"), o mais novo dos seis grandes Titãs, teve seis filhos com sua esposa-irmã, Réia: Zeus, Deméter, Hades, Héstita, Poseidon e Hera. Era associado ao tempo pelos gregos. Cronos representa a passagem da era dos deuses antigos (Ciclopes e Titãs) para os deuses Olímpicos, assim chamados por serem aqueles que habitavam o monte Olimpo, liderados por seu filho Zeus.

A mitologia nos auxilia a compreender a vastidão da experiência humana, independente do momento ou da cultura em que se vive. O sentido de humanidade está ligado à capacidade de reconhecimento de si mesma, sem o que não se poderia reconhecer o outro, e os homens não se poderiam reconhecer entre si. A sucessão marcada entre passado e o presente é denominada tempo.

O tempo é uma das realidades mais complexas experimentadas pelo homem, por sua dimensão ser múltipla. O tempo, na sua multiplicidade, não é uma categoria que se constitui simplesmente de

passado, presente e futuro. Três momentos, três espaços cruzados, o ontem, o hoje e o porvir: um reino cronotópico, o reino de cronos.

No sentido dicionarizado, diz-nos Aurélio, FERREIRA (1999, p.584) que Crônica vem do latim *chronica*. Narração histórica ou registro de fatos comuns feitos por ordem cronológica. Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal. Que tem como tema fatos da atualidade de teor artístico, esportivo. Cronos, o agente mediador entre a concepção e a consolidação daquilo que foi concebido.

Cronos – para a mitologia conforma o sentido de tempo, o consumidor dos próprios filhos, o responsável pela consolidação da obra concebida. Tal particularidade remete à imprensa periódica que, diariamente, tem na redação do texto impresso o seu produto acabado. Na acepção da palavra, o emprego do termo *crônica* para a designação de um gênero específico justifica-se, pois o exercício periodístico, para a consumação de sua tarefa diária é desafiado pelo tempo consumidor de seus filhos: a sua produção que tem no texto impresso, a sua forma consumada, o seu produto final. Daí, a raiz latina trazer em seu bojo o radical *cronos*.

1.2 – Imprensa escrita no Brasil

A imprensa escrita tem no periodismo um meio específico de comunicação e expressão do pensamento. Pensar o contributo da atividade criativa de Maria Archer para a imprensa periódica pode sugerir também a busca de elementos sobre o surgimento desta imprensa periódica no Brasil e no mundo.

Uma primeira demarcação para entender as circunstâncias que proporcionaram o surgimento da Imprensa no mundo leva-nos a situar o fato no contexto do desenvolvimento histórico e econômico do mercantilismo, a partir das trocas de mercadorias e informações nas cidades originárias do capitalismo – os burgos. Importante ressaltar que estas práticas comerciais antes incipientes tiveram forte impulso com o

surgimento dos Correios e da Imprensa, esta última concebendo a notícia como uma mercadoria que atraiu primeiramente quem se dedicava ao comércio e ao transporte marítimo.

Os primeiros "jornais" interessavam somente a quem comercializava, traziam informações sobre preços de mercadorias, abastecimento, pólos de produção, etc. A imprensa surge, antes de mais, como uma necessidade de suporte ao capitalismo e, como se verifica, não deixou de sê-lo até hoje.

No Brasil, a Imprensa surge em 1808, a 1 de Junho, com o primeiro número do "Correio Braziliense", editado em Londres por Hipólito José da Costa Pereira Furtado de Mendonça, um cidadão brasileiro, gaúcho de Canguçu. Até 1999 o Dia da Imprensa era comemorado em 10 de setembro, em referência ao jornal *Gazeta do Rio de Janeiro*, que também passou a circular em 1808, com a chegada da Família Real ao Brasil, devido à invasão napoleônica na Península Ibérica. D. João VI aporta na Bahia e assina a Carta Régia abrindo os portos brasileiros às nações amigas, criando também o jornal oficial da Corte.

Há uma grande movimentação no meio acadêmico e jornalístico, em várias regiões do país, em torno da preparação do bicentenário da Imprensa Brasileira, em 2008. Trata-se de uma iniciativa importante para agendar o debate sobre um dos mais significativos fenômenos da humanidade - a Imprensa e suas especificidades no Brasil.

Até 1808 eram proibidas a impressão e a circulação de qualquer tipo de jornal ou livro no Brasil. O *Correio Braziliense* entrava clandestinamente nos porões dos navios que transportavam mercadorias e escravos. Todo o cerco da Coroa Portuguesa ao incipiente jornalismo brasileiro se devia ao temor da propagação de ideais de liberdade, igualdade e fraternidade que fervilhavam na Europa, especialmente na França de então, com os quais Hipólito mantinha uma certa identidade.

Os dois jornais tinham posições ideológicas antagônicas. Fortemente contrário à Inquisição, Hipólito pregava a libertação do Brasil do domínio de Portugal, enquanto a *Gazeta*, dirigida por Frei Tibúrcio José da Costa, funcionava como um diário oficial da Corte. Quando nasce, 308 anos após o "descobrimento", a Imprensa tupiniquim já vem

cerceada, fato que vai marcá-la em vários períodos históricos, culminando com a Lei da Mordaça, quase 200 anos depois.

1.3 – Jornalismo feminino ou imprensa de autoria feminina?

Que tipo de imprensa faziam as mulheres naquele tempo? Pensar o jornalismo de Maria Archer pode sugerir-nos a busca de elementos em que se inscrevem opiniões, pontos de vista sobre o papel da mulher jornalista e os modos como se desenvolvem, em seu tempo, as atividades de imprensa periódica.

A idéia de uma condição feminina, naquele momento, permanecia forte e delineava nas colunas as temáticas comuns às mulheres. O binarismo dos gêneros era herança dos discursos científico e jurídico construídos no século XIX, que desenvolveram a noção de posições e papéis definidos pela condição de gênero.

Várias foram as escritoras em que, a atividade literária corria paralela à atuação jornalística. Clarice Lispector⁴ começou a trabalhar como jornalista desde 1940 na Agência Nacional e publicou as primeiras reportagens e entrevistas na revista *Vamos Ler!* e no jornal *A Noite*.

Outra escritora que também se articulou nesse mundo diferente da escrita, foi Adalgisa Nery⁵. Entre 1954 e 1966 a escritora passou a opinar como colunista do jornal carioca *A Última Hora* sobre inúmeras questões referentes à política e à economia nacionais.

A atuação feminina nos jornais tem no exercício jornalístico efetivo de Maria Archer um exemplo modelar. Em suas contribuições para a imprensa no Brasil, dedicou-se com intensidade à produção de crônicas para o *Suplemento Feminino* do *ESP* e não só. Soube aproveitar convenientemente o espaço aberto ao debate, à informação, e na

⁴ LISPECTOR, Clarice. *Entrevistas*. (Organização de Claire Willians, notas bibliográficas de Tereza Montero). Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

⁵ CANDELORO, Isabela. *Entre a Literatura e o jornalismo. A Trajetória da escritora Adalgisa Nery*. XI Seminário Nacional Mulher e Literatura. II Seminário Internacional Mulher e Literatura. ANPOLL. 2005, p. 1016-1027.

criação de um público leitor feminino, quer brasileiro, quer português, além de despertar o prazer no hábito de ler quotidianamente.

Para além das crônicas, os conteúdos orientadores de seus artigos para os jornais destacaram, ainda, um dos traços mais perceptíveis da presença portuguesa no Brasil: a capacidade do associativismo. Os artigos voltados para o registro do surgimento das associações beneficentes e de socorro mútuo demonstram que as associações portuguesas no Brasil dialogam historicamente com os traços de mudança que marcaram a história de Portugal e a identidade projetada pelos regimes vigentes em cada época.

Ao longo do século XIX, por exemplo, após a independência do Brasil, e principalmente em São Paulo, nas duas primeiras décadas do séc. XX, as associações tenderam a uma defesa do migrante.

Aqui chegados os migrantes exilados dão conta da presença portuguesa e da necessidade do associativismo que para Heloisa Paulo (1995, p. 09) “para além de um fator de manutenção da identidade étnica do grupo, é um traço revelador das cambiantes que marcam a estruturação desta mesma identidade.”

Neste contexto, os escritos de Maria Archer dão-nos conta de dois tipos de associações portuguesas em terras brasileiras: desde logo, um grande número de associações beneficentes e de socorro mútuo, ressaltando o surgimento das casas regionais; por outro lado, as associações de cunho político são tão antigas quanto aquelas, e já albergam exilados desde os liberais do século XIX, a exemplo do Gabinete Real de Leitura, nascido em 1928.

Na metade anterior à Segunda Guerra estiveram maciçamente presente os exilados do republicanismo, que fundaram Centros Republicanos e jornais tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo. É neste momento que verificamos a presença ativa da autora estudada nas publicações periódicas.

Ao fazer notar a presença da mulher na condição de imigrante exilada, como produtora de conhecimentos e formadora de opinião nos meios de imprensa, espaço dominado hegemonicamente por homens, Maria Archer contribuiu para a composição do debate sobre o jornalismo feminino.

A capacidade extraordinária de transitar por diversos campos de produção de conhecimento, verificada pelo conjunto de sua efetiva contribuição para a imprensa de língua portuguesa demonstra que os textos de Maria Archer não são meramente subsidiários. Distante da prosa de circunstância, no seu exercício jornalístico, dispôs do espaço dos periódicos para a formação de opinião tanto na área política como na área cultural. Assim sendo, como classificar a contribuição da escritora aos jornais? Jornalismo feminino ou imprensa de autoria feminina?

Pensar no jornalismo de Maria Archer pode ainda levar-nos, a partir da caracterização e avaliação de sua prática, no contexto dos anos 50-60, a conjecturar possíveis pontos de permanência e distanciamento relativamente a essa mesma prática do jornalismo tal como nos dias atuais. O reconhecimento ou não de características próprias do jornalismo nos textos da imprensa, como os de Maria Archer, servirá para que façamos incursões em torno dos papéis que circunscrevem o universo apresentado nos meios da imprensa escrita por e dirigidos à mulher.

Nos textos de imprensa periódica qual seria a característica dominante do jornalismo? A maioria dos autores aponta a atualidade como a principal característica. Luiz Beltrão afirma ser o fator essencial: “O jornalismo vive do cotidiano, do presente, do efêmero, procurando nele penetrar e dele extrair o que há de básico, fundamental e perene, mesmo que essa perenidade valha, apenas, por alguns dias ou algumas horas” BELTRÃO (1960: 220).

Dentro da noção de atualidade está o fato acontecido ou por acontecer, e que tem uma dimensão temporal bastante precisa. Assim, podemos dizer que um dos traços fundamentais considerados como constitutivos dos textos de imprensa dá-se na relação com a atualidade, com a imediatez do estímulo e a efemeridade do veículo em que se inscreve; em suma, a conservação da informação do evento e com a retenção do essencial dentro do fato acontecido.

Quando pensamos num relato jornalístico, somos imediatamente levados a uma forma de texto objetiva em que a matéria ali narrada nos remete a fatos ocorridos e presenciados, em geral, pelo relator. Ora, nos textos decorrentes da atividade jornalística de Maria Archer verifica-se

que estes não se limitam a conteúdos prosaicos. A temática por ela usada conserva ainda hoje, a perenidade, pois excede o mero registro de fatos quotidianos.

Vista deste prisma, será possível inferir que a colaboração de Maria Archer para a imprensa periódica, no âmbito dos próprios textos saídos no jornal *O Estado de São Paulo* não se vincula meramente ao gênero periodístico. Sua produção criativa vai além, aproxima-se estilisticamente da literatura, pois, em geral traz mais idéias do que fatos. De fato, consolidaram-se laços que perduram até hoje entre as duas linguagens, a do mundo real e a do mundo possível.

Nas suas colaborações pode-se dizer que não há uma preocupação com a ancoragem temporal imediata. Os conteúdos orientadores sobre os quais escreveu não se vincularam com exclusividade aos acontecimentos do séc. XX em Portugal ou nos países em que circulavam e se fizeram circular.

Concentrar-nos-emos na atividade jornalística da escritora, colaboradora regular da imprensa periódica do Brasil no período de 1955 a 1963. As crônicas abrangem parte dos anos mais conturbados do regime salazarista: o “corpus” significativo foi endereçado ao jornal *O Estado de São Paulo*, de 1955 a 1957, e para o jornal de resistência ao regime salazarista no Brasil, o *Portugal Democrático*, de 1955 a 1963.

Nas crônicas para OESP as experiências emocionais são contadas do ponto de vista de um narrador-observador, presente ou ausente da história. Rapidamente o leitor identifica-se com o sentido configurado. As palavras, frases, imagens que ele próprio viu, ouviu, disse ou pensou de uma forma solta, fazem parte de uma história verosímil. No fundo, o distanciamento da cronista perante o acontecimento permite organizá-lo, enquanto unidade de sentido. Assim, o conjunto de crônicas deixa transparecer unidades de sentido que mostram uma gramática do imaginário partilhada entre leitores e cronista. Ao explicitar essa gramática obtém-se uma pluralidade de configurações que são testemunhos vivos dos comportamentos perante os acontecimentos.

Um exemplo emana da crônica “Domingo no bairro”, São Paulo, (06-01-1956, p.10). Crônica de cenas da vida conjugal de Alfredo e Raquel. Em 1ª pessoa o narrador observador introduz “Habitei longo

tempo bairro novo de Lisboa onde havia, em velhos prédios, para demolir, uma colméia popular”. O bairro, segundo o narrador era de “gente gritante sem recato” que traz à rua mazelas domésticas. O casamento entre as personagens deu-se às pressas. Alfredo, afeito à solteirice, impôs logo, as condições: sair aos domingos com os amigos. Sem objeções, ela aceitou casar, pois estava “deformada”, ou seja, estava grávida. Após o nascimento do filho, Raquel querendo se mostrar ao lado do marido, rebela-se e a vizinhança assiste perplexa à ameaça de suicídio da Raquel acompanhada do filho sob os trilhos do trem. Alfredo num sombrio silêncio de revoltado, na cena crucial, sobe as escadas do apartamento pobre. O narrador, entretanto adverte: Talvez a Raquel se julgasse triunfadora. “Eu não confiava na duração daquele triunfo”.

O cenário português em que a produção se dá, bem como a ambiência social e econômica são de imediata identificação para o leitor brasileiro que é captado logo às primeiras frases. Ela não se limita apenas a contar como se sucedeu o fato saciando a curiosidade imediatista do leitor com as perguntas básicas da arquitetura de um texto para a imprensa periódica: Quem? O quê? Onde? Por quê?

Atendendo ao espaço que dispõe na coluna semanalmente, dentro da concisão que deve pautar a criação, o texto é estilisticamente investido de leveza e a autora se coloca como mediadora de duas linguagens, a do mundo real e a do mundo ficcional. O breve juízo explícito do narrador expressa uma advertência aos leitores(as) ante a perplexidade do evento. O procedimento inusitado da personagem causa pasmo. Ao final o narrador pronuncia-se, registrando-se uma regra da técnica jornalística.

Contudo, observamos ainda, ao final da crônica um princípio estruturante na arquitetura do tecido narrativo: o recurso da memória como matéria da construção do edifício. “Por que vem este caso à lembrança? Porque passei o último domingo num bairro popular aqui em São Paulo”. O deslocamento do narrador rumo ao passado provoca igualmente o deslocamento da memória que realiza ao fim um texto mosaico de experiências fragmentárias, costurando acontecimentos perdidos no passado. Os acontecimentos do cotidiano se transformam

na percepção do narrador que toma a narrativa, interferindo assim na possibilidade de uma memória total e credível.

Ao utilizar semelhante recurso técnico em sua produção, Maria Archer manipula de modo diverso, criando abertura para um diálogo íntimo entre a literatura e o jornalismo cujos territórios apresentam-se de forma solidária e fertilizante.

Assim sendo, podemos classificar as matérias da imprensa feminina como contemporâneas, na medida em que tratam de assuntos de seu tempo. Todavia, a atualidade que torna a matéria de imprensa “quente” freqüenta bem pouco as crônicas e os artigos publicados por Maria Archer em *OESP*. Nos seus textos se registra sempre a intervenção de uma imaginação produtivamente criadora que não se pauta pela efemeridade da matéria com prazo de validade.

Manifesta-se nessa produção laborada nos anos cinqüenta do século passado, por parte da jornalista Maria Archer, um trabalho eficaz com a matéria lingüística que imprime a perenidade, e permite que se leiam hoje textos produzidos naquela época sentidos que nos instigam a encontros novos. São exemplares que, cinco décadas depois, aspiram à revisitação pela sensível eficácia literária que fez circular na formação do leitor e da leitora, despertando para o saudável hábito da leitura diária e o conseqüente aprofundamento posterior em leituras mais complexas.

Roland Cayrol, (op. cit. BUITONI, 1980. p. 203.), cientista político francês, resume as funções da imprensa: pesquisa e difusão de informações; expressão de opiniões; função econômica e organização social; divertimento e distração; função psicoterápica; instrumento de identificação e de dependência (*appartenance*) social; e função ideológica: instrumento de coesão social e legitimação política.

Nos periódicos de imprensa, a sessão dirigida ao público feminino preenche quase a totalidade dessas funções: informa, instrui, ilustra e entretém. A primeira seria tipicamente jornalística – pesquisa e difusão de informes. A expressão de opinião, a marcação de posição revelando como ela se situa diante de fatos de ordem política, pessoal e eventos artísticos foram amplamente contemplados pelas pautas de sua maciça produção criativa na imprensa.

Tomando por base todas vertentes da contribuição de Maria Archer para a imprensa periódica escrita no exílio, deixaremos de lado a classificação generalizante de jornalismo feminino posto que a sua prática jornalística não se restringe meramente a tal caracterização e optamos pela denominação mais pertinente que vem a ser a de imprensa de autoria feminina.

1.4 – Entre a norma e o estilo no gênero periodístico

“[...] os *média*, se não nos dizem *como é que* devemos pensar Indicam-nos, pelo menos, *sobre o que* devemos pensar.”

Enric Saperas⁶

Há um modo de fazer periodístico que é claramente diferenciável do modo próprio do estilo literário puro, do didático, do filosófico, do científico e até da fala coloquial. De todos esses modos, há algo que se inscreve na linguagem do periódico, que se pressupõe ser criado para a leitura rápida, muito peculiar, como o estilo e o fazer periodístico diário.

A presença da escritora na imprensa periódica de seu tempo pressupõe que nos voltemos para a caracterização da sua produção criativa para os jornais, a fim de descrever as particularidades que se inscrevem na sua atividade jornalística no exílio.

A imprensa de autoria de Maria Archer conta, pela nossa catalogação, com a contribuição de mais de uma centena de textos produzidos para o jornalismo na forma de artigos, crônicas, ensaios e reportagens.

A fim de dimensionar a contribuição de Maria Archer para a imprensa brasileira, situando o seu trabalho de autoria feminina nos tempos do exílio, encontramos trabalhos nas seguintes publicações periódicas: *A Gazeta*, *O Estado de São Paulo* e *Portugal Democrático*.

⁶ Apud. REBELO, José. *O Discurso do Jornal*. Lisboa, 2002, p. 17. Cf. A noção tomada da Sociologia da Comunicação em *Os Efeitos cognitivos da Comunicação de Massas*, Asa, Porto, 1993.

O percurso da escritora pelo gênero periodístico tem o seu ponto de partida no jornal *A Gazeta*. Nessa publicação, Maria Archer ganha o primeiro espaço e a visibilidade de estreante no gênero. Tal publicação traz um ensaio, cujo conteúdo postula a defesa da literatura e faculta, entre outras razões, para as barreiras alfandegárias a responsabilidade pela desfasagem no intercâmbio literário entre os países que se comunicam através da língua portuguesa.

Além de dezenas de crônicas de sensível eficácia literária, por conformarem uma agradável aproximação entre a literatura e o jornalismo, escreveu e publicou no jornal *O Estado de São Paulo* artigos e ensaios voltados para a divulgação da cultura dos países em que viveu e que mantêm o português como língua de comunicação.

Na publicação periódica *Portugal Democrático* foi além, produziu vários artigos, sementes de contestação ao domínio salazarista em Portugal.

Estudar a produção da imprensa de autoria feminina de Maria Archer, circunscrita ao período de exílio, e as publicações periódicas nomeados anteriormente, significa fazer incursões por conceitos e caracterizações já conhecidos desses gêneros de imprensa: a crônica, a reportagem, o artigo e/ou ensaio.

A escolha de uma tipologia de gênero jornalístico, como forma de expressão, enquanto instrumento, para tratar cada acontecimento, já é por si só, ideológica, na medida em que esta opção está assente em critérios básicos que vão revelar a intenção da autoria em se reportar a algo, em comentar ou em provocar a opinião do público leitor para prepará-lo coletivamente para a tomada decisão que a ideologia da mídia impressa postula.

Em suma, a opção é o instrumento que leva à adesão ou rejeição da construção, ou seja, à legitimação da decisão tomada, reforçando a norma socialmente dominante através do destaque que concede, ou à desconstrução do *discurso circulante*⁷.

Na concepção atual, o *discurso circulante* é aquele que alimenta o espaço público. Pode ser entendido, também, como o conjunto de enunciados de natureza conceitual relativos aos seres, às suas

peculiaridades, aos seus comportamentos e dos juízos que tais características e tais comportamentos suscitam. Pode ser considerado também, como espaço público- o lugar de representação.

Para os membros de uma determinada comunidade, o *discurso circulante* é a fonte identitária, ao qual Patrick Charaudeau atribuiu três funções. 1. *A função de poder/contrapoder*, assegurada pelos “discursos de transcendência” que, reclamando uma posição de supremacia, procuram orientar a ação social, e pelos “discursos de contestação”, cujo desempenho depende do nível organizacional dos grupos, da capacidade de mobilização. 2. *A função de regulação social do quotidiano*. Aqui, assegurada por “discursos ordinários” que justificando ações e determinadas regras de comportamento, tem a intenção de normalizar as ações sociais, produzindo aquilo que Goffman⁸ chamou de “quadros de experiência”. Neste âmbito, determina-se o que é ordem e o que é desordem, o que deve e o que não se deve fazer. 3. *A função de fundação*. Aqui entram as estórias, as narrativas ficcionais, os mitos, enfim, todos os discursos sobre a origem e o destino das agrupamentos comunitários.

Assim, diferentemente da reportagem que relata uma sucessão de fatos encadeados ou todos os elementos constitutivos de um fato, no artigo, esses fatos são valorados, observados pela cronista. A interpretação pessoal da cronista se faz representar num círculo que rodeia o fato, o acontecimento. Pela relevância que assumem, na definição dos projetos dos órgãos de informação impressa, Maria Archer se dedicou com intensidade à produção de crônicas.

Artigo é o texto onde um só fato ou idéia são vistos por todos os seus ângulos, com vista à sua análise, a mais completa possível.

O bom estilo jornalístico tem como requisito a clareza e a transparência expositiva. Como lembra VIVALDI, “o pensamento de quem escreve deve penetrar sem esforço do leitor” (1973: p.29). A escrita archeana vai direta ao foco. Outro aspecto não menos importante é a concisão, a utilização de palavras indispensáveis e significativas que levam à rapidez e vivacidade de estilo. O verbo apresenta-se ativo e dinâmico nos artigos e crônicas da

⁷ Apud REBELO, José. *O Discurso do Jornal. O como e o porquê*. Lisboa, 2. ed., Editorial Notícias,, 2002, p. 118.

⁸Cf. GOFFMAN. *Les Cadres de l'expérience*. Minuit, Paris, 1991, p. 78.

jornalista, conformando sua eficiente concisão na produção criativa. Para além da clareza e concisão pudemos perceber que a densidade, a exatidão, a precisão, a sensatez, a originalidade e a variedade animam a produção criativa de Maria Archer para os periódicos.

Capítulo II

2.0 – Apresentação da Escritora

2.1 – Partida para África

2.1.2 – Da sua formação escolar

2.1.3 – A estada em Guiné: Entre Bolama e Bissau

2.1.4 – Das núpcias de Maria Archer

2.1.5 – A dissolução do matrimônio

2.1.6 – Estréia literária em Luanda

2.1.7 – Tentativa de resgate do sentimento de “império”: um contexto lusitano

2.2 – De Luanda para Lisboa: o regresso

2.2.1 – A política cultural em Portugal

2.3 – A produção criativa em Portugal

2.3.1 – Maria Archer: A crítica de Raul Rego

2.3.2 – Recepção da obra no seio familiar

2.3.3 – Adesão ao MUD, a Censura e a 1ª apreensão

2.3.4 – Participação sócio-político-cultural em Lisboa

2.3.5 – Atuação jornalística e a PIDE

2.0 – Apresentação da Escritora

Nasceu na madrugada do dia 04 de Janeiro de 1899, na Freguesia das Mercês em Lisboa, Maria Emília Archer Eyroles Baltazar Moreira, conforme informações da família obtidas em nossa pesquisa na capital portuguesa, de acordo também com a sua certidão de óbito expedida pela Nona Conservatória de Registro Civil de Lisboa, e não em 1905, segundo apontam algumas enciclopédias⁹.

Enquanto a crítica adotou, durante muito tempo, o ano de 1905 como ano de seu nascimento, como vemos em várias enciclopédias e manuais consultados, Maria Archer, nas suas últimas décadas, quem sabe movida pela vaidade pessoal, por querer parecer mais jovem do que era, talvez por omissão voluntária, não refutou a informação acerca da idade.

Filha de pai alentejano, sangue arabizado, mozarabe, ou seja, descendente de cristãos espanhóis que viviam sob o domínio dos árabes, e mãe neta de irlandeses estabelecidos em Portugal, Maria Archer na primeira entrevista concedida no Brasil ao Jornal *Folha da Manhã*, São Paulo (31-07-1955) revelou que o brasão¹⁰ da família Archer está registrado no nobiliário português desde 1575.

Em sua carreira literária, a escritora adotou apenas o sobrenome materno. Um sobrenome de origem irlandesa. Na acepção da palavra, *Archer* vem do substantivo *archer* que designa arqueiro, ou seja: o cavaleiro honrado que tinha o direito a ser o portador do arco do rei, de ser o “arqueiro do rei”. Naquele tempo o arco e a flexa eram usados como arma de sobrevivência. Só passou a ser tratado como desporto, a partir dos séculos XVI e XVII. A atribuição do sobrenome, como sabemos, estava primordialmente vinculada à função desempenhada pelo indivíduo na Corte. Daí deduz-se que o sobrenome Archer foi dedicado ao genitor, da família por ter desempenhado bem tal função. A família Archer,

⁹ *Dicionário cronológico de Autores Portugueses* – Vol. IV, Porto, p. 209.; *Dicionário de Mulheres Célebres*. Lello e Irmão. Porto, p. 73.; MASSAUD, Moisés. (Dir. e org.) *Literatura Portuguesa Moderna*. São Paulo. Editora da USP, 1973, p. 23.

originária de Kilkeny¹¹ na Irlanda, pertencia ao Condado de Lancaster e remonta ao tempo do Rei Eduardo I (1272-1307). Ao adotar, simplesmente, Maria Archer, como nome artístico na carreira literária, a despeito de ter recebido, na pia batismal um longo nome, a escritora rende assim, uma homenagem aos seus ancestrais da linhagem materna irlandesa.

2.1.1 – A partida para África

Em 1910, em atendimento às contingências profissionais do pai João Baltazar Moreira Júnior, natural de Almodóvar, que passou a desempenhar a função de gerente de agência bancária, e sua mãe Cipriana Archer Eyrolles Baltazar, natural da cidade de Beja, Maria Archer foi viver em Moçambique com a família, à exceção da irmã caçula, Eugénia. Eram ao todo seis filhos, dentre os quais Maria fora a primeira filha do casal. Talvez, por essa razão, terá gozado na infância, na opinião das irmãs, a preferência da mãe. Esta foi a sua primeira viagem à África, conforme obra publicada no Brasil, em 1963, intitulada *Brasil, Fronteira da África*¹², que narra essa experiência:

No 1º quartel deste século, era eu menina, meu pai foi colocado na agência de um banco em Moçambique. Daí derivou a minha odisséia de africanista. Indo e vindo, passando uns tempos em Portugal e outros em África, foram-se quatorze anos da minha vida na terra tropical, que só reencontrei no Brasil.

¹⁰ O Brasão ostenta três setas douradas em pontas de lança. O fundo azul ciano traz o timbre com uma pomba e as palavras: PAX ET COPIA. Paz e Abundância .

¹¹ Diogo Archer, o primeiro Archer a se transferir para Portugal e ao Porto em 1720, vindo de Kilkenny na Irlanda.

¹² ARCHER, Maria. *Brasil, Fronteira da África*. São Paulo, Felman-Rêgo, 1963, p. 121.



Maria Archer aos 16 anos de idade - Moçambique¹³.

O destino foi a Ilha de Moçambique que, na altura, era a capital da Província. Inaugura-se, assim, desde cedo, o seu destino viajante. A escritora, no presente, se conecta às suas origens pela sua história pessoal, e para isso a história torna o passado vivo, revisitado pela memória, que se materializa na obra, cinco décadas depois, misturando-se e acomodando-a aos interesses do presente.

Na obra citada, ela pretende apresentar a África, ainda distante e misteriosa, ao seu público brasileiro e sul-americano, e assim aproximar dois continentes que vivem de costas um para o outro. Aproximar a

¹³ Imagem cedida por Olga Archer Moreira- sobrinha neta da escritora.

África que vê concretamente no Brasil um “paradigma da liberdade, uma polarização sócio-política que as fascina. E o Brasil, ignora-os”¹⁴. Com a força de um testemunho vivo, narrou passagens de sua vivência pela África. Em *Brasil, Fronteira da África*, volta-se para Angola que, sublevada na primeira fase do combate ao colonialismo salazarista, ela conheceu e reconheceu como injustiçada.

Em sua obra, *Roteiro do Mundo Português*¹⁵ (1940), refere-se a esse período vivido na Costa Sudeste do Continente Africano:

Vivi nela três anos, de 1910 a 1913, época em que o interior do distrito ainda nos parecia aterrador e misterioso, em que os brancos só se sentiam em segurança perfeita fechados no aro de coral da ilha. No continente mal se passava além do litoral. Temia-se o sertão, a terra negra e o selvagem.

O litoral a que a narradora se refere é a costa de Moçambique. Voltada para o Índico, pela sua extensão, e clima, é rica em todo o tipo de praias e berço de muitas espécies marinhas. Moçambique localiza-se na Costa Sudeste do Continente Africano, tendo como limites a Leste o Oceano Índico, a Norte a Tanzânia, o Malawi e a Zâmbia, a Oeste o Zimbábue e a África do Sul, e a Sul este último país e a Swazilândia.

O imaginário de floresta virgem e de natureza selvagem, que tanto mexeu com a imaginação de viajantes e aventureiros, alimenta ainda hoje muitas imaginações. Impressionada, a escritora narra com o olhar de quem visita o local pela primeira vez, sem esconder o deslumbramento face à terra tropical. A África é o continente que ainda não esgotou a vontade de saber que movimentou tantos séculos, e que não estancou a mitologia da vida selvagem.

¹⁴ ARCHER, Maria, *Brasil, Fronteira da África*. São Paulo, Felman-Rêgo, 1963, p. 05.

¹⁵ _____. *Roteiro do Mundo Português*. Lisboa, Edições Cosmos, 1940: 145.

2.1.2 – Da sua formação escolar

Mulher de cultura exuberante, podendo ser considerada uma autodidata, terá estudado até a quarta série do ensino básico. Para terminar o primário, consta que "ela teve que implorar aos pais, pois eles consideravam que ela não precisava estudar¹⁶". Naquele tempo, considerava-se que os poucos conhecimentos adquiridos eram suficientes para uma jovem mulher. Assim, Archer veio a terminar a escola primária já com dezesseis anos de idade, no Colégio Europeu. O contínuo convívio com pessoas adultas, por quem ela tinha clara preferência, contribuiu certamente para o amadurecimento precoce das suas idéias, e conseqüentemente para o exercício fluente da sua escrita.

A estada na ilha de Moçambique estende-se até 1913. Passaram-se três anos, naquela que Maria Archer chamou de "ilha de coral branco". No ano seguinte, 1914, a família regressou para Portugal, vivendo uma temporada na Linha de Cascais, depois dirigindo-se para Algés e posteriormente para Santo Amaro, altura em que Maria Archer teria concluído o que equivale no Brasil à quarta série do ensino fundamental.

2.1.3 – A estada em Guiné: Entre Bolama e Bissau

De 1916 a 1918, a família desloca-se para a África. Outra "colônia" marcou o destino de Maria Archer, a "Guiné Maravilha", "a verdadeira África Maravilhosa"¹⁷ (Archer: 1940: 43). Agora na Guiné, a família esteve um ano em Bolama e outro em Bissau. Nesta transferência, apenas seguiram os pais, os irmãos João e Isabel. As irmãs menores, Natália e Irene, terão permanecido em Portugal para a formação básica das primeiras letras.

Na sua obra, *Roteiro do Mundo Português*¹⁸ (1940), encontramos o registro da aproximação do navio ao arquipélago dos Bijagós e as

¹⁶ BOTELHO, Dina Maria. "Ela é Apenas Mulher" *Maria Archer Obra e Autora*. 1994, p. 33..

¹⁷ ARCHER, Maria, *Roteiro do Mundo Português*, op. cit., p. 43.

¹⁸ *Idem*, p. 44.

primeiras impressões que a sedução africana exerce na escritura da autora, ao falar sobre a paisagem e os nativos avistados a bordo:

Para quem chega do mar à Guiné, o assombro começa mal a terra se avista. Os *Bijagós* surgem no horizonte, deixam-nos aproximar e nos envolvem. É formado por um numeroso arquipélago de ilhas e ilhéus rasteiros à água, verdes e misteriosos, ricos de uma exuberância tropical de matas ondulantes e cerradas. O navio sinua entre as suas ilhas até atingir o porto de Bolama, ou o de Bissau, e despejar o seu carroto de cargas ou passageiros. E nós, durante a travessia exótica, vamos mirando o ramalhete de matas mal saídas do mar, com os seus tufo de palmeiras, aqui e além, e sua orla de praia e os indígenas, negros e seminus, de pé, estáticos, na beira da praia, contemplando o navio, o seu rolo de fumo, o cachão de sua proa, e pensando, decerto, no despojo magnífico dum naufrágio possível. (Archer 1940: 44)

O ato de narrar histórias está na base da experiência humana. A reedição milenar desse ato tem demonstrado como a realidade pode ser despertada, para cada pessoa, de uma maneira diferente, e também de como essas narrativas podem construir uma imagem de país, de comunidade, de nacionalismo, de acordo com as ideologias de quem as produz.

Walter Benjamin¹⁹ (1987), ao finalizar do século XX, anunciava, não sem a melancolia própria de quem vive voltado para o passado, que o narrador oral estava em vias de extinção. De fato, a narrativa tanto oral quanto escrita não pode existir sem a existência do narrador. Benjamin considerava a obra escrita de Nicolai Leskov, que representava o que ele dizia ser as duas famílias mais importantes de narradores: o sedentário e o viajante. Certo é que a narrativa continua viva tanto na escrita quanto na oralidade.

Ao narrar a sua experiência de mobilidade em solo africano vivenciada na infância e juventude, a escritora presentifica o passado, pelo território da memória e reedita, subjetivamente, cada imagem, tingindo um painel local com cores exuberantes. A porção de terra que a escritora fala está situada na Costa Ocidental da África, estendendo-se, no litoral, desde o Cabo Roxo até à ponta Cagete. A Guiné-Bissau tem fronteira, ao norte, com o Senegal, a este e sudeste com a Guiné, e a sul e

¹⁹ BENJAMIM, W. "O narrador". In *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987 p. 197-221.

oeste com o Oceano Atlântico. Além do território continental, o país integra ainda cerca de 80 ilhas que constituem o arquipélago dos Bijagós, separado do Continente pelos canais do Geba, Pedro Álvares, Bolama e Canhabaque.

A construção narrativa segue entre a fluência da pena e o colorido subjetivo dos pincéis. A escritora descreve, em *Caleidoscópio Africano*²⁰, o desembarque no porto do canal de Bolama:

Cheguei a Bolama no amanhecer de um dia brumoso. O piloto, prático indígena, atirou o navio sobre os bancos da barra. Embriagava-se com a mesma regularidade. Esperou-se pela praia mar para safar o navio e com a ajuda de Deus conseguimos demandar o porto. Foi assim o meu contato com o gentio da Guiné. Um escaler a remo levou-me do navio à terra. Desembarquei. A ponte, amontoado de traves, acentava em pilares de madeira mal acepilhada, com informes pranchões em cima. Largos espaços entreameados a meio escavavam abismos onde os pés, se perdiam, ora um, ora outro.

Detecta-se uma maneira muito particular de narrar esses momentos da sua vida. Existe uma espécie de exagero no discurso da autora, um exagero a bem da literatura, que embeleza o texto. É a memória da “menina e moça”, que se estende para além dos mares navegados entre o Índico e o Atlântico, que constitui a literatura da escritora Maria Archer. Memória de chão coberto das águas oceânicas, de madeira e de floresta, águas que se misturam nas lembranças reencontradas.

Fui habitar a melhor casa da terra, o prédio grande do Cabral ao topo da povoação, rés-vés da selva onde os “papéis” escondiam o sangue e as ruínas da derrota. A menos de cem metros avistava-se a armadilha das panteras. Bastas vezes, ao amanhecer o burburinho da rua avisava-me que a armadilha fechava hóspede²¹.

As lembranças reencontradas se apóiam em pontos culminantes de sua história pessoal. A memória autobiográfica não dispensa o detalhe, a tudo evoca o passado. Seria por isso que a memória aqui

²⁰ ARCHER, Maria. *Caleidoscópio Africano, Cadernos Coloniais*. 1938, p. 15-16.

²¹ ARCHER, Maria, *Caleidoscópio Africano, Idem*, p. 22.

teria mais proximidade com a ficção do que com a história. A ficção, como sabemos, cria elementos para dar o efeito de continuidade e a história propriamente dita é presa à verosimilhança. Na história, o passado é visto racionalmente, como conhecimento, passível de ser investigado, questionado, problematizado; na constituição da memória, ele é tomado subjetivamente, e bastante levado de mito e de culto. Ao reeditar seu passado na passagem por terras africanas de expressão portuguesa como Guiné, Bolama e Bissau, Maria Archer tece, num processo de elaboração particular, via ficcionalização, um culto à memória.

2.1.4 – Das núpcias de Maria Archer

Em 1921, o pai vai trabalhar para o Banco Nacional Ultramarino em Faro, ao sul de Portugal. É aí que a escritora recebe proposta de casamento do jovem Alberto Teixeira Passos. Maria conheceu o “menino Alberto” ainda na ilha de Moçambique, onde, na altura, desempenhava a função de tesoureiro de uma agência bancária. Distante do pretendente, “Archer não aceita se casar sem ver, de novo, o candidato à sua mão”²². Assim, pede que o noivo venha até Faro. O casamento dá-se no dia 29 de agosto de 1921.

O matrimônio dá-lhe a emancipação, inaugurando a segunda fase de sua existência, onde ela deixa a tutela dos pais e passa à do marido. Apesar de a escritora o ter conhecido ainda em Moçambique, ele era português, filho de João Maria Passos e de Maria Angélica Rocha Teixeira, naturais de Vila Real de Trás-os-Montes. Após o casamento, vão viver em Ibo-Moçambique, onde se fixam e vivem durante cinco anos. Alberto, então com 31 anos de idade, retorna à sua função no mesmo banco. Maria Archer na época tem 22 anos.

Cinco anos depois, durante a ditadura militar que se seguiu ao golpe militar de 1926, data do início da primeira legislatura da Assembléia Nacional do Estado Novo, sobreveio a grande crise política e econômica. O marido de Maria Archer vem a perder o emprego e ambos retornam à cidade de Faro.

Entretanto, naquela época, no panorama literário português surpreendemos uma produção literária, oficialmente estimulada a partir de 1926, na qual se insere um concurso literário de “literatura colonial”, de periodicidade anual, que vigorou até 1969, de iniciativa da AGC – Agência Geral das Colônias²³, cujo espírito e propósito eram o fomento da produção de textos sobre as antigas “províncias ultramarinas” portuguesas, que visavam a divulgação da história e da atualidade ultramarinas.

A temática colonial será, por um tempo, a motivação da obra de Maria Archer, que tornou visível através de narrativas autobiográficas e memorialística. Obras que tornou legitimadas, pela efetiva presença física nas colônias, na condição de escritora viajante. Ela própria, em seus textos, tornou possível a reconstituição de sua vivência como moradora itinerante em alguns episódios de sua vivência africana.

2.1.5 – A dissolução do matrimônio

O jovem casal passa a viver uns tempos em Trás-os-Montes, terra natal do marido, e parece ser aí o derradeiro cenário de um casamento nada feliz. Ali vivem os últimos anos de vida conjugal. O divórcio veio dez anos após a união. Em 21 de março de 1931, já estavam oficialmente separados, com o fundamento em “sevícias e injúrias graves”. Entretanto, segundo o que se sabe, as injúrias teriam vindo mais por parte da sogra do que propriamente do esposo que, segundo familiares, parece ter sido até uma pessoa pacata.

Maria Archer abdica do estado civil de casada, atitude inusitada para a tradição familiar e, como era o uso nessa circunstância, Maria terá feito uma “Carta Precatória para Depósito de Mulher Casada”, dizendo que estava a viver em casa de família em Lisboa.

²² BOTELHO, Dina Maria, op.cit., p. 34.

²³ ACG. “Serviço da Agência Geral das Colônias. Primeiro Concurso da Literatura Colonial”. *Boletim Geral das colônias*, 14: 152-158, 1926. Embora, o respectivo regulamento tenha sido objeto de sucessivas reformulações, o objeto e o propósito do concurso literário foram sempre mantidos.

No ano seguinte, 1932, surgem os primeiros sinais de insatisfação pública com o governo do Estado Novo em Portugal. Os seguimentos organizados insurgem-se. Há manifestações e protestos contra a futura criação do imposto de desemprego, comandados pelo PCP – Partido Comunista Português e pela sua correia de transmissão, a Comissão Intersindical. Há manifestações de sindicalistas contra o desemprego e a Ditadura.

Emerge a tentativa de uma grande greve geral, que virá a ser desmobilizada. No entanto, não se tem notícia de eventual aproximação de Archer com qualquer seguimento organizado ou com a Esquerda, constando que ela, após a separação conjugal, vai para Angola viver com os pais. Durante quatro, cinco anos, reside em Luanda, começando aí a consolidar a sua carreira literária.

2.1.6 – Estréia literária em Luanda

Ao ingressar nessa nova etapa de vida, Maria Archer lança em 1935, ainda em Luanda, sua primeira novela intitulada *Três Mulheres*²⁴ e, no mesmo ano, lança em Lisboa *África Selvagem*²⁵, *África Selvagem, Folclore dos negros do Grupo “Bantu”*²⁶, pela Guimarães e Cia. Editores.

Nos demais textos de temática africana, a escritora expõe episódios da história colonial portuguesa, narra lendas, contos de temáticas africanas, descreve a cultura, o povo e a paisagem das terras onde efetivamente viveu. A escritora veicula conhecimentos de cunho etnográfico e traça críticas à administração colonial. Com este trabalho, a escritora ingressa no universo da literatura voltada para a temática africana.

Aqui, convém mencionar a existência de um contexto sócio-cultural, sob o regime do Estado Novo, propício ao fomento da produção de obras sobre a divulgação e a propaganda das colônias. Cabe citar que a questão colonial esteve sempre presente no conjunto da argumentação política pela relação estreita que mantém com o problema da identidade e sobrevivência do país.

²⁴ ARCHER, Maria, *Três Mulheres*, parceria com Pinto Quartim Graça, Luanda, 1935.

²⁵ *África Selvagem*, Lisboa, Guimarães & Ida, 1935.

Com o Estado Novo, a questão da identidade portuguesa no mundo é revigorada, ganhando novas dimensões. A máquina estatal volta-se, com intenso interesse, para o “projeto” de reconstrução do sentimento coletivo de posse de um “império”.

²⁶ *África Selvagem, Folclore dos negros do Grupo “Bantu”*, Lisboa, Imp. Lucas de Lda, 1936.

2.1.7 – Tentativa de resgate do sentimento de “império”: um contexto lusitano

O período áureo da idéia de império português foi, segundo Omar Ribeiro Thomaz²⁷, o das primeiras décadas do Salazarismo. Entre o Ato Colonial de 1930, a institucionalização do Estado Novo em 1933, e os anos subseqüentes à Exposição do Mundo Português de 1940, assistiu-se à promoção de um conjunto de manifestações culturais que procurou fazer de Portugal um “grande império colonial”. Dentre essas manifestações culturais, destacam-se congressos de literatura e exposições, cuja finalidade era enfatizar um “saber” colonial português e ao mesmo tempo criar uma “mentalidade” que unisse todos os portugueses como participantes de um destino que se realizaria nas colônias, disseminando a noção de que a razão de ser portuguesa estava no seu império.

Essa mentalidade eminentemente colonialista partia de uma visão eurocêntrica, que deveria orientar o olhar dos portugueses em relação às colônias. Para Edward Said²⁸, o imperialismo e colonialismo são sustentados e impelidos por formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos precisam e imploram pela dominação.

A razão de ser portuguesa baseava-se nesse princípio: necessitando “certos” povos de colonização, impunha-se ser o agente da realização desse “destino”, desempenhando a função de colonizador e missionário. Assim, em 08 de julho de 1930, o governo português publicou o Acto Colonial, ao tempo em que Antonio Salazar era o Ministro Interino das Colônias, cujo artigo 2º diz: “É da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas que nelas se compreendam...”. Conforme observa Rosas em História de Portugal²⁹, o regime do Estado Novo lançou uma verdadeira ofensiva ideológica em torno da idéia circulante de “império”.

²⁷ Apud Leonor Pires Martins, *Menina e Moça em África*. *Revue Lusotopie* XII, (1-2), p.84.

²⁸ SAID, Edward, *Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 40.

²⁹ ROSAS, Fernando, “O Estado Novo - (1926- 1974)”, In J. Mattoso (ed.), *História de Portugal*, 7, Lisboa, Editorial Estampa.

2.2 – De Luanda para Lisboa: o regresso

Terá sido nesse mesmo ano, 1935, que a escritora regressará a Portugal, permanecendo inicialmente em casa de uma tia, e posteriormente, em quartos alugados e casas de amigas. De regresso a Lisboa, de acordo com uma crônica jornalística de Rêgo³⁰ que sintetizou, de forma esclarecedora o regresso da autora a Portugal, e publicada na altura de sua morte, a escritora, ao retornar, logo tornara-se:

“(...) o caso do dia nos cafés, nas redacções, no teatro, nos salões de chá e nas livrarias”. A sua presença e beleza físicas, as suas respostas prontas, a inteligência viva, a cultura, o amor ao livro, o tratar frontal de problemas sociais e coloniais por uma mulher que vinha das colônias e que queria ser interveniente e se tornara objecto de admiração, fizeram escândalo. Não era conformista e isso a afastou de muitos meios oficiais e de muitos salões de tertúlias, arrastando-a para o contacto com a Oposição”

Mantinha-se em Portugal com recursos advindos do que escrevia para jornais e das suas obras de criação. Várias de suas obras chegaram à terceira edição, evidenciando bem o interesse que as mesmas souberam despertar junto ao público leitor.

³⁰ RÊGO, Raul, “Maria Archer”, *Diário Popular*, Lisboa, 02 de fevereiro, 1982, p. 03.

2.2.1 – A política cultural em Lisboa

Em 1940, o Estado Português celebrava o duplo centenário da Fundação e da Independência (1140 e 1640), organizando congressos e realizando uma exposição histórica, a “Exposição do Mundo Português”, com a finalidade de enfatizar a existência material de um “mundo português”.

Assim, ao se aproximar a década de 40, instituições como a Sociedade Geográfica de Lisboa (SGL), a Academia de Ciências de Lisboa (ACL) promoveram eventos de naturezas várias, cujos propósitos se prendiam no desejo de enraizar no espírito da sociedade portuguesa uma “mentalidade”, um “pensamento” e o espírito da “cultura imperial”.

Esses foram os termos utilizados na época para expressar essa intenção. De modo efetivo, sob o impulso de Armindo Monteiro, Ministro das Colônias entre 1931 e 1935 e o principal teorizador da renovada “mística imperial”³¹, o regime do Estado Novo lançou uma verdadeira ofensiva ideológica em torno do “império” como observou Rosas³². Promoveram-se exposições, conferências, congressos e a Semana das Colônias. Enfim, múltiplas ações de propaganda e divulgação voltadas para esse fim, são muito comuns nessa década.

Importa, assim, destacar que, coincidentemente, o regresso da escritora à Lisboa, após uma experiência de vida de vários anos na África Portuguesa, foi contemporâneo ao período de produção e circulação intensa de práticas culturais expressivas em torno das colônias.

Após o regresso de Luanda, a escritora participou em conferências e palestras ultramarinas, nas salas da SGL – Sociedade Geográfica de Lisboa aos microfones da Emissora Nacional, em liceus da capital e estabelecimentos militares. A sua presença, também, era regular em jornais e revistas, aliás, muitos de seus textos de temática africana aparecem inicialmente na imprensa periódica lusitana. Esse detalhe da

³¹CASTELO, C. “O Modo Português de Estar no Mundo” O Luso-Tropicalismo e a ideologia colonial portuguesa.(1933-1961) Porto, Edições Afrontamento.1999.p. 45-48.

³² ROSAS, F. “O Estado Novo 1926-1974”, J. Mattoso (ed), História de Portugal, 7, Lisboa, Editorial Estampa, 1992. p. 286.

biografia de Maria Archer ajudará a compreender a sua vasta bibliografia de temática colonial publicada ora em livros, ora em periódicos, ora, ainda, em revistas especializadas como: *O Mundo Português*, *Portugal Colonial e Ultramar*.

Assim, a consolidação de sua atividade como escritora e jornalista de matérias coloniais foi fruto do interesse de uma época em que viu reunidas as condições necessárias à produção e ao consumo desse gênero de literatura.

2.3 – A produção criativa em Portugal

Efetivamente, após a estréia literária com *África Selvagem* em 1935, logo no ano seguinte publicou três volumes na coleção “Cadernos Coloniais”: *Sertanejos*³³, *Singularidades dum País Distante*³⁴ e *Ninho de Bárbaros*³⁵.

A recepção crítica da obra de estréia no domínio da literatura colonial, *África Selvagem*, não poderia ter sido mais satisfatória: “excepcional revelação literária”, obra suficiente “para impor Maria Archer como escritora, para consagrar os seus dotes de narradora perfeita”; “maravilhoso repositório do folclore negro” foram alguns dos comentários surgidos em alguns dos órgãos da imprensa escrita metropolitana.

Segue-se uma vida de intensa produção intelectual. Em 1937, foi publicado o *Angola Filme*³⁶, o quarto dos seis volumes publicados na Coleção Cadernos Coloniais. Em 1938, a Editorial Cosmos lançou dois “cadernos” de autoria da escritora: *Colônias piscatórias em Angola*³⁷ e *Caleidoscópio Africano*³⁸. Nesse mesmo ano, foi lançado *Viagem à Roda*

³³ ARCHER, Maria, *Sertanejos*, “Cadernos Coloniais”, n° 09, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936.

³⁴ *Singularidades de Um País Distante*, <<Cadernos Coloniais>> n° 11, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936.

³⁵ *Ninho de Bárbaros*, “Cadernos Coloniais” n° 15, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936.

³⁶ *Angola Filme*, “Cadernos Coloniais” n°19, Lisboa, Editorial Cosmos, 1937.

³⁷ *Colônias Piscatórias em Angola*, “Cadernos Coloniais” n°32, Lisboa, Cosmos, 1938.

³⁸ *Caleidoscópio Africano*, “Cadernos Coloniais” n°49, Lisboa, Edições Cosmos, 1938.

da *África*³⁹, romance de aventuras dirigido ao público juvenil e distinguido no concurso literário do Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) com o prêmio Maria Amália Vaz de Carvalho.

Dois anos mais tarde, Maria Archer entrega ao público leitor *Roteiro do Mundo Português*⁴⁰ (1940). Uma obra que percorre as províncias ultramarinas portuguesas em África e no Oriente. Este título constitui claramente uma alusão à Exposição do Mundo Português.

No ano seguinte, 1941, lança *Fauno Sovina*⁴¹, *Memórias da Linha de Cascais*⁴² e *Os Parques Infantis*⁴³.

Aproveitando muitos textos de *Roteiro do Mundo Português*, a escritora lança em seguida *Herança Lusíada*⁴⁴ (s. d.), pela editora Coleção Peninsular. Esta obra tem um diferencial: um prefácio do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre. O intelectual destaca o “talento literário” de Maria Archer, a “qualidade de observação”, o “poder de análise”, o “gosto pelo estudo do que do ponto de vista europeu é exótico, pitoresco ou bizarro”. São palavras de Freyre:

Desde que Mestre Antonio Sérgio chamou-me há anos a atenção para os inteligentes artigos da Sra. Maria Archer publicados na Seara Nova sobre aspectos luso-africanos de paisagem e de cultura – aspectos que, sob a sugestão de estudos brasileiros de Sociologia e Antropologia Social, ela se antecipou em comparar, à base do seu conhecimento da África Portuguesa, com a formação lusitana do Brasil.⁴⁵

Contudo, o interesse do prefácio reside menos nos elogios que lhe reconhecem a qualidade de viajante observadora “afeita por especialidade literária à observação do comportamento humano”, mas naquilo que Freyre afirma estar ausente: uma formação acadêmica. “ [...] chega a dar um caráter quase científico às suas impressões de gentes e culturas quer europeias, quer tropicais“. (*ibid.*: 10). Para o luso-tropicalista, caso a Maria Archer aliasse as qualidades acima a uma

³⁹ *Viagem à Roda de África*, romance de aventuras infantis, Lisboa, Editorial O Século, 1938.

⁴⁰ *Roteiro do Mundo Português*, Lisboa, Edições Cosmos, Lisboa, 1940.

⁴¹ *Fauno Sovina*, Lisboa, Livraria Portugalíada, 1941.

⁴² *Memórias da Linha de Cascais*, col. com Branca de Gonta Colaço, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1943.

⁴³ *Os Parques Infantis*, Lisboa, Associação Nacional dos Parques Infantis, 1943.

⁴⁴ *Herança Lusíada*, “Coleção Peninsular”, Lisboa, Edições Sousa e Costa, s. d.

⁴⁵ Prefácio do sociólogo brasileiro Gilberto Freyre, op. cit. p. 09-11.

formação científica poderia ser a escritora portuguesa que, neste domínio, no estudo do trópico por portugueses, melhor supriria a ausência, em Portugal, de uma Ruth Benedict e Margaret Mead.

Ruth Benedict (1887-1948), antropóloga Nova-Yorkina, discípula de Franz Boas, pai da antropologia americana, realizou uma longa pesquisa criando a teoria anti-racial e defendeu a tese de que os três aspectos humanos são independentes: raça, linguagem e cultura, demonstrando a insustentabilidade da teoria de inferioridade das raças.

A escritora e antropóloga Margaret Mead (1901-78) trabalhou no Departamento de Antropologia no Museu americano de História Natural e ensinou gerações de americanos sobre o valor de olhar mais abertamente e sem preconceito, e para outras culturas a fim de compreender melhor as complexidades de ser humano.

Em *Caleidoscópio Africano*⁴⁶ registrou Maria Archer o seguinte: “Eu sou apenas artista, com a pena a serviço da sensibilidade, e não gosto de meter o bedelho em assuntos fora do meu ofício; por isso me abstenho de gabar com números na mão, o valor econômico dos planaltos de Angola”⁴⁷. Tal registro se deve, certamente, a alguns constrangimentos que circulavam sobre a sua condição de mulher escritora viajante e viajada e, sobretudo à sua presença na literatura colonial portuguesa e a ausência de uma formação acadêmica específica.

É em 1944 que produz o primeiro e seu mais importante romance *Ela é Apenas Mulher*⁴⁸, obra considerada decididamente escandalosa para a moral da época. Não só pelo tema, que continua válido no que diz respeito à condição feminina, mas porque, sendo mulher, encontrou a forma adequada para abordar o assunto a que se propunha, passando pelo domínio do verbo, a fluência na palavra escrita. No prefácio, Maria Tereza Horta⁴⁹ observa: “Revelou, sem falso pudor, num tempo em que a mulher era tratada conforme a sua condição social: ora como boneca, rainha do lar, assexualizada, ora como besta de carga, como “mulher de

⁴⁶ *Caleidoscópio Africano*, op. cit. 1938, p. 39.

⁴⁷ Maria Archer, op. cit, 1938, p. 39.

⁴⁸ Segundo Maria Tereza Horta cita no Prefácio de *Ela é apenas mulher* (2001, p. VII) Este romance é um dos melhores retratos da situação das mulheres portuguesas da primeira metade do século XX; “o único retrato autêntico de corpo inteiro”.

⁴⁹ *Ela é Apenas Mulher*, op. cit., p. IX.

má vida”, desonesta, a quem as portas das casas, ditas honradas, fechavam-se.

A situação portuguesa, na altura do lançamento do romance, era desfavorável a expressões artísticas do gênero, pois todo o país provinciano e moralista encontrava-se em plena ditadura fascista sob o regime do Estado Novo. A Censura fazia-se sentir de forma corrosiva e impiedosa. O lançamento do romance foi, portanto, fruto de mais um gesto de ousadia e coragem. Ousadia que lhe fez colher, em meio à preconceituosa cultura da época, os amargos frutos do isolamento, do desprezo e da discriminação. A escritora será, em muitos meios, considerada uma escritora imoral e, por essa razão, estava condenada a conviver com a intolerância diante de um regime de falso moralismo.

2.3.1 – Maria Archer: opinião crítica de Raul Rêgo

No artigo “Maria Archer”, de Raul Rêgo⁵⁰, o jornalista faz um breve estudo da atuação sócio-política da escritora. Escrito dias após sua morte, o jornalista coloca como a sua postura anticonformista a “afastou logo de muitos meios oficiais e de muitos salões de tertúlias, arrastando-a para os contatos com a oposição” e prossegue: “Ela era uma mulher livre, escritora de garra, senhora de si e impondo-se pelo talento”, o que na altura não agradava a muitos, pelo que viu a sua obra *Ida e Volta de Uma Caixa de Cigarros* (1938) ser apreendida.

Em seu ensaio, “*Maria Archer e a Sexualidade Feminina*”, Ana Paula Ferreira⁵¹ observa:

A escandalosa novela de Maria Archer, *Ida e Volta de uma caixa de cigarros* (1938), dramatiza o processo contraditório, mas necessário, de desmistificação do mecanismo da fantasia que atribui à mulher o estatuto falaz do “todo” como condição de legitimidade social e, daí, de valor de troca na sociedade patriarcal.

A protagonista tem aqui um nome intrigante: Marietta, um nome importado, que sugere um distanciamento, na constituição da imagem da

⁵⁰ RÊGO, Raul. *Diário Popular*, op. cit., p. 03.

nova mulher, uma imagem diversa daquela proposta pela cartilha do regime vigente em Portugal. A personagem principal da novela, na condição de mulher livre, sedutora, solteira e independente, explora perversamente os seus atributos femininos na rendição do parceiro nos encantamentos do amor e do sexo. No contexto moralista do Estado Novo, com todo o aparato ideológico, expressões artísticas que desviassem a figura feminina do seu papel de mulher-mãe entrariam fatalmente em confronto com o regime. Não por acaso a obra ter sido apreendida.

2.3.2 – A recepção da obra no seio familiar

Para além de ser o seu único meio de sobrevivência, a sua obra tem também alguma relação com a sua vida. A obra *Aristocratas*⁵² (1945), por exemplo, ficou a marcar a degradação de suas relações com a família. É uma espécie de autobiografia, aliás não bem aceita pelo seu núcleo familiar. Observa Botelho⁵³ que suas irmãs são unânimes em afirmar que a imaginação da escritora foi longe demais no tocante às suas vidas.

Nesta época, a sua vida foi particularmente difícil, visto que a escritora concluía que, além da discriminação no meio social, também, com a família, e em especial com a mãe, não poderia viver, daí ter que lutar pela sua afirmação pessoal e profissional sem poder contar com qualquer apoio moral por parte dos seus.

A despeito da fase difícil por que passou, Maria Archer vem a lançar no mesmo ano *Eu e Elas*, Apontamentos de Romancista⁵⁴; A segunda edição de *Aristocratas*⁵⁵, e *A Morte Veio de Madrugada*⁵⁶, Incompreendida, a escritora segue sua intensa produção criativa, numa clara demonstração do árduo caminho percorrido. Esta vida, vem a ser

⁵¹ FERREIRA, Antonio Manuel.(Coord.), *Percursos de Eros – Representação do Erotismo*. Aveiro, UNIVERSIDADE DE AVEIRO, 2003, p. 155-164.

⁵² *Aristocratas*, Lisboa, Editorial Aviz, 1945.

⁵³ BOTELHO, Dina, *Ela é Apenas Mulher*, op. cit., p. 35.

⁵⁴ *Eu e Elas*, Apontamentos de Romancista, Lisboa, Editorial Aviz, 1945.

⁵⁵ *Aristocratas*, 2ªed., Lisboa, Editorial Aviz, 1946.

⁵⁶ *A Morte Veio de Madrugada*, Coimbra, Coimbra Editora Ltda, 1946.

também, um protótipo do percurso oneroso da mulher que se quisesse escritora em meados do século passado

2.3.3 – A adesão ao MUD, a Censura e a primeira apreensão

Em 1945, segundo relata-nos o artigo de Raul Rêgo para o *Diário Popular*, Maria Archer adere ao MUD – Movimento da Unidade Democrática. Sabe-se que terá tentado ingressar na carreira teatral; a esse respeito, o artigo publicado no Suplemento Cultural do jornal *O Estado de São Paulo*, em 16 de março de 1956, “*Em prol do teatro brasileiro*”⁵⁷, mais de uma década depois, faz breve referência a essa condição e ao seu afastamento após um eventual contato com grupos do meio artístico português, que não a satisfizeram por serem demasiado artificiais.

Em 1947, lança *Casa sem Pão*⁵⁸, que, entretanto fica apreendido pela Censura e por força da privação de liberdade de expressão artística pelo Regime, por 20 anos. Neste romance, a ruptura com o convencional, o tema da sexualidade feminina, a perversidade nas relações conjugais e a identidade feminina da personagem principal desafiam a moral da época. Ao falar de sua vivência emocional, da infidelidade conjugal do marido, Adriana, a protagonista do novo romance, sendo casada, manifesta a insatisfação da vida íntima conjugal. Narra as manobras de Adriana para estragar a relação do marido com a amante, até o envenenamento gradativo deste.

Incapaz de compreender os meandros da representação artística na literatura, o aparelho de controle do pensamento da ditadura do Estado Novo apreendeu, sem grandes explicações, mais uma obra da escritora.

⁵⁷ ARCEHR, Maria *O Estado de São Paulo* em 16 de março de 1956, p.10.

⁵⁸ *Casa Sem Pão*, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, 1947.

2.3.4 – Participação sócio-político-cultural em Lisboa

Maria Archer vem a participar, então, em várias conferências promovidas pela Sociedade de Geografia de Lisboa, no Ateneu Comercial de Lisboa e no Clube dos Fenianos no Porto, além de fazer várias entrevistas na condição de jornalista. Em 1949, toma parte na campanha do general Norton de Matos. A sua atuação na campanha se faz notar publicamente através do artigo que escreve no jornal *Sol*, na edição de 08 de janeiro de 1949, cujo título estampa “O General Norton de Matos visto por Maria Archer”.

Outro episódio marca o ano de 1949: a doença do pai. No dia 06 de junho, a escritora vem a perdê-lo. Nessa altura, ela já está afastada família.

Em 1951, em Lisboa lança o romance *Bato às Portas da Vida*⁵⁹, pela Edições SIT, tendo a 2ª edição saído no ano seguinte. Por essa editora ainda é lançada a 3ª edição de *Ela é Apenas Mulher*.

O lançamento da 3ª edição ficará a marcar, indiscutivelmente, o índice da aceitação que a obra gozava perante os leitores do seu país.

Em 1953 sai a 1ª edição de *Nada lhe Será Perdoado*⁶⁰; Em 1954, devido ao sucesso, obviamente, vem público a 2ª edição. Aliás, atualmente, esta obra veio a ser reeditada⁶¹ em Portugal. O enfoque da narrativa centra-se na dualidade ser/parecer em sociedade. As representação artística da mulher e suas preocupações com as aparências nos relacionamentos serão criticadas na medida em que a mãe da Mariana, na condição de viúva, e pretendendo se casar novamente, não diz ao pretendente e futuro marido que a filha está separada e obriga-a a ir visitá-la em companhia do ex-marido, apesar de divorciada.

É nesse mesmo ano que Maria Archer lança a 1ª e 2ª edições de *A Primeira Vítima do Diabo*⁶². Em curso está uma fase de intensa produção criativa interrompida pela ação da Censura do Regime

⁵⁹ *Bato às Portas da Vida*, Lisboa, Edições SIT, 1951.

⁶⁰ *Nada lhe Será Perdoado*, Lisboa, Edições SIT, 1952.

⁶¹ *Nada lhe Será Perdoado* Lisboa, Parceria A. M. Pereira, 2006.

Salazarista. Encerra-se assim o ciclo de produção literária em Portugal. Em meados de 1955 ela deixa o país de origem e exila-se no Brasil.

2.3.5 – A atuação jornalística em Portugal e a perseguição ideológica pela PIDE.

Em 1953, Maria Archer torna-se notada durante o julgamento do Capitão Henrique Carlos Galvão, o contestador do Regime Salazarista, no Tribunal Militar de Santa Clara.

Durante tal evento, pediu para assistir como jornalista em nome do jornal *República* e fez anotações dos depoimentos de tudo que via e ouvia. Interrogava os advogados, o réu, e inclusivamente o juiz.

No artigo “Um caso inédito de perseguição do pensamento”, publicado na edição datada de 20-10-1953 no jornal *República*, Maria Archer relata o episódio dizendo que as anotações sobre o julgamento, que não sabia se iria utilizar futuramente em alguma publicação, foram confiscadas pela PIDE. A reportagem sobre o julgamento se converteu na obra lançada no Brasil, *Os Últimos Dias do Fascismo Português*⁶³. O prefácio do livro informa:

Aproveitando dumas férias da Censura que são concedidas em Portugal nas épocas de farsas eleitorais, a *República* jornal em Lisboa publicou esta minha reclamação no dia 20-10-1953 sob o título desta página “Um caso inédito de perseguição de pensamento”

“A grande escritora Maria Archer, figura de primeiro plano no panorama literário português, não necessita de ser apresentada aos nossos leitores. O seu nome celebrizou-se no nosso País e já ultrapassou as fronteiras. Os democratas portugueses conhecem-na como militante na Oposição desde a sua intensa colaboração no extinto *Sol* e a parte activa que tomou na campanha eleitoral do general Norton de Matos.

Constava, e até veio a público, que a insigne escritora, tendo assistido às 20 audiências dum recente julgamento político no Tribunal Militar de Santa Clara, escrevera as suas impressões desse acontecimento na história contemporânea. Soube-se mais tarde que se fizera uma busca na sua residência e se lhe apreendera o original desse livro.” [...].

⁶²A *Primeira Vitima do Diabo*, Lisboa, Edições SIT, 1954

⁶³*Os Últimos Dias do Fascismo Português*, S. Paulo, Editora Liberdade e Cultura, 1959.

Por considerar o ato injusto e objetivando reaver o seu manuscrito, a jornalista envia uma carta para o Ministro do Interior em 20 de julho daquele ano. A resposta só chegou daí a dois meses com a recusa à solicitação da escritora: “Estando ainda em fase de instrução o processo em que respeitam os papéis apreendidos à signatária da exposição, não pode ser ordenada a restituição que se solicita.” (Gabinete do Ministro do Interior, em 17 de Setembro de 1953. – O Chefe do Gabinete, a) Higino Borges de Menezes.

A escritora foi convocada a prestar esclarecimentos à PIDE considerando então que se tinha inaugurado com ela um caso inédito de perseguição do pensamento.

Tais anotações, Maria Archer enviava a um amigo, intelectual exilado no Brasil, Tomás Ribeiro Colaço. Seis anos mais tarde, as anotações reunidas em forma de memórias, aparecem publicadas no Brasil, sob o título *Os Últimos Dias do Fascismo Português* (1959).

O próprio Colaço⁶⁴, em nota na primeira página, comenta que o livro é sem dúvida, “o mais grave e doloroso libelo contra a nossa ditadura; e mais, contra o conformismo horroroso que ela já conseguiu implantar em várias camadas do espírito português. É um dos grandes documentos do nosso tempo.” (ARCHER. 1959:6).

Este livro, em cuja capa se estampa contrafé da Polícia “convidando” Maria Archer a comparecer à Rua Antonio Maria Cardoso, 20, no dia 20 de maio de 1953, a fim de prestar contas de seus atos e suas idéias (à PIDE), teve sua edição esgotada logo no ano seguinte à sua publicação no Brasil.

⁶⁴ *Os Últimos Dias do Fascismo Português*, 1959, op.cit., p. 06

Capítulo III

3.0 – Exílio: Recuperação do passado

3.1 – Ceres – o exílio na mitologia

3.2 – Exílio (in)voluntário: uma inevitável opção

3.2.1 – A vinda para o Brasil

3.2.2 – Recepção em idioma fraterno

3.3. – O trânsito intelectual em São Paulo

3.3.1 – A estréia literária no Brasil: Terras Onde se Fala Português

3.3.2 – O DEOPS e a escritora em São Paulo

3.3.3 – 1ª Conferência Sul-Americana pró-Anistia

3.3.4 – Imigração portuguesa e a atuação dos intelectuais exilados

3.3.5 – Presença de Maria Archer em campanhas político-partidárias

3.4 – O cotidiano em Santana, um bairro paulistano

3.4.1 – A resistência à dupla ditadura: a portuguesa e a brasileira.

3.4.2 – Depoimento de um exilado político: Edgar Rodrigues

3.5. – As duas fases no exílio

3.5.1 – Carta reveladora

3.5.2 – Do regresso a Lisboa



Entrevista à *Folha da Manhã*, São Paulo, (31-07-1955)⁶⁵

3.0 – Exílio: Recuperação do Passado

“Não há exílio que salve o escritor português do anonimato, mesmo que ele emigre para um outro país de uma língua supostamente comum”

João Gaspar Simões⁶⁶¹.

A década de 50 registra o maior fluxo dos auto-denominados “imigrantes políticos” que irão compor a resistência anti-salazarista na cidade de São Paulo, em particular no *Portugal Democrático*. Em seu ensaio “Reflexões sobre o exílio” (2003), Edward Said⁶⁷, ele próprio representante da situação de diáspora vivida por muitas pessoas no século XX, afirma que este século é “com efeito, a era do refugiado, da

⁶⁵ Imagem do Arquivo do Estado e São Paulo

⁶⁶ “Maria Archer ou os escritores para quem a Pátria é a Língua Portuguesa”, *Diário de Notícias*, 4 de fevereiro, 1882, 2º cad. Cultura, col. Crítica Literária.

⁶⁷ SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003, p. 47.

pessoa deslocada, da imigração em massa”. Aqui chegados, os imigrantes exilados darão conta da presença portuguesa no Brasil.

Depois de se sentirem no centro dos acontecimentos em Portugal, em uma conjuntura de repressão maiúscula à liberdade de expressão do pensamento, o exílio foi, para as gerações de 1950 a 1970, a ruptura com uma realidade e o desenraizamento do universo de referências que dera sentido à luta contra o regime de Salazar

A aparente derrota de um projeto político e pessoal perante a ditadura Salazarista, o estranhamento em relação à cultura brasileira, as dificuldades de adaptação à nova sociedade, em conjunto contribuíam para subverter a imagem que o exilado tinha de si mesmo, desencadeando as previsíveis crises de identidade. Acrescente-se a tudo isso, os entraves sociais.

A situação social do “imigrante político” após a Segunda Guerra é observada por Douglas Mansur da Silva em sua Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Aí se analisa a ambiência social que envolvia os exilados portugueses, nem sempre isenta de alguma hostilidade por parte de conterrâneos aqui residentes, com ligações ao Regime vigente.

Algo do ambiente com que se defrontam, neste momento, é também uma reelaboração do período anterior à guerra. É o caso da “guerrilha velada” aos exilados anti-salazaristas, travadas por representações consulares e algumas associações da colônia, como a Federação das Associações Portuguesas (fundada em 1931), que atuam como verdadeiros agentes do regime. Esse é também o caso, em São Paulo, da Casa de Portugal (fundada em 1935) e do consulado português dessa cidade.

Diversos fatores atuavam na maneira de viver o cotidiano de cada migrante exilado, a começar pelos traços do caráter e da personalidade de cada um. O *status* social igualmente pesava: enquanto alguns exilados eram reconhecidos como profissionais ou como personalidades públicas, não lhes faltando convite para prosseguirem trabalhos interrompidos, como no caso dos jornalistas que se demitiram, ou foram demitidos da redação de um dos órgãos da imprensa periódica de Lisboa, o *Diário Ilustrado* e logo, devido à amizade de João Sarmiento Pimentel com o diretor Ruy Mesquita do jornal *O Estado de São Paulo*, foram contratados pelo quadro editorial deste.

Um dos periódicos portugueses asfixiados pela censura de Salazar, o *Diário Ilustrado* (1956-1963), se destacou pela sua composição de redação inicial. Miguel Urbano Rodrigues⁶⁸ foi o primeiro diretor e responsável pelo recrutamento dos jornalistas no início. Em sua opinião, era “um tablóide bonito. Cores diferentes no cabeçalho diferenciavam as duas edições que apareciam com três horas de intervalo, a primeira por volta do meio dia”.

Apesar da sua vida efêmera, aquele periódico veio marcar assim um movimento de rejuvenescimento do jornalismo naquele país. Segundo Maria Antonia Palla⁶⁹ o jornal teve:

[...] vida curta e atribulada, mas que indubitavelmente foi uma escola de jornalismo onde despontaram valores seguros da imprensa portuguesa [...] o estimulante projecto de renovação de que eram mentores perdeu-se com eles, pois não foi possível encontrar substitutos à altura e o jornal não conseguiu impor-se, acabando por desaparecer” como eles.

Salienta-se a propósito que o mercado editorial português era não só pouco atrativo, pela sua pequena dimensão, mas porque as publicações periódicas estavam sujeitas à aprovação governamental.

Outros exilados, sem colocação no mercado de trabalho, precisavam impor sua presença lutando pelo visto de residência no Brasil e pela sobrevivência material, muitas vezes realizando atividades que nada tinham a ver com as suas expectativas e qualificações.

Os recursos pessoais também produziam diferenças: alguns contavam com reservas de dinheiro outros viam-se na necessidade de recorrer à ajuda de família. A carta de Maria Archer ao seu sobrinho, datada de 15 de março de 1973, é bem elucidativa a este respeito.

A situação da diáspora, vivida por Maria Archer neste país, permite-nos encontrar similaridade na mitologia clássica.

Na jornada de busca de significados para a existência individual e coletiva, o homem, sequioso de compreender os seus desígnios, recua no tempo e busca sentido no mito. Os mitos são narrativas, cuja origem se perde na noite dos tempos da antiguidade clássica. O percurso

⁶⁸ RODRIGUES, Miguel Urbano. *O Tempo e o Espaço em que Vivi, I- Procurando um caminho*. Porto, Campo das Letras, 2002, p. 118.

⁶⁹ PALLA, Maria Antonia, “A Renovação da Imprensa, Apesar da Censura”, In *Portugal Contemporâneo*, Antonio Reis (Direcção), Lisboa, Publicações Alfa, 1989, p. 209.

sacrificado, em determinados momentos da existência da escritora levamos a associá-lo metaforicamente a um arquétipo equivalente: o Mito de Ceres, do qual passamos a tratar.

3.1 – Ceres – o exílio na mitologia

A mitologia romana conta-nos que Ceres era a deusa-mãe da Terra. Seduzida por Zeus teve uma filha, Persephone, que cresceu alegremente entre as suas irmãs, sendo extremamente atraente e bela, seu tio Hades raptou-a com a permissão de Zeus e se apaixonou por ela.

Um dia, enquanto Persephone estava colhendo flores, o chão se abriu e Hades apareceu arrastando-a para o Inferno. Ceres não acorreu aos seus gritos e quando chegou ao local não encontrou evidências da sua presença.

Por nove dias e nove noites, Ceres vagou pelo mundo com uma tocha acesa em ambas as mãos procurando a sua adorada filha. Somente no décimo dia encontrou Hélios, aquele que vê tudo e lhe revelou o que tinha realmente acontecido. Ceres então decidiu abandonar a sua condição divina até que sua filha retornasse.

O exílio que Ceres impôs a si mesma de sua condição divina fez a Terra se tornar estéril, de modo que Zeus ordenou a Hades que devolvesse Persephone à sua mãe. Só que isto não era mais possível.

Durante a sua estada no Inferno, Persephone comeu sete sementes de romã⁷⁰, o que a ligava para sempre a Hades. Foi acordado que Ceres retornaria ao Monte Olimpus e Persephone dividiria o ano em duas partes: metade junto de sua mãe a outra no Inferno.

Esta a razão por que quando Persephone deixa o Inferno para estar com a mãe, a Terra floresce trazendo a Primavera e o Verão aos mortais como um sinal da alegria de ambas as divindades. Quando

⁷⁰ Cf. Viktor D. Salis em *Mitologia Viva*, 2003, p. 223. Considerado o fruto sagrado da fecundidade, a romã é o símbolo do retorno. Na antiguidade era conderada o símbolo da ressurreição, do ir e do vir.

chega o momento de Persephone regressar ao Inferno, o Outono e o Inverno cobrem a Terra em sinal de profunda tristeza.

3.2 – Exílio (in) voluntário: uma inevitável opção

*Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
“Navegar é preciso; viver não é preciso”
Quero para mim o espírito dessa frase, transformada a forma
para a casar com o que sou; viver não é necessário,
O que é necessário é criar.
Fernando Pessoa⁷¹*

Em Portugal, Maria Archer foi escritora e jornalista durante os anos em que o Estado Novo queria a mulher em casa, a atestar a franca hostilidade com que o Regime recebia quaisquer expressões de pensamento crítico e opiniões divergentes, se particularmente vindos de uma mulher. O contexto, portanto, era hostil à presença da escritora, pois todo o país provinciano e moralista encontrava-se em plena ditadura fascista.

De acordo com uma entrevista ao jornal carioca, assim também Maria Archer que à semelhança de Ceres simbolizando a fertilidade é detentora de uma fecunda obra, desabafa sobre a razão que motivou o seu exílio no Brasil: A ação da Censura levou ao total asfixiamento da sua produção criativa. Apesar de pouco conhecida em terras brasileiras, a escritora vê concretamente no Brasil a abertura de que então necessitava para prosseguir o trabalho intelectual e dele sobreviver. Abertura que o seu país lhe negava.

A Censura, com efeito, fazia-se sentir de forma aguda e impiedosa. A ousadia em manifestar-se publicamente em Portugal valeu, em meio à preconceituosa cultura da época, o isolamento, o desprezo, e a discriminação.

Maria Archer, ao rebelar-se contra o sistema opressivo que lhe subtrai as produções criativas, tal como Ceres da mitologia grega, assume-se uma dissidente do Regime e a exemplo de outros intelectuais portugueses abdicou de viver no país natal. A propósito, registra Miguel

⁷¹ “Palavras de Pórtico”, In: *Introdução à Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, p.16.

Urbano Tavares⁷², ele próprio representante da condição de diáspora vivida por muitos, em seu artigo “Portugueses hostilizados numa terra fraterna”, veiculado no dia 21 de abril de 2000, no *Diário de Notícias*, o seguinte:

[...] Mas foi a partir do final dos anos 50 que a corrente dos exilados políticos adquiriu um volume torrencial. Ao Brasil chegaram em diferentes anos e na seqüência de acontecimentos e perseguições políticas de natureza também diferente, muitos portugueses que, em permanências de longa ou breve duração, marcaram com sua presença a vida brasileira. [...].

Outros nomes a lembrar são os escritores Adolfo Casais Monteiro, Carlos Maria Araújo, Sidónio Muralha, Jorge de Sena, Castro Soromenho, Maria Archer, Mário Henrique Leiria [...].

O cerceamento da liberdade de expressão do pensamento sob a vigência do Estado Novo, o isolamento social, a perseguição da PIDE, as sucessivas apreensões de seus livros, em 1938 e 1939 *Ida e Volta de Uma Caixa de Cigarros* e posteriormente em 1947, *Casa Sem Pão* privando-a dos meios de subsistência eram razões mais que suficientes para forçarem-na a abandonar o país.

⁷² TAVARES, Miguel Urbano, “Portugueses hostilizados numa terra fraterna”, Lisboa, 21 de abril de 2000, no *Diário de Notícias*,

3.2.1 – A vinda para o Brasil

*Navegar é preciso
Viver não é preciso.
Fernando Pessoa*

Depois de uma viagem de dez dias a bordo do navio Santa Maria, veio Maria Archer a desembarcar no porto de Santos em 15 de julho de 1955, para cumprir uma longa estada de 22 anos no Brasil. Segundo certidão do Instituto Nacional Imigração e Colonização e a Inspetoria de Polícia Marítima e Aérea de São Paulo, a escritora embarcou no dia 05 de julho de 1955 em Lisboa com destino aquela cidade brasileira. No Consulado Geral do Brasil em Lisboa, recebeu o visto temporário com validade por 90 dias na categoria de turista, que a impedia de vir a exercer qualquer atividade remunerada no país.

A lusitana viajada, jornalista, tradutora, conferencista, que viveu em Angola, Guiné-Bissau, Niassa, Luanda transfere-se para esta outra margem do Atlântico, aonde vem a fixar-se a partir de então. O sentimento de novidade que acompanha a viajante, ao se deslocar para uma paisagem diferente, não logrou dissipar o sentimento de inadaptação dos primeiros tempos e as vicissitudes de um passado recente. A exemplo de Ceres da mitologia romana, Maria Archer, também passa pela experiência de privação de sua produção criativa. Como Ceres, atravessa o oceano e transfere-se em exílio (in) voluntário.

3.2.2 – Recepção em idioma fraterno

Seis meses mais tarde, em outra entrevista ao jornal carioca *Diário de Notícias* na edição datada de 15-01-1956, descreve o ambiente hostil e opressivo de Portugal e falou do motivo do seu exílio no Brasil:

Vim para o Brasil, tendo chegado dia 15-07-1955, porque já não podia viver em Portugal. A ação da censura asfixiou-me e tirou-me os meios de vida. Apreenderam-me dois livros publicados, assaltaram-me com policiais a casa e levaram-me um original que ainda estava escrevendo, violência inédita em países de civilização européia. (Diário de Notícias, 15-01-1956)

Uma vez no Brasil, Maria Archer inconformada com o modelo cultural que encerra o padrão da feminilidade previsto para a portuguesa na época do Estado Novo, padrão este que apóia na teoria de que a dependência e a subserviência são inerentes à condição feminina, escreveu e publicou obras voltadas para a divulgação da cultura dos países em que viveu e que mantêm o português como língua de comunicação. Mais ainda, produziu artigos em jornais, sementes de contestação ao domínio salazarista em Portugal, discursos, crônicas e palestras radiofônicas.

3.3 – O trânsito intelectual em São Paulo

A cidade do Rio de Janeiro, gozava ao tempo do título de sede da capital federal. Contudo, São Paulo, a capital da diversidade, foi a opção pessoal da escritora. A intensa movimentação cultural e as solicitações a que a escritora atendeu na capital paulistana deram mostras da acolhida com que fora distinguida, bem assim da competência da mulher incomum que chegou a transitar com grande facilidade pelos meios intelectuais e nos mais diversos domínios do saber, tais como a política, a cultura, a geografia, a história, a etnografia, a língua estrangeira.

Exemplos dessa atividade são os vários eventos em que Maria Archer foi convidada a se pronunciar. Mediante notório desempenho nas letras, a escritora recebeu em 04 de maio de 1957, na Livraria das Bandeiras, expressiva homenagem, por ocasião do lançamento do seu livro *Terras Onde se Fala Português* (1957). O jornal *A Gazeta* daquela data registra a presença de personalidades de destaque dos meios intelectuais.

Teve ainda a autora ativa participação junto a AESP – Associação dos Estudantes Secundaristas Paulistanos, a convite do presidente Valdo Domingos.

3.3.1– A estréia literária no Brasil: Terras onde se fala Português

É do periódico *Tribuna da Imprensa* de 26 de junho de 1957 que vem a notícia com a seguinte chamada: *Escritora Portuguesa vai fazer livros sobre o Brasil*. A matéria informa que Maria Archer passou três dias no Rio de Janeiro para fazer o lançamento do seu primeiro livro no Brasil: *Terras Onde se Fala Português*, aproveitando o momento para realizar uma conferência patrocinada pela Casa do Estudante.

É a própria escritora que, no prefácio⁷³ do livro agora lançado, vem justificar: Recém-chegada ao Brasil e confessando-se impressionada com a sua paisagem telúrica e humana, diz encontrar aí, a saudade da África, como imagem há muito fixada em suas retinas, “o que fez desejar a publicação, no Brasil, deste livro inicialmente escrito para Portugal. Senti, aqui, como nunca, a realidade do portentoso bloco cultural asiático-afro-luso-ameríndio, disperso por área geográfica enorme, das mais vastas em que se fala a mesma língua”.

⁷³ ARCHER, Maria, 1958, op. cit., p. 8.

3.3.2 – O DEOPS e a escritora em São Paulo

As corajosas aparições públicas de Maria Archer logo despertaram a atenção do Departamento da Ordem Política e Social. A exemplo da reunião do dia 1º de junho de 1957, que teve lugar no Salão Nobre da Associação dos Funcionários Públicos do Estado de São Paulo, o DEOPS deu o seu testemunho contundente acerca da postura coercitiva aos intelectuais por parte do governo salazarista, e referiu-se à invasão da PIDE em sua casa e do confisco dos originais de seu livro ainda por publicar.

O relatório do DEOPS⁷⁴ assinala ainda um equívoco conforme nos faculta o estudante Rubens Leite que em investigação superficial junto do Consulado Português terá obtido a informação de que a escritora saiu de Portugal por ser “comunista”. Fato que não se sustenta visto não constar no Brasil ou em Portugal que a autora tenha estado filiada a tal sigla partidária.

Em onze de junho de 1957, na reunião da Agremiação Estudantil Paulistana – UESP, Maria Archer propôs, defendeu e viu aprovada uma moção de repúdio ao governo brasileiro, pelos gastos excessivos na recepção a um “ditador estrangeiro: o Presidente de Portugal”, então à época, Craveiro Lopes.

Dia 26 de maio de 1958, promove a conferência “Aspectos da Ética em Camilo”, na sede do Centro Republicano Português. O convite, divulgado na mídia impressa, aparece também no periódico *Notícias de Hoje*, propriedade do segmento organizado dos jornalistas do Estado de São Paulo.

Sua presença também se fez notar, conforme os relatórios de “observação preventiva” do DEOPS, no Ato de Solidariedade ao povo cubano, promovido pela União Estadual dos Estudantes, em 24 de janeiro de 1959, onde contou com a participação do Capitão Sarmiento Pimentel. Em seu pronunciamento para mais de 1.500 pessoas, Maria Archer iniciou dizendo não estar acostumada a falar de improviso, já que “em Portugal esse costume não pode ser desenvolvido, pois lá temos

⁷⁴ Ref. Arquivo DEOPS, registro (50-C-24 – 321, 321 A e 323)

que escrever tudo o que se vai dizer e submeter à aprovação política do Salazar”, e prossegue:

Heróis anônimos tombam dia após dia, nos porões das cadeias políticas de Salazar, enquanto uma centena de fantoches do governo vive no luxo e no conforto. A colônia portuguesa que se encontra no Brasil, talvez por ser formada na sua maior parte de indivíduos apolíticos, que para cá se dirigem e tenho a impressão que aqui se influenciam pela máquina de propaganda orientada pelo governo português, começa ultimamente a tomar consciência e felizmente, da real situação, o mesmo não se deu quando há dois ou três anos passados para aqui se dirigiu o caixeiro viajante da ditadura general Craveiro Lopes.

A finalizar, a autora expressou ainda a sua gratidão à Embaixada brasileira e à coragem do governo deste país, manifestando o desejo para dentro em pouco, do grande prazer de receber o verdadeiro presidente dos portugueses, o General Humberto Delgado que “tenho a certeza de que ele entrará tão triunfante em Lisboa como Fidel entrou em Havana”.

3.3.3 – 1ª Conferência Sul-Americana pró-Anistia

É de registrar que a sociedade brasileira encontrava-se, na década de 50, em um período de intensa democratização da vida política, fato que fazia esperar do governo brasileiro uma postura de coerência com os valores democráticos vividos no país e sua aplicação em face do problema português.

A proibição imposta pelo então Ministro da Justiça, Armando Falcão, à realização da 1ª Conferência Sul Americana Pró-Anistia para os presos e exilados políticos de Espanha e Portugal foi anulada tornando possível a sua realização de 22 a 24 de janeiro de 1960.

A liberação em cima da hora foi comunicada por telegrama ao gabinete do Governador e ao Embaixador do Brasil em Portugal, Álvaro Lins. Logo no primeiro dia, o conclave que teve lugar nos salões da União Brasileira dos Escritores – UBE contou com a participação ativa de Maria Archer.

Nos dias subseqüentes, sob a direção do Embaixador Álvaro Lins, o evento transitou para o Salão Nobre da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo e contou com a presença de mais de setecentas pessoas.

Pela Comissão de Portugal e as Colônias, falaram Maria de Lourdes Cabral Prestes Maia sobre as atrocidades cometidas nas prisões salazaristas; João Alves das Neves elencou o nome de todos que se encontravam no cárcere; Maria Archer abordou o sistema de censura aos intelectuais e o terror implantado pela PIDE e dá o depoimento sobre o confisco dos seus manuscritos e obras de vários artistas; Adolfo Casais Monteiro, sobre os 34 anos de tortura do povo lusitano; Augusto Aragão dá conta da falta de liberdade, das torturas, dos métodos policiais sem deixar de referir o sistema de interrogatórios, a incomunicabilidade e a relação de mortes por maus tratos.

Victor Ramos aludiu às torturas (citou nomes), aos tribunais fantoches, aos tribunais militares (onde o réu tem 4 horas para apresentar defesa e escolher o defensor entre os 3 nomes de capitães salazaristas), e ainda ao protesto dos camponeses e o clero em geral, desde o heróico Bispo do Porto, D. Antonio Ferreira Gomes, ao mais humilde vigário da aldeia. Fernando Corrêa da Silva falou sobre o problema da anistia, o emprego da repressão econômica, passando pela exigência de atestado de ideologia para a admissão em empregos e bem assim a prática muito comum então de afastamento dos funcionários que lhe eram contrários.

O jornalista português Paulo de Castro, do *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, concitou os sul-americanos a lutar pelos presos políticos de Espanha e Portugal, afirmando que “o ideal de liberdade é o mesmo, embora com sentimentos próprios, no combate a Franco e Salazar”. Américo Orlando da Costa, Delegado do Teatro Popular Brasileiro e Vice-Presidente da Associação Cultural do Negro, falou sobre os presos políticos nas colônias portuguesas de Guiné, Angola e Moçambique e apresentou moção de apoio. O Deputado Salvador Romano Losacco pediu aprovação da moção apresentada anteriormente. Após três dias de intensos debates procedeu-se ao encerramento da Conferência.

3.3.4 – Imigração portuguesa e a atuação dos intelectuais exilados

Em 1960, o Brasil albergava oitocentos mil imigrantes portugueses. Esse dado estatístico, por si só, é um indicativo revelador da insustentabilidade do regime político e econômico de Portugal.

O Centro Republicano Português, fundado em 18 de abril de 1908, localizado na altura à Rua Conselheiro Furtado, 191, em São Paulo, era o espaço aberto aos debates do movimento de resistência à ditadura salazarista, muito freqüentado, de acordo com matéria veiculada no periódico *Semana Portuguesa*⁷⁵, por intelectuais brasileiros e principalmente portugueses como: Casaes Monteiro, Jorge de Sena, Barradas de Carvalho, Victor Ramos, Rui Luis Gomes, os artistas Fernando Lemos, Fernando Silva, Sidónio Muralha, os escritores João Maria Sarmiento Pimentel, Maria Archer; os jornalistas Paulo de Castro, João Apolinário, Armindo Blanco, João Alves da Neves e Urbano Rodrigues, os engenheiros João dos Santos Baleizão, Carlos Cruz e Rica Gonçalves.

Em meio a personalidades de tamanha expressão, não se admira que a conferência comemorativa dos 52 anos de existência do Centro, realizada em 21 de abril de 1960, fosse proferida pela escritora tendo contemplado a temática “Presença da Mulher na Paisagem Social Portuguesa”⁷⁶, de acordo com a edição de abril daquele ano, do jornal *Portugal Democrático*.

⁷⁵ *Semana Portuguesa* “semanário a serviço dos interesses luso-brasileiros” edição de 23 a 29 de abril de 1966

⁷⁶ Esta conferência também foi objeto de artigo publicado naquele periódico de imprensa

3.3.5 – Presença de Maria Archer em campanhas político-partidárias

Assim como em Lisboa, as incursões em campanhas políticas presidenciais também eram parte das atividades políticas de Maria Archer em São Paulo. Um exemplo é o da Concentração Operária pró-candidatura Lott-Jango, realizada a 26 de junho de 1960. Além da escritora Maria Archer, estiveram presentes Maria de Lourdes Prestes Maia, Deputado Onofre Gouzuen, Zeferino Monteiro, Deputada Ivette Vargas e inúmeras personalidades de vulto do cenário político-cultural.

Outra incursão pelo meio político-partidário verificou-se por ocasião da Conferência de Luiz Carlos Prestes, sobre “Porque os comunistas apóiam a candidatura de Teixeira Lott e Jango Goulart”, em 04 de agosto de 1960, onde Maria Archer se fez porta-voz e representante da União das Mulheres Portuguesas Democratas, filiada ao Movimento das Mulheres Democratas Portuguesas, para qual tinha sido eleita Presidente.

Em 27 de maio de 1962, a escritora, na condição de representante da União Brasileira dos Escritores, participa do Ato Público em solidariedade aos povos de Espanha e Portugal, onde esteve presente maciça parcela da população, estimando-se que mais de novecentas pessoas terão comparecido ao evento no Cine Paramount da Av. Brigadeiro Luiz Antonio. Desse ato, ficou acertada para os fins de junho uma passeata em solidariedade aos povos de Espanha e Portugal. Na altura Sérgio Milliet⁷⁷, então Presidente da Associação Brasileira de Escritores, presidiu a Comissão Paulista Pró-Anistia aos presos e exilados políticos de Espanha e Portugal.

A referir também o Encontro Estadual de Solidariedade a Cuba, realizado a 26 de março de 1963, que reuniu mais de mil e quinhentas pessoas pela estimativa do relatório do DEOPS e contou com a participação de representantes de todos os sindicatos de São Paulo, capital e interior, representantes de Associações de bairros dos

⁷⁷ Poeta, cronista, tradutor e crítico, pode ser considerado um dos intelectuais brasileiros mais expressivos do século XX. No período de 1943 a 1959, dirigiu a Biblioteca Municipal de São Paulo, além de presidir a Associação Brasileira de Escritores e o Congresso Internacional de Críticos de Arte.

municípios vizinhos, principalmente Santos. Desse evento saiu a criação do Centro Paulista dos Amigos de Cuba. Na mesa dos trabalhos estiveram Caio Prado Junior, Helena Silveira – Presidente da UBE, Maria Archer, Jamil Amansur Hadad, General Luiz Gonzaga, José Serra, atual governador do Estado de São Paulo, pela UEE – União Estadual dos Estudantes, entre outros.

3.4 – O cotidiano em Santana, um bairro paulistano

Segundo Getúlio Gracelli,⁷⁸ no ano de 1964, em plena vigência do governo Juscelino Kubistcheck, Maria Archer dividia com a professora lusitana de língua francesa, Maria do Céu Correia Rosa Lopes, um pequeno apartamento localizado à rua Amaral Gama nº 139, ap. nº. 18, no bairro de Santana, da capital do Estado de São Paulo. Bairro onde atualmente se localiza o importante órgão público como o Arquivo do Estado de São Paulo, por exemplo, na década de sessenta era o bairro de classe média, onde geralmente concentravam-se moradias de funcionários públicos, profissionais da educação, professores da rede oficial de ensino, na altura razoavelmente remunerados, tanto em nível municipal quanto no estadual.

Neste diminuto espaço conviveu com a professora portuguesa, natural de Vila Viçosa, que ministrava, na época, aulas de Língua Francesa no Curso Clássico da rede pública estadual. Segundo o testemunho vivo de Getúlio Gracelli (Gracelli, 2006: 08), o convívio das duas senhoras era amalgamado pela identidade cultural que as aproximava. As raízes comuns eram mantidas com o cultivo das melodiosas canções que se podiam ouvir ecoar pelo apartamento em tardes e noites de nostalgia da música, da poesia e da arte lusitanas:

[...] passei a lembrar-me, dos títulos de algumas obras de Maria Archer; de dois encontros seus com um companheiro de luta anti-salazarista; de tardes e noites lamuriosas em que a “saudade” corria solta pelo pequeno apartamento, ao som das canções portuguesas cantadas por Céu e de poemas

⁷⁸ GRACELLI, Getúlio. *Maria Archer no Brasil. Meu Reencontro Possível com Maria Archer*. 2006, p. 08

Certas passagens do cotidiano, vividas por volta de 1964 por Maria Archer no Brasil, foram testemunhadas e registradas, quatro décadas após, pelo autor das memórias o já referenciado Getúlio Gracelli⁷⁹ que ao tempo tinha 19 anos de idade, e dá-nos conta, mediante a breve aproximação que teve com a escritora lusitana, da vida simples e espartana que ela levava em São Paulo. Os seus vizinhos, e sobretudo o meio em que vivia naquele reduto na região norte de São Paulo ainda não davam conta de supor a experiência de vida daquela mulher extraordinária que habitava entre eles.

3.4.1– Resistência à dupla ditadura: a portuguesa e a brasileira

No início dos anos 60, época em que o Brasil passava por um período turbulento que se seguiu ao suicídio de Vargas, em 24 de agosto de 1954, e à renúncia de Jânio Quadros em 25 de agosto de 1961, dois fatos de enorme relevância para os rumos da política no país eram flagrantes reveladores de um quadro de pressões e instabilidade no cenário político do Brasil.

Amalgamadas ao motor dos embates, são também desencadeadas pelas classes trabalhadoras, urbanas e rurais, lutas reivindicatórias pela reforma agrária. Esses movimentos acabaram envolvendo o Presidente da República, Sr. João Goulart, e tinham no governador Leonel Brizola, do Rio Grande do Sul, um influente e voraz representante. Fruto da luta armada decorrente do movimento, o país testemunhou muitas prisões, torturas, mortes e deportações. Os eventos, como sabemos, conduziram o país ao regime militar em 31 de março de 1964.

⁷⁹ Getúlio Gracelli, Funcionário Público, trabalhou como responsável pela Biblioteca do quartel da PM. Neste momento aguarda a publicação, pela editora portuguesa Parceria Antonio Maria Pereira, de sua obra com as memórias do convívio com Maria Archer no Brasil. A referida editora publicou desde a 1ª edição de *Ela é Apenas Mulher* em 1944.

Doravante, os intelectuais portugueses exilados no Brasil vêm a condição de desterro agravada por formas autoritárias de governos e políticas esterilizantes. Os fatos, no contexto político nacional, que culminaram com o suicídio de Getúlio Vargas e a renúncia de Jânio Quadros dão uma mostra da complexidade da situação vivida pelos cidadãos brasileiros e mais ainda a dos exilados de qualquer espécie, aqui radicados, agora confrontados com o urgente desafio de uma dupla ditadura a combater, em Portugal e no Brasil.

Numa época em que era arriscado falar sobre a reforma agrária, Gracelli registra a seguinte passagem reveladora de que Maria Archer nunca deixava se intimidar:

[...], lembro-me de uma lição magnífica dada por Maria Archer. Na oportunidade ensinou que a reforma agrária, longe de ser uma questão atual, era uma questão que vinha desde o império romano. Com riqueza de pormenores ensinou sobre esse instituto importante que fez o progresso de muitas nações, inclusive dos Estados Unidos, segundo suas peculiaridades. Falou dos irmãos Graco e de sua trajetória como tribunos romanos. Culminou por datilografar um texto de duas páginas sobre essa questão, talvez tirado de uma enciclopédia qualquer, talvez da enciclopédia que era ela própria. (Gracelli: 2006: 14)

[...] Por outro lado, também, hoje, sei que compôs mesa em reuniões pela candidatura de general Lott e de Jango Goulart à presidência e vice-presidência do Brasil e uma das bandeiras do candidato à vice-presidência era, exatamente, a reforma agrária. (Gracelli: 2006: 15)

A escritora lusitana, segundo aqueles que conviveram com ela, fazia-se sempre presente em vários meios intelectuais e era comum vê-la entre escritores, políticos e estudantes, nunca passando despercebida. Por onde transitou deixou sempre a marca de sua notável inteligência, do seu espírito de inconformismo contra as injustiças e sempre se expressou com intenso interesse pelas causas políticas e pela liberdade de expressão. O seu estreito entendimento com as agremiações estudantis se materializou, por exemplo, em produtos como a publicação de sua obra *Terras Onde se Fala Português* (1957), editado pela Livraria-Editora Casa do Estudante do Brasil.

[...] das discussões sobre um jornal de resistência, chamado "Portugal Democrático" para o qual, penso eu, aquela aguerrida senhora escrevia; das muitas referências ao Centro

Trasmontano, da capital paulista, onde, provavelmente, se davam as reuniões dos resistentes ao regime de Oliveira Salazar; de suas manifestações contra o colonialismo e as guerras de Angola e Moçambique; [...] (Gracelli, 2006: 08)

O relato de Gracelli ainda nos dá a dimensão de suas dificuldades na manutenção da resistência contra o regime conservador de Salazar, contra as guerras pela libertação das colônias e a difícil sobrevivência no dia-a-dia no Brasil. O cerceamento à liberdade de expressão, à semelhança do que ocorre em Portugal, aqui é exercido de uma forma desastrosamente eficaz e culmina na instauração da ditadura do regime militar. De tudo isto se infere que o período de exílio foi particularmente marcante na vida de Maria Archer conforme prossegue Gracelli em seu relato romanceado:

[...] das ações de sobrevivência na terra estranha; de seus estratagemas para envio clandestino de fita magnética, gravada com sua voz e fala, para alguma parte do mundo, bradando pela resistência e contra a ditadura e a guerra colonialista; de seus gostos; de seus desgostos. (Gracelli, 2006: 08)

3.4.2 – Depoimento de um exilado político: Edgar Rodrigues

Outro intelectual chegado ao Brasil aparece na cena literária e mantém contato com Maria Archer através da sua obra. Trata-se de Edgar Rodrigues, pseudônimo de Antonio Francisco Correia, exilado no Rio de Janeiro desde 1950. Filho de pai militante anarco-sindicalista, natural de Angeiras, nascido em 1921, produz nos anos da ditadura salazarista, tanto no Brasil como em vários países da América Latina, tais como Chile, Uruguai, Paraguai, vários textos que posteriormente foram lançados em forma de livros⁸⁰, promotores da difusão das idéias e experiências anarquistas. O principal objetivo será a denúncia da opressão exercida pelo regime do Estado Novo em Portugal.

⁸⁰Antonio Francisco Correia exilado no Rio de Janeiro desde 1950, sob o pseudônimo de Edgar Rodrigues lançou entre 1976 a 1985 sete livros em Portugal. O intelectual, no decorrer de sua militância no Brasil denunciou a situação dos companheiros presos no Tarrafal, nas outras prisões, os mortos e toda a atuação da PIDE naquele país. insurgentes/textos/brasil/1ledgarentrevista.htm

Edgar Rodrigues vem a fundar, no Rio de Janeiro, o Centro de Estudos José Oiticica. Uma justa homenagem, segundo ele revela em entrevista concedida à revista *Utopia #5*⁸¹, ao jornalista que, entre outras iniciativas em prol da justiça, sempre se interessou pelas causas democráticas e nunca ofereceu resistência em publicar artigos nos jornais anarquistas sobre a luta da Oposição. Assim, no *Ação Direta*, sob a direção de José Oiticica, publica uma série de artigos intitulados “No Paraíso de Salazar”. Quando Maria Archer exilou-se em São Paulo, manteve contato com o escritor, visto a referência que ele faz em registros de sua memória, a exemplo do texto da web intitulado “Os Companheiros” Letra J Parte III⁸², ao referir-se a mulheres que considerava heroínas, no qual enquadra Maria Archer entre as mulheres capazes de ostentar tal epíteto, e a ela refere-se desta forma:

“ [...] Uma delas viveu exilada em São Paulo. Escritora, jornalista veio para o Brasil em busca de liberdade. Seu nome intencionalmente ignorado e silenciado por muita gente! Ainda em Portugal li alguns dos livros de Maria Archer, entre eles “Há-de Haver uma Lei” e “Casa Sem Pão”. No Brasil “Terras Onde se Fala Português” e mais tarde tomei contato com essa portuguesa extraordinária! (Rodrigues, s/d)

Há menos de dois anos no Brasil, Maria Archer, entrosada nos meios da militância, escreve a Edgar Rodrigues. A carta é datada de 14-04-1957. O destinatário reproduz o seguinte trecho no seu texto virtual.

“Meu ilustre camarada. Venho agradecer-lhe o impressionante documento que é o seu livro “A Inquisição do Salazar”, que tão gentilmente me enviou. Julgo que seja livro único na literatura portuguesa, e por isso mais valioso, bom histórico para trabalho de quem um dia fizer o levantamento documental da luta pela liberdade portuguesa. Com os melhores cumprimentos da Maria Archer.” (Archer, 1957)

Além disso, Edgar Rodrigues faz referência à injusta repressão duramente exercida pela Polícia Política Portuguesa sobre a escritora e à obra publicada no Brasil:

⁸¹A entrevista está disponível no site: www.nodo50.org/insurgentes/textos/brasil/1ledgarentrevista.htm

⁸²Consultar: www.agrore.de.org.br/ceca/edgar/Comps/COMPJ3.htm,

Depois pude ler *Os Últimos Dias do Fascismo Português* (1959) (São Paulo), livro em cuja capa se estampa contrafé da Polícia “Convidando” Maria Archer a comparecer à Rua Antonio Maria Cardoso, 20, no dia 20 de maio de 1953, a fim de prestar contas de seus atos e suas idéias (à PIDE).”.RODRIGUES [s.d.].

3.5 – As duas fases no exílio

A história do dia-a-dia como exilada é a história dum choque cultural renovado constantemente: o mal estar em relação ao outro e, sobretudo, em relação a si mesmo, entre o que se era – ou que se pretendia ser – e o que acabou sendo de fato. É a história da redefinição e da sua reconstrução que se impunham, num processo que se estendeu ao longo daquelas que classificamos como das duas fases do exílio de Maria Archer.

Uma primeira fase pode ser considerada como a que decorre desde a sua chegada em 1955 até 1963. Fase de intensa produção criativa e visibilidade nos meios de comunicação. Período em que localizamos toda a contribuição de Maria Archer com artigos nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Portugal Democrático*.

Uma segunda fase de 1963 a 1979, período de desaceleração, em que não se registra contribuição aos jornais nem lançamento de livros. Essa abrupta invisibilidade nos remeteu à natural indagação: Qual a razão do silenciamento súbito? O que motivou o recolhimento da escritora?

Tais reflexões nos convidaram à retomada de alguns aspectos da trajetória da escritora em questão. Obrigada ao afastamento da pátria aos 56 anos, Maria Archer, em plena maturidade, altura da vida que se pressupõe mais próxima da idade da realização pessoal e da estabilidade em todos os planos, viu-se frente a frente com a imposição de um projeto de reformulação do cotidiano em um diversificado chão cultural.

O choque natural entre a vida que levava em Lisboa até os 56 anos de idade e a que vivenciou em São Paulo, em meio ao universo de carências e expectativas, era previsível e inevitável.

Entre os 64 e 80 anos de idade, a sua carreira acabará por acusar uma espécie de ocaso. Paira uma incógnita sobre o seu cotidiano em terras brasileiras.

A idade interferia. Passou a escritora por um difícil recomeço em terras estranhas e enfrentou a dificuldade de sobrevivência. De 1963 a 1979, altura em que regressa a Portugal, parte da sua vida só poderá ser compreendida após o conhecimento do relato da carta endereçada ao sobrinho Fernando de Pádua em 1972 e que noutro local desenvolvemos com mais detalhe.

São conhecidos fatos como a divergência com parte do grupo de intelectuais do *Portugal Democrático*, sobretudo, com a facção do Partido Comunista que, entre outras coisas, censura matérias e impunha a veiculação de mensagens subliminares nas edições do jornal. A dissidência interna e por fim a ruptura definitiva do grupo, dentre os quais Maria Archer incluía-se motivada por questões de desvio de fundos da tesouraria.

Em carta ao sobrinho, narra ter necessidade de meios pecuniários e o recurso a um empréstimo junto aos fundos do jornal. A quitação do empréstimo deu-se da mesma forma em que fora tomado por ela: sem assinatura de nenhum documento. Tempos depois, para perplexidade da escritora, foi acionada novamente com a cobrança indevida, alegando-se dívida em aberto.

Segundo a sua versão, em carta ao sobrinho e à advogada, defendeu-se como pôde, ameaçou processar o grupo dirigente e exigiu pagamentos por direitos trabalhistas, fatos que ficam a atestar a inexistência de um clima amistoso onde a cortesia e a camaradagem a aproximassem dos seus pares.

3.5.1 – Carta reveladora

Ainda no Brasil, por 1973, Maria Archer passou por grandes dificuldades. O seu selecionado grupo de convivência parece-nos escasso e reduzido. A opinião sobre o regime português, entre os patrícios que aqui viviam, era bem dividida. De maneira que o apoio pessoal era restrito a um reduzido grupo, já que não constituiu família, nem gerou filhos. Segundo a carta endereçada ao seu sobrinho, Professor Fernando de Pádua, datada de 15 de março de 1973, quando se encontra já muito doente, diz:

[...] digo-te que se a minha ideologia humanística e política se mantém firmemente certa de que o Antropos foi criado para ser livre, ser uma imagem de Deus, e como tal expressão ilimitada de liberdade, aconteceu que a freqüência dos elementos portugueses oponentes ao atual estatuto político português, aqui residentes, me desiludiu de tal maneira que me afastei deles de forma total [...].

A correspondência foi enviada de Poços de Caldas, estação de águas sulfurosas, localizada a 100 km da capital paulistana, cenário onde a escritora, depois de ter estado quinze dias numa estância em Campos do Jordão a se recuperar de um problema urológico, “a intoxicação na bexiga”, se dirige.

A carta, de onze páginas datilografadas, é portadora de um minucioso relato sobre a sua atual situação e certas passagens de sua vivência entre 1955 a 1971. Em 16 anos de exílio, entre dificuldades de sobrevivência, no país onde a inflação se elevou vertiginosamente, são apontados os conflitos de relacionamento com o grupo de resistência. Faz referência a “um outro comunista português para quem trabalhei como secretária de um organização dele, só depois que ganhei um processo trabalhista contra ele, me pagou...” e ao debilitado estado de saúde que a abatia,

[...] Com o que recebo de subsídio posso viver, mas não pagar os tratamentos, os médicos, os remédios. Além disso, o dinheiro da minha pensão não vem todos os meses, há ocasiões em que a Dra. Elza salta um mês sem me mandar dinheiro e em que me vejo forçada a vender por ninharias de dinheiro coisas caras, que possuía e já não possuo, como

Ao agradecer o apoio financeiro dos familiares para a compra dos remédios, expõe as razões do seu desencanto com certo grupo de indivíduos portugueses que, tempos atrás, militavam conjuntamente na oposição ao sistema político português.

Esta correspondência, oportuno fazer notar, foi enviada um ano antes da Revolução que encerrou o mais longo período de regime ditatorial e se arrastou por cinco décadas ancoradas nas figuras de Antonio Salazar e Marcello Caetano

Nessa carta pediu ao seu sobrinho que entrasse em contato com Marcello Caetano para que fosse autorizado o seu regresso a Portugal. Tudo que nela solicita era para que terminasse os seus dias com sossego e paz. A resposta não tardou. Em cinco dias o esperado retorno: “D. Maria Archer pode vir para Portugal quando quiser. Não será incomodada.” Nestes termos, Archer recebe no dia 23 de junho de 1973, o salvo-conduto para regressar à terra natal.

Entretanto, revela na carta, antes de regressar pretendia reeditar algumas das suas melhores obras em Portugal, para dar-se a conhecer à nova geração de público leitor português, “sendo retomado o contato com os portugueses sem ser como um antepassado”. De fato, mais de duas décadas haviam passado desde que a escritora deixara seu país. Assim, para os portugueses ela encontrar-se-ia num longo período de inatividade literária.

Quanto à questão financeira, consta que Maria Archer recebeu apoio solidário de brasileiros, “amigos da mais alta classe intelectual”, como se referiu “(não tenho aqui amigos portugueses)”, além de seu médico e exilados portugueses aqui no Brasil, como o comandante João Sarmiento Pimentel, e o engenheiro Santos Baleizão que a hospedou em sua própria casa. Todos a aconselhavam a voltar a Portugal. O próprio médico dizia que o seu mal é uma doença chamada “saudades da Europa”.

Veio a permanecer por um período de internação no Hospital São Joaquim, em São Paulo, devido ao agravamento da crise de broncopneumonia. Mais tarde, passou pela Casa de Saúde Nossa

Senhora do Caminho, e de lá terá saído para regressar a Portugal, o que efetivamente ocorreu em 26 de abril de 1979.

3.5.2 – Do regresso à Lisboa

Passaram-se aproximadamente 24 anos desde o seu desembarque no porto de Santos, em 15 de julho de 1955, à decolagem rumo a Lisboa em 26 de Abril de 1979. Seis anos haviam decorrido desde o pedido a Marcello Caetano em 1973.

O que terá impedido a escritora de retornar após a Revolução dos Cravos em 1974? No tempo em que os ventos da história já seriam favoráveis? Note-se que alguns periódicos de Portugal mencionaram que, após a vinda de Mário Soares ao Brasil, em dezembro de 1976, na condição de Primeiro Ministro, terá sido atribuída uma verba para custear o internamento da autora em São Paulo, fato que lhe suavizou as preocupações financeiras.

Além de sua débil condição financeira⁸³, a fragilidade do seu estado de saúde terão contribuído para a sua degradação física e emocional. Uma certa vaidade e amor-próprio levaram-na a não desejar ser tida como ilustre desconhecida em seu país natal, conforme a carta datada de 15-03-1973: “não me sinto com coragem para regressar a Portugal sem dinheiro nem prestígio”. Na carta de Poços de Caldas enviada aos 74 anos ao sobrinho expõe alguns projetos, entre os quais um novo livro, que em função do agravamento do seu estado geral, pelos vistos, não se concretizaram.

A vontade inicial seria aceitar o convite dos chineses para publicar seis dos seus melhores romances⁸⁴, em chinês e em inglês, com um título geral de *Servidão Burguesa*, próxima do gênero “Comédia Humana” de Balzac. Aspirava a escritora que o êxito do projeto cumulasse o prestígio internacional e fosse ampliado para a língua

⁸³ Em tom confessional, por exemplo, no período de sua doença e da inatividade literária, afirma que até a roupa que dera ao luxo de ofertar, “vestidos que se tinha há 15 anos, reformados todos os anos, e de que estava farta, fazem-me agora tanta falta como se tivesse dado um braço!”

⁸⁴ Os seis romances: *Bato às Portas da Vida*; *Nada Lhe Será Perdoado*, *Ela é Apenas Mulher*; *Aristocratas*, *O Mal Não Está em Nós e Casa Sem Pão*.

francesa. Desse modo, pelas duas traduções poderia requerer os direitos autorais e melhor enfrentar a situação de carência.

Em Lisboa foi albergada no Lar Santa Maria de Marvila. A família quase não a reconheceu. Difícil foi a adaptação naquele novo lar, onde dividia o quarto com Jocelina Reis, corista do Teatro São Carlos.

Consciente do seu valor como intelectual, a escritora desejava que lhe fosse destinado outro local. Por indicação do Deputado independente Vasco da Gama Fernandes, o caso foi à tribuna da Assembléia da República. Maria Archer foi defendida por várias bancadas parlamentares, independente da bandeira partidária. Permaneceu ali até a sua morte, não sem que lhe tenham dedicado o único quarto individual do lar, o que lhe permitiu fazer uma vida mais privada.

Aí veio a falecer em 23 de janeiro de 1982, vítima de arteriosclerose cerebral conforme certidão de óbito.

Capítulo IV

4.0 – Maria Archer e o Jornalismo no Brasil

4.1 – Os imigrantes e o jornalismo em São Paulo

4.2 – Contribuição para a imprensa de Língua Portuguesa no exílio

4.2.1 – Contribuição inaugural de Maria Archer: em defesa da Literatura

4.2.2 – Entrevista

4.3 – Jornais em que Maria Archer colaborou no Brasil

4.3.1 – *O Estado de S. Paulo*

4.3.1.1 – A contribuição de Maria Archer para *O Estado de São Paulo*

4.3.2 – Índice cronológico das colaborações para *O Estado de São Paulo*

4.3.3 – Índice temático das colaborações para *O Estado de S. Paulo*

4.3.3.1 – Crônicas da memória

4.3.3.2 – Crônicas Painel Africano

4.3.3.3 – Crônicas Brasil e África

4.3.3.4 – Outras crônicas

4.3.4 – *Portugal Democrático*

4.3.4.1 – Maria Archer: jornalismo de resistência

4.3.4.2 – Índice cronológico das colaborações para o *Portugal Democrático*

4.1 – Os emigrantes e o jornalismo em São Paulo

Ao longo do século XX o Brasil foi receptor de grandes fluxos migratórios, dentre os quais destaca-se em número pela sua dimensão e que tinha Portugal como país de origem. No percurso de relações fraternas e também político-ideológicas entre os portugueses e brasileiros, o Brasil foi um dos principais portos de acolhimento de imigrantes políticos opositores ao regime salazarista. Haja em vista, o notável apoio que o grupo de intelectuais portugueses exilados em São Paulo, na década de 50, recebeu da parte de Júlio Mesquita, do Jornal *O Estado de S. Paulo*⁸⁵, que mantinha amplas relações de amizade com João Sarmiento Pimentel, Jaime Cortesão e Antonio Sérgio.

O diretor de *OESP*, durante o período em que era difícil denunciar no Brasil o regime de Salazar, abriu colunas do jornal e acabou admitindo no seu quadro funcional muitos intelectuais e jornalistas imigrantes exilados, sobretudo no período mais áspero da opressão do Estado Novo: os anos 50 e 60.

Jornais e revistas especializadas constituíram-se em lugar de inscrição de textos de imprensa produzidos por esses intelectuais que, assim, além de seus exercícios profissionais, desempenharam também, cumulativamente, funções específicas de jornalistas.

⁸⁵ A partir de agora, ao nos referirmos ao jornal *O Estado de S. Paulo* utilizaremos as iniciais *OESP*.



Maria Archer em entrevista ao *Correio Paulistano* (18 de janeiro de 1956) ⁸⁶

4.2 - Contribuição para a imprensa de Língua Portuguesa no exílio

A experiência compartilhada entre os mundos em que viveu levou a escritora e jornalista ao encontro de uma maneira de pensar que tendia a desconstruir os paradigmas do conhecimento ocidental, num mundo crescente marcado pela visão anti-colonialista. A crítica tem apontado essa condição de uma forma particular de exílio vivida por muitos intelectuais contemporâneos geradora de um pensamento que se esforça por articular mundos e universos culturais diferentes.

Desta outra margem do Atlântico, Maria Archer, na intenção de manifestar o seu descontentamento diante de posições, atitudes e posturas políticas que julgava incorretas, escreveu para alguns jornais, nomeadamente *OESP*, e *Portugal Democrático*. Nas duas décadas que

aqui viveu produziu artigos que contribuíram vivamente para a composição do movimento de resistência ao regime conservador e autoritário vigente em Portugal. Nasce dessa iniciativa conjunta com vários exilados portugueses: *Portugal Democrático* (1955-1974), que pretendia divulgar a situação que se vivia em Portugal e seria a concretização da aspiração de se constituir como grupo de anti-salazaristas a partir do exílio.

Com base em sua vivência e conhecimento sobre a África, atrás, Maria Archer, na época em que esteve radicada no Brasil publicou:

Terras Onde se Fala Português (1957), prefaciada por Júlio Gouveia⁸⁷ que diz “embora sejam nele apenas convidados os jovens à sua leitura, os adultos também podem aproveitar, se a viagem começa como um conto de carochinha e acaba como uma aventura fantástica” Um roteiro ensaístico e descritivo, onde apresenta um estudo dos aspectos geográficos, étnicos, históricos e culturais dos territórios africanos que tem o português como língua de comunicação.

Os Últimos Dias do Fascismo Português (1959), da editora Liberdade e Cultura. A 1ª edição publicada em 1959 foi de três mil exemplares e a sua reedição, que parece não ter contado com o consentimento da autora ter-se a destinado “para a contribuição dos comunistas para não sei que terrorismo, aí em Portugal”. São apontamentos tomados durante as audiências do julgamento do Capitão Henrique Galvão, conforme memórias do processo político, julgado no 1º Tribunal Militar Territorial, (Santa Clara) em Lisboa, em Dezembro de 1952;

África Sem Luz (1962), coletânea de contos e narrativas africanas densas de mistérios e sortilégios na qual nos dá conta de um mundo poderoso e ingênuo, forte e primitivo;

Brasil, Fronteira da África (1963), em que apresenta aos brasileiros a África de expressão portuguesa, sobretudo Angola em guerra pela independência do colonialismo salazarista; conclama ao Brasil para que assuma o papel de “paladino” da Língua Portuguesa comum aos três

⁸⁶ Imagem do acervo do Arquivo do Estado de São Paulo.

⁸⁷ Júlio Gouveia, Prefácio ao livro de Maria Archer, *Terras Onde se Fala Português*, 2ª. Ed., São Paulo, Ed. Casa do Estudante do Brasil e Carlos de Assumpção Neves, 1957, p. 17.

países e impeça o seu aniquilamento como também da cultura portuguesa em Angola;

Um olhar ainda que superficial sobre a contribuição de Maria Archer para a imprensa de Língua Portuguesa durante o período de exílio pressupõe que nos voltemos também para as obras acima referenciadas e um sem número de colaborações que endereçou às publicações periódicas, sendo delas o conjunto mais representativo aquele que produziu para o jornal “*OESP*” (1955-1957).

A vida literária corria paralela à sua atuação no jornalismo. O nosso estudo se propõe ao exercício de como a autora, inserida no seu tempo, articulou-se na atividade da imprensa periódica. As obras, constituindo um tipo específico de produção criativa, não são incluídas no nosso exame, uma vez que optamos por focalizar as colaborações de Maria Archer como cronista e articulista na imprensa escrita.

4.2.1 – A contribuição inaugural de Maria Archer: em defesa da literatura

A presença de Maria Archer na imprensa periódica no Brasil, presença essa que acompanhou parte de sua vida no exílio, se fez notar desde outubro de 1955, ano de sua entrada no país. A contribuição inaugural da escritora para o jornalismo no Brasil, no entanto, se deu no jornal *A Gazeta*, periódico de propriedade da Fundação Casper Líbero fundado em 1906, e não se limitou à prosa de circunstância, como poderia se supor mediante a efemeridade do veículo. Oportuno se faz notar que esta se constituiu uma participação avulsa e Maria Archer direcionou-a convenientemente para um tema oportuno: A defesa da poesia. A matéria circulou na edição de 01 de outubro de 1955 (p.16) no diário do grupo paulistano *A Gazeta*, sob o título “A literatura brasileira conhecida e desconhecida dos portugueses”.

Em tal artigo denuncia, não sem indignação, a burocracia alfandegária e cambial impeditivas da aquisição de obras da literatura

brasileira em Portugal. “Um dia aziago chegou-se ao extremo de não haver nas livrarias de Portugal obras brasileiras, e si uma ou outra aparecia, vendia-se a preço tão caro, justificado pelos câmbios, que só raros poderiam comprar.”

[...] Muitas limitações e grandes escaparam à seleção do editor. Há limitações forçadas. E isto justifica que eu tenha chegado ao Brasil com uma idéia incompleta da literatura brasileira.

Vem este intróito a propósito da autêntica admiração que me causou a leitura de um livro de Paulo Bonfim.[...] Paulo desgarrar-se daquilo a que após Lamartine, se chamou “ o rumor das salas de Elvira”

São angústias do problema eterno e não o efêmero do arroubo amoroso, que o artista transmudou em substancia poética e modulou na forma da mais perfeita musicalidade métrica, condição insuperável para que o verso branco seja verso. Há em todo o poeta, um agente de comunicação mediúnica com a metafísica e está aceite como síntese classificativa, que poesia é desocultação. [...] (1955, p.16)

Valendo-se do espaço no *Suplemento Cultural* daquele periódico, é, contudo, para um nome ainda pouco conhecido dos portugueses que quer chamar a atenção. Trata-se de Paulo Bonfim, “um jovem poeta da falange modernista” e seu livro *Sinfonia Branca*. Maria Archer após detida contemplação considera-o fonte de prazer estético digno da mais alta consideração. No depoimento, “nunca li sonetos em versos brancos tão modelarmente trabalhados como o feixe de 25 sonetos que formam a segunda parte do livro.”, revela-se Impressionada com tal desempenho poético e afirma que o pensamento do autor, lastreado no talento, insulfra-se da temática filosófica da obra do açoreano Antero de Quental tornando-se aquele um livro necessário.

4.2.2 - Entrevistas

A diversidade cultural que a obra de Maria Archer deixa em evidência, foi abordada em entrevista à *Folha da Manhã*, São Paulo, (31-07-1955), na qual a escritora refere que a sua formação intelectual foi feita em contato com o mundo. Nos 14 anos que viveu em África, em sua casa apareciam pessoas das mais variadas raças vestidas ao uso de países exóticos, falando de embarque para todas as partes do mundo e de mercadorias, e moedas estranhas: rúpias, patacas, francos, marcos, dólares e libras. Fato que decisivamente a pôs em estado de universalismo, desde a infância, tirando-a do ambiente português e de sua natureza acanhada. A experiência de supranacionalidade habilitou-a também, em termos estético-literários, para a confrontação entre dois mundos com os seus avanços e recuos.

O Jornal *Correio Paulistano* em sua edição de 18 de janeiro de 1956 estampa a matéria com o título: “No Brasil a romancista de maior público em Portugal”. Maria Archer falou à repórter Leila Marise sobre a sua vida, a sua carreira literária, da mais ampla repercussão tanto em Portugal como nas Colônias. A jornalista destacou-lhe os atributos da feminilidade, da mesma forma que fez ressaltar as justas reivindicações a que postulava quando reivindicou para a mulher direitos que o código civil retrógrado, inumano e absurdo lhe tirou. Na época, em Portugal “chega ao cúmulo do absurdo de a mulher não poder fazer uma intervenção cirúrgica sem a licença do marido”, indignou-se Maria Archer.

4.3 – Jornais em que Maria Archer colaborou no Brasil

4.3.1 – *O Estado de S. Paulo* - breve história

Como assinalamos anteriormente, o grupo de intelectuais portugueses exilados em São Paulo na década de 50 recebeu apoio de Júlio Mesquita, do Jornal *OESP*, que aproveitou muitos membros desse núcleo de imigrados em seu quadro funcional.

Trabalharam para *OESP*, João Alves das Neves na função de editorialista por 30 anos; o escritor Casais Monteiro, que colaborou por longos anos no Suplemento Literário, editado por Décio de Almeida Prado (1956-1967); como redator de política escreveu Victor Cunha Rego, e como cronista Carlos Maria de Araújo que, devido à tuberculose foi enviado em tratamento para a Europa por Júlio Mesquita, todavia, o acidente aéreo no Rio de Janeiro veio marcar tragicamente o seu desaparecimento. Miguel Urbano Rodrigues e Santana Mota foram também colaboradores do jornal, tal como a escritora Maria Archer, a única intelectual portuguesa admitida. Nuno Fidelino Figueiredo, o próprio Henrique Galvão foi colaborador com uma série de artigos sobre grandes caçadas, pois ele apreciava como esporte a caça de animais pesados; refira-se que era moda na época, pessoas das elites portuguesa e brasileira exibirem troféus de safáris organizados na África.

Em 1958, *OESP* deu ampla cobertura mundial à campanha do general Delgado como candidato único da oposição nas eleições em Portugal. De 1961 a 1964, Júlio de Mesquita permitiu que *OESP* se transformasse em tribuna permanentemente aberta à divulgação do genocídio colonial, fato que contribuiu intensamente para que na mobilização da opinião pública brasileira se acentuasse a resistência ao colonialismo português e a solidariedade aos povos de Angola, da Guiné e de Moçambique em luta pela independência nacional.

Aos habituais leitores da imprensa periódica o jornal *OESP* dispensa maiores apresentações. Acompanharemos a seguir o jornalista José Alfredo Vidigal Pontes⁸⁸ em circunstanciada síntese histórica, do mais antigo dos jornais da capital paulistana ainda (hoje) em circulação. Com mais de 132 anos, a sua existência desde cedo serviu imbricada com a história da cidade que o viu nascer, o próprio Estado de São Paulo e do país.

Assim, em 4 de janeiro de 1875, ainda durante o Império, circulava pela primeira vez *A Província de S. Paulo* – seu nome original. Somente em janeiro de 1890, após o estabelecimento de uma nova nomenclatura para as unidades da federação pela República, receberia sua atual designação.

Criado por um grupo de dezesseis pessoas reunidas por Manoel Ferraz de Campos Salles e Américo Brasiliense, nasceu para responder a uma proposta de criação de um diário republicano surgida na época da realização da Convenção Republicana de Itu, com o propósito de combater a monarquia e a escravidão.

A cidade de São Paulo desta época se encontrava em franco desenvolvimento. A partir de 1865, quando já contava com cerca de 25 mil habitantes, a ferrovia passou a influenciar decisivamente na aceleração da urbanização

A tiragem inicial de 2.000 exemplares era bastante significativa para a população da cidade, estimada em 31 mil. Pode-se dizer que a partir de então o jornal foi crescendo com a cidade e influenciando cada vez mais a evolução política do país, com a enorme responsabilidade de ser o principal veículo da mais republicana das cidades brasileiras. No início de 1888, meses antes da proclamação da República, Euclides da Cunha, então um jovem redator republicano expulso do Exército passa a colaborar com *O Estado* sob o pseudônimo de Proudhon.

Neste mesmo ano *A Província* atingia a marca de 4.000 assinantes. Em janeiro de 1890, já com o nome de *OESP*, a tiragem

⁸⁸ Jornalista d*OESP*. Consultar web <http://www.estado.com.br>

havia dobrado 8 mil. Em 1896 a tiragem não consegue ultrapassar os dez mil exemplares, não por falta de novos leitores, mas devido às limitações do equipamento gráfico. Porém, uma nova máquina é adquirida e a tiragem pula para 18 mil exemplares durante a *Campanha de Canudos*, quando eram ansiosamente aguardadas as reportagens enviadas por Euclides da Cunha através do telégrafo.

Em 1902, Júlio de Mesquita, redator desde 1885 e genro de José Alves de Cerqueira César, um dos 16 fundadores, torna-se o único proprietário. Nesta época a cidade atingia a marca de 250 mil habitantes, metade dos quais italianos. Dois anos antes havia circulado o primeiro bonde elétrico e em 1901 fora inaugurada a primeira usina hidrelétrica para fornecimento regular de luz e força para a cidade.

A modernização do jornal acompanhava o crescimento vertiginoso da cidade que havia duplicado sua população nos 35 anos posteriores à chegada da ferrovia. Nesse mesmo ano Júlio Mesquita e Cerqueira César lideram a 1ª dissidência republicana, iniciando a partir de então uma linha de oposição sistemática aos governos estadual e federal. Durante todo o transcorrer posterior da chamada República Velha (até 1930), o jornal se colocou ao lado dos contestadores do viciado sistema eleitoral conhecido pejorativamente como “bico-de-pena”, caracterizado pelo voto em aberto e manipulação fraudulenta. Em 1909 apóia a candidatura de Ruy Barbosa à presidência da República, a chamada “Campanha Civilista”, em oposição ao candidato oficial, o Marechal Hermes, um militar.

Os movimentos republicanos brasileiro e português coexistiram em linhas paralelas, vindo os movimentos de pessoas que atravessaram o Atlântico e se delocavam nos dois sentidos a permitir o cruzamento de idéias, de convicções e atitudes que se amalgamaram ao ideário republicano e na cultura de ambos os países. Dessa forma, o *OESP* albergou muitos exilados pós-guerra, embora distantes do republicanismo de 1910, reelaboraram o legado de resistência da primeira metade do século.

A luta pelo direito à liberdade de expressão em nome da democracia prossegue a cada edição do “Estadão”. É precisamente,

fazendo valer esse direito, que em 24 de agosto de 1956 a sucursal de *OESP* no Rio é invadida pela polícia e exemplares do jornal são apreendidos em razão da publicação de um manifesto de Carlos Lacerda. Júlio de Mesquita Filho denuncia a arbitrariedade à Associação Interamericana de Imprensa (AII). Nessa altura, já Maria Archer fazia parte ativa do quadro de jornalistas exilados em São Paulo.

4.3.1.1 – A Contribuição de Maria Archer para *O Estado de S. Paulo*

O amplo refinamento literário de Maria Archer não comungava com a ausência de democracia em Portugal. A vinda para o Brasil ampliou as perspectivas de atuação da escritora através da mídia impressa. Apercebendo-nos que Maria Archer ocupou os espaços do *Suplemento Feminino* e esporadicamente da sessão *Literatura e Arte do Estado de S. Paulo* com a publicação de textos inéditos, descobrimos que através das crônicas aparentemente despretensiosas, se bem que submetidas aos padrões da imprensa feminina e fazendo uso de artifícios ficcionais, instigava no universo feminino o apelo a reflexão sobre si mesma, sobre a vida e sobre o seu país.

A sessão do *Suplemento Feminino* foi a que exigiu mais tempo no trabalho descritivo pelo volume e qualidade gráfica dos microfilmes. A sessão que era apresentada todas as quintas-feiras, incluía de uma a duas ilustrações, sendo praticamente toda a página ocupada por textos de variadas naturezas. Ao lado dos textos de Maria Archer figuravam também colunas assinadas por Ritta Mariancic, e “Pontos de Vista de Uma Mulher” por Bruna Becherucci. Vale dizer que ao todo foram consultadas 126 colunas. Muitas vezes, o texto de Maria Archer ocupava até meia página.

O ideário de que partia ao escrever sobre e para a mulher conduz-nos a refletir sobre a leitura que dela faz a jornalista, do comportamento humano, das relações interpessoais e da feminilidade.

Um levantamento dos assuntos tratados pelo conjunto das contribuições jornalísticas da escritora para *O Estado de S. Paulo* leva-nos à conclusão de que a escritora obedecia a uma linha editorial que, para fins didáticos podemos

classificar em quatro vertentes temáticas: Crônicas da memória, Painei Africano, Crônicas Brasil e África e Outras crônicas.

São apresentados, no quadro a seguir, um índice dos artigos por ordem cronológica de publicação e logo depois o índice por classificação temática, onde agrupamos por predominância de assuntos tratados. A colaboração para o *OESP* aqui reunida compreende o período de 1955 a 1957. No capítulo seguinte nos reportaremos ao estudo compreensivo de cada seguimento veiculado naquele jornal.

4.3.2 - Índice cronológico das colaborações para *O Estado de S. Paulo*

***O Estado de S. Paulo.* (04-01-1875-) circulou no Império. Originalmente recebeu o nome de *A Província de São Paulo*. Somente em Janeiro de 1890 é que passa ao nome que se mantém até a atualidade no Brasil: *O Estado de S. Paulo*. Direção de Júlio de Mesquita Neto, 1ª edição: 04-01-1875. Fonte primária: Arquivo do Estado de São Paulo**

O Índice de artigos estão aqui arrolados por ordem cronológica de publicação. A coluna observações registra pequeno resumo com eventuais excertos da matéria.

ARTIGOS EM COLUNAS POR ORDEM CRONOLÓGICA DE PUBLICAÇÃO

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
1- <i>Japonesa</i>	Nov 04	4-5	10	1955	Tipos femininos. Uma enigmática oriental.
2- <i>Fraternidade feminina</i>	Nov 18	1-2	05	1955	Discriminação da mulher que trabalha.
3- <i>Instantâneos</i>	Nov 25	2-3	10	1955	Conversa descontraída em jantar íntimo. As qualidades femininas e as masculinas.
4- <i>Passagem de modelos</i>	Dez 09	1-2	05	1955	Obesidade, elegância e vaidade feminina.
5- <i>A eterna mulher</i>	Dez 16	3-5	10	1955	O relacionamento amoroso, crises de ciúmes e palavões em francês.
6- <i>Visita ao rancho do Senhor</i>	Dez 20	1-6	05	1955	A Cruz Vermelha e a visita da sua fundadora Helen Londahl ao Brasil.
7- <i>A Piedosa mentira</i>	Dez 23	1-2	05	1955	Ingerência familiar em assuntos afetivos. Casamento realizado para a satisfação do pai do noivo.
8- <i>A Real e a Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência I</i>	Dez 27	1-3	12	1955	A criação do Hospital de São Joaquim. Recuperação de dados desde a fundação em 1865.
9- <i>A Real e a Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência</i>	Dez 28	1-5	08	1955	Continuação. A comemoração do centenário e os idealizadores das novas instalações.
10- <i>A velha criada na casa dos velhos</i>	Dez 30	1-3	10	1955	Casa de idosos que se recusam a aderir aos confortos da modernidade.
11- <i>Portugueses em S.</i>	Dez 31	1-4	11	1955	

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
<i>Paulo - O Clube Português III</i>					Atividades culturais e sociais do elitizado espaço de convivência dos imigrantes portugueses em São Paulo.
12- <i>Domingo no bairro</i>	Jan 06	2-3	10	1956	Cotidiano e a incompatibilidade de um casal de um bairro popular.
13- <i>Uma elegância fora de moda</i>	Jan 13	4-5	03	1956	O desnível de idade na relação afetiva. Ele ultrapassou os 60 anos e Dala com 30.
14 - <i>Heroínas</i>	Jan 20	4-5	03	1956	A devoção das enfermeiras italianas no Leprosário Pe. Bento verdadeiras heroínas, tal qual as irmãs S. Vicente de Paula do Hospital português.
15- <i>Portugueses em São Paulo- IV O Centro Transmontano- História antiga</i>	Jan 22	1-2	14	1956	O Centro Transmontano - a associação de socorros mútuos no Brasil. Aprovação do Estatuto e a campanha para aquisição da sede própria.
16 - <i>Ofensa Mortal</i>	Jan 27	3	10	1956	Vaidade feminina e o mito da eterna juventude. Dulce, sexagenário se esforça por aparentar ser mais jovem do que a idade real que possui.
17- <i>Portugueses em São Paulo- V O Centro Transmontano- História Contemporânea</i>	Fev 02	2-4	11	1956	Continuação. História da instituição e os esforços para construção da sede própria.
18 - <i>Tuteladas</i>	Fev 03	1-2	05	1956	Marido e poder sobre a vida das esposas em Portugal. É vetada a intervenção cirúrgica da mulher sem a autorização expressa do marido.
19 - <i>A Tertúlia Acadêmica- Primeiros Passos VI</i>	Fev 09	1-3	12	1956	Agrupamento lusíada realiza desde maio de 1947 encontros sistemáticos com almoços ao 3º sábado de cada mês.
20- <i>O mundo marcha para pior</i>	Fev 10	4-5	10	1956	Relações entre o senhorio e os lavradores. Assistencialismo aos criados idosos. Anos depois, a descontinuidade e o desdém.
21 - <i>A Tertúlia Acadêmica- o presente e o futuro</i>	Fev 11	1-3	08	1956	O 1º estatuto da Tertúlia. A Távora redonda lusitana engloba duas nações numa unidade supranacional e de cultura.
22 - <i>Doentes</i>	Fev 17	3-5	10	1956	A mulher fútil e os desequilíbrios físico, mental e social.
23 - <i>Enigmas para um novo Édipo</i>	Fev 24	1-2	05	1956	O núcleo familiar e os estratagemas da nora calculista, afoita pela herança dos sogros abastados.
24 - <i>Moça de boa família</i>	Mar 02	1-2	05	1956	Contradição de uma moça supostamente abastada, de estilo de vida incomum e a atitude vulgar ao final de uma noitada na boate de luxo,
25 - <i>Quando a verdade é triste</i>	Mar 09	1-2	10	1956	A união de casal pela notória compensação de suas carências.
26 - <i>Uma tribo de agricultores</i>	Mar 13	1-3	14	1956	Portugueses no Brasil. O desleixo em meio à prosperidade. Agricultor radicado em São Paulo, estabelece-se em São Roque. O agro em Portugal

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
					recebe mais trato do que em São Roque.
<i>27- Em prol do teatro brasileiro</i>	Mar 16	1-2	05	1956	Incentivo aos escritores na produção de novas peças O desempenho da dramaturgia nacional. A ausência de censura coercitiva do talento dos escritores.
<i>28 - Humanidade</i>	Mar 23	3-5	10	1956	A violência e as agressões físicas de que são alvo as mulheres e as crianças no seio das relações familiares por pais alcoolizados.
<i>29 - Escrúpulos</i>	Mar 30	4-5	10	1956	Relações afetivas e o futuro matrimonial: uma mulher e dois pretendentes.
<i>30 - Noite de Fado em Lisboa</i>	Abr 06	4-5	10	1956	O fado e os valores sentimentais. Amália Rodrigues.
<i>31 - "Cocktail-Party"</i>	Abr 13	3-5	03	1956	A viuvez de uma noiva pretenciosa.
<i>32 - Sepulcros Caiados</i>	Abr 20	1-2	03	1956	Manobras femininas para amealhar patrimônio em jóias e peles.
<i>33 - Um vidente em Lisboa</i>	Abr 27	1-3	10	1956	Banalização do hábito cultivado por mulheres em Lisboa na consulta à videntes.
<i>34 - Molho de maionese</i>	Mai 04	1-2	05	1956	O simulacro social e o ritual da família para recusar alimentos, durante os funerais.
<i>35 - Eu vi o pelicano abrir o peito</i>	Mai 11	1-2	05	1956	A inteligência de um sobrinho, de pais modestos sem posses para lhe custearem os estudos.
<i>36 - Renovação dos valores sentimentais</i>	Mai. 18	1-3	10	1956	O amor e os valores sentimentais. Convite ao retorno à natureza.
<i>37 - O curso de árabe</i>	Mai 25	1-2	05	1956	A condição feminina e as manobras de uma mulher para a obtenção de matrimônio com homem de posses e posição social.
<i>38 - Dia de festa na Cruz Vermelha</i>	Jun 01	4-5	03	1956	Tributo à instituição caritativa e humanitária, a Cruz Vermelha em São Paulo.
<i>39 - Romance branco</i>	Jun 08	4-5	03	1956	O romantismo ilusionista e a ausência de senso crítico e maturidade induzem as leitoras ingênuas ao mundo da prostituição.
<i>40 - Outono florido</i>	Jun 15	1-2	05	1956	A mulher portuguesa na condição de viúva e o luto por tempo indeterminado.
<i>41- A eterna menor</i>	Jun 22	3-5	10	1956	O conservadorismo de imigrantes portugueses. O noivado de uma filha. O pai abastado e noivo multimilionário discutem as conveniências do acordo pré-nupcial.
<i>42 - Cidália Meireles</i>	Jun 29	1-2	05	1956	O papel da mídia na formação do conceito de valor na área artística tanto no Brasil como em Portugal.

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
43 - <i>Lisboetas</i>	Jul. 06	1-2	05	1956	A crítica às manobras estratégicas do “maquiavel de saias” nas relações de conveniência entre duas amigas íntimas.
44 - <i>Silogismo de crueldade feminina</i>	Jul 13	1-3	10	1956	A vingança feminina devido a um comentário infeliz de uma amiga sobre a permanente de seus cabelos
45 - <i>O centro do Douro</i>	Jul 17	1-3	15	1956	Associação regional beneficente devotada a prestar assistência aos sócios (filhos ou descendentes de durienses) na doença e recolocá-los no caso de desemprego.
46 - <i>Coquetel em casa de novos ricos</i>	Jul 20	1-3	10	1956	Ausência de etiqueta social dos novos ricos ao receber convidados para um coquetel.
47 - <i>Sofrer para ser famosa</i>	Jul 27	1-2	05	1956	Viúva de 40 anos com desejo de deslumbrar um pretendente, corre o risco de vida e acontece à amiga que caso venha a óbito deve queimar cartas comprometedoras.
48 - <i>Pedras para o templo da ventura</i>	Ago 03	4-5	10	1956	O suplício da cerimônia do casamento de uma noiva ante um matrimônio arranjado pelo pai.
49 - <i>Beleza ao domicílio</i>	Ago 10	4-5	10	1956	A vaidade feminina e as promessas de rejuvenescimento como fonte de lucro pelo comércio dos cosméticos.
50 - <i>Paralelos melancólicos</i>	Ago 17	4-5	03	1956	O teatro brasileiro e o português. A Conservatória de Arte Dramática impediu por mais de 20 anos a renovação dos artistas portugueses.
51 - <i>Quem quer vai, quem não quer, manda</i>	Ago 24	4-5	10	1956	A rivalidade entre amigas. A astúcia feminina ao serviço da concorrência pela atenção masculina.
52 - <i>Paralelos iniciais</i>	Ago 26	1-2	104 (6º Caderno) Literatura e Arte	1956	Estudo comparativo entre os passos dos sertanejos pioneiros na África central e o dos bandeirantes no Brasil iniciado séc. XVII.
53 - <i>Saudades... Talvez da África</i>	Ago 31	4-5	10	1956	Aspectos de uma fazenda moçambicana e uma caçada ao leão. O incidente caseiro ocorrido na cozinha é o centro do divertido relato.
54 - <i>O sertanejo, émulo dos bandeirantes Devassamento e ocupação</i>	Set 02	1-3	01 (6º Caderno) Literatura e Arte	1956	Paralelo sobre o devassamento e a ocupação pelos bandeirantes no Brasil e os sertanejos no território da África central.
55 - <i>Caçada ao leão</i>	Set 07	1-2	10	1956	Carta de uma leitora que lamenta-se que na semana anterior a escritora referiu-se à caçada ao leão quando se tratou do um incidente na cozinha.
56 - <i>O sertanejo, émulo dos bandeirantes –O comércio ambulante</i>	Set 09	1-3	01 (6º Caderno) Literatura e	1956	Papel dos sertanejos na ocupação do território africano em comparação com a ação dos bandeirantes no Brasil. A permuta como meio de

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
			Arte		pagamento fazia-se com produtos como o marfim, borracha ou cera. A rotina dos sertanejos nas travessias africanas.
<i>57 - A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo- Considerações de ordem geral e início da filial paulista</i>	Set 11	4-8	11	1956	A campanha de Henri Dunant e a comissão internacional em Genebra objetivando formar em tempos de paz um serviço de saúde paramilitar capaz de socorrer os feridos de guerra.
<i>58 - O sertanejo, emulo dos Bandeirantes- Sertanejos de Angola</i>	Set 16	1-8	61 (3º Caderno) Literatura e Arte	1956	Recuperação histórica da presença ativa no percurso dos sertanejos do planalto de Benguela em Angola.
<i>59 - Casa de volframistas</i>	Set 21	4-5	10	1956	O exibicionismo de poder econômico como meio de sustentação das aparências não traduz aquilo que é verificável em ostentação.
<i>60 - O sertanejo, émulo dos bandeirantes – Figurações lusitanas</i>	Set 23	1-3	05 (5º Caderno) Literatura e Arte	1956	Trilhos abertos nos sertões de Angola pelos mascates negros. Os negros anônimos tinham atingido o Índico atravessando o Muata Ianvua, a feira de Cazembe, Tête, o Rio Zambeze de canoa até Quelimane.
<i>61 - A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo- Primeiras realizações da filial paulista</i>	Set 25	1-4	05	1956	Divulgação das realizações da C.V. paulistana,
<i>62 - A Quadrilha</i>	Set 28	4-5	10	1956	Festejo junino e uma jovem em idade de se casar. O espaço é o baile de época que remonta ao 1900,
<i>63 - Uma viúva de respeito</i>	Out 05	1-2	10	1956	A falsa empregada doméstica e o alerta no momento da contratação.
<i>64 - A tragédia de Silva Porto</i>	Out 07	1-2	98 (5º Caderno- domingo) Literatura e Arte	1956	Paralelo entre o destino de Silva Porto, sertanejo estabelecido como fazendeiro em Benguela, com o episódio da condenação à morte de José, pelo pai, e o assassinio por D. Rodrigo do velho Fernão Dias.
<i>65 - Apresente desculpas</i>	Out 12	4-5	10	1956	Convenções sociais portuguesas inibidora da aproximação entre duas pessoas não apresentadas, sobretudo se estiverem desacompanhadas do cônjuge.
<i>66 - Cada criatura é um mistério</i>	Out 19	4-5	10	1956	Rita, a diarista e a sua enigmática compulsão cotidiana surpreendente.
<i>67 - Presentes de amor</i>	Out 26	1-2	10	1956	Os presentes oferecidos e os destinos conforme o nível de entendimento do casal.
<i>68 - Burguesia da província</i>	Nov 02	4-5	10	1956	A resistência e o orgulho da burguesia decadente em não se submeter ao trabalho.

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
<i>69 - A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo e O Hospital de crianças em Indianópolis III-</i>	Nov 08	1-2	06	1956	Campanha do voluntariado tornou possível levantar um prédio de 10 andares. As obras do Hospital foram inauguradas em setembro de 1918.
<i>70 - Marieta</i>	Nov 16	4-5	10	1956	Personagem imaginária que acompanha a escritora desde a infância quando viveu em Moçambique.
<i>71 - Contrato com o céu</i>	Nov 23	4-5	10	1956	Costumes conservadores e a religiosidade popular na região de Caldas da Rainha em Portugal.
<i>72 - O mercado das escravas</i>	Nov 30	1-2	10	1956	Aprisionamento afetivo de quem está a aguardar a ausência do ser amado.
<i>73 - Condecorações</i>	Dez 07	1-3	10	1956	A vaidade e o exibicionismo das condecorações no ambiente da academia.
<i>74 - A escola de enfermagem da Cruz Vermelha</i>	Dez 13	6-8	09	1956	A criação da escola de enfermagem paulista.
<i>75 - Nada de novo sob a rosa do sol</i>	Dez 14	3-5	10	1956	A tarifa dos fretes em Portugal e os critérios de cobrança do transporte dos produtos. O cesto vazio tem uma tarifa maior que um cesto cheio.
<i>76 - Pátio de sra. Conceição</i>	Dez 21	4-5	10	1956	Reminiscências dos festejos natalinos. Uma família e seus agregados numa aldeia lusitana.
<i>77 - Rústica</i>	Dez 28	4-5	10	1956	Jovem da aldeia para trabalhar como criada em casa de família em Lisboa. Preconceito e maledicência.
<i>78 - Maria do Céu</i>	Jan 03	4-5	03	1957	Talento e desempenho artístico da cantora e compositora portuguesa em apresentação no Brasil. Temporada na casa de espetáculos carioca "Maison de France".
<i>79 - Crime sem sanção da lei</i>	Jan 11	1-2	10	1957	Perversidade de uma patroa ao omitir a fatídica notícia da morte da filha de um empregado para não dispensá-lo do serviço.
<i>80 - As provas de amor</i>	Jan 25	4-5	10	1957	O teatro brasileiro e a interpretação artística deturpada do tipo físico de um rústico taberneiro português.
<i>81 - O Cantinho da Arte</i>	Fev 01	4-5	10	1957	Agremiação feminina de paulistas destinada à convivência e à cultura.
<i>82 - Uma obra do Estado Novo</i>	Fev 08	1-2	10	1957	Termo "piropo" (galanteios) dos espanhóis e dos portugueses ante as mulheres bonitas.
<i>83 - Página do meu diário</i>	Fev 15	1-3	10	1957	Renúncia voluntária e futuro antecipado. Tristeza pela feminilidade estéril e a renúncia à realização pessoal por meio do relacionamento amoroso.
<i>84 - Um bom livro, o grande amigo do homem</i>	Fev 22	4-5	10	1957	O estado deste microfilme dificulta a leitura pormenorizada do tema.
<i>85 - Raquel</i>	Mar 01	4-5	10	1957	O mercantilismo nas escolhas matrimoniais. Revisão de conceito sobre o casamento.
<i>86 - Monumento à mulher paulista</i>	Mar 05	4-6	04	1957	A Cruz Vermelha e o trabalho do voluntariado feminino. Anônimas colaboradoras da Escola de Enfermagem.
<i>87 - A Cruz Vermelha de São Paulo-VI. A Secção</i>	Mar 07	7-8	04	1957	Sessão de costuras da CV e a incumbência de produzir a roupa para os combatentes da F.E.B. A

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
<i>de Costuras</i>					mobilização de centenas de voluntárias com a ausência das mulheres portuguesas.
<i>88 - A Cruz Vermelha de São Paulo-VII. O Banco de Sangue</i>	Mar 08	4-5	05	1957	Conscientização para a necessidade de doar sangue. Hospital das Clínicas precisava de 30 litros diários de sangue.
<i>89 - O Lar Santa Joana</i>	Mar 08	4-5	10	1957	A situação do Instituto Assistencial Helena Guerra. que abriga 41 meninas, sob os cuidados de cinco freiras da ordem "Oblatas do Espírito Santo".
<i>90 - Ataraxia</i>	Mar 15	4-5	10	1957	Ao ser entrevistada por jornal carioca faz longa reflexão sobre as próprias respostas.
<i>91 - Terras onde se fala português</i>	Mar 22	1-5	10	1957	Leva ao leitor "o mundo que o português criou como se fosse um viajante". A vastidão e as potencialidades da área euro-afro-asiática.
<i>92 - Uma aldeia portuguesa</i>	Mar 29	4-5	10	1957	Uma aldeia e uma aldeã. Arminda, a criada. Boa procedência e bons princípios gozava da confiança. Herdou casa na aldeia bucólica em Outeiro da Lagoa,
<i>93 - Uma aldeia portuguesa II</i>	Abr 05	1-2	10	1957	O fascínio da natureza na aldeia em que passara uma temporada de recuperação de saúde.
<i>94 - Uma aldeia portuguesa III</i>	Abr 12	4-5	10	1957	Relato dos primeiros dias na aldeia. Noite de sono tranqüilo e reparador sob medida para os cuidados que a sua saúde inspirava.
<i>95 - Uma aldeia portuguesa IV</i>	Abr 19	1-2	03	1957	A descrição a coloca com a aparência mais próxima de uma aldeia medieval.
<i>96 - Uma aldeia portuguesa V</i>	Abr 26	1-2	10	1957	A alegria por ter se diluído no mergulho do encantamento écloga. O "lócus amenus" e a qualidade de vida.
<i>97 - Uma aldeia portuguesa VI</i>	Mai 03	1-2	10	1957	A população de Outeiro da Lagoa. Mulheres analfabetas. A emigração para Lisboa fazia escassear os braços para lavoura. Os maus tratos por parte dos pais eram razão das jovens deixarem o campo.
<i>98 - Uma aldeia portuguesa VII</i>	Mai 10	4-5	10	1957	Poucas micro indústrias, uma viatura de carga, poucos geradores de energia. O telefone funcionava de dia e encontrava-se a dois km, jornais chegavam com atraso.
<i>99 - Uma aldeia portuguesa VIII</i>	Mai 17	4-5	14	1957	O empobrecimento psíquico das crianças. Talvez devido ao automóvel exorcizador de lobisomens e "almas penadas". Agricultura de subsistência em regime de policultura.
<i>100 - Uma aldeia portuguesa (Conclusão)</i>	Mai 24	4-5	14	1957	Ausência de referência pela população ao político e ao social. Alusão do padre ao comunismo como um anticristo. Também por um "vagabundo" na taberna sertã.
<i>101 - Lembranças de Port Said</i>	Mai 31	1-3	14	1957	O entrecruzamento de duas civilizações de milenária oposição que procuravam ajustar-se. O Egito dos faraós e a industrializada Inglaterra. .
<i>102 - Quem empresta não melhora</i>	Jun. 07	4-5	04	1957	Um gesto de ingratidão entre amigas. Crítica ao comportamento mesquinho do gênero feminino.

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
103 - <i>Tipos femininos da África portuguesa A mulher branca</i>	Jun 14	4-5	14	1957	A inoperância da mulher fidalga vinda de Portugal nos séc. XVII e XIX para o continente africano e elementos femininos portugueses atualmente existentes no ultramar português.
104 - <i>Tipos femininos da África portuguesa A mulher de côr</i>	Jun 21	4-5	04	1957	Mulheres negras em África. Desgraciosas de postura corporal, julgam-nas destituídas de inteligência até para se dedicarem ao artesanato. Não influem na vida político-social.
105 - <i>Crianças</i>	Jun 28	4-5	14	1957	Crianças, filhos de saloios e o comportamento na igreja católica. Preconceituoso ante a criança não batizada.
106 - <i>Cerimoniais do tratamento português</i>	Jul 05	4-5	14	1957	Aula sobre cerimônia do tratamento dado às pessoas do gênero feminino em Portugal.
107 - <i>A crise do teatro português</i>	Jul 07	1-3	13	1957	Censura teatral do período salazarista Asfixia e agonia do teatro português.
108 - <i>Cerimoniais do tratamento português II</i>	Jul 12	4-5	04	1957	Ao Homem, independente da condição social ou econômica, o tratamento dado é Senhor fulano.
109 - <i>Cerimoniais do tratamento português (Conclusão)</i>	Jul 19	4-5	04	1957	"Os tempos não são para o cultivo de preciosismos que estabelecem fronteiras sociais."
110 - <i>Contos e Novelas</i>	Jul 26	1-2	05	1957	Coletânea de Contos e Novelas organizada por Graciliano Ramos e o destaque a três autores.
111 - <i>Diário duma semana em praia portuguesa I</i>	Ago 02	4-5	04	1957	Saudosismo. Compartilha detalhes da praia lusitana de Caparica, onde passou uma temporada.
112 - <i>Diário duma semana em praia portuguesa II</i>	Ago 09	4-5	04	1957	A presença de cães na praia, mesmo com pedigree, nem sempre agrada aos banhistas.
113 - <i>Diário duma semana em praia portuguesa (Conclusão)</i>	Ago 16	4-5	04	1957	Parte do sábado onde tentou passar a tarde num encontro com a natureza. Uma idéia do verão em uma praia lusitana.
114 - <i>Húngaros</i>	Ago 23	3-5	04	1957	A antologia de conto húngaro organizado por Paulo Ronai da qual destaca o conto <i>Divertimento Forçado</i> ,
115 - <i>Ouro Preto</i>	Ago 30	4-5	04	1957	Roteiro artístico, histórico e sentimental onde destaca as igrejas recheadas de obras de arte como em Ouro Preto, Vila Rica, Mariana, Congonhas do Campo e Sabará.
116 - <i>Um recital folclórico luso-brasileiro</i>	Set 06	3-5	04	1957	Canções portuguesas e os atributos da cantora Maria do Céu no Teatro Municipal. As origens do folclore, essência anímica duma estirpe humana, dos fados de Coimbra.
117 - <i>Donas da Zambézia</i>	Set 13	3-5	04	1957	Perfil de mulatas, beldades semi-orientais, riquíssimas da Zambézia. 30 anos antes deste texto elas viviam em palácios construídos no tempo da escravatura,
118 - <i>O Código Civil e as mulheres</i>	Set 20	1-5	04	1957	A União Universitária Feminina e o movimento pela reforma do Código Civil no que diz respeito à mulher casada.
119 - <i>Regime de matriarcado em terras</i>	Set 27	3-5	04	1957	O êxodo de homens, de Niassa ao norte de Moçambique, deixou aquele agrupamento euro-africano em

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
<i>africanas</i>					estagnação. Inúmeras mestiças matriarcas conservavam de pé a pequena civilização.
<i>120 - Portugal</i>	Out 11	1-2	05	1957	Documentário <i>Portugal</i> do italiano Mário Graciotti que narrou o roteiro saído de Santos com destino às Canárias, Costa de Marrocos.
<i>121- Com vista à Câmara Portuguesa de Comércio</i>	Out 18	3-5	04	1957	Recomendação à Câmara Portuguesa do Comércio para que ocupem salas vazias a ela destinada na Casa de Portugal com exposições permanentes.
<i>122 - Nossas irmãs da selva africana</i>	Out 25	3-5	04	1957	Situação da mulher indígena na África. As heranças de bens são transmitidas pela linhagem uterina. Conselheiros da coroa escolhem o sucessor do Rei morto entre os sobrinhos.
<i>123 - Mais negras e mestiças</i>	Nov 01	1-5	04	1957	A mestiçagem. Negras e mestiças na África lusófona. As indígenas assimiladas que passaram pela Escola Missionária empregam-se como doceiras, costureiras e falam o português.
<i>124 - As belas crioulas</i>	Nov 15	3-5	04	1957	A crioula, quarta geração de apuro do sangue africano. Sofisticadas casam-se com rapazes ricos. Como valoração social ou cultural esse tipo é idêntico ao tipo branco nativo da África.
<i>125 - Brancos nativos da África</i>	Nov 22	1-3	04	1957	Filhas de imigrantes ou já nascidas em África, mulheres brancas sofrem com a hostilidade e a indiferença social no ambiente
<i>126 - A ação da mulher branca no regionalismo africano</i>	Nov 29	1-5	04	1957	Conduta das mulheres da elite de Luanda ou de Lourenço Marques. Brancas nascidas em África seguiam nas nos costumes e figurinos. A sua presença não contribuía para a gestação de uma cultura específica duma civilização regional.

4.3.3 - Índice temático das colaborações para *O Estado de S. Paulo*

O Índice de artigos, aqui apresentados foram arrolados por categoria temática de publicação. A coluna “Descrição” registra a classificação por gênero, com eventuais excertos da matéria. Tendo por base as normas traçadas por Antônio Houaiss⁸⁹, bem como as sugeridas por Emanuel Araújo⁹⁰ seguimos-lhes os critérios para a fixação dos excertos. Conservamos, antes do título de cada matéria, o número da ordem cronológica da publicação.

ARTIGOS EM COLUNAS POR CATEGORIA TEMÁTICA DE PUBLICAÇÃO

4.3.3.1 – Crônicas da memória:

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
1- <i>Japonesa</i>	Nov. 04	4-5	10	1955	Crônica de estréia. A mulher oriental. Estranhamento cultural entre oriente e ocidente.
2- <i>Fraternidade feminina</i>	Nov. 18	1-2	05	1955	Crônica. A mulher carente e a discriminação no mercado de trabalho.
3- <i>Instantâneos</i>	Nov. 25	2-3	10	1955	Crônica. Qualidades femininas e as masculinas. A força física do homem e a força do poder de sedução feminino.
4- <i>Passagem de modelos</i>	Dez. 09	1-2	05	1955	Crônica. A obesidade da mulheres ricas em confronto com a elegância das manequins que precisam trabalhar para a subsistência. Ironia.
5- <i>A eterna mulher</i>	Dez. 16	3-5	10	1955	Crônica. Crises do namoro. Namorada briga em francês e não suspeita que a narradora, pelo domínio da língua compreende o sentido.
7- <i>A Piedosa mentira</i>	Dez. 23	1-2	05	1955	Crônica. União conjugal para o agrado do pai do noivo. Sobrevindo o divórcio e o acidente do sogro, a nora retorna provisoriamente.
10- <i>A velha criada na casa dos velhos</i>	Dez.30	1-3	10	1955	Crônica. Cotidiano da casa de idosos moradores da aldeia que se recusam a aderir aos confortos da modernidade.
12- <i>Domingo no bairro</i>	Jan. 06	2-3	10	1956	Crônica. Cenas da vida conjugal de casal de classe desfavorecida, com

⁸⁹ HOUAISS, Antônio. *Elementos de bibliologia*. Rio de Janeiro, INL, 1967. Tendo-se em vista os critérios orientadores de uma edição fidedigna de textos, na transcrição dos excertos, tivemos por norma manter a ortografia original da escritora no ato da produção criativa. Como exemplo a palavra “japoneza” grafada com “z”.

⁹⁰ ARAÚJO, Emanuel. *A construção do livro*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
					desfecho quase trágico.
13- <i>Uma elegância fora de moda</i>	Jan 13	4-5	03	1956	Crônica. Namoro entre homem 60 anos e uma jovem de 30. O desencanto da pretendente ante a percepção do declínio da vitalidade de Ramiro.
16- <i>Ofensa Mortal</i>	Jan. 27	3	10	1956	Crônica. Mulher sexagenária se esforça por aparentar ser mais jovem do que realmente é.
18- <i>Tuteladas</i>	Fev 03	1-2	05	1956	Crônica. Crítica à condição de subalternidade da mulher portuguesa que para realizar uma intervenção cirúrgica emergencial tem que apresentar autorização expressa do marido.
22- <i>Doentes</i>	Fev 17	3-5	10	1956	Crônica. A futilidade da mulher da alta sociedade, os caprichos do poder aquisitivo e a agressão moral às demais que precisam trabalhar para sobreviver.
23 - <i>Enigmas para um novo Édipo</i>	Fev 24	1-2	05	1956	Crônica. Nora calculista planeja morte dos sogros para receber herança. Crítica à vileza nas relações interfamiliares.
24- <i>Moça de boa família</i>	Mar 02	1-2	05	1956	Crônica. Moça exibe vida de luxo e, ao deixar a mesa da boite, carrega na bolsa de brocado todo o salgado não consumido pelos demais. Crítica à hipocrisia burguesa.
25 <i>Quando a verdade é triste</i>	Mar 09	1-2	10	1956	Crônica. Fato social. Constatação da existência de uniões entre pessoas humildes pela notória superação das necessidades.
26 - <i>Uma tribo de agricultores</i>	Mar 13	1-3	14	1956	Ensaio biográfico. Matéria da série sobre a vida dos portugueses no Brasil. Trata-se da trajetória do Sr. Santiago e seus descendentes.
29 - <i>Escrúpulos</i>	Mar 30	4-5	10	1956	Crônica. Uma moça em conflito entre dois pretendentes: um que parte para o Brasil e outro novo da cidade.. Segue conselho de tratar do futuro, levar as duas relações e corresponder a ambos.
30 - <i>Noite de Fado em Lisboa</i>	Abr 06	4-5	10	1956	Crônica. Tributo aos cantores do fado em Portugal, sobretudo à Amália Rodrigues.
33 - <i>Um vidente em Lisboa</i>	Abr 27	1-3	10	1956	Crônica. Ironiza o hábito cultivado por mulheres em Lisboa na consulta à videntes com supostos poderes paranormais.
34 - <i>Molho de maionese</i>	Mai 04	1-2	05	1956	Crônica. Disputa interfamiliar. Crítica ao exibicionismo das famílias tradicionais e a dissimulação quanto à convenção da comida nos funerais.
35- <i>Eu vi o pelicano abrir o</i>	Mai 11	1-2	05	1956	

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
<i>peito</i>					Crônica. O potencial de um sobrinho, filho de pais modestos sem posses para lhe custearem os estudos superiores. "Não tinha nem tem falhas de caráter ou fraquezas de temer em estudantes pobres"
<i>40 - Outono florido</i>	Jun 15	1-2	05	1956	Crônica. Opressão social exercida, sobre a mulher portuguesa na condição de viúva.
<i>41 - A eterna menor</i>	Jun 22	3-5	10	1956	Crônica. Emigrantes portugueses mantêm hábitos conservadores ao utilizarem a filha no jogo de interesses no mercado matrimonial.
<i>43 - Lisboetas</i>	Jul 06	1-2	05	1956	Crônica. Acordo entre duas amigas íntimas acertado para provocar ciúmes a um pretendente.
<i>44 - Silogismo de crueldade feminina</i>	Jul 13	1-3	10	1956	Crônica autobiográfica. Relação entre duas mulheres, uma ofendida em sua vaidade feminina responde à outra descumprindo o acordo.
<i>46 - Coquetel em casa de novos ricos</i>	Jul 20	1-3	10	1956	Crônica. A ausência de refinamento da classe em ascensão social e econômica.
<i>47 - Sofrer para ser famosa</i>	Jul 27	1-2	05	1956	Crônica. Dilemas da vaidade feminina. Viúva de 40 anos deseja de deslumbrar um pretendente, às vésperas do encontro liga para a escritora em aflitivo dilema:
<i>49 - Beleza ao domicílio</i>	Ago 10	4-5	10	1956	Crônica. Fato social. Vendedores ambulantes e a busca da eterna juventude. Artimanhas do discurso para persuadir a consumidora dentro da própria casa.
<i>50 - Paralelos melancólicos</i>	Ago 17	4-5	03	1956	Crônica. Nota crítica. Paralelo entre o teatro brasileiro e o português da contemporaneidade.
<i>51- Quem quer vai, quem não quer, manda</i>	Ago 24	4-5	10	1956	Crônica. Rivalidade feminina. A disputa entre duas supostas amigas e a astúcia como estratégia de destaque ante os olhos de um eventual pretendente.
<i>59 - Casa de volframistas</i>	Set 21	4-5	10	1956	Crônica. Os novos ricos e o exibicionismo social. O contraponto entre uma vivência abastada, desde o berço, e aquela com origem no enriquecimento rápido.
<i>62 - A Quadrilha</i>	Set 28	4-5	10	1956	Crônica. Baile de época que remonta ao 1900. A ludicidade circunstancial e aparentemente descontraída de um baile, o ritmo alegre, contrastam com o espírito de apreensão da jovem amiga que se encontra à procura de um parceiro em condições de se casar.
<i>63 - Uma viúva de respeito</i>	Out 05	1-2	10	1956	Crônica. Fato social. Contratação de empregada doméstica e a idoneidade da governança contratada para os serviços domésticos.
<i>65 - Apresente desculpas</i>	Out 12	4-5	10	1956	Crônica. Norma social portuguesa. Duas pessoas de sexo oposto não

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
					devem se falar se não forem apresentadas, sobretudo se uma for casada e estiver desacompanhada do cônjuge.
<i>66 - Cada criatura é um mistério</i>	Out 19	4-5	10	1956	Crônica. A compulsão de Rita e o enigma indecifrável. O comportamento neurótico da diarista.
<i>67- Presentes de amor</i>	Out 26	1-2	10	1956	Crônica. Narradas em 1ª pessoa duas situações com temática idêntica entretanto com desfechos diametralmente antagônicos. A primeira passa-se em África e a segunda em Portugal.
<i>71 - Contrato com o céu</i>	Nov 23	4-5	10	1956	Crônica. Produtor de suínos, ao ver um dos seus suínos a definhar-se, faz um acordo com o santo protetor das criações, o São Bonifácio.
<i>70 - Marieta</i>	Nov 16	4-5	10	1956	Crônica. Narrativa e metalingüística. Criação de uma personagem com a qual desejava conviver na infância quando viveu em Moçambique.
<i>72 - O mercado das escravas</i>	Nov 30	1-2	10	1956	Crônica. A solidão de quem está a aguardar a ausência do ser amado. A vida longe de quem se deseja por companhia.
<i>73 - Condecorações</i>	Dez 07	1-3	10	1956	Crônica. O texto está comprometido dado faltar considerável trecho do final. AAs relações de vaidade, exibicionismo das condecorações no ambiente da academia.
<i>75 - Nada de novo sob a rosa do sol</i>	Dez 14	3-5	10	1956	Crônica autobiográfica. Questiona a tarifa e os critérios de cobrança do transporte dos produtos em Portugal.
<i>76 - Pátio de Sra. Conceição</i>	Dez 21	4-5	10	1956	Crônica. As reminiscências na proximidade dos festejos natalinos. A paisagem e o comportamento social de uma família e seus agregados nessa época do ano numa aldeia lusitana.
<i>82- Uma obra do Estado Novo</i>	Fev 08	1-2	10	1957	Crônica autobiográfica. Referência a um episódio em que dá o troco a um galanteio inoportuno e de mau-gosto. Teve aí dupla oportunidade de marcar posição pessoal e política.
<i>83 Página do meu diário</i>	Fev 15	1-3	10	1957	Crônica autobiográfica. A tristeza pela feminilidade estéril e a renúncia à realização pessoal por meio do relacionamento amoroso. Descreve uma visita à Leprosária Rovisco Pais entre Coimbra e Figueira da Foz.
<i>85 - Raquel</i>	Mar 01	4-5	10	1957	Crônica. Jovem ambicioso aos trinta anos procura para casamento jovem herdeira abastada. Após o casamento com Raquel sofreu acidente que o imobilizou, passando a ver o casamento e a família sob prisma diferenciado..
<i>90 - Ataraxia</i>	Mar 15	4-5	10	1957	Crônica autobiográfica. "apatia que não é da impotência mas da desilusão". A motivação parte de uma pergunta de um repórter colunista para um jornal carioca.
<i>92 - Uma aldeia portuguesa</i>	Mar 29	4-5	10	1957	Crônica autobiográfica. Uma aldeia e uma aldeã, a empregada, herdeira em Outeiro da Lagoa, onde se dirigirá, por recomendação médica.
<i>93 - Uma aldeia</i>	Abr 05	1-2	10	1957	Continuação. Riqueza de detalhes

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
<i>portuguesa II</i>					da vida rural e o fascínio da natureza na aldeia.
<i>94 - Uma aldeia portuguesa III</i>	Abr 12	4-5	10	1957	Continuação. Pormenores de indistigável encantamento. Os benefícios do estilo de vida local sobre a recuperação do estado de saúde.
<i>95 - Uma aldeia portuguesa IV</i>	Abr 19	1-2	03	1957	Continuação. A descrição da aldeia situada no concelho de Sertã, aproxima-se de uma aldeia medieval.
<i>96 - Uma aldeia portuguesa V</i>	Abr 26	1-2	10	1957	Continuação. O "locus amenus" deu a medida exata do que é o camponês lusitano em estado puro. Guia-se por um roteiro etnográfico e sociológico sobre o local.
<i>97 - Uma aldeia portuguesa VI</i>	Mai 03	1-2	10	1957	Continuação. A população de Outeiro da Lagoa. "As mulheres analfabetas andam descalças e carregam carga como animal"... possuem costumes honestos e tratam umas às outras por senhora. migração para Lisboa escasseava os braços para lavoura.
<i>98 - Uma aldeia portuguesa VII</i>	Mai 10	4-5	10	1957	Continuação. Relato etnográfico e social. Os meios de comunicação. O entretenimento. Por preceito de dignidade não se pedia esmola. A geração anterior era em sua maioria analfabeta.
<i>99 - Uma aldeia portuguesa VIII</i>	Mai 17	4-5	14	1957	Continuação. A ausência do maravilhoso e de imagens de fadas, reis e rainhas, bruxas e lobisomens no consciente imaginativo acarretou o empobrecimento psíquico das crianças.

<i>100 - Uma aldeia portuguesa (Conclusão)</i>	Mai 24	4-5	14	1957	Conclusão. O pauperismo psíquico e o empobrecimento da imaginação. Outra particularidade é a altivez do povo beirão. Não se ouviu nenhuma referência à política e nem ao social. Na moradia em que se hospedou, consumiu-se a alimentação retirada da própria policultura sem procurar recursos noutra lavoura.
<i>102 - Quem empresta não melhora</i>	Jun 07	4-5	04	1957	Crônica autobiográfica. Crítica ao comportamento mesquinho do gênero feminino.
<i>105 - Crianças</i>	Jun 28	4-5	14	1957	Crônica. A formação ideológica judaico-cristã em Portugal e o julgamento preconceituoso ante a criança não batizada na igreja cristã. O isolamento sumário naquele ambiente extremamente ritualizado e regido por regras arcaicas.
<i>111 - Diário duma semana em praia portuguesa I</i>	Ago 02	4-5	04	1957	Crônica autobiográfica. Com intensa riqueza de detalhes relata a temporada que passou na praia de Caparica.
<i>112 - Diário duma semana em praia portuguesa II</i>	Ago 09	4-5	04	1957	Continuação. A presença de cães na praia. A exigência de certas condições para transitar com caninos indigna a proprietária. A tendência humana em transferir inadequadamente a responsabilidade para uma pessoa em particular e não para a instituição normatizadora.
<i>113 - Diário duma</i>	Ago 16	4-5	04	1957	Continuação. O encontro com a

<i>semana em praia portuguesa (Conclusão)</i>					mata virgem ouvindo os sons da natureza, na altura em que entraria em êxtase, interrompido pelo constante movimento de pessoas. Deu uma idéia do verão em uma praia lusitana .
115 - <i>Ouro Preto</i>	Ago 30	4-5	04	1957	Crônica. A edição do <i>Guia de Ouro Preto</i> organizado por Manuel Bandeira, levou-a fazer aproximações com monumentos similares das cidades portuguesas como há em Braga, Lamego, Santarém, e Vila Real.

ARTIGOS EM COLUNAS POR CATEGORIA TEMÁTICA DE PUBLICAÇÃO

4.3.3.2 – Crônicas Painel Africano:

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
48 - <i>Pedras para o templo da ventura</i>	Ago 03	4-5	10	1956	Crônica. Primazias do patriarcado e a forma como os pais dispõem da vida de uma filha. A realização de um enlace matrimonial, para a conveniência do pai viúvo e rico que pretendia desincumbir-se da tutela da filha, transferindo-a para um marido.
53 - <i>Saudades... Talvez da África</i>	Ago 31	4-5	10	1956	Crônica autobiográfica. A exuberância de uma fazenda moçambicana, o condado de um amigo que para fasciná-la convidou-a para uma caçada ao leão. Um relato divertido.
55 - <i>Caçada ao leão</i>	Set 07	1-2	10	1956	Crônica. Em atendimento à carta da leitora relata sobre sua vivência em terras africanas e descreve as mais diversas situações em que se promove a caçada ao leão.
70 - <i>Marieta</i>	Nov 16	4-5	10	1956	Crônica autobiográfica. Um texto metalingüístico. A criação de uma personagem com a qual desejava conviver na infância quando viveu em Moçambique.
103 - <i>Tipos femininos da África portuguesa A mulher branca</i>	Jun 14	4-5	14	1957	Ensaio descritivo. Retrospectiva histórica sobre a atuação da mulher fidalga vinda de Portugal nos séc. XVII e XIX comparada com os elementos femininos portugueses atualmente existentes no ultramar português.
104 - <i>Tipos femininos da África portuguesa A mulher de côr</i>	Jun 21	4-5	04	1957	Ensaio descritivo. Mulheres negras em África não influem na vida político-social. Todavia, no capítulo das mulatas há graduações variadas, quer na formação educativa, quer na cor.
117 - <i>Donas da Zambezia</i>	Set 13	3-5	04	1957	Ensaio descritivo. Fato histórico-social. Estratégias do reinado de D. Maria II, irmã de D. Pedro, para a fixação de portugueses na África: O casamento com mulatas, riquíssimas da Zambezia. A posse da terra e o título de Donas estava condicionado ao casamento com um português reinol.
119 - <i>Regime de matriarcado em terras africanas</i>	Set 27	3-5	04	1957	Artigo. Fato sócio-histórico-cultural. Aspectos da formação social e a constituição do regime de matriarcado em Niassa, norte de Moçambique, na

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
					ilha de Ibo. Mulheres, guardiãs das tradições semi-orientais, conservavam a pequena civilização euro-afrasiática.
<i>122 - Nossas irmãs da selva africana</i>	Out 25	3-5	04	1957	Ensaio descritivo. Aspectos da situação da mulher indígena na África. Sobrevivência do culto totêmico leva ao preconceito de se evitar a miscigenação.
<i>123 - Mais negras e mestiças</i>	Nov 01	1-5	04	1957	Continuação. Ensaio descritivo. Os tipos femininos da África. Tipo físico, comportamento social, a formação cultural das negras e mestiças na África lusófona. As selvagens negras de extirpe pura. O tema da mestiçagem.
<i>124 - As belas crioulas</i>	Nov 15	3-5	04	1957	Continuação. Considera mais bela: a crioula. Quarta geração de apuro do sangue africano a mescla alcança o gracioso.
<i>125 - Brancos nativos da África</i>	Nov 22	1-3	04	1957	Continuação. As filhas de imigrantes ou já nascidas em África: A emigração levou ao ultramar português muitas mulheres brancas Criadas nos meios pobres de cultura, e nos ambientes que as repelem. O clima depauperante e a vida modesta do lar humilde cedo estiolam a saúde e os ânimos destas emigradas ou descendentes.
<i>126 - A ação da mulher branca no regionalismo africano</i>	Nov 29	1-5	04	1957	Continuação. Conduta das mulheres da elite de Luanda ou de Lourenço Marques. Faculta às brancas e mestiças dessa classe média em África a responsabilidade pelo estagnamento no aspecto civilizador que competia às mulheres.

ARTIGOS EM COLUNAS POR CATEGORIA TEMÁTICA DE PUBLICAÇÃO
NO CADERNO *LITERATURA E ARTE DE O ESTADO DE S. PAULO*

4.3.3.3 – Crônicas Brasil e África

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
<i>52 - Paralelos iniciais</i>	Ago 26	1-2	104 (6º Cader no) Literat ura e Arte	1956	Artigo. Fato sócio-histórico-cultural. Os bandeirantes e a ocupação do Brasil. Paralelo com a ocupação de Angola descoberta em 1485. O movimento da exploração das terras do interior da África remonta ao séc. XV e o dos bandeirantes no Brasil começou no séc. XVII.
<i>54 - O sertanejo, emulo dos Bandeirantes Devassamento e ocupação</i>	Set 02	1-3	01 (6º Cader no)	1956	Continuação. Fato sócio-histórico-cultural. As evidências entre o devassamento e a ocupação pelos bandeirantes no Brasil e os sertanejos no território da África central. "Se a

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
			Literatura e Arte		prioridade da presença na terra fôsse base do direito de posse geográfica e política, quase toda África Equatorial e Austral pertenceria de direito, aos portugueses!"
<i>56 - O sertanejo, emulo dos Bandeirantes – O comércio ambulante</i>	Set 09	1-3	01 (6º Cader no) Literatura e Arte	1956	Continuação. Fato sócio-histórico-cultural. A ocupação do território africano e a ação dos bandeirantes no Brasil "Os portugueses devem Angola à ação dos sertanejos comerciantes por quatro séculos". Circunstâncias em que decorreram as experiências do comércio ambulante dos sertanejos.
<i>58 - O sertanejo, emulo dos Bandeirantes- Sertanejos de Angola</i>	Set 16	1-8	61 (3º Cader no) Literatura e Arte	1956	Continuação. Recuperação de parte da história dos sertanejos do planalto de Benguela em Angola. Adriano dos Santos Gil, Antonio Manuel Malheiro e Vaz da Mota (Camota) são assinalados pela presença ativa nesse percurso histórico.
<i>60 - O sertanejo, emulo dos Bandeirantes – Figurações lusitanas</i>	Set 23	1-3	05 (5º Cader no) Literatura e Arte	1956	Continuação. O percurso dos sertanejos em busca do caminho para o Índico nos sertões de Angola. Trilhos abertos nos sertões de Angola pelos mascates negros O preamento de índios para o trabalho no cultivo da cana no nordeste era a motivação principal das bandeiras paulistas.
<i>64 - A tragédia de Silva Porto</i>	Out 07	1-2	98 (5º Cader no- domin go) Literatura e Arte	1956	Ensaio biográfico. Sertanejo estabelecido em Benguela. Desgostou-se de lavoura internou-se na selva. Antes de Serpa Pinto, Silva Porto teria atravessado o sertão do Atlântico ao Índico. Ao tentar evitar uma chacina, Silva Porto tentou convencer o soba Dunduma que o insultou violentamente. Silva Porto retorna a Belmonte e suicida-se. Paralelo com o episódio da condenação à morte de José, pelo pai, e do assassinio de D. Rodrigo à morte do velho Fernão Dias.

ARTIGOS EM COLUNAS POR CATEGORIA TEMÁTICA DE PUBLICAÇÃO

4.3.3.4 – Outras crônicas

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
<i>6 - Visita ao rancho do Senhor</i>	Dez. 20	1-6	05	1955	Reportagem. Narrativa jornalística. A Cruz Vermelha e a visita da fundadora Helen Londahl ao Brasil. A obra assistencialista mantém uma "casa" que alberga mães desamparadas.
<i>8 - A Real e a Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência I</i>	Dez. 27	1-3	12	1955	Reportagem. Narrativa jornalística. Breve histórico da Instituição idealizada em 1859 por Luis Simeão Ferreira

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
					Viana.
<i>9 - A Real e a Benemerita Sociedade Portuguesa de Beneficência</i>	Dez. 28	1-5	08	1955	Reportagem. Narrativa jornalística Os idealizadores das novas instalações do Hospital. Arquiteto Alfredo Matias e o médico Odair Pedroso. A comemoração do centenário em 1959
<i>11 - Portugueses em S. Paulo - O Clube Português III</i>	Dez. 31	1-4	11	1955	Reportagem. Narrativa jornalística. Breve história da agremiação portuguesa na capital paulistana fundado em 14 de julho de 1920.
<i>14 - Heroínas</i>	Jan 20	4-5	03	1956	Reportagem. Narrativa jornalística. A eficiência dos serviços brasileiros no combate à lepra. Visita ao Leprosário Pe. Bento.
<i>15 - Portugueses em São Paulo- IV O Centro Transmontano- História antiga</i>	Jan 22	1-2	14	1956	Reportagem. Narrativa jornalística. Breve retrospectiva histórica. O Centro Transmontano. - a maior associação de socorros mútuos e a comemoração dos trinta ano de existência.
<i>17 - Portugueses em São Paulo- V O Centro Transmontano- História Contemporânea</i>	Fev 02	2-4	11	1956	Reportagem. Narrativa jornalística O artigo dá continuidade à história da instituição enfocando os esforços para arrecadar fundos para construção da sede própria.
<i>19 - A Tertúlia Acadêmica- Primeiros Passos VI</i>	Fev 09	1-3	12	1956	Reportagem. Narrativa jornalística. Agrupamento lusiada denominado "Tertúlia Acadêmica" realiza desde maio de 1947 encontros com almoços ao 3º sábado de cada mês.
<i>21 - A Tertúlia Acadêmica- o presente e o futuro</i>	Fev 11	1-3	08	1956	Reportagem. Narrativa jornalística A Tertúlia acadêmica e as ações culturais. "Palito Métrico" assim era denominado o 1º estatuto.
<i>26 - Uma tribo de agricultores</i>	Mar 13	1-3	14	1956	Ensaio sócio-descritivo. A trajetória de uma família de agricultores portugueses. Sr. Santiago e seus descendentes. Radicada em São Paulo desde 1910.
<i>27 - Em prol do teatro brasileiro</i>	Mar 16	1-2	05	1956	Artigo. O desempenho dos atores da comédia teatral brasileira. Estímulo à produção de novas peças na dramaturgia nacional. As ditaduras ibéricas e a censura ao teatro português.
<i>36 - Renovação dos valores sentimentais</i>	Mai 18	1-3	10	1956	Ensaio crítico. Convite resgatar os valores platônicos e o genuíno sentimento do amor desvinculado dos interesses pessoais. Suas projeções nas obras literárias.
<i>38 - Dia de festa na Cruz Vermelha</i>	Jun 01	4-5	03	1956	Reportagem. Tributo à instituição caritativa e humanitária, a Cruz Vermelha em São Paulo. Homenagem à Sra. Helena Proença Lepage. Registrou-se, também o devotamento das irmãs do Leprosário do Padre Bento. Hospital.
<i>39 - Romance branco</i>	Jun 08	4-5	03	1956	Ensaio crítico. Crítica à inebriante literatura de consumo: "filmes" e romances brancos. Tal gênero acaba por lançar as ingênuas leitoras em um mar de ilusões.
<i>45 - O centro do Douro</i>	Jul 17	1-3	15	1956	Artigo. Instituição beneficente fruto da ação coletiva dos imigrantes portugueses em SP. Presta assistência aos sócios (filhos ou descendentes de durienses) na doença e recoloca-os no caso de desemprego. "

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
<i>57 - A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo- Considerações de ordem geral e início da filial paulista</i>	Set 11	4-8	11	1956	Primórdios da C.V. Inspirada por Henri Durant. Nasce em Genebra. Sua implantação em São Paulo.
<i>61 - A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo- Primeiras realizações da filial paulista</i>	Set 25	1-4	05	1956	Continuação. As realizações da C.V paulistana. A Fundação do 1º Hospital para as crianças. A construção, pelo Rotary Clube, de um anexo para tuberculosos. A Escola de Enfermagem em SP remonta ao começo da Cruz Vermelha.
<i>69 - A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo e no mundo O Hospital de crianças em Indianópolis III-</i>	Nov 08	1-2	06	1956	Continuação. Narrativa jornalística. O voluntariado da Cruz Vermelha em São Paulo. Enumera nomes de pessoas que se destacaram por sua nobre atuação.
<i>74 - A escola de enfermagem da Cruz Vermelha</i>	Dez 13	6-8	09	1956	Continuação A criação da escola de enfermagem foi o resultado do espírito samaritano que enforma a Cruz Vermelha.
<i>78 - Maria do Céu</i>	Jan 03	4-5	03	1957	Crônica. Cantora e compositora portuguesa em apresentação no Brasil. Temporada na casa de espetáculos carioca "Maison de Francês".
<i>80 - As provas de amor</i>	Jan 25	4-5	10	1957	Ensaio crítico. Apontamento etnográfico protesta a interpretação equivocada dada pelo ator ao tipo físico do português na peça teatral "Provas de amor".
<i>81 - O Cantinho da Arte</i>	Fev 01	4-5	10	1957	Reportagem. Narrativa jornalística. Agremiação feminina de paulistas destinada à convivência e à cultura.
<i>84 - Um bom livro, o grande amigo do homem</i>	Fev 22	4-5	10	1957	Artigo. O estado deste microfilme dificulta a leitura pormenorizada do tema.
<i>89 - O Lar Santa Joana</i>	Mar 08	4-5	10	1957	Artigo. A situação difícil do Instituto assistencial Helena Guerra. A chácara abriga 41 meninas, sob os cuidados de 5 freiras. Exorta a comunidade à colaboração.
<i>91 - Terras onde se fala português</i>	Mar 22	1-5	10	1957	Artigo. Apresentação do primeiro livro no Brasil. Pretende levar ao leitor "o mundo que o português criou como se fosse um viajante" e interliga pela língua, cultura, tradição e etnografia.
<i>101 - Lembranças de Port Said</i>	Mai 31	1-3	14	1957	Crônica. Depoimento etnográfico. A diversidade de tipos humanos e o entrecruzamento de duas civilizações. O Egito dos faraós e a industrializada Inglaterra.
<i>106 - Cerimoniais do tratamento português</i>	Jul 05	4-5	14	1957	Artigo. Texto didático. Explicações a um futuro diplomata sobre o tratamento cerimonioso a dar às mulheres portuguesas.
<i>107 - A crise do teatro português</i>	Jul 07	1-3	13	1957	Ensaio crítico. A atual situação das artes cênicas em Portugal. A censura teatral do período salazarista asfixia e mata o teatro português.
<i>108 - Cerimoniais do tratamento português II</i>	Jul 12	4-5	04	1957	Continuação. Artigo. O tratamento de gênero e a manutenção de sua hierarquização pelas mulheres portuguesas.
<i>109 - Cerimoniais do tratamento português</i>	Jul 19	4-5	04	1957	Conclusão. Artigo. Texto didático. A Necessidade de encontrar um estatuto

TÍTULO	DATA	COL	PÁG.	ANO DE PUBL.	DESCRIÇÃO
<i>(Conclusão)</i>					de costumes que o codifique e dispense o cultivo de preciosismos que estabelecem fronteiras sociais.
<i>110 - Contos e Novelas</i>	Jul 26	1-2	05	1957	Artigo. Nota sobre a Coletânea de Contos e Novelas organizada por Graciliano Ramos. O destaque a três autores: R. Magalhães Junior (<i>Rio Movidó</i>), Rachel de Queirós (<i>Retrato de um brasileiro</i>) e Sérgio Buarque de Holanda Ferreira (<i>Retrato da minha avó</i>).
<i>114 - Húngaros</i>	Ago 23	3-5	04	1957	Artigo. Nota sobre a antologia de conto húngaro organizado por Paulo Ronai com destaque ao conto <i>Divertimento forçado</i> .
<i>118 - O Código Civil e as mulheres</i>	Set 20	1-5	04	1957	Artigo. A União Universitária Feminina e a sua vocação auxílio mútuo. Iniciativa do movimento pela reforma do Código Civil direcionado à mulher casada. Cerceamento pelo Salazarismo.
<i>120 - Portugal</i>	Out 11	1-2	05	1957	Artigo. Tributo ao documentário <i>Portugal</i> do italiano Mário Graciotti. Roteiro pormenorizado saído de Santos com destino às Canárias, Costa de Marrocos.
<i>121 - Com vista à Câmara Portuguesa de Comércio</i>	Out 18	3-5	04	1957	Artigo. Recomendação à Instituição solicitando a promoção de exposição permanente de produtos que divulgassem a cultura portuguesa,

4.3.4–*Portugal Democrático*

A contribuição da escritora para a imprensa de autoria feminina no exílio, não se limitou ao jornal *O Estado de São Paulo*. Nas duas décadas que aqui viveu, a jornalista lusitana produziu artigos que contribuíram vivamente para a composição do movimento de resistência ao regime conservador e autoritário vigente em Portugal. Nasce dessa iniciativa conjunta com vários intelectuais portugueses exilados, o órgão de imprensa: *Portugal Democrático*, que pretendia divulgar a situação que se vivia em Portugal e seria a concretização da aspiração de se constituir um grupo de anti-salazaristas a partir do exílio.

O Jornal *Portugal Democrático* veiculava no primeiro sábado de cada mês; a sua primeira edição saiu em 07 de julho de 1956. Em torno desse jornal havia pessoas de todas as tendências: direita e esquerda, socialistas, comunistas e liberais.

As suas oficinas em São Paulo, segundo a ficha técnica da 1ª edição, funcionou no coração da “Piratininga”, como freqüentemente se referia Maria Archer, à rua Libero Badaró, 561. Presidido por Otávio Martins de Moura, o periódico foi lançado por um grupo do Partido Comunista, sendo que dois dos seus membros assumiram papel relevante dentre os seus membros: o técnico Manuel Ferreira e o professor universitário Vítor Ramos. Em função dos encargos profissionais que cada membro integrante exercia, a sobrevivência do jornal requereu a sua dedicação voluntária e graciosa nas horários disponíveis à noite, alargando o expediente das 18h às 21h30min exceto aos sábados e domingos.

As tarefas do jornal eram divididas. Uns buscavam o aporte financeiro, outros tratavam da seleção dos temas, dos textos e da redação. O grupo contava com colaboradores e até alguns escritores de mérito, professores universitários, formadores de opinião que ocupavam posição de destaque na sociedade brasileira.

Ao longo de sua existência, o *Portugal Democrático* sofreu alteração em sua formatação variando, evidentemente, para fazer frente às necessidades editoriais e de renovação gráfica. Inicialmente circulou

em formato tablóide 25 X 40, formato preferencial da imprensa de resistência e a partir da 10ª edição de abril de 1957 já circulava no formato padrão 32X 45. Daí advém a observação da notável expansão que o periódico logrou, pelo acréscimo de páginas, pelo apoio de formadores de opinião e novas adesões intelectuais.

Havia alguns opositoristas históricos, um deles, o capitão João Sarmento Pimentel, fundador e um dos presidentes da Casa de Portugal chamado de “Comandante”, que se tornou a principal liderança na oposição ao governo português, respeitado e freqüentado por intelectuais portugueses e brasileiros de expressão como Ricardo Severo, Fidelino de Figueiredo, Soares Amora, Antonio Candido, Florestan Fernandes e Lygia Fagundes Telles.

A primeira edição chegou às mãos dos leitores em 07 de julho de 1956. O título estampado em sua coluna *Editorial* “POSIÇÃO” expõe a resistência ao projeto autoritário do regime estadonovista português:

“Aparece nas bancas mais um jornal para os portugueses do Brasil. “ A política que pretendemos realizar e a missão que pretendemos cumprir Servir o Portugal Democrático com verdade e independência. Um órgão de imprensa que os informe com objetividade, com verdade, com honestidade sobre toda a situação do nosso país. A cultura portuguesa, que nas últimas décadas tantos atentados tem sofrido, merecer-nos-á especial carinho.

Sabemos que, se não abandonarmos o nosso programa teremos sempre milhares de compatriotas, cujo espírito democrático não se deixou abastardar, pelos sucessivos anos de uma propaganda deformadora da verdade e distribuída com largueza de meios que só tem paralelo na estreiteza de vistas que revela.

Sabemos que, se não esquecermos este programa, o momento escolhido para o lançamento deste jornal será amplamente favorável, porquanto o português do Brasil, nesta altura em que a situação nacional se encontra em situação de desanuviamiento, está ávido por conhecer qual a posição sobre os acontecimentos mundiais, mais conforme com a dignidade do nosso país.

Sabemos... estamos afinal, absolutamente integrados na nova união das forças democráticas, de que se verificaram nos últimos meses muitas provas e que é a mais segura garantia da sua vitória.

Não esquecemos, porém, as dificuldades que fatalmente surgirão no nosso caminho; em primeiro lugar, os obstáculos naturais inerentes a todas as publicações como esta, que não dispõe de qualquer auxílio e só pode contar com o espírito de sacrifício dos seus organizadores e com a boa vontade dos leitores, depois, as barreiras provenientes das dificuldades de contato para além da censura e da polícias portuguesas, com

a realidade da nossa pátria, por último, os impedimentos que, estamos certos, serão lançados contra nós, por aqueles para quem todas as armas são boas quando se trata de calar uma boca que quer gritar a verdade.

(...) a confiança no êxito da nossa iniciativa baseia-se fundamentalmente numa certeza: a de que os portugueses do Brasil desejam, acima de tudo, o progresso do nosso país dentro de um sistema democrático e digno.

Portugal Democrático está ao serviço única e exclusivamente da verdade, da democracia, e da independência nacional. Os nossos olhos estão sempre voltados para o interesse de Portugal. Voltados para o futuro, consciente das realidades do presente e orgulhoso das grandezas do passado, aqui tem pois, “os portugueses do Brasil” o seu jornal: o PORTUGAL DEMOCRÁTICO.”

Distanciando-se dos órgãos de propaganda oficial do governo português, informou aos seus leitores, além disso, que o seu propósito era a abertura para toda e qualquer colaboração que visasse servir o “Portugal Democrático” com verdade e independência. Não dispunha de qualquer subsídio. Sua vida passava a depender dos portugueses que, apesar de emigrados, desejam que em sua pátria vigore um regime verdadeiramente democrático conforme o trecho em destaque prossegue expondo a finalidade:

(...) “servir o “Portugal Democrático” com verdade e independência; mostrar aos portugueses que se interessam por Portugal a real situação do país, destacando a cultura portuguesa; mudar a imagem do país, vencer as barreiras da censura, da falta de dinheiro e de apoio, estamos voltados para o futuro, conscientes das realidades do presente e orgulhosos das grandezas do passado. .

A primeira edição trouxe ainda artigos esclarecedores e reveladores dos índices de sua itinerância editorial como o texto de Antonio Sérgio expondo a desastrosa política do Estado Novo, a força da polícia de Salazar sobre aqueles que eram contra o regime, seus métodos de abordagem, as prisões sem nenhum critério, principalmente aquelas ocorridas no Tarrafal e Cabo Verde. Mostrava a luta pela anistia dos portugueses que tinham sofrido sanções por motivos políticos, presos ou não, julgados ou não, residentes no país ou exilados. A oposição ao governo de Salazar e a sua polícia, a anistia aos presos

políticos e a luta pelo fim do colonialismo português na África foram temas constantes no jornal desde a sua primeira edição.

As manchetes da 1ª edição: *AS CARTAS PROIBIDAS DE ANTONIO SÉRGIO* A carta, também publicada no nº. 56 de Revista Anhembi, dirigida ao Ministro Ultramar em que aborda desapassionadamente o problema de Goa, expõe o desinteresse do governo português em discutir publicamente o problema de ultramar. Para se ter uma idéia, na primeira edição colaboraram ainda: Antonio Fonseca, Paulo Rezende, Armando Serra, Carlos de Oliveira, Agostino Neto, Bárbara Borba, Heitor Correia, Adelino Amaral.

Seguem-se, na edição de estréia, outras matérias: *Bispo de Aveiro a Favor da Anistia, Os Estados Unidos Completam a Ocupação De Açores*. E, em caixa alta a vermelho informa: um jornal português que não é submetido à censura. *ESTE NÚMERO NÃO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA EM PORTUGAL*.

Ao consultarmos a coleção completa do jornal do acervo do Grêmio 25 de Abril, cuidadosamente encadernada em três volumes, identificamos em conjunto com os colaboradores intelectuais portugueses, alguns brasileiros, e até lideranças do movimento de libertação das colônias portuguesas na África.

A primeira fase do jornal aglutinou vários militantes anti-fascistas, todavia não logrou angariar, de imediato, a adesão da população. Passou pelo embate das dificuldades de inserção, ao ver frustrada a tentativa de negociar os seus interesses, junto aos imigrantes portugueses e mesmo aos brasileiros. Procuraram, também, angariar o apoio articulado de setores da sociedade civil brasileira. Em grande parte, esse fracasso se deve ao desconhecimento do grosso da sociedade relativamente à situação em Portugal, inclusive entre muitos dos próprios imigrantes portugueses completamente alheios aos acontecimentos.

Um episódio que revela esse desconhecimento é expresso no relatório de 11 de junho de 1957 do DEOPS, por ocasião da visita do Presidente Gal. Craveiro Lopes ao Brasil. Trata-se da reunião do Movimento Estudantil (08/06/1957) onde a escritora Maria Archer propôs a votação de “uma moção de protesto contra a visita do Gal. Higinio Craveiro Lopes a São Paulo e em repúdio aos gastos excessivos feitos

pelo governo brasileiro no acolhimento a um ditador português” A moção criticava, ainda, a atribuição do título de *Doutor Honoris Causa* a Craveiro, concedido pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP.

A moção foi aprovada, não obstante, os estudantes brasileiros não compreenderam os motivos da indignação da escritora contra o seu país; mesmo o relator, perplexo, descreve em seu relatório que em contato com o diretor da UESP (União Estadual dos Estudantes de São Paulo), ter ele próprio colhido informações junto ao Consulado Português a respeito da escritora, ao que informaram “ter a mesma sido forçada a deixar Portugal, por ser tida como comunista e agitadora.” Na mesma reunião, outros estudantes perguntaram-lhe: “se o Gal. Craveiro Lopes é ditador e odiado pelos democratas portugueses, como se explica a recepção que, não só a colônia, mas o próprio Gabinete Português de Leitura e a Casa de Portugal no Rio de Janeiro lhe vêm proporcionando de uma maneira tão espontânea e patriótica?”

A atitude do líder estudantil ao procurar informações sobre Maria Archer junto ao consulado atesta o nível de desinformação em que se encontra o país. A atribuição de comunista era genérica a todos os dissidentes do regime. Quanto às perguntas do estudante sobre as manifestações patrióticas sabemos que provinham em regra de todas associações de política oficial e corporativa. A recepção, portanto, fazia parte da imagem e da propaganda do regime junto à colônia portuguesa no Brasil e não expressava uma recepção espontânea e genuína do povo português.

Após 1958, os exilados anti-salazaristas serão acompanhados de perto pelos agentes do DEOPS. De certo modo, há uma aproximação cada vez maior dos exilados anti-salazaristas com os movimentos de esquerda e estudantis brasileiros.

Já na edição de número 24, de maio de 1959, colaboraram Carlos Maria de Araújo, João Alves das Neves, Paulo de Castro, Carlos Lacerda. A Edição de número 25, de junho de 1959, é dedicada à visita de do Gal. Humberto Delgado ao Rio de Janeiro e a São Paulo, cobertura completa com farta reportagem fotográfica e significativas manchetes tais como: *A Nova Linha de Rumo Definida pelo Com.*

Pimentel; O Agradecimento ao Gal Humberto Delgado; Sob este Céu do Brasil, Veja a Estrela de Portugal, prof. Saldanha da Gama; Desejo Esclarecer aos Portugueses do Brasil e Não, Como se Disse, Liderá-los..

A edição de número 79 de janeiro de 1964 foi dedicada à campanha mundial de solidariedade aos intelectuais portugueses presos por Salazar, à libertação de Alves Redol, Alberto Ferreira e Urbano Tavares Rodrigues e à campanha mundial de libertação de Manuel Rodrigues da Silva. Nessa edição colaboraram J. Lopes Mendes, Paulo Duarte e Antonio Brotas. *Portugal Democrático* nº. 95, de junho de 1965, tratou da luta pela justiça aos presos políticos, e principalmente da morte do Gal. Delgado. De acordo com o jornal, estiveram presentes ao ato público de homenagem ao General, o Prof. Florestan Fernandes, Lygia Fagundes Telles, Carlos Porfírio Carneiro, Prof. Joaquim Barradas de Carvalho, Altino Dantas, Lucila Labaque e Alexandre Pereira.

O engenheiro natural de Faro, Algarve, João dos Santos Baleizão emigrado para o Brasil em 1951, era uma das principais lideranças e tesoureiro do *Portugal Democrático*, apesar do seu nome nunca aparecer no jornal. Outro tesoureiro do jornal, o engenheiro Carlos Cruz se naturalizou no Brasil para poder trabalhar. Cruz se envolveu com a produção do jornal a partir do segundo número. Junto com Baleizão procuraram o Mourinha do Partido Comunista, para se integrarem ao grupo. Muitos se juntaram a eles, pessoas de várias tendências. Cruz pagava a impressão e cuidava da distribuição, andando pelas bancas do centro da cidade. A maioria das vezes não recebiam o dinheiro da venda. O importante era ver o jornal exposto nos quiosques.

O jornal era censurado em Portugal. Entrava clandestinamente pelas tripulações dos navios, embrulhado em outros jornais, ou envelope com nome fictício de Associação Nossa Senhora de Fátima ou Associação Vasco da Gama. Ou chegava vindo de outros países.

Humberto da Silva Delgado, outra liderança do grupo, nasceu em Portugal. Em 1959 candidatou-se pela oposição ao governo de Oliveira Salazar, contudo, alguns meses depois precisou se exilar na Embaixada Brasileira em Lisboa. Por intermédio do Itamaraty, Álvaro Lins conseguiu autorização, após alguns entendimentos, e deu total apoio para o seu retorno ao Brasil, inclusive com hospedagem no Hotel Glória. Após

passar pelo Rio, já em São Paulo, foi-lhe conseguido um emprego como diretor de empresa de Cestas de Natal Amaral, para a sua sobrevivência.

Segundo o DEOPS, Delgado agiu em conjunto com o escritor português Capitão Henrique Carlos Galvão, na época com 65 anos Ex-capitão do exército de Portugal liderou a Operação Santa Maria, que foi a tomada do navio Santa Maria para fins revolucionários em janeiro de 1961. Galvão seqüestrou o navio com o intuito de levá-lo para Luanda e auxiliar na Guerra Colonial. Ao aportar em Recife, entregou-se às autoridades brasileiras que o devolveram ao adido naval português. Deixou a costa brasileira com destino a Portugal em 07 de fevereiro de 1961 e acabou pedindo asilo no Brasil. O episódio acabou por chamar a atenção do mundo para a luta pela democracia em Portugal.

Depois de intensa participação no movimento de oposição dos portugueses no Brasil, e de participar de atos como a Conferência Sul Americana Pró-Anistia dos Presos Políticos da Espanha e de Portugal, ocorrida na Faculdade de Direito de USP de 22 a 24 de Janeiro de 1960, Delgado mudou-se para Argel, onde também se juntou aos imigrantes opositores. A mudança, segundo membros integrantes do *Portugal Democrático*, deu-se em função do conflito com os seus parceiros no Brasil que o descreviam como uma pessoa “intransigente, conflituosa que criava casos”. Ressalte-se que Delgado, assim como o capitão Galvão, eram militares e isso os distinguia do resto do grupo.

A morte de Delgado abalou o movimento anti-salazarista em São Paulo e em outros países. Assassinados em Badajoz, fronteira da Espanha com Portugal, ele e sua secretária Arajaryr Moreira de Campos foram atraídos, segundo depoentes, no dia 13 de fevereiro de 1965 por agentes disfarçados prometendo-lhes que um grupo de resistência iria proteger sua entrada em Portugal. Presos na fronteira por agentes infiltrados da PIDE ambos foram assassinados e, aonde avultou Rosa Cavaco que a mudança de regime pela Revolução dos Cravos em 1974 tornou possível sua fuga, para paradeiro, por muitos anos ignorado.

Por volta de 1964, antes de Delgado seguir para Argel, houve um enfraquecimento do grupo *Portugal Democrático* por vários motivos. O primeiro deles relacionado ao Partido Comunista, que teria censurado um artigo de Casais Monteiro alegando ser de ótica socialista. Alguns

integrantes, como Jorge de Sena e Casais Monteiro entre outros, não concordavam com o PC e não quiseram tomar posições políticas. Na opinião deles, ao tentar impor a ideologia ao grupo, o PC enterrou o movimento em São Paulo. Houve cisão e muitos saíram, mas não deixaram de apoiar o movimento. Alguns dissidentes formaram o jornal *Portugal Livre* que durou cerca de quatro edições.

Na opinião de Miguel Urbano Rodrigues, o Partido Comunista Português “é o único partido organizado em Portugal. É um ato de justiça, os seus militantes combateram sempre o divisionismo na oposição, defendendo a luta unitária contra o fascismo e o colonialismo. A guerra colonial funcionou como um catalisador”.⁹¹

Outro fator desencadeante do enfraquecimento foi o golpe militar de 1964, pois os acontecimentos dele decorrentes dispersaram muitas pessoas do grupo, nele permanecendo os mais engajados. Entre as razões estava o temor da troca de informações entre a PIDE e o DEOPS.

Combatendo a dupla ditadura, a brasileira e a portuguesa, meados de 1970, o tema do anticolonialismo continuou muito presente no jornal. Entre os seus colaboradores do jornal, nessa altura encontram-se lideranças do próprio movimento de descolonização dos países africanos, intelectuais brasileiros como Paulo Duarte e Carlos Guilherme Mota. No último número do jornal, relativo à semana de 26/2 à 4/3/ 1975, edição de nº 203 constam do conselho editorial: Alexandre Pereira, Fernando Lemos, João Sarmento Pimentel, Joaquim Quitério, Manuel Ferreira Moura, Raul Ciriaco da Cunha. Após o 25 de Abril o periódico passou a divulgar notícias de Portugal junto às comunidades portuguesa e brasileira, porém com uma existência muito curta, a seguir parou de circular.

⁹¹ Rodrigues, Miguel Urbano. *Portugal Democrático: Um jornal revolucionário*, op.cit., p.184.

4.3.4.1 – Maria Archer: jornalista nas trincheiras da resistência

O jornal foi por excelência um espaço da participação masculina, contudo, observou-se a presença de quatro mulheres: Maria Archer, Maria Irolinda, Manuela Gouveia Antunes e Maria Antonia Fiadeiro. Em meio à hegemonia masculina que marcou a produção de conhecimentos e a formação de opinião pública no periodismo de resistência no *Portugal Democrático*, a participação de Maria Archer, com textos, se verificou a partir da 3ª edição quando lançou o seu artigo de estréia: *A Censura à Imprensa e ao livro*. A.I (4), 6 de Out. 1956, pp.5 e 6. Artigo em que denunciou o regime repressivo de Salazar, a censura ao ato de pensar e a apreensão dos manuscritos tomados no julgamento no Tribunal Militar em Lisboa, do capitão Norton de Matos que mais tarde se converteria na obra *Os Últimos Dias do Fascismo Português* um dos seus livros publicados no Brasil (1959).

A autora presenciou o asfixiamento gradativo do seu país de origem com a prolongada vigência do regime salazarista e, ao evidenciar sua experiência ante a opressão vigente em Portugal e expressar de forma consistente a opinião marcadamente oposicionista, Maria Archer habilitou-se, por assim dizer, a inaugurar a participação da mulher no movimento de resistência. A atestá-lo, a introdução de textos de sua autoria naquele órgão de imprensa, onde o exercício de oposição ao regime salazarista era uma “exclusividade masculina”.

A partir de então, torna-se voz ativa circulante nos meios de comunicação impressa e falada, no processo de formação de opinião pública sobre o regime de Salazar entre os portugueses residentes no Brasil da época, assim como no desenvolvimento da literatura de autoria feminina em língua portuguesa.

No quadro a seguir organizamos, por ordem cronológica de publicação, as matérias veiculadas naquele jornal, porta-voz privilegiado da resistência sistemática ao projeto autoritário e conservador do salazarismo, no Brasil.

4.3.5 – Índice cronológico das colaborações para o *Portugal Democrático*

***Portugal Democrático*. (1956-1974) Brasil: Direção de Otávio Martins de Moura. 1ª edição: 07 de julho de 1956, Rua Conselheiro Crispiniano, 279. Volume I. 1956; Volume II. 1958; Volume III. 1963**

Índice de artigos por ordem cronológica de publicação. A coluna observações registra pequeno resumo com excertos da matéria, seguido de comentários eventuais sobre a mesma. Com objetivo de se fazer uma pequena descrição, optamos por não incluir a classificação por categoria temática, pois, consideramos que a maioria delas constitui críticas às instituições portuguesas.

TÍTULO	DATA	COL	Nº	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
1- A censura à Imprensa e ao livro. A.I (4), 6 de Out. 1956, pp.5,6	Out 06		3	5,6	1956	Artigo. A repulsa dos brasileiros sobre os atos dos ditadores sul-americanos em relação à censura ou atos de liberdade de pensamento ou expressão. Camões e Gil Vicente sofreram a censura eclesiástica da Mesa da Consciência e Ordem. Todavia, nem Camões, nem Gil Vicente, nem Eça poderiam ter publicado esses monumentos do gênio português, com uma censura enformada pelos princípios que há em Portugal há 30 anos.
2- Um Vencido, A.I (7), 12 Jan. 1957, p.6.	Jan 12		6	6	1957	Ensaio descritivo. Sondagem sociológica entre os lusitanos da paulicéia. Fala das peripécias de um português vencido. A trajetória nada fácil de um ex-lavrador que vem para o Brasil, como muitos, com o sonho de fazer fortuna.
3- Carta aberta a Sua Majestade Britânica Isabel II, A.I (8), pp. 1,4,2 (conclusão).	Fev 15		8	1,4,2	1957	Artigo. Apresenta à rainha Isabel II, em longo artigo que inicia-se na primeira página, um panorama da situação

TÍTULO	DATA	COL	Nº	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
						política e social de Portugal, dias antes da sua visita àquele país. "Não que me anime a menos fagueira esperança de mudar os planos do governo Britânico quanto à política de Portugal"
4- Eu e "A Voz", A.I (10), Ab. 1957 pp. 1,6.	Abril		10	1,6	1957	Artigo. Resposta ao artigo "Coisas ignóbeis" publicado em <i>A Voz</i> a 26 de fevereiro em Lisboa. As coisas ignóbeis seriam o <i>Jornal Portugal Democrático</i> e Maria Archer confessou que "não era do seu gosto escrever essas laudas atacando-nos cobardemente escudados pela estrutura policial dum a nação merecem-me tamanho desprezo".
5- Eleição de candidato único	Maio		11	1,4	1957	Artigo. Contesta a visita oficial de Craveiro Lopes, presidente nomeado por Salazar em eleições "forjadas" de candidato único. Considera-o usurpador .
6- Cai sobre nós esta vergonha, mulheres!, A.II (19), Dez. 1958, p.8.	Dez 19		18	8	1958	Artigo. O português queixa-se da falta de solidariedade da mulher na resistência ao fascismo. Aduz que não se pode contar com a mulher portuguesa (há exceções) para as audácias do campo das idéias político-sociais "A terra prometida, após peregrinações no deserto e o combate de Canaan parece-lhes menos segura para criar os filhos do que o cativeiro do Egito com algum pão."
7-Cai sobre nós esta vergonha, mulheres!-(conclusão), A.III (20), Jan. 1959, p.5	Jan 20		19	5	1959	Conclusão. O artigo conclui as reflexões iniciadas na edição anterior.
8-Somoza, Salazar e Cª, A. III (26), Jul 1959, p.6.			25	6	1959	Artigo. Paralelo entre os ditadores Somoza e Salazar. " A imprensa paulista notificou a rendição de dois grupos de revolucionários na Nicarágua e o triunfo do ditador Somoza". Relata torturas do Salazarismo. "(...) corpos supliciados

TÍTULO	DATA	COL	Nº	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
						pelas cicatrizes das torturas (...)” “Mas sei mais do que o pouco que vi, sei de certeza que há milhares de mulheres e homens torturados, deformados, humilhados, envilecidos, assassinados e sumidos em ignotos cemitérios pela polícia salazarista.
9- A revolução áurea, A. IV (41), Out. 1960, pp.6,7.	Out.		28	6,7	1960	Artigo. Extenso e disposto em quatro colunas tece uma síntese histórica e homenageia aos que participaram da revolução pela Republica em Portugal. “ No começo deste século, nada fazia prever a queda da monarquia em Portugal. Toda a Europa era povoada de Príncipes e Reis governado por um trono e uma família Real...”
10- Avacalhar e Portugalizar, A.V (52), Set. 1961, p.7	Set.		39	7	1961	Ensaio descritivo. A escritora traduz trecho da obra de De Gaulle <i>Segredos de Estado</i> (1960), onde cria o termo <i>portugalizar</i> para denominar o desinteresse de um povo que avacalha. A autora aduz: “o termo <i>portugalizar</i> significava, há anos, efervescência revolucionária, convulsão política, etc., mas de nenhum modo avacalhamento, desinteresse e renúncia. Esses são os trunfos de Salazar, os seus frutos optimos (...)”
11-“Brasil, Fronteira da África”, A.VIII (75), Set. 1963, p.4.	Set		75	4	1963	Artigo. Apresentação da obra com o mesmo título. “O meu livro pretende ser uma ponte que aproxime os povos das margens do Atlântico irmanados pelo sangue bantu.” “O assassinato em massa de negros de Angola, não é, para os colonialistas de Salazar, um crime contra a humanidade” (...) “A posição de Portugal quer politicamente, quer culturalmente, está perdida na África.

TÍTULO	DATA	COL	Nº	PÁG.	ANO DE PUBL.	OBSERVAÇÕES
12- Símbolo e Mito do 5 de Outubro, A.VIII (76), Out. 1963, p.8.				8	1963	Artigo. Os embates na implantação do regime republicano em Portugal. "(...) Imediatamente após a implantação da República houve reação monárquica, a dos aristocratas, a dos latifundiários, a da banqueirada, a dos generais, a dos altos e baixos poderes da igreja que fomentaram durante 10 anos as invasões pela fronteira da Espanha, de hostes militarizadas, bem armadas, fortemente secundadas por levantes internos a quem aderiram as camadas embrutecidas da população. Um desses movimentos conseguiu restaurar no Pôrto, por uns dias, a dinastia dos Braganças, embora sem os Braganças presentes."

Capítulo V

5.0. Maria Archer e o território da escrita

5.1.1 – Crônicas da Memória

5.1.1.1 – Memória e Tipos Femininos:

5.1.1.2 – Memória e Reforma Social

5.1.1.3 – Memória e a Condição da Mulher

5.1.2 – Crônicas Paineis Africanos

5.1.3 – Crônicas Brasil e África

5.1.4 – Outras crônicas

5.2. Contribuição ao *Portugal Democrático*

5.0 – Maria Archer e o território da escrita

“A minha obra literária tem sido norteada pelo princípio vital de rebater o conceito arcaico da inferioridade mental da mulher”.

(Archer, 1952, p.5)⁹²

Ao falar de sua experiência de mobilidade transatlântica entre o Índico e as duas margens do Atlântico, a literatura de Maria Archer, escritora viajante e viajada, dialoga com outras esferas da área do conhecimento tais como a geografia, a antropologia e a sociologia, numa feliz expressão de riqueza do pensamento crítico e olhar atento sobre o seu tempo. Nossa hipótese é que a mobilidade das margens das áreas de conhecimento que se mesclam em boa parte de sua obra, sobretudo a fase tida como autobiográfica, já, naquela altura, engendrou, na sua prática, a idéia da interação solidária entre as ciências “Precisamos de ciências nômades” conforme Nestor Canclini⁹³ capazes de circular entre as diferentes esferas da cultura. Archer propõe, ao longo de sua fértil produção criativa, que o encontro entre África/Portugal/Brasil passem a ser de interação pelas experiências compartilhadas nas suas peculiaridades.

Um levantamento dos assuntos tratados pelo conjunto das contribuições jornalísticas para *O Estado de São Paulo* leva-nos à conclusão de que a escritora regia-se pelo critério que se traduz na interação solidária entre as áreas de conhecimento que, para fins didáticos foi possível agrupar em cinco temas: Crônicas da memória, Painel Africano, Crônicas Brasil e África e Outras Crônicas.

A natureza acessível de sua produção para o *OESP* é um dos fatores do seu alcance geral e, portanto, da eficiência e durabilidade com que atua sobre a imaginação dos leitores. Em tal fatia de

⁹² ARCHER, Maria, “Revisão de conceitos antiquados”, *Ler*, (7), Out. 1952, p.5.

⁹³ CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas* - estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.

colaboração delinea-se a opção temática por reformas sociais que debelem a miséria, a incultura, e os problemas específicos do gênero humano na expressividade do mal, como a crueldade e a perversidade, nomeadamente, a partir do comportamento humano em sociedade.

Já os artigos publicados no *Jornal Portugal Democrático* que pudemos agrupar sob o tema da resistência tratam-se de ensaios e compõem o item dedicado à divulgação do que se passava em seu país de origem, tendo em vista o total alheamento em que viviam os imigrantes portugueses radicados há vários anos no Brasil. Ou, quando tinham alguma informação sobre Portugal, era sempre mediada pela censura e pelas agências de propaganda do regime.

Longe da atuação da censura estadonovista, aliás, projeto de nação que Maria Archer rejeitara, pôde fazer circular as suas preocupações com as reformas sociais que julgava imprescindíveis em seu país de origem. Empregou aí a sua produção na crítica à pobreza, à opressão, à arbitrariedade, à incultura e à miséria, aquelas que considerava como as mais graves doenças da sociedade.

Seus argumentos sagazes, o aprofundado conhecimento da estrutura social, dos valores e das técnicas de comunicação, aliados ao fluente domínio dos aspectos históricos, políticos, sociais e culturais tornaram-na em importante articulista daquele jornal. .

5.1.1 – Crônicas da Memória

"O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida,
e restaurar na velhice a adolescência"
Machado de Assis⁹⁴

(*Obra completa*, vol. I, p. 810)

Pensar no jornalismo de Maria Archer pode levar-nos, a partir da caracterização e avaliação de sua prática, no contexto dos anos 50-60, a conjecturar possíveis pontos de permanência e distanciamento relativamente a essa mesma prática do jornalismo tal como nos dias atuais.

Centraremos com especial atenção nas crônicas que classificamos como “Crônicas de Memória” por localizar aí elementos de eficácia literária que a distanciam do texto meramente jornalístico. No conjunto de sua produção localizamos (00) crônicas em cuja caracterização encontramos certa dificuldade em delimitar as fronteiras entre o literário e o jornalístico. Passemos à reflexão sobre o papel da memória na representação artística e posteriormente à análise de alguns exemplares das crônicas de memória.

No romance *Dom Casmurro*, em seu capítulo LIX, chamado pelo autor "Convivas de boa memória", o narrador, ao mesmo tempo em que tece considerações sobre a memória - a sua e a de convivas (daí o título) - concita o leitor a preencher as lacunas do livro que lê - no caso este das lembranças refletidas de Casmurro/Bentinho - com tudo aquilo que não lê, mas que por não estar na literatura do que é lido faz-se presente pelo que é imaginado, vivido e vivenciado pelo leitor.

"Nada se emenda bem nos livros confusos, mas tudo se pode manter nos livros omissos. Eu, quando leio algum desta outra casta, não me aflijo nunca. O que faço em chegando ao fim, é cerrar o olhos e evocar todas as cousas que não achei nele. Quantas idéias finas me acodem então! Que de reflexões profundas! Os rios, as montanhas, as igrejas que não vi nas

⁹⁴ ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro Obra completa*, vol. I, p. 810.

folhas lidas, todos me aparecem agora com as suas águas, as suas árvores, os seus altares, e os generais sacam das espadas que tinham ficado na bainha, e os clarins soltam as notas que dormiam no metal, e tudo marcha com uma alma imprevista. É que tudo se acha fora de um livro falho, leitor amigo. Assim preencho as lacunas alheias; assim podes também preencher as minhas". (Machado de Assis, *Obra completa*, Vol. I, pp. 870-871)

Aqui aparece um dos traços fundamentais da memória. De fato, desde Platão e Aristóteles, foram considerados como constitutivos da memória, dois diferentes momentos: aquele que Platão chamou de "conservação de sensações", caracterizado pela conservação de conhecimentos passados e aquele chamado de "reminiscência" que consiste na possibilidade de evocar esse conhecimento passado e atualizá-lo, tornando-o presente. Trata-se, no primeiro caso da *memória retentiva* e, no segundo, da *memória como recordação*.

Ao indagar sobre o papel da memória na representação - e aqui vamos nos aproximando do texto de Machado de Assis acima transcrito - Aristóteles dirá que a permanência em nós de algo semelhante a uma marca ou a uma pintura que nos faz lembrar o que não está presente e não só a presença da própria marca é como um animal pintado num quadro que é ao mesmo tempo animal e imagem, mesmo que o ser dessas coisas, como é o caso, não seja o mesmo. Da mesma maneira, a imagem marcada em nós tanto é um objeto em si como é também representação de alguma outra coisa que não tem nenhuma relação intrínseca necessariamente motivada com o objeto que a representa.

Desse modo sobressai o papel que a memória tem no complexo processo da representação, tanto do ponto de vista literário, tal como aparece no capítulo LIX de *Dom Casmurro*, como de ponto de vista da linguagem humana, em geral, e nos seus mecanismos semânticos de produção de significados.

Nas crônicas de Maria Archer que classificamos "Crônicas da memória" o eu - narrador delimita a história por uma perspectiva memorialista e autobiográfica, ressignificando o passado. Esta retrospectiva, por sua vez, só existe como tomada de sentido no

presente. Desenvolve-se uma teoria que revela ser a realidade muito mais uma invenção da linguagem do que suporia a ciência estrita. Memória e invenção, aliás, são irmãs desde Aristóteles com o seu *Tratado da Memória e da Reminiscência*; as afinidades entre lembrar e imaginar serão, posteriormente, reelaboradas pela psicanálise, sobretudo no texto “Lembranças Encobridoras”, que mostra as construções inusitadas que resultam dos encontros entre lembrança e os desejos inconscientes⁹⁵.

Atenta à observação da conduta do ser feminino em sociedade, em cada exemplar do gênero a autora aponta pelo território da escrita o destino da humanidade.

Nas crônicas, a visada rememorante recria a realidade numa perspectiva crítica. A matéria da memória transformada em produção criativa para o *Suplemento Cultural e o Suplemento Feminino* do *Estado de São Paulo* teve como foco primordialmente a exposição e a crítica da mentalidade e do comportamento da burguesia lusitana naquele meio-século.

5.1.1.1 – Memória e Tipos Femininos:

Maria Archer é uma escritora lisboeta, por ter nascido em Lisboa, por ambientar suas personagens, em certa parte de sua produção criativa para a imprensa no Brasil, na cidade de Lisboa e proximidades. O Aqui, do outro lado do Atlântico, longe do patrulhamento ideológico da censura salazarista do pensamento poderia, enfim, num gesto de revide, num acerto de contas com o passado expor seu desejo inconsciente.

As percepções atualizadas pela memória da cronista, remodeladas pelas lembranças, mostram os processos básicos da memória, lembrar e esquecer, inventar para criar ligação entre uma coisa e outra, interligando dois continentes, fazendo a ponte entre o mundo ficcional e o mundo real.

⁹⁵ Sigmund Freud. “Lembranças Encobridoras” (1899), em *Obras Completas, op. cit.*, vol. III, pp. 333-354.

O fio narrativo, a cada crônica, é também a expressão do embate, a partir do exílio, contra o aparelho ideológico do regime a serviço da mais completa subjugação dos indivíduos. Sua opinião articula-se com ironia e toda a virulência do verbo na caracterização quase obsessiva da constituição do caráter desumanizante de certos indivíduos da burguesia de Portugal da época.

Afeita à observação do comportamento humano em sociedade, “Japonesa”,⁹⁶ – a crônica de estréia no Suplemento Feminino traz ao centro enunciativo um tipo feminino: “Madame Sayonara”. Uma enigmática mulher oriental para quem, ao se comunicar com ela, ouvindo-a num tom calmo, do seu puro francês, “esquecia-se” (grifo nosso) que era uma japonesa (manteremos a grafia original empregada pela escritora na fonte primária). Notem-se as expressões empregadas para caracterizá-la: “uma amarela”, “uma criatura oriunda dos antípodas”, de “raça mongólica”. Todas são delimitadoras de uma fronteira no plano étnico.

A construção da identidade no espaço da escrita implica a demarcação de limites de identificação, como declara no trecho a seguir: “genito de um mundo exótico. que é diferente do meu ainda mais pela essência e a antropologia do que pela fatalidade geográfica”.

A diversidade étnico-cultural do oriente entra em cena. Nesta crônica, a referência à mulher oriental parece chamar a atenção pelo seu desprestigiado aspecto exótico e de certa forma em desvantagem quando comparada culturalmente com mulheres enraizadas na geografia de etnia privilegiada. Demarcando a diversidade e um chão cultural (de) formador da essência da mulher oriental, a crônica narra o encontro casual com uma japonesa, no saguão do hotel onde residiu no Brasil, que simultaneamente evoca um episódio passado em Lisboa que pela reação inusitada da mulher oriental ela prefere nem se recordar.

De início a crônica sofre um corte para se reportar a um episódio da memória, ambientado em Lisboa. O trato com a matéria da memória, histórica e socialmente ancorado na Segunda Guerra Mundial e utilizado como material concreto da edificação de sua narrativa já a torna peculiar.

⁹⁶ *O Estado de S. Paulo* “Japonesa”, São Paulo (04-11-1955. p. 10)

O recuo temporal leva-a ao encontro com a cultura exuberante da japonesa, a sua prolongada permanência em Londres e em Paris, visto ser ela esposa de um negociante, que permitia o domínio fluente da língua, segundo a narradora, “Enfim, eu, minha amiga e a japoneza convivíamos como iguais”. O comentário da narradora é sintomático quanto ao aparente nivelamento entre as mulheres. Ao narrar o impacto sofrido ante a impassibilidade da representante oriental que, ao ouvir, sem qualquer traço de perplexidade, a notícia do bombardeio e o devastamento da cidade de Tóquio na Segunda Guerra Mundial, onde supostamente vivem os seus pais, irmãos e filhos, “permaneceu com a mesma expressão tranqüila com que se mantivera no decorrer da tarde e impassível apontou o jornal e indagou *Pode me dizer o que há hoje nos cinemas?*” e segue a narradora “senti, entre nós, a separar-nos, a Ásia imensa e misteriosa. Vi então, mascarada de européia, a japoneza enigmática, incompreensível” ARCHER ⁹⁷.

Ao lado do jogo revelador do choque cultural entre aquela que se coloca como européia e a japoneza desvenda-se outra experiência: a hierarquização dos valores étnico-culturais do ocidente e do oriente. Ao editar traços como “mascarada de européia” coloca-se no centro hegemônico e insinua o desprezo diante daquela atitude incompreensível para os padrões ocidentais. A expressa indignação ante a incapacidade daquela mulher oriental em demonstrar publicamente a comoção ante a morte e a devastação colocam-na na condição de inferioridade ante a mulher ocidental. Ao assinalar o desprestígio do gênero feminino de origem mongólica acaba por se colocar na condição imediatamente superior.

O olhar segregador perspassa a narração. Tal incidência sugere-nos a indagação acerca da natureza do relacionamento que com ela estabelece. Basta vermos como são descritas todas as precauções tomadas pela narradora, que se coloca claramente como integrante de uma cultura europeizada, para não “chocar” a interlocutora ante a notícia de um fato que abalou um país e a recepção indiferente e a deliberada mudança de assunto pela japonesa.

⁹⁷ Op. cit., *O Estado de S. Paulo* (04-11-1955. p. 10).

Tal reação, colhida pela narradora, como índice torturante de uma rigidez e insensibilidade, incapaz de compreender a reação da japonesa, ante a notícia do terremoto em seu país de origem e a eventual possibilidade de ter perdido todos os seus familiares. A representação artística do feminino, que essa personagem postula, está marcada pela fragmentação que denuncia uma totalidade problemática para os padrões do ocidente.

O que é relevante observar ainda é que o território da escrita de Maria Archer é o território móvel e flutuante dos portos. No início o espaço compreende o Brasil, o saguão de um hotel em São Paulo para, a seguir, numa atitude rememorante transportar-se para a outra margem, outro espaço geográfico: a cidade de Lisboa. Dois pontos que se cruzam e se misturam.

Esse olhar nômade acaba por captar, ainda, um tipo humano peculiar: uma mulher oriental e um terceiro espaço. A ponte archeana: Brasil, Portugal e o oriente aproximam-se pelo território da escrita, contudo, se por um lado, as primícias da formação cultural, até certo ponto, aproximam as interlocutoras, a postura, demarcadora da diferença, as distanciam na essência, numa relação aparentemente hostil entre centro e periferia. E aqui é forçoso reconhecer que esse olhar refratário sobre as diferenças, nesta fase de sua produção literária, ainda não está convenientemente amadurecido e despojado do deslumbramento eurocêntrico.

A virtuosidade da aparência física e da vulnerabilidade como ingredientes de sedução feminina ilustram a crônica de amenidades sob o título “Instantâneos”, São Paulo, (25-11-1955 p.10), Reporta-se, a narrativa, ao episódio do jantar íntimo em casa de amigos. A conversa descontraída girou em torno das qualidades femininas e as masculinas. “A maior qualidade de um homem é poder com uma mulher ao colo” Observa então as operações de charme de uma delicada convidada para atrair atenções, sob a aparência de enigmática vulnerabilidade. Ao ser tomada, de súbito, ao colo, pelo anfitrião, para a sua surpresa, esbracejou, ante os convivas, dissimulando momentaneamente o triunfo de sedução: “O senhor está louco?” A plataforma de observação da narradora traz, como pano de fundo uma situação divertida. O enunciado traz ao centro um tipo feminino que equivale ao espírito de uma época.

A mulher e as manobras do jogo de sedução para atrair a atenção masculina. A situação não exclui a disfarçada inveja entre as mulheres presentes. Na sua articulação, a narrativa revisita o mito de Hércules.

Outro aspecto dentro dos conteúdos orientadores no âmbito dos tipos femininos é a expressão de uma realidade de aparências no plano das posses. Quando não se tem posses esforça-se por parecer possuir. Vertente contemplada na crônica “Moça de boa família”, São Paulo, (02-01-1956, p.05) a autora anota, de forma corrosiva, o comportamento contraditório de uma “moça de boa família” ao final de uma noitada na boate de luxo. Após ter exibido seu estilo de vida incomum ostentando muito dinheiro perdularizado, enumera a realização de viagens em cabines de luxo e os vínculos de íntima amizade pessoas importantes, toma uma atitude inusitada para a sua condição. Ao deixar a mesa da boate carrega na bolsa de brocado todo o salgado não consumido pelos demais. A atitude é incompatível com o nível de vida que ostentou a noite toda entre os demais. O desmascaramento vem à tona com o gesto da protagonista, ao se apropriar das sobras daquela mesa. O enfoque narrativo coloca-se como o denunciador de um quadro de aparências em que se encontra mergulhada a burguesia da época.

A apropriação da riqueza por meio de herança, como forma de atingir uma vida confortável, sem a intervenção do trabalho pessoal é o eixo da narrativa “ Enigmas para um novo Édipo”, São Paulo, (24-02-1956, p. 05)

A crônica ironiza frontalmente os costumes e as relações por interesse no núcleo familiar entre nora e sogros. Trata-se do espírito calculista de Teresa, a nora que deseja a morte dos sogros e até se empenha no seu apressamento, para usufruir da herança. A observação crítica ao comportamento interesseiro e superficial nas relações interfamiliares.

O esforço e corresponder ao modelo de beleza e à ditadura estética do seu tempo, onde a juventude tem destacado valor, a mulher em idade madura para tornar-se aceita, expõe-se ao ridículo de tentar fazer parecer bem mais jovem do que na realidade o é. A importância dada à beleza da mulher é mostra inequívoca que o estatuto da aparência física assume como moeda de troca na sociedade lisboeta. “Ofensa Mortal”, São Paulo, (27-01-1956, p.10). Retrata um episódio

hilário onde Dulce, uma senhora com mais de sessenta anos se esforça por aparentar ser mais jovem do que a idade real que possui. Tal comportamento vem a ser fruto de uma sociedade que impõe a juventude e a beleza como pré-requisitos para o prestígio e a aceitação social.

Num país de pequenas dimensões como Portugal, o índice da população masculina que deixou o país em busca da “árvore de patacas” foi expressivo. Assim sendo, aguardar a ausência do amado foi, para boa parte das mulheres, um exercício de solidão e isolamento num país que mais exportou populações em crescentes fluxos migratórios. A crônica reporta-se ao universo de quem não partiu. A solidão de quem ficou em compasso de espera. “O mercado das escravas”, São Paulo (30-11-1956, p. 10). O título sui generis “O Mercado das escravas” texto remete metaforicamente a um tipo de aprisionamento na solidão de quem está a aguardar a ausência do ser amado. A escravidão, o cárcere da solidão de quem está condenado(a) a viver longe de quem se deseja por companhia. A crítica velada se faz no tocante ao mercado de mulheres à sós, disponíveis e necessitadas.

A solução estética para a mulher que fica no aguardo do noivo ausente é apontada em “Escrúpulos” São Paulo, (30-03-1956, p.10). Crônica irônica sobre as relações afetivas que se estendem sem que culminem com a realização do matrimônio. Trata-se da história de Beatriz e Salvador. Aconselhada pelas amigas para que trate do futuro com outro pretendente. Beatriz recebe uma caneta preciosa do namorado por ocasião de sua viagem ao Brasil que demoraria um a dois anos. Ao receber flores de um eventual novo pretendente, tem “escrúpulos” de não responder com a caneta ofertada por Salvador. Responde, com a caneta emprestada pela escritora, em duplicidade, ou seja, o mesmo texto para ambos.

As relações de cumplicidade entre as mulheres animam o eixo narrativo de “Lisboetas”, São Paulo, (06-07-1956, p.05) A crônica bem-humorada remete a um acordo entre duas amigas para, num gesto de revide, provocar ciúmes ao Raul, namorado da Flor (Rosa). Na boite combinada a escritora compareceu acompanhada de Nuno, o “suposto” parceiro bonito, que na expressão da época é um “avião à jato”. Tal rapaz deveria se aproximar de Rosa. Esta, entretanto, querendo fugir à

lei de sociedade por cotas, ou seja, dividir a conta, regra que a escritora impusera previamente como condição para apresentar o Nuno, Rosa muda o script ao entrar acompanhada de outra amiga e outro parceiro, com quem não teria que co-participar nas despesas da noite. A crítica às manobras estratégicas do “maquiavel de saias” na quebra do pacto entre duas amigas íntimas.

Na esteira do descumprimento do pacto entre amigas está “Silogismo de crueldade feminina”, São Paulo, (13-07-1956, p.10). A Crônica autobiográfica reporta-se ao episódio em que um comentário infeliz de uma amiga sobre a permanente de seus cabelos fere inconscientemente a vaidade feminina da narradora. Em tom confessional revela-nos como se dá o revide: Deixa que a amiga pense que, a solicitação de emprego que pede para ela intermediar, com a recomendação de sua pessoa ao cunhado, será encaminhada. O Silogismo cruel se dá na medida em que a autora omitiu-se deliberadamente e descumpriu o acordo.

Neste agrupamento temático que denominamos “Memória e Tipos femininos”, vimos que a construção da identidade da mulher aponta para um olhar demarcador das diferenças que marcam o choque cultural ante a diversidade étnico-cultural da mulher oriental. Há limites de identificação do feminino principalmente em relação à visão de mundo.

Nas mulheres do ocidente, a leitura que engendra sobre a tipificação do feminino anota as manobras de sedução, a inveja entre elas, a condição de escrava sentimental, a necessidade de independência financeira, a mulher que forja todos os artifícios para manter-se jovem e não ser excluída da sociedade, a rejeição social da idosa, a ambição pela herança dos sogros, a deslealdade, a vingança, a crueldade, e o comportamento contraditório no jogo das aparências da vida em sociedade.

Atenta à observação da conduta do ser feminino em sociedade, em cada exemplar do gênero a autora aponta pelo território da escrita o destino da humanidade.

5.1.1.2 – Memória e Reforma Social

Na esteira das preocupações com as reformas sociais, emprega a sua produção na crítica à pobreza, à incultura e à miséria como as mais graves doenças da sociedade. Encontramos vários exemplares no *Suplemento Feminino* do OESP que confluem tematicamente para essa vertente. As crônicas “Fraternidade Feminina”⁹⁸, “Crime sem sanção da lei”⁹⁹, são exemplos iniciais dessa contemplação. A primeira narrativa trata do desdém da empregadora perversa e a discriminação da mulher proletária que trabalha.

Atendendo ao título, a crônica, social e geograficamente ancorada, ironiza frontalmente a discriminação da mulher solitária que precisa trabalhar para sua própria subsistência e o preconceito que enfrenta no mercado de trabalho em Portugal. As mulheres representam duas classes economicamente distintas. Trata-se de uma empresária e, aqui, ainda mais se acentua a postura discriminante, pois a empregadora é mulher, uma viúva de origem modesta que se casou com o patrão e herdara seu patrimônio. Tal patroa não paga mais que mil contos a título de remuneração à datilógrafa e vai dispensá-la por ser uma que “morta de fome”.

O sadismo explícito perante a condição de extremada carência da funcionária e o conveniente esquecimento da similitude de sua origem, um passado que é conveniente à privilegiada apagar, reforçam a ordem social vigente. A escritora se ocupa de análise social e moral por meio da exposição de costumes e retrato de personagens tipo da vida cotidiana, dissolvendo a individualidade na força representativa da categoria patronal.

A crueldade nas relações patroa- e um serviçal habita, também a crônica “Crime sem sanção da lei”. Ao apontar inicialmente para o dito popular português em negrito, a crônica antecipa o seu desfecho “desmazelos de empregados são luxos que os patrões pagam caro”. A relação de poder entre uma patroa e o seu serviçal é o tema deste episódio que se passa em na zona produtora do arroz. Este cultivo condicionado à sazonalidade das marés, com o momento certo para a

⁹⁸ *O Estado de S. Paulo* “Fraternidade Feminina”, São Paulo, 18-11-1955 p. 05.

irrigação ocorrer, naquela altura, em função do manejo rudimentar não prescindia da mão humana. Devido à escassez de chuvas, a máquinas utilizadas na irrigação do arroz, só acham água na vala de 12 em 12 horas. O Sr. Cosme é um experiente serviçal, perito no manejo das comportas de elevação da água para a irrigação do plantio, duas vezes ao dia. Pois, a sua patroa, ao receber a fatídica notícia da morte e do funeral da filha caçula do Sr. Cosme, para a sua conveniência visando unicamente seu patrimônio, numa atitude cruel, omite perversamente a informação. Daí a adequação do título “Crime sem sanção da lei”.

Como contraponto às crônicas anteriores, aqui a focalização volta-se ao orgulho e ao preconceito da burguesia em não se submeter ao trabalho. A mentalidade de que o ato de trabalhar é vergonhoso remonta, provavelmente, ao remanescente resgate do sentimento de império. “Burguesia da província”¹⁰⁰, a crônica “um protótipo da velha burguesia da providência”, conta que um casal de arqueólogos franceses Alfred e Louise vivem no Algarve em missão de estudos. Louise solicita ao marido que arranje um empregado que faça o serviço de mensageiro. O candidato aparece acompanhado da mãe, uma viúva com três filhos. A família carente vive de parca pensão do marido. As filhas de 18 e 16 anos nem saem por não terem roupas que se lhes apresentem. Bocas cariadas, sapatos rotos. No primeiro dia de trabalho, após o almoço, o empregado de 20 anos retorna acompanhado da mãe que avisa que o filho não vai continuar o trabalho porque o serviço de mensageiro é ultrajante para ele. “o que a sociedade vai pensar quando o vir na rua com um pacote de revistas debaixo do braço?”

Esta crônica remete àquilo que Sergio Buarque de Holanda observa em *Raízes do Brasil* (1936), os Ibéricos, avessos ao trabalho físico, queriam ser senhores, sem ter que se submeter ao trabalho manual. Um grande desejo em alcançar prestígio e dinheiro sem esforço Holanda desenvolve a tese de que o Brasil congenitamente tem muitas características ibéricas na arquitetura de sua construção cultural.

No seguimento, as crônicas “Passagem de modelos”¹⁰¹, e “Doentes”¹⁰², remetem simultaneamente à flagrante doença social. O

⁹⁹ _____ . “Crime sem sanção da lei” São Paulo, 11-01-1957, p.10.

¹⁰⁰ *O Estado de S. Paulo* . “Burguesia da província”, São Paulo, 02-11-1956, p. 10.

¹⁰¹ *O Estado de S. Paulo* . “Passagem de modelos”, São Paulo, 09-12-1955, p. 05.

mote são as deformações e vaidades do temperamento feminino. Tanto ao físico quanto à alma. Ao expor a deformizante aparência física das senhoras da alta sociedade, muito fora dos padrões estéticos da altura, faz notar que, a despeito de todas as saliências e adiposidades, as madames, de classe social abastada, convenientemente nutridas, possuem cofres abastados, casacos de vison e brilhantes, em contraponto às esguias modelos que elegantes, porém pobres, não podem prescindir de prestar serviços para sua própria subsistência, na medida em que apresentam-se despojadas de poder aquisitivo. A mentalidade de que o ato de trabalhar é ultrajante orienta as reações das personagens.

“Doentes”, crônica irônica contempla em igual medida similar temática. Ao reportar-se à futilidade dos costumes de uma entediante mulher da alta sociedade. Sintomática é a expressão inicial: “Luiza é uma doente”, já comporta o enunciado revelador. Em primeiro plano o narrador dá relevo ao estado de permanente desequilíbrio da personagem central. É rica e traz enfermidades físicas herdadas dos seus ancestrais. Tem recursos, submete-se a cirurgias, arranja internamente os órgãos do corpo, mas para seu desprante a sua prolongada condição de doente deforma-lhe a silhueta e o seu desgosto é a incômoda obesidade impeditiva de usar os modelos caros que adquiriu.

A frágil estabilidade de Luiza quedou-se ameaçada ante a resposta da modelista, na medida em que a aparência é um valor indispensável para a burguesia. Há uma crítica na voz da estilista francesa ao anunciar que a silhueta de Luiza não se encaixa no modelo da roupa que escolhera.

O narrador se liberta e dá a voz à personagem principal. O discurso direto mostra a voz extremamente irônica. Ao ver-se contrariada, agride ferinamente a modelista francesa exibindo o seu largo poder de consumo para adquirir os melhores espartilhos que permitem entrar nos “desejáveis modelitos”. Há um prazer sádico em constranger na medida em que a estilista, a despeito de ser uma

¹⁰² *O Estado de S. Paulo*. “Doentes”, São Paulo, 17-02-1956, p. 10

prestigiada profissional, era apenas mais uma mulher que não prescindia do trabalho para a sua própria subsistência.

Há uma crítica social implícita. Fruto da injusta distribuição de bens e acesso à informação, a sociedade transmite ancestralmente um incômodo legado de carências e pobreza aos descendentes desprivilegiados.

O título “Doentes” no plural remete, paradoxalmente, de um lado à vida estruturada materialmente da personagem central e seus estados de doença da alma e, de outro lado, o universo de carências vivenciado pela manequim que, a despeito de até ser portadora de elegância física, é herdeira da pobreza. Remete à mulher que trabalha por necessidade. A ausência de recursos no plano financeiro, para dispor de melhor qualidade de vida e conforto, dentre os quais entra o vestuário de boa qualidade, remete à temática da carência, da incultura e da pobreza elementos indicativos da presença de grave doença social.

Ao nos voltarmos para o universo temático percebemos que a sua obra, articulada de maneira coerente, está movida por uma densidade crítica que merece ser entendida para além de uma ingênua contemplação. As articulações no universo da representação entre a literatura e a sociedade levam-nos a eleger como paradigma metodológico a proposta de Antônio Cândido no livro *O Discurso e a Cidade*.

[...] mostrar de que maneira a narrativa se constitui a partir de materiais não literários, manipulados a fim de se tornarem aspectos de uma organização estética regida pelas suas próprias leis, não as da natureza, da sociedade ou do ser. [...] O alvo é analisar o comportamento ou o modo de ser que se manifestam dentro do texto, porque foram criados nele a partir dos dados da realidade exterior.¹⁰³

Há nessa diretriz estético-literária, vários exemplos onde detectamos as preocupações sociais e os anseios historicamente verificáveis. Tendo ela vivenciado num país camponês economicamente estagnado, com alto índice de analfabetismo, (segundo as estatísticas não se alfabetizava ninguém na altura), e, portanto, um país em

¹⁰³ CANDIDO, Antônio, *O Discurso e a Cidade*, São Paulo, Duas Cidades, 1993, pp. 9-10.

flagrante descompasso com a marcha do desenvolvimento do conjunto do continente europeu, M.A responde ao impasse dessa sociedade. “O mundo marcha para pior”, São Paulo, (10-02-1956, p.10). Volta-se para uma crítica ao desamparo dos trabalhadores. O episódio observado centra-se nas relações caritativas e humanitárias estabelecidas primariamente entre o senhorio e os lavradores em Portugal. Os trabalhadores rurais, naquela altura, não dispunham de qualquer forma de previdência e amparo pelo Estado seja por tempo de serviço ou invalidez.

Impedidos, pois, de trabalhar no inverno, os trabalhadores, segundo o costume e os arranjos da tradição patriarcalizante regida pela caridade “cristã”, sobreviviam, até o início do século, mediante assistência, na forma de donativos, pelas famílias mais abastadas. Anos depois, retornando ao local, observa que o costume, contemporaneamente, é visto com desdém e os criados idosos e inválidos como pedintes intoleráveis. “O mundo marcha para pior”, título dado à crônica traduz a expressão de dupla crise: a crise do Estado-Providência, modelo herdado do século XIX e a crise do sujeito na adaptação ao regime do Estado Novo. Marcas frustrantes da inexistência de uma política de seguridade social e amparo do Estado aos trabalhadores num país, na altura, eminentemente rural.

O regime conservador português foi a mais longa ditadura de direita do século XX. Perdurou de Maio de 1926 a 25 de abril de 1974. Personificado na pessoa de Salazar, o regime do Estado Novo não promoveu, a priori, um projeto desenvolvimentista, o que é característico de outros regimes fascistas. Salazar somente atuou neste sentido quando se viu forçado mediante o início das Guerras Coloniais em 1961 e em consequência do esgotamento do modelo autoritário de governo.

O chefe de estado preferia apregoar a ideologia do ruralismo, da cartilha “Deus, Pátria e Família”, da “pobreza digna”, de onde advém o mito do “bom povo português”, isolado dos conflitos e paixões do mundo devido aos seus “brandos costumes”. Maria Archer elucida, no âmbito da representação artística, a fatal herança gerada pela rigidez do aparelho institucional que tem como produtos o mais alienante espólio ideológico da ditadura: a pobreza e a ignorância

5.1.1.3 – Memória e a Condição da Mulher

A condição da mulher sob o regime fascista de Portugal será a tônica que lançará as bases para a literatura de autoria feminina no Estado Novo. Denuncia o modelo cultural que, em última análise, tem como base o postulado a TFP “Tradicional Família Portuguesa” e dita o modelo de “feminilidade” para a época. Tal paradigma se apoiava na teoria biológica das espécies e postulava a tese de que a “feminilidade” é sinônimo de passividade, subserviência à autoridade do pai ou marido, dependência sócio-econômica e cultural. Em resumo: à mulher estava destinado apenas o “nobre e dignificante” papel de mãe e dona de casa exemplar.

Apoiados, pois, nessa cartilha de mando e obediência, a educação das mulheres sob a tutela familiar, tinha um único destino: procurar no casamento a solução para uma vida construída e estável. A crônica “Tuteladas” São Paulo, (03-02-1956, p. 05) é, como veremos, a expressão de uma intensa indignação com o poder de vida e morte que tinham os esposos sobre a vida da sua mulher. Poder que se estende à condição da mulher, inclusive, ao trato das questões de saúde. Reporta-se a narrativa, a um episódio verídico onde uma mulher aparentada não pode internar-se e realizar uma intervenção cirúrgica de emergência, sem a autorização expressa do marido que se encontrava em outro país. O título justifica muito bem a hegemonia masculina nas relações marido-mulher. A esposa, no Portugal da época, tratada como propriedade do marido, não dispõe do fundamental direito de se submeter a uma intervenção cirúrgica para salvar a própria a vida.

A opressão sobre a mulher na condição de viúva é tema de “Outono florido”, São Paulo (15-06-1956 p. 05). critica a pressão social exercida sobre a mulher portuguesa na condição de viúva. A imposição de um código de postura que condena a mulher viúva a permanecer reclusa com o “luto nos olhos” por tempo indeterminado. Qualquer comportamento fora dos padrões sofre a discriminação imposta pelos próprios familiares impingindo-lhe sofrimento. A abdicação do direito de ser feliz e do desejo de refazer a vida em um novo casamento torna-se imperioso para a mulher na rigidez opressiva do modelo social da época.

Maria Archer faz notar, ainda, outro código de postura socialmente verificável no quotidiano lisboeta: o arranjo das uniões matrimoniais por questão de sobrevivência. Reporta-se ao hábito notado também nas classes populares do seu país de origem. A crônica “Quando a verdade é triste”, São Paulo, (09-03-1956, p.10), traz ao núcleo de representação Carolina e Horácio. Ambos de classe social humilde. Eles se olham e se vêem como possibilidades de superação de seus isolamentos. Ela vivia numa pensão e se mantinha com escassas aulas particulares que ministrava de casa em casa, freqüentava um curso noturno de inglês. Horácio trabalhava em jornais “comia nos bares mais baratos, trazia o terno enxovalhado, o colarinho sujo, a gravata ensebada”. Horácio e Carolina vão unir-se pela notória compensação de suas carências.

Demonstração de que o ambiente de carência material e a falta de apoio emocional geram fatalmente desequilíbrios psíquicos está na crônica “Cada criatura é um mistério” São Paulo, (19-10-1956, p.10). Rita personagem, de admirável desempenho profissional, trabalha no conserto de roupas nas casas de família e vive modestamente com a mãe. Não se realizou pelo matrimônio, pois a mãe, preocupada com o amparo futuro com uma pensão na viuvez, não encontrou o cônjuge ideal para Rita. Certo dia revela à patroa uma compulsão surpreendente, que confessa, entretanto, um mal secreto que tudo fez para abandonar que se resume no seguinte: O dia em que não toca as oito janelas das moradias do local onde vive não se sente bem. Enigma indecifrável para a jornalista, assim parece o comportamento da diarista que mais se aproxima de uma neurose explicável pela teoria freudiana

O comportamento de Rita não constitui nenhum crime passível de ser julgado, mas pode ser compreendido. Na precariedade do meio em que vive é pertinente afirmar que o percurso que faz até o trabalho, o trânsito entre as casas, pelas quais, Rita não passa indiferente, pois, sente a compulsão por tocá-las. Compulsão que se traduz na necessidade de expulsar o elemento ameaçador do seu estar no mundo. Esse elemento, entretanto, simultaneamente instala um processo de introjeção e projeção, na medida em que desencadeia a consciência de que, até aquele momento, nada tinha sido exclusivamente seu. Sob o cotidiano alienante e aparentemente correto,

das lides domésticas, daquela que em Portugal é contratada como “mulher a dias”, podemos surpreender aquilo que Freud chamou de “neurose obsessiva” fazendo associação entre esses *atos obsessivos*, realizados, muitas vezes, com devoção, e as práticas religiosas.

Não sou certamente o primeiro a notar a semelhança existente entre os chamados atos obsessivos dos que sofrem de afecções nervosas e as práticas pelas quais o crente expressa sua devoção.(p.121)

Os cerimoniais neuróticos consistem em pequenas alterações em certos atos cotidianos, em pequenos acréscimos, restrições ou arranjos que devem ser sempre realizados numa mesma ordem, ou com variações regulares. Essas atividades, meras formalidades na aparência, afiguram-se destituídas de qualquer sentido.(p.122)

Uma das condições da doença é o fato de que a pessoa que obedece a uma compulsão, o faz sem compreender-lhe o sentido.(...) O ato obsessivo serve para expressar motivos e idéias inconscientes.(p.126).

Os trechos extraídos do ensaio “Atos obsessivos e Práticas religiosas” publicado em 1907, por Freud¹⁰⁴ vem iluminar os atos da protagonista que só realiza seu trabalho com devoção após ter tocador sistematicamente nas oito janelas.

A esse fato, acrescenta-se o domínio opressivo e manipulador da mãe sobre a filha que, não tendo encontrado, pois, o “o cônjuge ideal para Rita” condena-a a permanente solidão. Cabe à própria mãe o direito de negociar, como um capital adquirido, o destino conjugal da filha. Ou seja, posto ser mulher e na condição de filha, deverá aceder ao desejo da mãe. Moldada para ser o desejo do Outro¹⁰⁵, a protagonista tem cassado o papel de autora de sua própria vida. Ambas vítimas do modelo cultural relegado à condição da mulher solitária pelo código de conduta social, no regime vigente na época.

O esquema narrativo de Maria Archer denuncia os mecanismos de controle da estrutura social que mantém a mulher portuguesa numa equação sem possibilidades de atingir a independência econômica e projeção social fora do matrimônio. A excludente dinâmica social relega

¹⁰⁴ FREUD, Sigmund. “Atos obsessivos e práticas religiosas” (1907), in *Obras Completas*, Rio de Janeiro, Imago, 1976, vol. IX.

¹⁰⁵ O “Outro” no sentido psicanalítico do termo.

a mulher proletária à solidude neurotizante e eventualmente geradora de estados psíquicos desequilibrantes.

O preconceito social gerador de intriga moral e caluniosa contra a figura da mulher rural é o mote da crônica “Rústica”, São Paulo, (28-12-1956, p.10). A narrativa de costumes enfoca o hábito de tomarem uma jovem da aldeia para trabalhar como criada em casa de família na capital lisboeta. Muitos episódios engraçados são relatados sobre a adaptação da serviçal à cidade. A corrida em disparada pelo medo do trem e a falta de hábito de se tomar banho são fatos ilustrativos. Ao final, multiplicam-se intrigas e calúnias pela vizinhança sobre a suposta “ameaça” que a jovem poderia oferecer em seduzir e se aproveitar “legalmente” de sua minoridade para conseguir casamento com alguém do prédio.

Maria Archer chama a atenção para a dupla injustiça à que a mulher nessa condição é submetida, dentro dos parâmetros da sociedade portuguesa: além de lhe explorarem a força de trabalho, a troco de casa e comida, a mulher rural também está sujeita a constrangimentos ao tornar-se vítima do preconceito e da maledicência das outras mulheres. O vigor da juventude e a ingenuidade dessas inexperientes representantes se tornam ameaçadoras. A calúnia surge na medida em que “elas podem se aproveitar” de sua menoridade pra se arranjam através de um casamento com homem da cidade.

A escassez de recursos financeiros por herança familiar e o preconceito impedem a mulher de alcançar a própria subsistência por meio do trabalho. A crônica “O curso de árabe”, São Paulo, (25-05-1956, p. 05) ironiza as manobras a que uma mulher tem que se submeter para obter o enquadramento social conveniente: o estatuto de senhora através de um casamento. Na altura, no único destino reservado a jovens portuguesas em idade de se casar. O matrimônio com homem de posses e posição social era para aquela geração uma obsessiva finalidade. Trata-se da história de Hortense, jovem abastada que perde o pai aos 17 anos, não é habituada ao trabalho e precisa assegurar-se através de um casamento. Na medida em que o patrimônio da família escasseia, os eventuais pretendentes também desaparecem. O tempo passa e aos 22 anos de idade ela e a mãe se lançam num nesse

objetivo. A solução aparece quando começa a freqüentar curso de árabe.

A especulação no mercado das relações matrimoniais entre famílias abastadas são socialmente verificáveis em várias culturas. M. A., ao criticar tal código de postura em sociedade traz para o campo da representação artística alguns exemplares com esse mote. “A eterna menor”, São Paulo (22-06-1956 p. 10). A crônica critica a tradição portuguesa onde um uso e costume medieval perdura na família de emigrantes portugueses. A despeito de estarem vivendo no Brasil e terem incorporado praticamente a cultura local, como é o caso da família retratada, por ocasião do noivado de uma filha o pai abastado e noivo multimilionário discutem as conveniências do acordo pré-nupcial onde a jovem nubente não é consultada e o seu pai, investido do pátrio poder se utiliza de sua moeda (filha) no jogo de interesses no mercado matrimonial.

O exercício ficcional dá-se com reiterada ênfase em torno da condição feminina. Em “Cocktail-Party”, São Paulo, (13-04-1956, p. 03) Desta vez a mulher madura procura assegurar o seu futuro para uma vida construída e estável. A crônica ironiza o interesse mercantilista nas uniões matrimoniais entre pessoas maduras. Trata-se da história de Carolina “Era uma viúva formosa, distinta, mas quase pobre.” A condição financeira apresenta-se como elemento determinante sempre presente. Escrupulosa não queria um pretendente sem posses, “um marido sem fortuna é um encargo pesado”. A sua pouca sorte dá-se, quando o pretendente proprietário de fazendas e empreendimentos na África, a quem ela impõe condições para o casamento, vem a falecer.

A focalização irônica do apego ao antigo, ao arcaico compõe a crítica ao atrelamento do seu país natal, economicamente estagnado e, em flagrante descompasso na marcha do conserto geral das nações européias,

Ao utilizar a memória como recurso técnico na construção narrativa confere singular leveza e vivacidade à produção. A crônica “A velha criada na casa dos velhos”, São Paulo, (30-12-1955, p. 10) reporta-se a um episódio vivido pela escritora sobre o cotidiano de uma casa onde seus idosos moradores se recusam a aderir aos confortos da modernidade como a eletricidade e o telefone. Conservam as opiniões,

as crenças e os temores. “Os passeios, as visitas, as idas à cidade fazem-se de carruagem, lentamente porque os cavalos também são velhos”. Pelo território da memória a crônica visita o passado. A imagem remete a um período historicamente verificável próximo da Idade Média. A descrição minuciosa dos pormenores remetem-nos a uma associação metafórica, tendo presente a visão crítica da escritora sobre a condição de atraso desenvolvimentista do seu país.

Inscritas nesse território, regidas também, pelo fio condutor da memória, as crônicas resenhadas logo a seguir fazem um recuo temporal, visitam o passado e se voltam para a condição da mulher. As resenhas das crônicas abaixo relacionadas, se fazem acompanhar de eventuais comentários interpretativos.

“A eterna mulher”, São Paulo, (16-12-1955, p.10). O relacionamento amoroso e as crises de ciúmes são temas desta crônica. Trata-se de uma vizinha que empresta o telefone para falar com o namorado. A namorada, cuidando para que ninguém a compreendesse, fala palavrões em francês, contudo, a cronista é versada na língua e naturalmente traduz.

“A Piedosa mentira”, São Paulo, (22-12-1955, p.10). Narrativa traz ao centro o casamento realizado para o agrado do pai do noivo que gostava da pretendente. Rui e Helena, no entanto, separam-se. Ele contrai novo matrimônio. O pai sofre grave acidente e Helena, atendendo pedidos do ex-marido, vem a cuidar do ex-sogro sob um falso pretexto de que intenta voltar a viver com o filho que, entretanto está para se separar da segunda esposa. Após a morte do sogro ela afasta-se definitivamente de Rui.

“Domingo no bairro”, São Paulo, (06-01-1956, p.10). Crônica com cenas da vida conjugal de Alfredo e Raquel. Viviam numa “colméia popular”, bairro de “gente gritante sem recato” que traz à rua mazelas domésticas. O casamento deu-se às pressas. Alfredo impôs as condições: sair aos domingos com os amigos. Após o nascimento do filho Raquel rebelou-se e a vizinhança assiste perplexa à ameaça de suicídio acompanhada do filho sob o trem.

“Uma elegância fora de moda”, São Paulo, (13-01-1956, p.10). O desnível de idade na relação afetiva. Ramiro ultrapassou os 60 anos conservando-se atualizado e Dala com 30 namoram e o casamento parece próximo. O desencanto de Dala sobrevêm quando o declínio da vitalidade de Ramiro evidencia-se na opção pelo ultrapassado jogo de esgrima com esporte, em detrimento do Box sugerido por Dala. A notícia do desenlace não tarda a revelar-se.

“Noite de Fado em Lisboa”, São Paulo, (06-04-1956, p.10). A crônica faz um tributo aos cantores do fado em Portugal, sobretudo à Amália Rodrigues, na medida em que formula um ostensivo convite aos poetas a cuidarem da renovação dos valores sentimentais gastos no fado.

“Sepulcros Caiados” São Paulo, (20-04-1956, p.03). Crônica crítica ao comportamento antiético de mulheres deslumbradas que habilmente impõem, seus caprichos aos maridos. Deslumbramento, no qual, amealham considerável patrimônio em jóias e peles.

“Um vidente em Lisboa”, São Paulo, (27-04-1956, p.10). Crônica irônica à banalização do hábito cultivado por mulheres em Lisboa na consulta à videntes com supostos poderes paranormais.

“Molho de maionese”, São Paulo, (04-05-1956, p. 05). Crônica que enfoca a rivalidade no interior das tradicionais famílias provincianas com alto poder aquisitivo. O episódio ironiza o simulacro e o ritual convencionado para tomar o alimento, oferecido pelos vizinhos, durante os funerais.

“Eu vi o pelicano abrir o peito”, São Paulo, (11-05-1956, p.05). A crônica já havia sido publicada em Lisboa. Reporta-se “as minhas leitoras brasileiras parte do princípio de que apenas mulheres a lêem. Relata o talento e a inteligência de um sobrinho, de pais modestos sem posses para lhe custearem os estudos na faculdade de medicina. O discurso separatista revela uma formação discursiva segregadora com relação aos estudantes de classes desfavorecidas naquele país. “Não

tinha nem tem falhas de caráter ou fraquezas de temer em estudantes pobres”.

“Cidália Meireles” (*Arte*), São Paulo, (29-06-1956, p.05). Na Crônica jornalística o talento da cantora folclorista portuguesa Cidália Meireles é o mote para trazer à tona a discussão sobre o papel da mídia na formação do conceito de valor na área artística tanto no Brasil como em Portugal. A divulgação de artistas portugueses e a veiculação do fado.

“Coquetel em casa de novos ricos”, São Paulo (20-07-1956, p. 10). A crônica ironiza a ausência de finesse dos novos ricos ao receber convidados para um coquetel. O episódio passou-se numa recepção com a presença de Ribeiro Couto (secretário da Embaixada do Brasil em Portugal). A anfitriã coberta de jóias dispunha de serviçais e de todo o aparato necessário à ocasião como baixelas e cristais, contudo a ausência do costume para receber convidados cultos e habituados ao requinte revela usos e costumes incompatíveis com a nova posição social. O ambiente carregado torna as pessoas praticamente sem vínculos umas com as outras, ainda mais silenciosas.

“Sofrer para ser famosa”, São Paulo, (27-07-1956, p. 05). Crônica sobre dilemas da vaidade feminina traz à cena Chica uma viúva de 40 anos com desejo de deslumbrar um pretendente, o fazendeiro Luis, às vésperas do encontro liga para a escritora em aflitivo dilema: submeter-se ou não ao tratamento para embelezar os cabelos, visto que tal processo poderia agravar os sintomas da garganta inflamada denominada “angina”. Opta por correr o risco não sem antes arrancar a promessa que em caso de morte, a escritora queime certas cartas cujo conteúdo, deseja que chegue ao conhecimento dos filhos.

“Beleza ao domicílio”, São Paulo, (10-08-1956, p.10). A exploração da vaidade feminina como fonte de lucro pelo comércio dos cosméticos é milenar. A busca da eterna juventude aqui tematizada alude às artimanhas do discurso para persuadir a consumidora dentro de sua própria casa, seja pela inserção da mídia imprensa, seja pela visita

do vendedor abordando a compradora, dentre as quais a autora confessa-se um voraz consumidora dessas fórmulas que prometem o rejuvenescimento.

“Paralelos melancólicos”, São Paulo, (17-08-1956, p.10). A Crônica traça um paralelo entre o teatro brasileiro e o português da contemporaneidade ao presenciar o ensaio onde atuaram Maria Dela Costa, Odete Lara, Jardel Filho. “Temos em Portugal um teatro repleto de velhos. Todos miasmáticos de prestígio” A conservatória de Arte Dramática impediu por mais de 20 anos a renovação dos artistas. Lamenta que o academicismo e os regulamentos oficiais tenham matado o teatro português. A censura impede a representação de peças de Sartre e Camus. (Sabe-se que a escritora tentou a carreira no teatro.) Finaliza com a passagem do evangelho onde Cristo ressuscita Lázaro.

“Quem quer vai, quem não quer, manda”. São Paulo, (24-08-1956, p. 10). Crônica crítica à rivalidade e astúcia feminina. O episódio reporta-se à passagem da escritora por “Cidadezinha arcaica e dormente” próxima ao Algarve ao sul de Portugal. Em um chá de boas vindas oferecido por Belinha comparecem Dorinhas, Pepita e um elegante cavalheiro francês de meia idade que ao falar sobre a tendência da moda francesa, enfatiza que uma mulher fica sedutora em vestido de seda chumbo. Pepita, no dia seguinte parte para Lisboa alegrando “mostrar-se aos médicos”. Dorinhas encomenda o tal vestido à Pepita para o próximo coquetel. Alegando indisposição Pepita diz não ter condições de atender à amiga. Ao final de semana retorna e apresenta-se no coquetel toda vamp no modelito de seda chumbo.

“Casa de volframistas”, São Paulo, (21-09-1956, p. 10). A crônica ironiza frontalmente o exibicionismo e a futilidade de lusitano enriquecido pela extração do Volfrâmio. O paradoxo do poder econômico nas mãos de pessoas que se esforçam em aparentar habitual culto à arte e arquitetura tradicional. A casa dos volframistas é um exemplar do exarcebado gosto em se mostrar aquilo que o poder econômico pode ostentar na aparência não traduz aquilo que é verificável pela essência. A exposição dos volframistas ao ridículo fica expressa no final quando a

escritora astuciosamente, num movimento de mãos, vai averiguar a inexistência de lençóis embaixo da colcha com bordados de ouro. Neste local, o proprietário diz rezar antes de dormir diante da tela monumental da Virgem com o menino do pintor Rubens instalada naquele quarto. Os novos ricos em Portugal, na crônica de Maria Archer ostentam uma casa que aproximava-se mais de um museu, onde seus proprietários usufruíam apenas com os olhos são impiedosamente ridicularizados.

“Uma viúva de respeito”, São Paulo, (05-10-1956, p. 10). O tema da empregada doméstica é o assunto contemplado por esta crônica. As leitoras certamente mantinham-se em estado de alerta no momento da contratação da governança para os serviços da casa. A jornalista ilustra com um fato ocorrido com a tua prima Alice ainda em Portugal.

“Apresente desculpas”, São Paulo, (12-10-1956, p. 10). A crônica reporta aos costumes, às normas de conduta na sociedade lusitana. O texto passa-se numa estância de veraneio onde encontra Julinho, um verdadeiro leva-e-traz que dá informação em pormenores sobre a vida das pessoas. Desta feita a escritora mantinha-se bem informada sobre um casal ainda não apresentado assim como a sua vida era devidamente comentada pelo Julinho. Tempos depois, a jornalista encontra o homem que a abordou amigavelmente. A escritora evita a todo custo e, pela crônica fica explícito que duas pessoas do sexo oposto não devem se falar se não forem apresentadas, sobretudo se uma for casada e estiver desacompanhada do cônjuge. Pelo episódio Maria Archer pede desculpas.

“Presentes de amor”, São Paulo, (26-10-1956, p. 10). A crônica em 1ª pessoa traz à cena duas situações com temática idêntica, entretanto, com desfechos diametralmente antagônicas. Dada a paisagem verifica-se que o primeiro passa-se em África e o segundo em Portugal. A jovem “Bebé” vizinha ao “bangalow” onde a escritora se hospedou estava de noivado com um fazendeiro que lhe ofereceu um atado de pele de panteras. Sempre que o par de noivos se zangava o presente ia de volta para a casa do fazendeiro. O segundo episódio se dá na casa das senhoras Lemos, onde a escritora vai fazer uma visita e

surpreende mensageiro de uma loja abordar a criada pedindo a devolução do frasco de perfume supostamente oferecido à jovem Alice pelo Alfredinho. Este não havia pago. O perfume, entretanto, não estava com a filha, e sim surpreendentemente na penteadeira da mãe que obviamente não o revela.

“Contrato com o céu”, São Paulo, (23-11-1956, p. 10). Uma crônica reveladora da simplicidade dos costumes e da religiosidade popular de determinada região produtiva denominada Caldas da Rainha em Portugal. Trata-se de um produtor de suínos “compadre Bugalho” que, ao ver um dos seus suínos a definhar-se, faz um acordo com o santo protetor das criações, o São Bonifácio. Ao ter o seu pedido atendido o criador rejubila-se e faz cumprir a promessa: Os dois maiores suínos renderiam dois salpicões para a festa do santo. Ao final, após arrematar a própria prenda o Senhor Bugalho tanto gabara constata que Joaquina, sua esposa o preparou com economia, que esta apresentava-se sem sabor. Vexado, o compadre acerta a burla, “com a dureza do marmeleiro” nas costas da mulher. Assim, expõe de forma jocosa um hábito convencionado naquela aldeia: o direito que os maridos têm de agredir a parceira em caso de desagrado. Na estória protagonizada por um “compadre”, remonta, portanto, a tempos idos e revela-se um hábito atávico, a prática corrente de agressão física à mulher.

“Condecorações”, São Paulo, (07-12-1956, p. 10). O texto está comprometido, pois, a página falta um considerável trecho do final. Trata também das relações de vaidade, exibicionismo das condecorações no ambiente da academia. O esnobismo entre os convidados e a exposição ao ridículo ao pecar por excesso de vaidade.

“Nada de novo sob a rosa do sol”, São Paulo, (14-12-1956, p. 10). A crônica relata um episódio que se passou com a escritora ainda em Portugal. A tarifa dos fretes os critérios de cobrança do transporte dos produtos. A remessa de um cesto vazio tem uma tarifa maior que um cesto cheio. Outra observação é que ao final a escritora percebe que gastou mais com o táxi na cotação de preços do que se imediatamente

tivesse buscado uma solução. A presença da criada para carregar o cesto revela a postura colonial de aproveitamento dos serviçais.

“Pátio de Senhora Conceição”, São Paulo, (21-12-1956, p. 10). O afloramento das reminiscências na proximidade dos festejos natalinos também são tema para a escritora. Descreve, com riqueza de detalhes a paisagem e o comportamento social de uma família e seus agregados nessa época do ano numa aldeia lusitana.

“Uma obra do Estado Novo”, São Paulo, (08-02-1957, p.10). Crônica bem-humorada onde faz um paralelo entre o “piropo” (galanteios) dos espanhóis e dos portugueses ante as mulheres bonitas. A escritora faz referência a um episódio em que dá o troco a um galanteio inoportuno e de mau-grado. Um final criativo e divertido faz um paralelo com “obra do estado novo” Teve aí dupla oportunidade de marcar posição pessoal e política.

“Página do meu diário”, São Paulo, (15-02-1956, p. 10). Texto confessional onde revela a tristeza pela feminilidade estéril e a renúncia à realização pessoal por meio do relacionamento amoroso. Revela ainda o temor da morte. Descreve uma visita à Leprosária Rovisco Pais entre Coimbra e Figueira da Foz. Passeou entre as Irmãs que se dedicam às tarefas diárias no local e constatou como vivem a “renúncia voluntária dos grandes impulsos humanos”... “E talvez que os meus últimos dias de vida sejam na esteira do seu exemplo. num sacrifício inumano, inglório e ignorado.

“Raquel”, São Paulo, (01-03-1957, p. 10). A crônica aproxima-se de um mini-conto que fala sobre o mercantilismo nas escolhas matrimoniais. Trata-se de um jovem ambicioso que aos trinta anos procura para casamento qualquer jovem que seja herdeira abastada. Conhece Raquel e se encanta pela sua beleza. Após o casamento sofre acidente que o deixa imobilizado. Para fazer frente às necessidades financeiras tenta inserir a esposa à frente dos negócios. Por pura ausência de habilidade resta à esposa implorar a misericórdia divina pela falta de habilidade com o trabalho fora de casa. Conclusão:

Judicativamente a culpa recai sobre o protagonista. Vitor passa a ver o casamento e a família sob um prisma diferenciado.

“Ataraxia”, São Paulo, (15-03-1957, p. 10). Crônica autobiográfica e confessional que se aproxima da página de um diário. O termo que dá o título, segundo a autora, significa: “apatia que não é da impotência, mas da desilusão”. A motivação surge de uma pergunta feita por um repórter para uma coluna feminina de um jornal carioca não revelado. Qua sejam: - Qual a mais bela paisagem que viu no mundo? E se não fosse quem é o que quereria ser? De chofre responde: “A praia do Rocha em Portugal e se não fosse quem sou preferia não ter nascido”. A partir daí faz longa reflexão sobre as próprias respostas.

“Uma aldeia portuguesa”, São Paulo, (29-03-1957, p.10). Crônica autobiográfica onde descreve uma aldeia e uma aldeã. Aqui entram anotações do âmbito da geografia cultural e da etnografia. Centra-se em Arminda, cuja existência real na vida da escritora, naquela altura, a servia como criada. De boa procedência e bons princípios gozava da confiança. Herdara uma casa na aldeia de nome bucólico, Outeiro da Lagoa, local para onde se dirigirá, por uma temporada em atendimento à recomendação médica.

“Uma aldeia portuguesa II”, São Paulo, (05-04-1957, p. 10) A crônica descreve com riqueza de detalhes todo o fascínio da natureza na aldeia em que passara uma temporada de recuperação de saúde. “A paisagem era cada vez mais fantástica, porque crescia em riqueza cromática, em contrastes, em surpresas, mas tudo de uma espantosa ruralidade.”

“Uma aldeia portuguesa III”, São Paulo, (12-04-1957, p. 10). *Uma aldeia portuguesa* tem a intensidade de uma experiência de uma produção criativa muito bem realizada. A delicadeza do relato dos primeiros dias da escritora na aldeia apresentado com pormenores de indisfarçável encantamento. Os benefícios do local sobre a escritora logo se fizeram notar pela noite de sono tranquilo e reparador já que a motivação principal do deslocamento para aquelas paragens tinha sido os cuidados que a sua saúde inspirava.

“Uma aldeia portuguesa IV”, São Paulo, (19-04-1957, p. 10). A aldeia tem existência real. Outeiro da Lagoa fica no Concelho de Sertã, distrito de Castelo Branco. A descrição a coloca com a aparência mais próxima de uma aldeia medieval. “julgo que as cartas geográficas não a mencionam e os governos a ignoraram desde a época dos Afonsinos”. “Arruamentos estreitos e bambeados”. O casario é feito pelo modelo tradicional, com material extraído da terra mãe.

“Uma aldeia portuguesa V”, São Paulo, (26-04-1957, p. 10). Assume a alegria por ter se diluído no mergulho do encantamento écloga. O “locus amenus” deu a medida exata do que é o camponês lusitano em estado puro. Guia-se por um roteiro etnográfico e sociológico sobre o local: O fator econômico, O aspecto social da população. A aparência física das moças esbeltas, seca de carnes, alongada, estreita de ossos, rara na antropologia portuguesa. Os olhos, tanto de homens como das mulheres eram de grande beleza, no entanto os dentes eram mal tratados. O baixo nível de vida, o analfabetismo, a velhice precoce, a mortalidade infantil eram aterradoras. Contudo, no local cada um é dono da sua propriedade.

“Uma aldeia portuguesa VI”, São Paulo, (03-05-1957, p. 10). Segue-se a pontuar a população de Outeiro da Lagoa. “As mulheres analfabetas andam descalças e carregam carga como animal”... possuem costumes honestos e tratam umas às outras por senhora. O cultivo agrícola requeria grande esforço humano, sobretudo das mulheres, já que não havia máquinas e os animais eram poucos. A emigração para Lisboa escasseava os braços para lavoura. A violência e os maus tratos por parte dos pais eram também razão das jovens deixarem o campo.

“Uma aldeia portuguesa VII”, São Paulo, (10-05-1957, p. 10). Afeita à observação das peculiaridades do local a escritora aponta a existência de poucas micro indústrias, uma viatura de carga, poucos geradores particulares de energia. O telefone funciona de dia e encontrava-se a dois km, jornais chegavam com atraso. Cinco aparelhos

de rádio o contato com este meio fez a aldeia esquecer as toadas tradicionais e incorporar as canções das revistas teatrais de Lisboa. Novelas. Por preceito de dignidade não se pedia esmola os meninos freqüentavam uma escola que funcionava acima de um estábulo e as meninas sem aulas aguardavam o retorno da professora gestante, a geração anterior, entretanto era em sua maioria analfabeta. Observou-se também a ausência de vestígio dos contos e das lendas do folclore popular. Personagens como: Príncipes encantados, fadas, moiros desapareceram do ideário popular, daí o desinteresse por parte das crianças em Outeiro da Lagoa.

“Uma aldeia portuguesa VIII”, São Paulo, (17-05-1957, p. 14)A ausência do maravilhoso e de imagens de fadas, reis e rainhas, bruxas e lobisomens no consciente imaginativo acarretou o empobrecimento psíquico das crianças. Isso talvez tenha ocorrido desde que o automóvel que valeu como exorcismo de lobisomens e “almas penadas”. Cita exemplos como do Sr. Albano Campos e o Sr. José Rita da Mata “agentes gratuitos da civilização moderna em terras medievais” que ao migrarem para a trabalhar na capital retornam à aldeia e investem na melhoria de suas propriedades e tornam-nas produtivas, imprimindo o almejado progresso. Na altura da despedida, a escritora ganhou, em retribuição às lembranças que ofertou, diversos presentes, frutos do cultivo local como azeite e vinho. Não registrou entre os moradores nenhum comentário de caráter político ou social. Sobre o comunismo, além de “uns vagabundos na taverna” somente ouviram o comentário do Padre que o anunciou como um anti-cristo. Muitas eram as propriedades de talhes humanos modestos em regime de policultura da qual se podiam comer da seara, a horta, o pomar, a carne, o vinho, o azeite sem procurar recurso noutra lavoura.

“Uma aldeia portuguesa (Conclusão)”, São Paulo, (24-05-1957, p. 14) . Outra peculiaridade local diz respeito ao pauperismo psíquico e o empobrecimento da imaginação. Palavras como rei, rainha não despertavam outra realidade no consciente imaginativo das crianças. Bruxas de mais ou menos prestígio, como abundavam em toda a ruralidade portuguesa, não haviam por ali. Lobisomens também foram

exorcizados com a chegada dos automóveis. O Sr. Albano Costa e Sr José Rita da Mata “agentes gratuitos da civilização moderna em terras medievais” são exemplos de cidadãos que emigraram e após a prosperidade na capital investem em propriedades no local.

Outra particularidade posta em relevo é a altivez do povo beirão. Na despedida a escritora recebeu, em retribuição às lembranças que ofertou ao chegar, muitos presentes produzidos na aldeia como azeite, vinhos, frangos, frutas. Não se ouviu nenhuma referência à política e nem ao social. Sobre o comunismo ouviram o padre se referir como um anticristo e um ou outro “vagabundo” na taberna sertã. Na moradia em que se hospedou toda consumiu-se a alimentação retirada da própria policultora sem procurar recursos noutra lavoura. Único entretenimento: a passagem de um grupo de comédia. Aquilo soou como regressão no tempo: Comédia nos templos da Idade Média.

“Quem empresta não melhora”, São Paulo, (07-07-1957, p. 04). Crônica autobiográfica narra um episódio indignante vivenciado pela escritora em que a incapacidade de um gesto de justificação e agradecimento por parte da interlocutora portuguesa Migu. A vingança, portanto, é a motivação temática desta crônica, uma crítica ao comportamento mesquinho do gênero feminino.

“Crianças”, São Paulo, (28-06-1957, p. 14). Crônica judicativa ao comportamento curioso das crianças, filhos de saloios, na igreja. A rigorosa formação ideológica judaico-cristã em Portugal fica patente nesta produção criativa, na medida em que o julgamento preconceituoso ante a criança não batizada na igreja cristã é sumariamente excluída, enclausurada no preconceito sob a égide de incômoda e inoportuna naquele ambiente extremamente ritualizado e regido por regras arcaicas.

“Diário duma semana em praia portuguesa I”, São Paulo, (02-08-1957, p. 04) Como o título anuncia, atendendo ao saudosismo Maria Archer faz um tributo ao passado e compartilha mais uma página de seu diário. Apresenta-nos com intensa riqueza de detalhes a praia de Caparica, onde passou uma temporada.

“Diário dum semana em praia portuguesa II”, São Paulo, (09-08-1957, p. 04) A presença de cães na praia, mesmo com pedigree, nem sempre agrada aos banhistas, dentre os quais estava a escritora. A exigência de certas condições para transitar com caninos indigna a proprietária que confessa até ter vontade de se vingar do capitão falando com o almirante. (a tendência em transferir inadequadamente a responsabilidade para uma pessoa em particular e não para a instituição).

“Diário dum semana em praia portuguesa (Conclusão)”, São Paulo, (16-08-1957, p. 04) Parte do sábado onde tentou passar a tarde num encontro com a mata virgem ouvindo os sons da natureza, na altura em que entraria em êxtase, foi interrompida pelo constante movimento de pessoas. Ao domingo deixa o hotel despediu embevecida e saudosa de cada ponto da praia e deu aos leitores uma idéia do verão em uma praia lusitana.

“Ouro Preto”, São Paulo. Ao ter em mãos a edição do *Guia de Ouro Preto* organizado por Manuel Bandeira, Maria Archer, exilada, sentiu o avivamento das saudades do seu país natal. No roteiro artístico, histórico e sentimental onde destaca as igrejas recheadas de obras de arte como havia em Ouro Preto, Vila Rica, Mariana, Congonhas do Campo e Sabará fez aproximações com monumentos similares das cidades portuguesas como há em Braga, Lamego, Santarém, e Vila Real.

5.1.2. – Crônicas Paineis Africanos

“Não são etéreos apontamentos de viagem
mas expressão de intensa comunicação
entre mim e a África, a que a minha pena deu voz”
Maria Archer
(*Terras onde se fala português*, p. 09)

Fruto de estudos aprofundados e de sua vivência na África a escritora apresentou aos brasileiros e portugueses, que nunca lá estiveram, um verdadeiro painel africano. No Brasil lançou livros que descrevem a vida do povo africano, a riqueza dos termos étnicos e lingüísticos.

No prefácio de um dos livros lançados no Brasil *Terras onde se fala português* (1957) aduz que ela não produzia uma obra como essa para ornamento de biblioteca ou “ganhar loiros ao autor – é para ser muito lido e sugerir seus leitores” (1957:09)

As obras lançadas no Brasil, de cunho marcadamente didático são voltadas mesmo para consulta dos interessados no conhecimento das terras africanas que tem o português como língua de comunicação.

Nos textos que fez circular na imprensa voltou-se para a temática africanista e promoveu a apresentação de elementos sociais, étnicos, mestiçagem, políticos, culturais e históricos sob o a tese da irmandade e democracia racial.

Com base no seu conhecimento sobre a África Maria Archer escreveu mais de uma dezena de crônicas, ao todo quatorze textos como veremos a seguir:

“Pedras para o templo da ventura”, São Paulo, (03-08-1956, p. 10). Crônica crítica às primazias do patriarcado e à forma como os pais dispõem da vida de uma filha. O episódio desta vez tem a África como cenário. A realização de um enlace matrimonial, para a conveniência do pai viúvo e rico que pretendia desincumbir-se da tutela da filha,

transferindo-a para um marido. Testemunhada em trajes de gala pela elite local a ostentação e o luxo da capela do palácio não sobrepuseram-se ao clima de angústia da noiva. A escritora assiste indignada as cenas de pavor e suplício de mais uma mulher e lamenta-se ter consentido a mais uma execução.

“Saudades. Talvez da África”, São Paulo, (31-08-1956, p. 10). A crônica autobiográfica revela a exuberância de uma fazenda moçambicana, o condado de um amigo que para fasciná-la convidou-a para uma caçada ao leão. A expectativa era de que a escritora, no futuro, escrevesse um romance do colono africano onde ele fosse o fulcro. Entretanto, um incidente caseiro ocorrido com a cozinha é o centro do divertido relato.

“Caçada ao leão”, São Paulo, (07-09-1956, p. 10). Crônica atende a carta de uma leitora que se lamenta que na semana anterior a escritora referiu-se à caçada ao leão, mas se tratou de um incidente na cozinha. Em atendimento relata sobre sua vivência em terras africanas e descreve as mais diversas situações em que se promove a caçada ao leão.

“A Quadrilha”, São Paulo, (28-09-1956, p. 10). A crônica hilária coloca em cena uma jovem em idade de se casar, o espaço é o baile de época que remonta ao 1900, A ludicidade circunstancial e aparentemente descontraída de um baile, o ritmo alegre, a quadrilha cantada em francês (moda) contrastam com o espírito de apreensão da jovem amiga que encontra-se à procura de um parceiro em condições de se casar. No início tenciona terminar com o Mário e aceitar o Raul que a corteja há algum tempo.

“Marieta”, São Paulo, (16-11-1956, p. 10). Um texto confessional, paraliterário onde a escritora fala da criação de uma personagem com a qual desejava conviver na infância quando viveu em Moçambique. A existência da Marieta real e inacessível pelas convenções sociais levou-a a criar uma personagem e atribuir o mesmo nome.

“Tipos femininos da África portuguesa A mulher branca”, São Paulo, (14-06-1957, p. 10). A crônica observa, por comparação com a atuação da mulher fidalga vinda de Portugal nos séc. XVII e XIX, que ” com os elementos femininos portugueses atualmente existentes no ultramar português não se consolida uma civilização.” Um discutível conceito de civilização.

“Tipos femininos da África portuguesa A mulher de cor”, São Paulo, (21-06-1957, p. 10). Estudo descritivo de aspectos relacionados com as mulheres negras em África. Elaboração de dados obtidos em sua vivência pessoal naquele país referentes às negras do sertão, desgraciosas de postura corporal e julgam-na destituídas de inteligência até para se dedicarem ao artesanato. Não influem na vida político-social. As negras das povoações executam trabalhos assalariados. As assimiladas já freqüentaram escolas missionárias e mais adornadas já trabalham em casa dos brancos. As mestiças, mescla do branco com a negra, educadas na casa dos pais, dentro dos preceitos das famílias portuguesas. Todavia, no capítulo das mulatas há graduações variadas quer na formação educativa que na cor. As crioulas filhas de branco com mulata clara são o tipo mais belo de mestiça euro-africana “a mescla do sangue depura-se”. São elegantes e geralmente se casam com altos funcionários do governo.

“Donas da Zambézia”, São Paulo, (13-09-1957, p. 04). O reinado da princesa D. Maria II, irmã de D. Pedro, empossou em sesmarias algumas mulatas, beldades semi-orientais, riquíssimas da Zambézia, contudo, a posse da terra e o título de Donas estava condicionado ao casamento com um português reinol, cujo intuito era fixá-los na terra. Até 30 anos antes deste texto elas viviam em palácios construídos no tempo da escravatura, passeavam em palanquins pendentes em cordão de prata carregados por escravos, vestiam-se de seda, comiam com os dedos em tigelas de prata, entretanto desajustadas da cultura portuguesa eram analfabetas e manejavam a cultura local ao sabor dos seus caprichos. Hoje já são raras as que se casam com portugueses, muitas já freqüentam as escolas e coíbem feitiçarias e vinganças dos maridos traidores

“Regime de matriarcado em terras africanas”, São Paulo, (27-09-1957, p. 04). Tendo vivido no Niassa ao norte de Moçambique, na ilha de Ibo, e, afeita por especialidade, à observação dos povoamentos e das particularidades do comportamento da sociedade local relata Archer que há pouco mais de um século (na altura do artigo), Ibo exportava escravos para Índia etc., isso atraía degredados com a pena findada para fazer fortuna no negócio. O degredo acabou A vila pequena e povoada de mestiços e orientais decaiu após a queda da escravatura. Ibo despovoou-se, fortunas desfizeram-se. O êxodo de homens deixou aquele agrupamento euro-africano em estagnação. Ali permaneceram inúmeras mestiças matriarcas famosas. Conservavam de pé casas de lavoura, comércio indígena (exportação de escravos) e propriedades herdadas. Governavam povo numeroso. Guardiães das tradições semi-orientais naquela pequena ilha conservavam a pequena civilização euro-afro-asiática.

“Nossas irmãs da selva africana”, São Paulo, (25-10-1957, p. 10). O título remete à idéia de igualdade racial. Apresenta os variados aspectos da situação da mulher indígena na África. Sobrevivência do culto totêmico leva ao preconceito de se evitar a miscigenação. A sucessão é pela linha feminina. As heranças de bens são transmitidas pela linhagem uterina. Os conselheiros da coroa escolhem o sucessor do Rei morto entre os sobrinhos. O poder paternal exercido sobre os filhos menores e a mulher é exercido pelos tios maternos e não os pais. Quem concede a mão das moças em casamento e recebem o valor dos dotes dos noivos quando estes compram as esposas são estes e não os pais. Entre os bantus, o cultivo da lavoura, despilamento do cereal, buscar a água são obrigações das mulheres. Uma aldeia indígena na selva é ainda a imagem das povoações pré-históricas. Casas e cabanas de palhas toscas, acanhadas feitas em palhas secas e sacarias. O chão é em terra batida nos pés. O selvagem se casa com várias mulheres e aldeiam-se. Casa mulher tem a sua própria casa, contudo, cabe à primeira mulher (hierarquicamente superior) o mando sobre as outras.

“Mais negras e mestiças”, São Paulo, (01-11-1957, p. 04). Dá continuidade à observação etnográfica dos tipos femininos da África destacando o tipo físico, o comportamento social, a formação cultural das negras e mestiças na África lusófona. A saber: as selvagens negras de extirpe pura. O contato com europeus desenquadra-as da tribo, passam ao serviço doméstico em casa dos brancos; As indígenas assimiladas passaram pela Escola Missionária, empregam-se como doceiras, costureiras falam o português, nesse meio há mestiças “no plano de agentes da mestiçagem”. Pais e maridos são proprietários de casarios para indígenas, Se tem posses perfumam-se, maquilam-se; usam luvas. Todavia, no recato da família reassumem costumes indígenas. Em seguida a mulata (branco com negra) abandonadas nos braços da mães. Criadas no ambiente das mães, os europeus dão preferência a estas. São capazes de governar a casa do senhor branco e seus filhos saem mais claros. Abordou assim o tema da mestiçagem.

“As belas crioulas”, São Paulo, (15-11-1957, p. 04). Destaca um único capítulo àquela que considera mais bela: a crioula. Aqui já na quarta geração de apuro do sangue africano a mescla alcança o gracioso. As mais sofisticadas instalam-se como esposa na vida dos rapazes ricos. Como valoração social ou cultural esse tipo é idêntico ao tipo branco nativo da África. Concluiu: “As contingências do social não alteram a hereditariedade biológica. O sangue dos negros mestiça-se com o dos brancos e o produto das duas raças resulta numa fisiologia equilibrada e abundante, e que, num meio saudável demonstra qualidades de caráter, inteligência e capacidade de ação”.

“ Brancos nativos da África”, São Paulo, (22-11-1957, p. 04). Em continuidade à série, as filhas de imigrantes ou já nascidas em África ganham destaque no capítulo dedicado às mulheres brancas. A emigração levou ao ultramar português muitas mulheres brancas Criadas nos meios pobres de cultura, e nos ambientes que as repelem. O destino é serem costureiras, datilógrafas, funcionárias dos correios, donas de casa humildes. Os pais as criam nos preceitos: de ganhar a vida e serem honestas. Não têm a ousadia ambiciosa com que as

crioulas superam seu *handicap* de terem sangue africano (não será uma observação preconceituosa e presunçosa?) “submetem-se docilmente à pobreza”. Não há divertimentos acessíveis aos bolsos. O clima depauperante e a vida modesta do lar humilde cedo estiolam a saúde e os ânimos destas emigradas ou descendentes. Sofre com a hostilidade e a indiferença social no ambiente.

“A ação da mulher branca no regionalismo africano”, São Paulo, (29-11-1957, p. 04). “(...) adornam-se de falso prestígio da velha nobreza, papel de carta brasonado, de nome de ressonância histórica a que não tem direito.” Os exemplos de conduta das mulheres da elite de Luanda ou de Lourenço Marques têm a tendência a serem seguidos. Daí que as brancas nascidas em África seguiam-nas nos costumes e figurinos e estes, nem sempre, edificantes. “as brancas e mestiças dessa classe média em África são possivelmente as culpadas pelo estagnamento no aspecto civilizador que competia às mulheres. Reconhece, por fim que a presença da mulher branca não se fez sentir na gestação de uma cultura específica duma civilização regional, assim como foram as portuguesas que vieram para o Brasil, para a Índia ou a China.

5.1.3. Crônicas Brasil e África

“Entesourei aqui quadros africanos
num museu de saudade que ninguém mais verá.
As suas portas foram fechadas pela história”
Maria Archer¹⁰⁶

As primeiras notícias dadas pelos viajantes e cronistas sobre as terras descobertas pela Coroa Portuguesa são esclarecedoras. Tomar posse efetiva das terras através da ocupação dos territórios e promover a busca de metais preciosos eram finalidades prementes da Coroa.

Basta recuarmos na história, para encontrarmos, especialmente no século XVIII, a África e sobretudo Moçambique e Angola como os locais privilegiado pela Coroa, para o envio dos cidadãos punidos, por desregramentos vários, na condição de degredados no chão africano. Lembramos aqui que, conforme observa Abdala¹⁰⁷ que o solo africano foi, também, “chão de exílio” para os atores da Inconfidência Mineira. Ressaltemos que este fato, anteriormente, se passou com o Brasil.

Maria Archer dedicou-se, em seus ensaios jornalísticos, a estudar as relações históricas e culturais entre os dois continentes. Ao desenvolver uma série temática, dialogando com as crônicas de viajantes a escritora estabeleceu paralelos entre a história de ocupação territorial da África e do Brasil.

O conjunto de seis ensaios refletem os paralelos encontrados entre a formação histórica colonial Angolana e brasileira. Entre os vários aspectos de confluência histórico-cultural entre os dois continentes, está o movimento de devassamento e ocupação empreendido pelos Sertanejos em Angola e os Bandeirantes no Brasil. Passemos às resenhas do ensaios publicados no jornal *O Estado de São Paulo*:

¹⁰⁶ ARCHER, Maria. *Brasil, Fronteira da África*. 1963, p. 05. Nesta obra fala sobre Angola injustiçada nas lutas contra o colonialismo salazarista. “[...]”

¹⁰⁷ Benjamin Abdala no prefácio de *Angola e Brasil Estudos Comparados*. Tania Macedo, São Paulo, Col. Via Atlântica, Arte e Ciência, 2002. p. 10.

“Paralelos iniciais”, São Paulo, (26-08-1956, p. 104.). Publicado no 6º Caderno do Suplemento Literatura e Arte, veiculado aos domingos, com o subtítulo “Sertanejo emulo dos Bandeirantes” o artigo inicia uma série temática sobre o papel dos bandeirantes na ocupação do Brasil, estabelecendo um paralelo com Angola descoberta em 1485. Ao citar estudiosos como Afonso Taunay, Virgílio Correia Filho, Afonso Arinos afirma que a exemplo do Brasil, Portugal não fez o mesmo estudo sobre os passos dos sertanejos pioneiros na África central.

O movimento da exploração das terras do interior da África remonta ao séc. XV e o dos bandeirantes no Brasil só internalizaram algum tempo depois a partir do séc. XVII.

“O sertanejo, emulo dos Bandeirantes Devassamento e Ocupação”, São Paulo, (02-09-1956, p.01.). Continua a série temática realizando um paralelo sobre o devassamento e a ocupação pelos bandeirantes no Brasil e os sertanejos no território da África central. “As paridades do fenômeno do Bandeirismo e do Sertanismo continuam a ser evidentes. Se a prioridade da presença na terra fosse base do direito de posse geográfica e política, quase toda África Equatorial e Austral pertenceria de direito, aos portugueses!”

“O sertanejo, emulo dos Bandeirantes - O comércio ambulante”, São Paulo, (09-09-1956, p. 01.). Continua a série temática sobre o papel dos sertanejos na ocupação do território africano em comparação com a ação dos bandeirantes no Brasil “Os portugueses devem Angola à ação dos sertanejos comerciantes por quatro séculos” Descreve com pormenores as circunstâncias em que decorreram as experiências do comércio ambulante exercido pelos sertanejos. A hierarquização do acesso às mercadorias o régulo vistoriava e escolhia, em seguida os grandes da terra e só depois o povo. A permuta como regime de pagamento dava-se com produtos como o marfim, borracha ou cera. Os sobas ficavam com muita mercadoria às vezes pagavam somente no ano seguinte. Assim descreve a rotina dos sertanejos nas travessias africanas.

“O sertanejo, emulo dos Bandeirantes- Sertanejos de Angola”, São Paulo, (16-09-1956, p. 61.). Publicado na sessão Literatura e Arte, esta é a quarta parte do extenso artigo desmembrado que objetivou a recuperação de parte da história dos sertanejos do planalto de Benguela

em Angola. Os sertanejos assim como os bandeirantes eram segundo Afonso de Taunay, “homens incapazes de estabelecer as determinantes geográficas”. isto é, capazes de traçar um roteiro com bases matemáticas. Adriano dos Santos Gil, Antonio Manuel Malheiro e Vaz da Mota (Camota) são os sertanejos assinalados pela presença ativa nesse percurso histórico no planalto de Benguela

“O sertanejo, êmulo dos Bandeirantes – Figurações lusitanas”, São Paulo, (23-09-1956, p. 05.). O ensaio faz uma comparação entre o movimento dos bandeirantes em São Paulo e os sertanejos em busca do caminho para o Índico nos sertões de Angola. Não só negociantes brancos, mas muitos trilhos foram abertos nos sertões de Angola pelos mascates negros Cita Joaquim Ribeiro no livro *Problemas fundamentais do folclore dos Bandeirantes*. O preamento de índios para o trabalho no cultivo da cana no nordeste era a motivação principal das das bandeiras paulistas e não um espírito aventureiro. Nenhum documento ficou da travessia da África, mas a tradição afirmou-a. Adriano dos Santos Gil, Antonio Manuel Malheiros, o Major Moraes afirmam: Os negros anônimos tinham atingido o Índico atravessando o Muata lanvua, a feira de Cazembe, Tété, o Rio Zambeze de canoa até Quelimane. Atingiram a mira ambiciosa pelo mesmo “sopro de descoberta” que empurrava os bandeirantes nas caravelas portuguesas. Silva Porto sertanejo do séc. XIX digno de ser lembrado pela “linha moral prestigiosa.”. selva reino real para a alma que nasceu sem trono”.

“A tragédia de Silva Porto”, São Paulo, (07-10-1956, p. 98.). Caderno *Literatura e Arte*, veiculado aos domingos. O artigo dá continuidade à série reportando sobre o sertanejo estabelecido como fazendeiro em Benguela.. Desgostou-se de lavoura internou-se na selva e passou a negociar com marfim. Sendo assim, muito antes de Serpa Pinto que atravessou a África de lado a lado e fez apontamentos matemáticos, Silva Porto teria atravessado o sertão do Atlântico ao Índico. No fim da vida fixa residência na povoação do Evocongo. A esse povoado deu o nome de Belmonte. Além de amigo dos sobras tinha prestígio dos gentios. Em 1890 tinha ele 72 anos era capitão-mor da Bié. A política colonial européia andava tempestuosa. Três comerciantes

invejosos de Silva Pinto armaram intriga de que este era conivente com a investida da expedição militar portuguesa de Paiva Couceiro. Ao tentar evitar a chacina Silva Porto tenta convencer o soba Dunduma que o insulta violentamente. Silva Porto retorna a Belmonte e suicida-se envolto na bandeira de Portugal. A jornalista faz um paralelo com o episódio da condenação à morte de José, pelo pai, e do assassinio de D. Rodrigo à morte do velho Fernão Dias.

5.1.4. – Outras crônicas

Como nos referimos, anteriormente, a reunião em núcleos aglutinadores, uma das particularidades histórico-política e social da presença portuguesa no Brasil, apontou para capacidade dos emigrantes em promover a criação de agremiações, com fins comuns, de natureza cultural ou assistencialista, através do associativismo.

Maria Archer, por sua vez, dedicou-se a dimensionar a presença e a atuação dos migrantes portugueses no Brasil. Reportou-se à experiência de homens e mulheres que desempenharam papéis fundamentais no fomento das iniciativas que deram origem ao exercício do associativismo em São Paulo, para onde se dirigia a grande massa de emigrados portugueses.

O conjunto desses textos que agrupamos neste dossiê abrangem vários assuntos, como por exemplo a atuação de portugueses no Brasil e as organizações, trata-se da reportagem de entidades e agremiações, umas bem conhecidas do público e outras nem tanto. Nesse seguimento estão: *A Real e a Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência*, *O Clube Português*, *O Centro Transmontano*, o agrupamento lusíada- *A Tertúlia Acadêmica*, *A escola de enfermagem da Cruz Vermelha*, *O Cantinho da Arte*, *O Lar Santa Joana*.

O mapeamento das associações portuguesas e suas práticas culturais no Brasil, que além de ser uma particularidade especial, é também, para os exilados, um fator de manutenção identidade étnica do grupo.

Neste dossiê, o discurso investe ainda, na ilustração do público leitor, isso fica evidenciado na seleção de temáticas variadas como a crítica teatral, a crítica literária, a denúncia da violência doméstica, as realizações de entidades de cunho humanitário e difusão cultural são contemplados nesta coletânea. A seguir relacionamos os textos que

contemplam variadíssimos assuntos, atestando inegavelmente a riqueza do pensamento crítico da autora.

“Visita ao rancho do Senhor”, São Paulo, (20-12-1955, p.10). Matéria registra a existência da instituição Cruz Vermelha e a visita da sua fundadora Helen Londahl ao Brasil. A obras assistencialista mantêm uma “casa” que alberga mães desamparadas.

“Humanidade”, São Paulo, (23-03-1956, p. 10). O artigo reporta à observação e à denúncia do degradante fenômeno da violência e das agressões físicas de que são alvo as mulheres e as crianças no seio das relações familiares por pais alcoolizados.

“Em prol do teatro brasileiro”, São Paulo, (16-03-1956, p. 05). O artigo contemporâneo reconhece o bom desempenho dos atores na representação artística da comédia teatral brasileira e incentiva aos escritores a produção de novas peças na dramaturgia nacional. (investigar: “o teatro brasileiro é feudatário do português”... “Não há no chão brasileiro, Deus louvado, Censura coercitiva do talento dos escritores”... “É preciso recuar no tempo, analisar as épocas anteriores às ditaduras ibéricas, para se tomar conhecimento de que Portugal e Espanha tiveram teatro com foros de nacionais e escritores de talento, cujas peças enfebreciam o público. O Brasil foi feudatário deste teatro e os velhos ainda o recordam”.

“Renovação dos valores sentimentais” São Paulo, (18-05-1956, p. 10). O amor entra em pauta. Um convite para o resgate dos princípios platônicos o retorno ao virtuosismo do sentimento do amor desvinculado dos interesses pessoais. “Os poetas precisam de trazer a público valores sentimentais renovados pelo mais novo prisma que o diz tu direi eu da questiúncula amorosa. Disso não deve rezar a História. Intimo-os a regressar a natureza e a restituir o amor a virtualidade de ser a maior ventura que pode caber em sorte aos mortais”. Através da metalinguagem a escritora volta-se para um leitor específico, a classe dos escritores. Neste texto, conclama aos artífices da palavra à renovação dos valores sentimentais, ao resgate dos valores do amor virtuoso e ao retorno aos postulados do amor platônico. Naquela altura,

como leitora atenta ao seu tempo volta-se para o resgate do substrato e preocupa-se com o adensamento poético das criações literárias, os poemas.

“Romance branco”, São Paulo, (08-06-1956, p. 03). Crônica crítica aos romances açucarados que acabam por promover o enlevo das leitoras sonhadoras em um mar de ilusões quando à sorte do seu futuro em encontrar um marido na vida das leitoras sonhadoras. Perfil do capitalista: avessos ao romantismo ingênuo.

“Dia de festa na Cruz Vermelha”, São Paulo(01-06-1956, p. 03). Um tributo à instituição caritativa e humanitária, a Cruz Vermelha em São Paulo. Homenagem à Sra. Helena Proença Lepage pela passagem do seu aniversário. Voluntária portuguesa à frente da oficina de costura da Cruz Vermelha em São Paulo e amiga pessoal da escritora. Digno de registro, também é o devotamento das irmãs do Leprosário do Padre Bento. Hospital servido por enfermeiras “laicas” italianas que voluntariamente optaram pelo Brasil para o trabalho com os leprosos. Um enfoque dado ao trabalho de voluntários.

“A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo- Considerações de ordem geral e início da filial paulista”, São Paulo, (11-09-1956, p. 11). A matéria faz uma reportagem sobre a origem da Cruz Vermelha.O suíço Henri Durant, em 1859, apanhado em Castiglione pelas tropas debandadas da batalha de solferino, sensibilizado com a atrocidade da guerra, lança um livro comovente e começa a campanha com a reunião de uma comissão internacional em Genebra objetivando formar, em tempos de paz um serviço de saúde paramilitar capaz de socorrer os feridos de guerra sem distinção de nacionalidade, partidarismos, cor e idealismos.

Nasce dessa iniciativa “um dos monumentos da humanidade mais dignos do homem e se designa por Cruz Vermelha”. A Sociedade Nacional da Cruz Vermelha Brasileira foi fundada em 05-12-1908 no Rio de Janeiro e São Paulo em 05-10-1912.

“A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo - Primeiras realizações da filial paulista”, São Paulo, (25-09-1956, p. 05). O enfoque deste artigo volta-se para a divulgação das realizações da C.V paulistana, quais sejam: a Fundação do 1º Hospital para as crianças em 1917, inicialmente com 30 leitos, após a reforma ampliou-se para 200. O Rotary Clube construiu um anexo para tuberculosos. A Escola secundarista de Enfermagem em SP remonta ao começo da Cruz Vermelha paulista. Há também curso de enfermagem para voluntárias. Banco de Leite humano, Escrita em Braile, Seção de costuras com trabalho voluntário para o Hospital, contribuiu para debelar a gripe infecciosa de 1918, prestou serviços de saúde na Revolução de 1924 e na sua seqüência a de 1932. Durante a 2ª Guerra arrecadou e enviou “mimos” aos expedicionários, organizou subcomissões no estrangeiro e seção de socorro e prestação de atendimentos de saúde às vítimas da guerra.

“A Cruz Vermelha no mundo e em São Paulo e no mundo O Hospital de crianças em Indianópolis III”, São Paulo, (08-11-1956, p. 06). Continuidade à exposição mensal iniciada em setembro/56, dos muitos serviços da Cruz Vermelha em São Paulo. O pleito de gratidão se refere às respeitáveis senhoras Antonia de Souza Queirós, Rosina Nogueira Soares, Eleonora Silveira Cintra, Anna Vieira de Carvalho formaram uma diretoria da Cruz Vermelha em São Paulo. O Comendador Português Joaquim Bernardo Borges, emigrante que aqui prosperou, ao partir em definitivo para Portugal, doa um terreno vago na Rua Libero Badaró medindo 37m de frente por 35 m de fundo. No local, após grande campanha foi possível levantar um prédio de 10 andares. Na altura levava o nº 594. Mais tarde outra doação de propriedade, desta vez em condomínio com a Liga Paulista contra a Tuberculose. Desta vez veio por intermédio do Comendador português Coelho da Rocha e constava de vários prédios na Av. Da Liberdade, do nº 1001 a 1021. A generosidade do povo brasileiro notou-se na campanha Dia do Tostão Nacional. Vários cofres foram colocados nos comércios, casas de diversões contribuíram doando o total de um espetáculo. A Cruz Vermelha desencadeou um movimento dirigido pela comissão de

senhoras. As obras do Hospital foram inauguradas em setembro de 1918.

“Monumento à mulher paulista”, São Paulo, (05-03-1957, p. 04). O artigo dá continuidade à série e visa mostrar que em todos os trabalhos da Cruz Vermelha há um intenso trabalho de voluntariado feminino. Elenca alguns nomes de anônimas colaboradoras que após a formação na Escola de Enfermagem atuam como enfermeiras chefes nos hospitais públicos e particulares de todo Estado.

“A Cruz Vermelha de São Paulo-VI. A Secção de Costuras”, São Paulo, (07-03-1957, p. 04). Em face da participação do Brasil na guerra, em 1942 a sessão de costuras da CV recebeu a incumbência de produzir a roupa para os combatentes da F.E.B. O Prefeito Prestes Maia cedeu um salão no Viaduto do Chá. A partir de então mobilizou-se centenas de voluntárias para a confecção. O material para a costura angariado através de doações e, sobretudo promoções criativas como festas improvisadas. Toda a mão de obra era gratuita. Até a altura em que foi escrito este artigo, período pós-guerra, a frente de senhoras estrangeiras era mais expressiva entre as italianas, gregas e israelitas. Assim, faz ausência das mulheres portuguesas entre voluntárias e faz um chamado para se integrarem ao voluntariado.

“A Cruz Vermelha de São Paulo-VII. O Banco de Sangue”, São Paulo, (08-03-1957, p. 05). Artigo destinado à conscientização da população para a necessidade de doar sangue. Na altura, a cidade de São Paulo contava com cerca de três milhões de habitantes, o Hospital das Clínicas precisava de 30 litros diários de sangue. A escritora informa que é doadora e assim se manterá. “Doar sangue beneficia o doador porque em cada gota dessa mínima dádiva alivia a nossa consciência do pecado do egoísmo”

“As provas de amor”, São Paulo, (25-01-1957, p. 10). Um apontamento etnográfico onde protesta sobre a interpretação artística dada pelo ator ao tipo físico do português na peça teatral “Prova de amor” de João Bethencourt. A escritora contesta por considerá-la

“inverídica, tendenciosa e inoperante”. Elogia o autor e o mérito da obra em questão, contudo, não vê necessidade de carregarem o taberneiro português de rusticidade que o dotaram de pernas tortas e o aproximaram de um labrego.

“Um bom livro, o grande amigo do homem”, São Paulo, (22-02-1957, p. 10). O estado deste microfilme dificulta a leitura pormenorizada do tema.

“Cerimoniais do tratamento português”, São Paulo, (05-07-1957, p. 14). A experiência didática passada em uma viagem de navio, numa explicação dada a um futuro Diplomata francês, a autora expõe a cerimônia do tratamento dado às pessoas do gênero feminino em Portugal. (Formas cerimoniosas sobreviventes de um português arcaico) Senhora, Dona, Senhora dona..., Menina. Todos os tratamentos dados conforme a posição social e conforme a idade da mulher.

“Cerimoniais do tratamento português II”, São Paulo, (12-07-1957, p. 04). Ao Homem, independente da condição social ou econômica, o tratamento dado é Senhor fulano. Critica assim, a hierarquia de tratamento que as mulheres em Portugal optaram por conservar. As fronteiras do tratamento feminino no solene mundo hierárquico português é difícil fixar. Dependendo da posição social a quem se fala pode parecer um insulto.

“Cerimoniais do tratamento português (Conclusão)”, São Paulo, (19-07-1957, p. 04). A escritora conclui: “Numa época de transição social, não só das condições econômicas da sociedade como da sua classificação hierárquica, e para cada um dos seus estágios é preciso encontrar um estatuto de costumes que o codifique. Os tempos não são para o cultivo de preciosismos que estabelecem fronteiras sociais.”

“Contos e Novelas”, São Paulo, (26-07-1957, p. 07). Nota sobre a Coletânea de Contos e Novelas organizada por Graciliano Ramos. Ao ler o primeiro livro, da coleção composta por três volumes organizada por regiões do Brasil, a escritora destaca três autores: R. Magalhães Junior (*Rio Movidó*), Rachel de Queirós (*Retrato de um brasileiro*) e Sérgio Buarque de Holanda Ferreira (*Retrato da minha avó*) em cujas

páginas reconhece personagem equivalente numa avó de outras amigas vivente em Almodóvar, ao sul de Portugal. Lavradora milionária, analfabeta, poderosa rica-dona medieval..

“Húngaros”, São Paulo, (23-08-1957, p. 04). A antologia de conto húngaro organizado por Paulo Ronai da qual destaca o conto *Divertimento forçado*, fá-la apreender, nas mais profundas manifestações da psiquê popular e da qual tirou lições universalistas. Narra-se que o Barão e a mulher coberta de jóias perdem-se no caminho e alta noite encontram uma taberna na floresta onde encontram salteadores perigosos dançando e bebendo. A baroneza delira com a experiência inesperada. Fez a autora um silogismo com o bando de Lampião no Brasil e João Brandão, Jé do Telhado e Remexido cavalheirescos chefes de salteadores em Portugal. O fenômeno psíquico comanda tanto quanto o condicionamento econômico da lei do materialismo histórico e se manifesta por igual aqui e além mar.

“Um recital folclórico luso-brasileiro”, São Paulo, (06-09-1957, p. 04). Ao apresentar a parte das canções portuguesas e os atributos da cantora Maria do Céu no Teatro Municipal, produziu um breve inventário das origens do folclore, essência anímica duma estirpe humana, dos fados de Coimbra que após a reinstalação da corte em 1822 cantores anônimos em Lisboa criaram uma canção adaptando os ritmos dos lunduns brasileiros e cantaram em estilo garganteado árabe. Foi esse ritmo que primeiro entrou no folclore português cantado por Maria do Céu.

“O Código Civil e as mulheres”, São Paulo, (20-09-1957, p. 04). A União Universitária Feminina uma associação de mulheres estudantes ou diplomadas em escolas superiores e destina-se a se auxiliarem mutuamente em sua carreira, na defesa dos direitos e a colaboração nos problemas do progresso. Dela partiu o movimento pela reforma do Código Civil no que diz respeito à mulher casada. É longa a lista de afiliadas à Associação Internacional, contudo, Portugal, cerceado pelo

Salazarismo, não participa. Visam colocar em igualdade, perante o Código Civil, os direitos do Homem e da Mulher

“Portugal”, São Paulo, (11-10-1957, p. 05). Um tributo à obra documentário *Portugal* do italiano Mário Graciotti. Narrou o roteiro saído de Santos com destino às Canárias, Costa de Marrocos, dando relatos de história e ciência sobre o oceano, as ilhas, as guerras dos mouros marroquinos. O deslumbramento expandiu-se em páginas de entusiasmo latino quando chegou à Lisboa. A antiguidade dos monumentos portugueses, a sua beleza formal e esplendor histórico, a variedade do folclore existente na vida rural e marítima, os manjares regionais, os santos, reis, príncipes, fidalgos que comandaram a edificação nacional, etc. O documentário avivou a saudade da escritora que ao autor fez homenagem emocionada.

“Terras onde se fala português”, São Paulo, (22-03-1957, p. 10). Artigo estampa o título do primeiro livro da escritora publicado no Brasil que pretende levar ao leitor “o mundo que o português criou como se fosse um viajante”. Apresentar o sentido da supranacionalidade aos 80 milhões de habitantes ligados pelas entidades básicas da língua, da cultura, da tradição e da etnografia é a finalidade da obra. Lançada pela Editora Casa do Estudante destina-se ao público estudantil com a preocupação de ser liberto do tom maçudo das enciclopédias. O estilo leve e coloquial abdica a “erudição fastidiosa” e traz, no dizer da escritora “colorido, emoção e vida.” “Relato animado de histórias, aventuras, usos e costumes indígenas, cenas de trabalho, visões sertanejas, casos vivos das modernas cidades” Deixa aos estudantes instrumento para avaliar a vastidão e a potência da área euro-afrasiática que “os portugueses” oferecem a idéia-mestra na possível e futura unidade dos destinos dentro de um critério político e supranacional.

“Lembranças de Port Said”, São Paulo, (31-03-1957, p. 14). A crônica, um testemunho pessoal de caráter etnográfico levanta a diversidade de tipos humanos no entrecruzamento de duas civilizações

de milenária oposição que procuravam ajustar-se. O Egito dos faraós e a industrializada Inglaterra. A ética do passado e dos tempos modernos. O ocidente e do Oriente. Em Port Said por entre trânsito de automóveis passavam filas de camelos, medonhos, com enormes sacos nas costas, balouçando grotescamente seguidos por homens escuros, calçados de sandálias e vestidos de balandraus sujos e “fez” vermelho. “Circulava a multidão oriental encardida e também a multidão de europeus bem vestidos, bem tratados, numa nítida separação das duas civilizações”. Naquele tumulto público afirma a escritora ter sido testemunha de uma mulher a conduzir o veículo com o rosto coberto pelo véu maometano, símbolo do pudor e submissão de uso obrigatório para as mulheres como reza a tradição, A automobilista, esposa de um diplomata era assim, nos meios elegantes de Ismailia, Cairo e Port Said, era, na altura o assunto daquele momento. Já naquela altura, no Egito somente as mulheres do povo usam véu.

Ressalvamos, todavia, que o ensaio, *A crise do teatro português*, São Paulo, (07-07-1957, p. 13), refere-se à crítica sobre os efeitos da censura e o asfixiamento das práticas culturais em Portugal em especial do teatro português. O artigo *Com vista à Câmara Portuguesa de Comércio*, São Paulo, (18-10-1957, p. 04), conforma uma recomendação categórica, com referência ao destino institucional citada câmara. Ressalte-se que a escritora sofreu, juntamente com outros exilados anti-salazaristas, retaliações com a “guerrilha velada”, travada por representações consulares e algumas associações da colônia. A Câmara Portuguesa de Comércio, não por acaso, fazia parte do coro que incentivou as manifestações de apoio ao regime e a Salazar.

Na superfície redacional, ao testemunhar a subutilização do espaço pertencente à Câmara em conformidade com os propósitos de sua criação, além de propor um melhor aproveitamento do seu espaço, recomenda o incremento cultural com exposições e venda de artesanato, da culinária de produtos típicos de Portugal.

“A Real e a Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência I”, São Paulo, (27-12-1955, p. 12). Distribuída em duas edições, trata-se

de um breve e circunstanciado histórico da Sociedade idealizada em 1859 por Luis Simeão Ferreira Viana. A criação do Hospital de São Joaquim deu-se em 1865 e a inauguração das instalações após 3 anos de construção deu-se em 1876 atendendo ao espírito de previdência dos emigrados portugueses em terras brasileiras.

“A Real e a Benemérita Sociedade Portuguesa de Beneficência”, São Paulo, (28-12-1955, p. 08). O arquiteto Alfredo Matias e o médico Odayr Pedroso são os idealizadores das novas instalações do Hospital que se pretende ser o melhor da América do Sul. A inauguração fica prevista para coincidir com a comemoração do seu centenário em 1959.

“Portugueses em São Paulo- O Clube Português III”, São Paulo, (31-12-1955, p. 11). A reportagem faz uma retrospectiva histórica da agremiação portuguesa na capital paulistana fundada em 14 de julho de 1920 – As atividades culturais e sociais do elitizado espaço de convivência dos imigrantes portugueses em São Paulo.

“*Heroínas*”, São Paulo, (20-01-1956, p. 03). A eficiência dos serviços brasileiros no combate à lepra. Visita ao Leprosário Pe. Bento onde a devoção das enfermeiras italianas- são vistas como heroínas, assim como as irmãs S. Vicente de Paula do equivalente Hospital português.

“Portugueses em São Paulo- IV O Centro Transmontano- História antiga”, São Paulo, (22-01-09-1956, p. 14). Criada apenas para atender aos trasmontanos, mais tarde ultrapassou os regionalismos e passou a admitir sócios portugueses de qualquer proveniência e brasileiros de qualquer estado. A reportagem faz um recuo no tempo até a história dos primórdios do Centro Transmontano- a maior associação de socorros mútuos no Brasil. A matéria é alusiva à comemoração dos 33 anos de existência, desde a sua fundação, em 1933. A escritora, investida do seu papel de porta-voz reporta-se em elaborada matéria jornalística, àquele núcleo associativo de assistência, recreação e cultura. O enfoque Aprovação do Estatuto e a campanha para aquisição da sede própria.

“Portugueses em São Paulo-V O Centro Transmontano- História Contemporânea”, São Paulo, (02-02-1956, p. 11). O artigo dá continuidade ao relato histórico da instituição. O enfoque, neste desmembramento, chama a atenção para os esforços na arrecadação de fundos para construção da sede. O núcleo associativo prevê que, em caso de acidentes, os seus associados teriam direito à assistência médica, hospitalar, farmacêutica, odontológica e jurídica conforme o art. 105 do Estatuto da meritória associação paulista, idealizada pelo português Manuel Antônio Marugão, emigrado de Mirandela em Portugal.

“A Tertúlia Acadêmica - Primeiros Passos VI”, São Paulo, (09-02-1956, p. 12). Segmento à série que relata a vida dos portugueses em São Paulo. O agrupamento lusíada denominado “Tertúlia Acadêmica” realizava, desde maio de 1947, encontros sistemáticos com almoços ao 3º sábado de cada mês. O núcleo aglutinador de uma dinâmica resistência lusíada, tinha como finalidade cultivar o intercâmbio entre os antigos alunos das academias portuguesas. Nomes ilustres como: Emílio Gomes de Almeida, José Simões, Hilário Veiga de Carvalho, Domingos Ramos Paiva, Jorge e Nuno Fidelino de Figueiredo, Hilário Veiga de Carvalho entre outros. Mais do que um encontro gastronômico, a tertúlia comemorava a sua primeira década. “[...] cada nome que aqui apresento é a exemplaridade deste reclamado intercâmbio de sangue, de cultura, de afetos, de tradições, de tudo, que nos dois povos é supranacional e perene:”

“A Tertúlia Acadêmica- o presente e o futuro”, São Paulo, (11-02-1956, p. 08). “Palito Métrico” assim era denominado o 1º estatuto da Tertúlia. Promoveram-se conferências, exposição camoniana na Biblioteca Municipal, saraus literários, participação ativa em ações culturais, musicais, noites folclórica de Santo Antônio. Ofereceram à prefeitura busto de Afrânio Peixoto (1954). Em 1952, propiciaram a viagem ao Brasil do grupo do Teatro da Universidade de Coimbra. Em 1954, 4º centenário de São Paulo, assumiram o encargo de trazer o Orfeão Acadêmico de Coimbra composto de mais de cem pessoas. A

távola redonda lusitana duplamente admirável por englobar duas nações numa unidade supranacional e de cultura.

“Uma tribo de agricultores”, São Paulo, (13-03-1956, p. 14). Matéria da série sobre a vida dos portugueses no Brasil. Trata-se da trajetória do Sr. Santiago e seus descendentes. Data de 1910 a vinda do emigrante com esposa e dois filhos. O agricultor e construtor radicado em São Paulo, onde viveu algum tempo. Mais tarde estabelece-se em São Roque. A autora aduz: “Estou estabelecendo o paralelo em estudo sociológico. Espero que não me acusem de bisbilhotice. O agro em Portugal recebe mais trato do que em São Roque. A terra cultivada, em Portugal, ostenta mimo de jardim e não vi esse capricho amoroso na chácara de Seu Adolfo”.

“A escola de enfermagem da Cruz Vermelha”, São Paulo, (13-12-1956, p. 09). A criação da escola de enfermagem paulista foi o resultado do mesmo espírito samaritano que move a Cruz Vermelha. Desde a sua reorganização em 1940 funcionava na Rua Libero Badaró. A reportagem faz um considerável retrospecto histórico da criação da referida escola e os benefícios capitalizados pela comunidade fruto da atuação institucional na área de formação de profissionais da saúde.

“Maria do Céu”, São Paulo, (03-06-1957, p. 03). Chama atenção para o talento e o desempenho artístico da cantora e compositora portuguesa em apresentação no Brasil. A escritora assistiu a uma das apresentações de sua temporada na casa de espetáculos carioca “Maison de France” e o recomenda o espetáculo às suas leitoras.

“O Cantinho da Arte”, São Paulo, (01-02-1957, p. 10). Agremiação feminina de paulistas destinada à convivência e à cultura. Os encontros aconteciam na Rua Araújo, próximo à Pça da República. “A cultura é uma escada de Jacob longa e difícil. Não é dado a todos subir-lhe aos cimos e ver a face de Deus, mas é legítimo que todos tenham a possibilidade de ensaiar as próprias forças e o direito de tentar a escalada.”

“O Lar Santa Joana”, São Paulo, (08-03-1957, p. 05). O Artigo expõe a situação do Instituto assistencial Helena Guerra. A chácara doada por Alda Moreira Estrazulos herdeira do comerciante português Alberto Simões Moreira abriga 41 meninas, sob os cuidados de 5 freiras da ordem “Oblatas do Espírito Santo” No relato sobre a visita feita ao local contata as necessidades e convoca a comunidade para contribuir.

“A crise do teatro português”, São Paulo, (07-07-1957, p. 13). Inventário crítico sobre a atual situação das artes cênicas em Portugal. Lamenta-se que a censura teatral do prolongado regime salazarista asfixia e mata o teatro português.

“Com vista à Câmara Portuguesa de Comércio”, São Paulo, (18-10-1957, p. 04). Em razão de viverem no Brasil milhares de portugueses e a escritora anota a ausência de um lugar onde se encontrassem produtos que divulgassem a cultura, o artigo dirige-se à Câmara Portuguesa do Comércio para recomendar que ocupem as suntuosas salas vazias a ela destinada na Casa de Portugal com exposições permanentes, sessões de músicas clássicas e modernas, comércio de artigos tipicamente portugueses bem como músicas regionais.

5.2 – Contribuição feminina para o *Portugal Democrático*

Este jornal foi, em grande medida, o dinamizador de uma série de iniciativas que vão resultar em Comitês Pró-Anistia, em publicações editoriais, em fundações de associações, núcleos de imigrantes em outras partes do mundo e campanhas das mais variadas contra o regime português.

Tal espaço privilegiado de debates agregou, por assim dizer, diversos intelectuais portugueses radicados no Brasil e fomentou com intensidade as discussões em torno de questões políticas, lançando sementes de contestação e de crítica intensa ao regime em vigência no país de origem.

A escritora de grande público em Portugal, portanto, conhecida pela diáspora, como intelectual e formadora de opinião pública, cerceada pelo autoritarismo do Estado Novo, se tornou uma dissidente do regime e participou, também, em diversas tarefas do Jornal *Portugal Democrático*, “o único jornal de portugueses em que não se exerce a censura oficial de Salazar”, entretanto, sua colaboração mais efetiva se verificou, como assinalado anteriormente, entre 1956 e 1962.

O agrupamento dos artigos, serão aqui arrolados apenas por ordem cronológica de publicação. Tal medida se dá para evitar-se a redundância, na medida em que a maioria podem ser identificados na função que Patrick Charaudeau¹⁰⁸ classificou de *poder e contrapoder*, como “discursos de transcendência”.

Em outras palavras, a fatia de colaboração da autora para o *Portugal Democrático* procura orientar a ação social e mobilizar a opinião pública em nível nacional e internacional, que desconhecia completamente a situação de Portugal.

No seu conjunto, o discurso jornalístico da escritora, chama a atenção para a insustentabilidade do regime político, vigente por várias décadas, em Portugal. Toda a movimentação foi direcionada para desconstrução do discurso circulante através do SNI (Sistema Nacional

de Informações), sobre a performance de Salazar no poder e seus mecanismos de perpetuação por várias décadas.

Um exemplo emana do artigo veiculado na edição de nº. 08 de 15 de fev. de 1957. O *Portugal Democrático*, porta-voz da resistência, estampou em manchete de primeira página a seguinte chamada: *CARTA ABERTA A Sua Majestade Britânica Isabel II*. Tratou-se de uma contribuição exclusiva para aquele periódico de resistência, assinado por Maria Archer.

A extensa matéria ocupou toda a primeira página, deu seguimento na página quatro e concluiu-se na página dois. Tratou-se do seguinte acontecimento: A visita da Rainha Isabel II a Portugal. A carta dirigida à rainha, nas vésperas de sua visita àquele país, expôs com pormenores, a degradante situação em que vivia o povo português, submetido ao regime de Salazar. Nessa edição colaboraram ainda, Adolfo Casais Monteiro, que também expressou a célebre frase: “(...) nos tempos de Salazar era impossível ser-se dignamente português”, carta de Antonio Sérgio e o cardeal Patriarca de Lisboa.

Longe da atuação da PIDE, podia-se tratar da situação de miserabilidade de uma grande parcela da população, na vigência do regime em Portugal, a alta taxa de mortalidade infantil, da ausência da liberdade de expressão, da situação de descaso na qual se encontravam as questões da cidadania e da corrupção reinante nos meios governamentais.

No Brasil, como assinalamos no capítulo anterior, a imensa maioria dos imigrantes eram relegados ao mais completo desconhecimento da situação portuguesa. Assim sendo, no embate da desarticulação do discurso circulante, a jornalista, na construção dos textos, para dar coesão à informação nova, em geral, se valeu do recurso estilístico do recuo temporal, de histórias paralelas, da repetição de sentido. O leitor do jornal, geralmente, para além da informação nova, quer reencontrar com aquilo que ele já conhece daí, a estratégia da redundância.

O discurso de Maria Archer situa o início do acontecimento narrado num tempo anterior, atualizando o passado. Ou melhor,

¹⁰⁸ Apud REBELO, José. *O Discurso do Jornal. O como e o porquê*. Lisboa, 2. ed., Editorial Notícias, ,

transporta o leitor, até o tempo da ocorrência do acontecimento já ocorrido. Como observamos no artigo: *CARTA ABERTA A Sua Majestade Britânica Isabel II*.¹⁰⁹

Ouvi contar a meus pais da visita feita a Portugal por Sua Majestade Britânica Eduardo VII, e da recepção calorosa espontânea, autenticamente espontânea e calorosa que o povo português lhe prestou. As homenagens oficiais empalideceram ante a maré alta dos aplausos do povo que mantém aliança com o vosso através de seis séculos de história. Nessa época, a do governo constitucional dos últimos reis portugueses, o meu povo não sofria o mínimo constrangimento na sua liberdade, ou ofensa a sua dignidade. Amava ou odiava, aplaudia ou insultava, conforme aos impulsos da paixão. Era um povo pobre, inculto, altivo, honrado e intacto na sua hombridade. Nunca, nem nos tempos medievos se sentira degradado da dignidade humana. Nunca respondera ao velho adágio: OU CRES OU MORRES, sem ser com outro: ANTES QUEBRAR QUE TORCER.

E, por ser um fato já ocorrido, é inegável. De lá traz o leitor no caminho percorrido pelo desenrolar do próprio acontecimento. Chega-se assim, sem que se perceba, a um campo neutro, ao momento zero, ou seja, ao instante em que separa passado e futuro da narração. O ponto de mutação. Por isso, ainda sem que se perceba, o leitor submerge num mundo já não do realizado, mas do realizável que a narrativa antecipou.

Quinze anos antes da visita da Sua Majestade Eduardo VII, esse mesmo povo que recebeu com honras de demiurgo, desvairada de paixão patriótica e gritava como o império britânico os ultrajes máximos do seu vocabulário portentoso. Foi nessa época em que um conflito de interesses ultramarinos opôs o expansionismo britânico contra os direitos de Portugal, velhos de séculos, e ficou na História Portuguesa sob o nome de *Ultimatum*. Mas passados quinze anos, mais esclarecidos pela evolução da atmosfera internacional, os caudilhos da política portuguesa puderam perdoar ao império britânico esse assalto ao nosso patrimônio tropical e considera-lo como uma espécie de “pagamento feito pelas próprias mãos”, de certo modo justificado pela

2002, p. 118.

¹⁰⁹ ARCHER, Maria. *CARTA ABERTA A Sua Majestade Britânica Isabel II. Portugal Democrático*. edição de nº. 08 de 15 de fev. de 1957.

defesa permanente de nossos direitos em face das ambições coloniais alemãs.

[...]

Esta carta está sendo escrita no dia 29 de Janeiro. *O Estado de S. Paulo* datado de hoje, e na sua 1ª página, traz um telegrama de Washington, onde leio este trecho: “Não creio que a visita de Tito ao nosso País contribua materialmente na luta contra o comunismo” Isto é, o senador Kruchel encabeça a oposição republicana contra a visita de Tito aos Estados Unidos por a considerar inútil aos objetivos básicos da política americana; ao lado, em telegrama a Nova York, o Prefeito Robert Wagner declara que não receberá oficialmente o Rei Ibn Saud da Arábia Saudita por ser anti-semita, anti-católico e governante de um país negreiro – Isto é, não partilha ideais com o Município de Nova York;

Maria Archer, pelo discurso da contestação, lançou-se na contínua descodificação da fonte identitária que alimentou o espaço público por largos anos, em torno das práticas discursivas do salazarismo, deixando claro que rejeitava o projeto de nação estadonovista, sobretudo aquelas veiculadas pelo órgão de propaganda oficial do regime.

Com tal propósito, Maria Archer, na condição de dissidente do regime, em tempos recentes, escreveu os seguintes artigos que a seguir fazemos um breve resumo com excertos da matéria e comentários sobre as mesmas:

“A censura à Imprensa e ao livro”, São Paulo, (6 de out. 1956, pp.5,6). Inicialmente recua no tempo, ao passado próximo e reporta-se ao comentário que leu sobre a repulsa dos brasileiros sobre os atos dos ditadores sul-americanos em relação à censura ou atos de liberdade do pensamento ou expressão. Camões e Gil Vicente sofreram a censura eclesiástica da mesa da consciência e ordem. Todavia, nem Camões, nem Gil V. Nem Eça poderiam ter publicado esses monumentos do gênio português, se uma censura, enformada pelos princípios que há em Portugal a 30anos e executada com a vileza habitual de seus agentes, participasse da orgânica do Estado de que foram contemporâneos .A censura dos salazaristas inutiliza a literatura portuguesa da nossa era. (... *os brasileiros afins de sangue e de cultura*)

“Um Vencido”, São Paulo, (12 jan. 1957, p.6). Sondagem sociológica entre os lusitanos da paulicéia. Fala das peripécias de um português vencido. A trajetória nada fácil de um ex-lavrador que vem para o Brasil, como muitos, com o sonho de fazer fortuna. Uma vida apertada como servente de obras. O casamento com a cozinheira, o incidente, a separação e por fim a desagregação total. Archer ao narrar as a estória de vida desse português, deu-nos uma perspectiva que não se confunde com a linha do horizonte divisada pelos portugueses que venceram no Brasil. Faz uma amostragem social e aponta o reverso da moeda, revela o avesso da história e deixa registrado uma história de insucesso em contraposição à tantos outros patrícios notavelmente prosperaram.

“Carta aberta a sua majestade Britânica Isabel II”, São Paulo, (15 de fev. de 1957, pp. 1, 4,2 e conclusão). Apresenta à rainha Isabel II, em longo artigo em manchete de primeira página, um pormenorizado panorama da situação política e social de Portugal, dias antes da sua visita àquele país. “Não que me anime a menos fagueira esperança de mudar os planos do governo Britânico quanto à política de Portugal”.

“Eu e “A Voz”, São Paulo, (abr. 1957 pp. 1,6). Responde ao artigo “Coisas ignóbeis” publicado em *A Voz* dia 26 de fevereiro em Lisboa. As coisas ignóbeis seriam o Jornal *Portugal Democrático* e Maria Archer. Confessou que não era do seu gosto escrever essas laudas atacando-nos cobardemente escudados pela estrutura policial duma nação. “Merecem-me tamanho desprezo”.

“Eleição de Candidato único”, São Paulo, [maio de 1957 ano 1 numero 11 p.1 e 4](#). Contesta a visita oficial de Craveiro Lopes presidente nomeado por Salazar em eleições “forjadas” de candidato único. Considerando-o usurpador.

“Cai sobre nós esta vergonha, mulheres!”, São Paulo,(dez. 1958, p.8). Em razão de o homem português queixar-se da falta de solidariedade da mulher na resistência ao fascismo, a escritora aduz que não se pode contar com a mulher portuguesa (há exceções) para as

audácias do campo das idéias político-sociais “A terra prometida, após peregrinações no deserto e o combate de Canaan parece-lhes menos segura para criar os filhos do que o cativo do Egito com algum pão.” Alude à solidariedade e ao apoio das mulheres, filhas e mães de militantes na resistência ao salazarismo.

“Cai sobre nós esta vergonha, mulheres! - (conclusão)”, São Paulo, (jan. 1959, p.5.). O artigo conclui as reflexões iniciadas na edição anterior.

“Somoza, Salazar e C^a”, São Paulo, (jul. 1959, p.6). Tece um circunstanciado paralelo entre os ditadores Somoza e Salazar. “A imprensa paulista notificou a rendição de dois grupos de revolucionários na Nicarágua e o triunfo do ditador Somoza”. Relata torturas do Salazarismo. “... corpos supliciados pelas cicatrizes das torturas...” “Mas sei mais do que o pouco que vi, sei de certeza que há milhares de mulheres e homens torturados, deformados, humilhados, envilecidos, assassinados e sumidos em ignotos cemitérios pela polícia salazarista. A sede da Pide no Porto, comunica diretamente, pelos fundos, com um dos cemitérios municipais para a facilidade dos sepultamentos clandestinos. E, contudo, há quem diga, *urbi e órbi*, sobre as torturas e assassinatos infringidos aos presos políticos de Portugal.. (...) A justiça vale mais do que a bondade.

“A revolução áurea”, São Paulo, (out. 1960, pp.6,7). O longo artigo, disposto em quatro colunas tece uma síntese histórica faz homenagem aos nomes que participaram da revolução pela República em Portugal., “ No começo deste século, nada fazia prever a queda da monarquia em Portugal. Toda a Europa era povoada de Príncipes e Reis governado por um trono e uma família Real...” Entre os nomes citados encontramos: Machado dos Santos, Afonso Costa, Antonio José de Almeida, França Borges, José Chagas e Brito Machado. O artigo ocupa o espaço nas páginas 6 e 7.

“Avacalhar e Portugalizar”, São Paulo, (set. 1961, p.7). A escritora traduz trecho da obra do escritor De Gaulle *Segredos de Estado* (1960), onde cria o termo *portugalizar* para denominar o desinteresse de um povo que avacalha. A autora aduz: “o termo *portugalizar* significava, há anos, efervescência revolucionária,

convulsão política, etc., mas de nenhum modo avacalhamento, desinteresse e renúncia. Esses são os trunfos de Salazar, os seus frutos optimos (...).”

“Brasil, Fronteira da África”, São Paulo, set. 1963, p.4. “O meu livro pretende ser uma ponte que aproxime os povos das margens do Atlântico irmanados pelo sangue bantu.” “O assassinato em massa de negros de Angola, não é, para os colonialistas de Salazar, um crime contra a humanidade”. “A posição de Portugal quer politicamente, quer culturalmente, está perdida na África... Já é de temer que o ódio, herança fatal da guerra, esteja maquinando o aniquilamento da cultura portuguesa em Angola”.

“Símbolo e Mito do 5 de Outubro”, (São Paulo, out. 1963, p.8.). “Imediatamente após a implantação da República Portuguesa houve reação monárquica, a dos aristocratas, a dos latifundiários, a da banqueirada, a dos generais, a dos altos e baixos poderes da igreja que fomentaram durante 10 anos, as invasões pela fronteira da Espanha, de hostes militarizadas, bem armadas, fortemente secundadas por levantes internos a quem aderiram as camadas embrutecidas da população. Uns desses movimentos conseguiram restaurar no Pôrto, por uns dias, a dinastia dos Braganças, embora sem os Braganças presente.”

Considerações Finais

A grande movimentação no meio acadêmico e jornalístico, em várias regiões do país, em torno da preparação do bicentenário da Imprensa Brasileira, em 2008, é um momento oportuno para apresentar a contribuição de Maria Archer para a imprensa de autoria feminina no exílio em terras brasileiras.

Tendo nascido no limiar do século XX (1899), Maria Archer viveu parte de sua vida entre Portugal e África – Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, viveu, portanto, também em centro cultural lisbonense, o que pressupõe ter estado em contato, direto ou indireto, com as correntes de pensamento que influenciaram ou afetaram de forma intensa o ambiente cultural português até meados dos anos cinqüenta do século passado.

A literatura de Maria Archer singrou as águas do Índico, do Atlântico e aportou no Brasil. Pode-se dizer que assim como a força unificadora da língua de expressão portuguesa a sua produção criativa tem vocação marítima, pois, transpôs os hostis entraves das fronteiras geográficas, e passou a ser abertura para o estreitamento dos laços identitários entre os países que tem o português como língua de comunicação.

Maria Archer olhou do seu observatório o seu presente, com todo o seu fardo de contradições, que foi o Estado Novo, como uma comentadora arguta que se sabe vencida, mas não submissa à sua máquina ideológica. Há um lugar social vivido conscientemente por Maria Archer, que lhe deu peso e densidade própria e resistiu a diluir-se nas práticas e nos discursos dominantes tematizados na cartilha de mando e obediência "Deus, Pátria, Família, Trabalho".

Desse observatório exerceu também o seu olhar de crítica da vida social burguesa e suas relações interpessoais. O acervo de crônicas para o *Suplemento Feminino* e o *Caderno Literatura e Arte* do *Estado de São Paulo* constituem-se bons exemplares desse olhar. Nos textos decorrentes da atividade jornalística de Maria Archer verifica-se que estes não se limitam a conteúdos prosaicos. A temática da sua

atividade na imprensa periódica daquele tempo conserva, ainda hoje, a perenidade, pois vão além do mero registro de fatos quotidianos.

No universo da representação, Archer inventa enredos inseridos numa sociedade existente, reconhecíveis por indícios que o leitor é capaz de conferir com os da realidade historicamente identificáveis, assim como, cada personagem em cena vem a ser genuína representante de uma etnia e ou uma camada da sociedade.

Os temas predominantes para as diferentes fatias de colaboração são reveladores de um poder de análise social e remetem a um olhar agudo sobre a realidade que a circundou. A matéria da memória transformada em produção criativa para as colunas do jornal teve como foco, primordialmente, a exposição e a crítica da mentalidade e do comportamento da burguesia lusitana naquele meio-século. Não a enganava, por fim, a sedução da qual se confessou vítima: a ação coercitiva da família burguesa. A condição da mulher sob o regime fascista de Portugal será uma das tônicas predominantes. O tema da memória foi um dos temas predominantes em sua atividade jornalística.

Entre os anos 1955 a 1963 Maria Archer ofereceu um conjunto de textos que expunham os principais assuntos e polêmicas do seu país, formando certa unidade de interesses. Este conjunto de doze textos compõe o legado de resistência da segunda metade do século e marcam a presença significativa da imprensa de autoria feminina no bojo do movimento antifascista para o *Portugal Democrático*.

Derivada em larga medida da situação política do país de origem, a crônica política, para o *Portugal Democrático*, determinada pela atuação de cronista engajada, teve em Maria Archer, dentre as figuras femininas, uma das mais expressivas formadoras de opinião do grupo de imigrantes políticos exilados, nos embates da resistência ao regime português do período. Percebe-se que, se a sua colaboração neste periódico de resistência não foi numerosa, foi um instrumento político de espírito crítico e independente que caracterizou sua produção.

As reflexões da escritora centradas na temática da liberdade de expressão, pela anistia, pelo fim da censura e do regime autoritário e

conservador permanecem atuais, considerando o cenário português naquela metade do século 20. O conjunto de sua produção criativa para os periódicos traça um diagnóstico do país em que viveu que ainda é válido para muitos aspectos sociais da atualidade.

Os textos de resistência de Maria Archer exploraram o discurso jornalístico, ou seja: narram o fato ou a notícia de maneira apaixonada; narram subjetivamente o mesmo fato que a imprensa não narrou, ou narrou objetivamente. Sendo jornalístico, trabalhou com o repertório, tanto estético quanto temático do leitor brasileiro. Daí o sucesso. Não causou a estranheza, raramente se expressou por meio da metáfora. Assim, em atendimento aos fins a que se destinava, a desmistificação da retórica literária foi bem-vinda, pelo menos na produção dos textos de imprensa de sua autoria para o periódico *Portugal Democrático*.

Consideramos a trajetória, o árduo caminho percorrido por Maria Archer, um protótipo do percurso oneroso da mulher que se quisesse escritora em meados do século passado. Contudo, a despeito de todos os obstáculos à mulher na condição de escritora, seus textos comunicam sentimento de vida e transmitem a sua consciência social.

Com este trabalho esperamos ter aguçado a curiosidade de leitores sobre a obra da escritora, exilada por mais de duas décadas em São Paulo, nunca antes, estudada no Brasil e assim, chamar a atenção para mais um nome da literatura de autoria feminina pouco estudado nos países que têm o português como língua de comunicação. Para além da investigação, a pesquisa poderá constituir um contributo tanto para o conhecimento da escritora como para o das relações literárias entre Portugal e Brasil, que urge aprofundar.

Referências Bibliográficas

Da autora

Obras de Maria Archer (ordem cronológica)

Três Mulheres, parceria com Pinto Quartim Graça, Luanda, 1935.

África Selvagem, Lisboa, Guimarães & Ida, 1935.

África Selvagem, folclore dos negros do grupo “Bantu”, Lisboa, Imp.Lucas de Ida, 1936.

Sertanejos, “Cadernos Coloniais”, nº 9 Lisboa, Editorial Cosmos, 1936.

Singularidades de Um País Distante, <<Cadernos Coloniais>> nº11, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936.

Ninho de Bárbaros, “Cadernos Coloniais” nº15, Lisboa, Editorial Cosmos, 1936.

Angola Filme, “Cadernos Coloniais” nº19, Lisboa, Editorial Cosmos, 1937.

Ida e Volta dum Caixa de Cigarros, Lisboa, Editorial O Século, 1938.

Viagem à Roda de África, romance de aventuras infantis, Lisboa, Editorial O Século, 1938.

Colónias Piscatórias em Angola, “Cadernos Coloniais” nº32, Lisboa, Cosmos, 1938.

Caleidoscópio Africano, “Cadernos Coloniais” nº49, Lisboa, Edições Cosmos, 1938.

Há dois Ladrões sem Cadastro, Lisboa, Editora Argo, 1940.

Roteiro do Mundo Português, Lisboa, Edições Cosmos, Lisboa, 1940.

Fauno Sovina, Lisboa, Livraria Portugália, 1941.

Memórias da Linha de Cascais, col.com Branca de Gonta Colaço, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1943.

Os Parques Infantis, Lisboa, Associação Nacional dos Parques Infantis, 1943.

Ela é Apenas Mulher, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1944.

Ela é Apenas Mulher, 2ªed., Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1944.

Aristocratas, Lisboa, Editorial Aviz, 1945.

Eu e Elas, Apontamentos de Romancista, Lisboa, Editorial Aviz, 1945.

Aristocratas, 2^oed., Lisboa, Editorial Aviz, 1946.

A Morte Veio de Madrugada, Coimbra, Coimbra Editora Ltda, 1946.

Casa Sem Pão, Lisboa, Empresa Contemporânea de Edições, 1947.

Há de Haver uma Lei, 2^oed., Edição da Autora, 1949.

Há de Haver uma Lei, Lisboa, Edição da Autora, 1949.

Há de Haver uma Lei, 3^oed., Edição da Autora, 1950.

O Mal Não Está em Nós, Porto, Livraria Simões Lopes, 1950.

Filosofia duma Mulher Moderna, Porto, Livraria Simões Lopes, 1950.

Roteiro do Mundo Português, 2^oed.revista e ampliada, Lisboa, 1950.

Bato às Portas da Vida, Lisboa, Edições SIT, 1951.

Bato às Portas da Vida, 2^oed., Lisboa, Edições SIT, 1952.

Ela é Apenas Mulher, 3^oed., Lisboa, Edições SIT, 1952.

Nada Ihe Será Perdoado, Lisboa, Edições SIT, 1952.

Nada Ihe Será Perdoado, 2^oed., 1954.

A Primeira Vitima do Diabo, Lisboa, Edições SIT, 1954.

A Primeira Vitima do Diabo, 2^oed., Lisboa, Edições SIT, 1954.

Terras onde se fala Português, Rio de Janeiro, Ed. Casa do Estudante do Brasil, 1957.

Terras onde se fala Português, 2^oed., São Paulo, Ed. Casa do Estudante do Brasil e Carlos Assumpção Neves, 1957.

Os Últimos Dias do Fascismo Português, S. Paulo, Editora Liberdade e Cultura, 1959.

África Sem Luz, São Paulo, Clube do Livro, 1962.

Brasil, Fronteira da África, São Paulo, Felman-Rêgo, 1963.

Herança Lusíada, “Coleção Peninsular”, Lisboa, Edições Sousa e Costa, s.d...

Aristocratas, 3^oed., Lisboa, Editorial Aviz, s.d.

Ela é apenas mulher. 4.ed., Lisboa, Parceria A. M. Pereira Livraria Editora, 2001.

Peças de Teatro

Alfacinha, comédia em 1 ato para uma só personagem, publicada no Sol. De 12 a 26. Fev. 1949.

Isto que chamam amor, drama em um ato para uma só personagem.

Numa casa abandonada, drama em um ato para uma só personagem.

O poder do dinheiro, comédia em 3 atos

O Leilão, drama em 3 atos.

Traduções

Voltarie, Cándido ou o Optimismo, <<Os Livros Imortais>>, Lisboa, Livraria Ed. Guimarães, 1942 (reeditado em 1948 e em 1989 pela mesma editora).

Carlisle, Hellen Grace, Eu Sou a Sua Mulher, Lisboa., Livraria Ed. Guimarães & C., s.d.

Coolen, Antoon, O Bom Assassino, Porto, Livraria Tavares Martins, 1943.

Prefácios

Ló, Silvano, Volta ao mundo num cartucho, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1940.

Caldeira, Felícia, Poemas, 1950.

Publicações em colectâneas:

Em Portugal:

“Apólogo da mulher feia” por Maria Archer in *As Melhores Páginas da Prosa Feminina* de Albino Forjaz de Sampaio, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 1936, pp. 181-187.

“Lourenço Marques” (ext. do *Roteiro do Mundo Português*) por Maria Archer in *Mar Alto* de Virgílio Couto, 6º ed., vol.1, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s.d., pp. 252-253

“Quem a viu, e quem a vê...” por Maria Archer in *Mar Alto* de Virgílio Couto, 6ºed., vol.I, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, s.d., pp. 149-150.

“Eros e Psiché” por Maria Archer (1949) in *Sarça Erótica*, 81ºed., org.e dir. de Petrus, col. Arte e Cultura, Porto, s.d. p.361-367.

“Senhora de Idade” por Maria Archer in *Lusa Pátria*, Leituras para os Cursos de Formação do Ensino Técnico Profissional de Cândido Aparício Pereira, 8ºed., Coimbra, Atlântida Editora, 1971, pp.108-109.

“Romances “De Capa Azul” por Maria Archer in *Lusa Pátria*, Leituras para os Cursos de Formação do Ensino Técnico Profissional de Cândido Aparício Pereira, 8ºed., Coimbra, Atlântida Editora, 1971, pp.108-109.

“Erudição” por Maria Archer in *Lusa Pátria*, Leituras para os Cursos de Formação do Ensino Técnico Profissional de Cândido Aparício Pereira, 8ºed., Coimbra, Atlântida Editora, 1971, pp.140-141.

“Dez Horas da Noite, S. Paulo” por Maria Archer in *Os Melhores Contos Portugueses*, 2º Série, 4ºed., sel. pref.e notas de Guilherme Castilho col. Antologias Universais, Lisboa, Portugália Editora, 1971, pp.227-233 (Conto extraído de Fauno Sovina.)

No Brasil:

A.A.V.V., *Salazar visto do Brasil. Antologia de Textos de Autores Brasileiros e Portugueses*, São Paulo, Felman-Rêgo, 1962.

Conferências realizadas por Maria Archer

Em Portugal:

1935 – “Bárbaros do séc. XX”, conferencia realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa no dia 4 de Abril. Foi presidente o Conde de Penha Garcia. Foi secretariada pelos coronéis Lopes Galvão e Roma Machado.

1935 - “Legítima Defeza”, palestra realizada ao microfone da Emissora Nacional conforme consta no *Rádio-Semanal*, Suplemento do *Jornal do Comércio e das Colônias*, 26 Jan. 1935, p.21.

1937 - fez conferências durante a Semana das Colônias, nas unidades e estabelecimentos militares, conforme consta no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Série 55, nºs 5 e 6, Maio e Junho 1937, p.244.

1937– “Sertanejos”, conferência realizada no dia 24 de Abril no Liceu Pedro Nunes ou no Liceu de Maria Amália Vaz de Carvalho, conforme consta no *Diário de Lisboa*, A. XVII, de 23 de Abril, p.1 e de 24 Abril, p.10 respectivamente.

No Brasil:

1960 – “Presença da Mulher na Paisagem Social da África Portuguesa” realizada no dia 21 de Abril, às 20h 30, no Centro Republicando Português, em São Paulo.

a.b) Colaborações em periódicos

Acção, semanário da vida portuguesa (1941-1949)-Dir. Manuel Múrias

- 1- O cauteleiro preto: conto, A. I (11), 3 Jul. 1941, p.2.
- 2- Lisboa está agora muito longe de Paris, A. I (19), 28 Ago, 1941, p.2.
- 3- Caparica tantos de Setembro..., A. I (23) 25 Set. 1941, p.8.

- 4- Comprei um chapéu modelo, A. I (27) 23 Out. 1941, p.7
- 5- O pombal do Antoninho, A. II (58), 28 Maio 1942, p.7.
- 6- In vino veritas: conto, A. II (67), 30 Jul. 1942, p.7.
- 7- Mais forte que a vaidade: peça radiofônica em um acto, A.II (95), 11Fev. 1943, p.3.
- 8- Uma vez, por milagre, o receptor confessou-se...: Senhores radioouvintes, A. III (125), 9 Set. 1943, p.7.
- 9- Eu e as Marietas: Maria Archer responde a Olavo d'Eça Leal, A. IV (191), 14 Dez. 1944, pp.4,6

Crônica Eu e elas, por Maria Archer – Subtítulos publicados:

- 10 – [Irremediável], A. III (132), 28 Out. 1943, p.3.
- 11 – [Estou no Casino], A. III (134), 11 Nov. 1943, pp.5,6.
- 12 – Beleza ao domicílio, A.III (135), 18 Nov. 1943, p.5.
- 13 – Black-out, A. III (136), 25 Nov. 1943, p.4.
- 14 – Uma viúva de respeito, A. III (138), Dez. 1943, pp.5,6.
- 15 – Há selvagens na rua Eugenio dos Santos, A. III (140), 23 Dez. 1943, p.5.
- 16 – [Subia eu para o “electrico”...], A. III (141), 30 Dez. 1943, p.2.
- 17 – Ilusões de trazer por casa, A. III (142), 6 Jan. 1944, pp.5,6.
- 18 – Outono florido, A. III (143), 13 Jan. 1944, p.4.
- 19 – Quem quere vai, quem não quere manda, A. III (144), 20 Jan. 1944, p.5.
- 20 – [Para onde irá esta gente?], A. III (145), 27 Jan. 1944, pp.4,5.
- 21 – [Altas horas...], A. III (146), 3 Fev. 1944, p.4.
- 22 – O que esqueceu a Maquiavel, A. III (147), 10 Fev. 1944, pp.5,8.
- 23 – [Chamaram-me ao telefone...], A. III (148), 17 Fev. 1944, pp.2,6.
- 24 – A mulher de 40 anos, A. III (149), 24 Fev. 1944, pp.2,6.
- 25 – Tormento nossa de cada dia, A. III (150), 2 Mar. 1944, pp.4,6.
- 26 – A casa não chega para a família, A. III (151), 9 Mar. 1944, pp.2,6.

- 27 – O eterno bárbaro, A. III (152), 16 Mar. 1944, p.5.
- 28 – As meninas dos correios, A. III (153), 23 Mar. 1944, pp.3,7.
- 29 – “Cocktail” em casa de volframistas, A. III (155), 6 Abr. 1944, p.5.
- 30 – Disse apenas “obrigada”..., A. III (156), 13 Abr. 1944, pp.5,6.
- 31 – [Templo de banhos...], A. III (157), 20 Abr. 1944, p.7.
- 32 – Como eu conheci Gualdino Gomes, A. IV (158), 27 Abr. 1944, p.7.
- 33 – Prédio novo, A. IV (160), 11 Maio 1944, p.5.
- 34 – Tentações sem serpente, A. IV (161), 18 Maio 1944, p.3.
- 35 – Ma’mé’selle Nitouche, A. IV (162), 25 Maio 1944, p.5.
- 36 – Confissões duns cabelos platinados, A. IV (163), 1 Jun. 1944, p.5.
- 37 – [Na aldeia onde passei o último Outono...], A. IV (163), 15 Jun. 1944, p.5.
- 38 – A ética dos filmes estrangeiros, A. IV (165), 22 Jun. 1944, p.3.
- 39 – [Eu ouvia a Júlia dizer], A. IV (167), 29 Jun. 1944, p.5.
- 40 – A sedução do mistério, A. IV (168), 6 Jul. 1944, pp.5,6.
- 41 – Presentes de namoro, A. IV (169), 13 Jul. 1944, pp.5,7.
- 42 – Saudades... Talvez da África..., A. IV (170), 20 Jul. 1944, pp.5,6.
- 43 – Grandezas, A. IV (171), 27 Jul 1944, pp.3,6.
- 44 – A quadrilha, A. IV (172), 3 Ago. 1944, p.5.
- 45 – Senhoras de Idade, A. IV (174), 17 Ago. 1944, pp.5,7.
- 46 – Bilis colonial, A. IV (175), 24 Ago. 1944, pp.5,7.
- 47 – Burguesia de província, A. IV (176), 31 Ago. 1944, p.7.
- 48 – Quem empresta não melhora, A. IV (177), 7 Set. 1944, p.5.
- 49 – Apresento desculpas, A. IV (178), 14 Set. 1944, pp.4,7.
- 50 – Uma obra do Estado Novo; O mercado das escravas, A. IV (180), 28 Set. 1944, p.3.
- 51 – Doida? A. IV (181), 5 Out. 1944, pp.5,8.
- 52 – Eu vi o pelicano abrir o peito, A. IV (183), 19 Out. 1944, pp.4,7.

- 53 – Igualdade perante a lei, A. IV (184), 26 Out. 1944, p.3.
- 54 – Marselha, A. IV (186), 9 Nov. 1944, pp.6.
- 55 – Recordar é viver, A. IV (187), 16 Nov. 1944, p.6.
- 56 – [Terá sombra de interesse], A. IV (188), 23 Nov. 1944, p.7.
- 57 – Rústica, A. IV (189), 30 Nov. 1944, pp.7.
- 58 – Coração de mulher? A. IV (190), 7 Dez. 1944, pp.2,7.
- 59 – O pátio da Sra. Conceição, A. IV (192), 21 Dez. 1944, p.7.
- 60 – In cauda venenum, A. IV (193), 28 Dez. 1944, p.4.
- 61 – Romances de capa azul, A. IV (195), 11 Jan. 1945, p.7.
- 62 – Nomes e aplausos sem nome, A. IV (197), 25 Jan. 1945, p.4.
- 63 – Heroísmos ignorados, A. IV (199), 8 Fev. 1945, pp.4,5.
- 64 – [Ao anoitecer duma tarde...], A. IV (200), 15 Fev. 1945, p.6.
- 65 – Peço a protecção da lei, A. IV (201), 22 Fev. 1945, p.4.
- 66 – O palácio de Belle-au-bois-dorment fica perto de Cacilhas, A. IV (203), 8 Mar. 1945, p.7.
- 67 – Razões femininas, A. IV (205), 22 Mar. 1945, p.6.
- 68 – Num mortório, A. IV (206), 29 Mar. 1945, p.7.
- 69 – Há vinte anos do Egipto..., A. IV (208), 12 Abr. 1945, p.5.

Correio do sul, semanário independente de informação e propaganda do Algarve, dir. Bernardo de passos e António Santos.

- 1 – O que os homens pensam dos homens, A. (22) 4 Julho 1920

Diário de Lisboa, dir. Joaquim Manso

- 1 – olhos azues – novela por Maria Archer, A. XVII Suplemento Literário (106), col. Literatura Feminina, 8 Jul. 1937, p.2.
- 2 – Conto estival, por Maria Archer, A. XVII Suplemento Literário, 19 Ago. 1937 p.13.
- 3 – O romance duma viúva, por Maria Archer, A. XVII Suplemento Literário, 21 Out. 1937 p.13.
- 4 – Uma Novela. Ferros ao rubro, por Maria Archer, A. XVII, 25 Ago. 1938, p.13.

Eva, Jornal da mulher e do lar, dir. Helena de Aragão.

1 – O Leão, o Elefante e o Coelho, col. Coisa d'África, A. VIII, (369), 4 Jun. 1932, pp.13, 19. Fradique, semanário, dir Tomas Ribeiro Colaço.

1 – Sertanejos, (47), 27 Dez. 1934, p.4.

2 – Sertanejos, (cont.), (48), 3 Jan. 1935, pp.6, 7.

3 - Sertanejos, (cont.), (49), 10 Jan. 1935, pp.6, 7.

4 - Sertanejos, (con.), (50), 17 Jan. 1935, p.6.

5 – Singularidades de um país distante – Um domingo no planalto, crônica, (52), 31 Jan. 1935, pp.3,6.

6 – Angola – Singularidades de um país distante, II – Uma floresta maior que Portugal, crônica, (55), 21 Fev. 1935, p.6.

7 – Singularidades de um país distante, III – A terra e as gentes (67), 7 Mar. 1935, p.4.

8 - Singularidades de um país distante, IV – A terra e as gentes, (58), 14 Mar. 1935, p.4.

9 - Singularidades de um país distante, V – A terra e as gentes, A.II (59), 21 Mar. 1935, pp.4,7.

10 - Singularidades de um país distante, V-A praga dos gafanhotos, (62), 11 Abr. 1935, p.4.

11 – Etnografia dos negros de Angola, Amor Luena, (65), 2 Mai. 1935

12 – Etnografia dos negros de Angola, Amor Luena, (66), 9 Mai. 1935 pp.4,7.

13 – O batuque africano e brasileiro, (67), 16 Mai. 1935, p.3.

14 – Éster Leão entrevistada por Maria Archer, (70), 6 Jun. 1935, p.4.

15 – L'eoil de crystal – Nouvelle inédite de Maria Archer, (71), 13 Jun. 1935, p.4.

16 – Singularidades de um país distante, VI – Bichos da terra e da água, (72), 20 Jun. 1935, pp.4,7.

17 – Singularidades de um país distante, VII – Bichos da terra e da água, (73), 27 Jun. 1935, pp.4,7.

18 – O degredado do olha de vidro, novela, (75), 11 Jul. 1935, pp.4,7.

19 – A lenda do lebre rancoroso, (77), 25 Jul. 1935, pp.4,6.

20 – Apólogo da mulher feia, folclore dos negros de Angola, (79), 8 Ago. 1935, p.4.

21 – Herança bárbara, escrita na data histórica de Aljubarrota, (80), 15 Ago. 1935, p.1.

22 – Porque pintaram a onça – folclore dos negros de Angola, (81), 22 Ago. 1935, pp.4,7.

23 – A fabula do macaco e do homem – folclore dos negros de Angola, (83), 5 Set. 1935, pp.4,6.

24 – A vingança de Cazumbi – folclore dos negros de Angola, (84), 12 Set. 1935, pp.4,6.

25 – A malícia das mulheres – folclore dos negros de Angola, (85), 19 Set. 1935, pp.4,6.

26 – Como o lebre se vingou – folclore dos negros de Angola, (86), 26 Set. 1935, p.4,7.

27 – A filha do rei do Congo – Folclore dos negros de Angola, (87), 3 Out. 1935, pp.4,6.

28 – A acção dos portugueses na Etiópia sob o signo da fé cristã, (88), 10 Out. 1935, pp.4,6.

29 – Bárbaros, (excerto dum livro a sair do prelo), (89), 17 Out. 1935, p.4.

30 – A lenda do passarinho azul, (91), 31 Out. 1935, pp.4,6.

31 – Tríptico – O livro. Os negros. O folclore. Prefácio de “África Selvagem”, o ultimo livro de Maria Archer, (96), 5 Dez. 1935, pp.4,6.

32 – Duas épocas, (98), 19 Dez. 1935, pp.4,6.

Humanidade, dir. Viana de Almeida (a partir de Abril de 1938, dir Manuel Leal de Mello).

1 – Queimadas Africanas – crônica por Maria Archer, A.II (30), 5 Set. 1937, p.23.

2 – A portuguesa no mundo – pagina de Maria Archer. Carta a uma africanista, A.III, (35), 7 Nov. 1937, p.6.

3 – A mulher portuguesa no mundo – Direcção de Maria Archer. Num admirável esforço de integração no ambiente moderno, a mulher portuguesa constitui um Gimnásio Feminino, A.III (38), 28 Nov. 1937, p.6.

4 – A mulher portuguesa no mundo. Actividade feminina, A.III (41), 18 Dez. 1937, p.5.

5 – Gardy Arriaga, artista do lápis e do pincel conquista Lisboa, por Maria Archer, col. A mulher portuguesa no mundo, A.III (52), 5 Mar. 1938, p.8.

6 – O problema da valorização da mulher mestiça, col. A mulher portuguesa no mundo, por Maria Archer, A.III (52), 5 Mar. 1938, p.8.

7 – Na Califórnia existe um jornal escrito em português e dirigido por uma portuguesa, col. A mulher portuguesa no mundo, por Maria Archer, A.III (52), 5 Mar. 1938, p.8.

8 – A obra musical da Sra. Condessa de Proença-a-Velha em prol da arte portuguesa, col. A mulher portuguesa no mundo, por Maria Archer, A.III (62), 11 Jun. 1938, p.4.

9 – Como são educadas as nossas raparigas, col. A mulher portuguesa no mundo, por Maria Archer, A.III (64), 25 Jun. 1938, p.9.

10 – Um desordeiro de fama... Doente, o “Pintor” – arruaceiro e “político” – recorda um passado já distante numa entrevista para *Humanidade* por Maria Archer, A. III (70), 6 Ago. 1938, p.9.

Ilustração, Grande revista portuguesa, dir. Arthur Brandão.

1 – As Mulheres e a Democracia, por Maria Archer, A.VI (6-141), 1 Dez. 1931, p.18.

2 – Pretos, Brancos e Mulatos, por Maria Archer, A.VII (5), 1 Mar. 1932, p.16.

3 – Como se faz um degredado, A.VII (9), 1 Maio 1932, pp.9-10.

4 – Prazeres de vida e de morto, A.VII (19), 1 Out. 1932, pp.11-12.

5 – Os Portugueses e a Angola. Levante-se o pó de impérios mortos, A.VIII (4-172), 16 Fev. 1933, pp.31-32.

6 O Império Português. A Historia de Angola está ligada a do Brasil, A. VIII (10-178), 16 Maio 1933, pp.6-7.

7 – As viagens em Angola. Para se ir a um baile ou a um casamento percorrem-se as vezes, mais de mil quilômetros, A.VII (17-185), 1 Set. 1933, pp.14-15.

Ler, Jornal de Letras, Artes e Ciências, dir. Francisco Lyon de Castro.

1 – Revisão de conceitos antiquados, A.I (7), Out. 1952, pp.5, 10.

2 – Sugestões para um Premio Literário, AI (12), Mar. 1953, pp.1, 10.

O Atlântico, revista luso-brasileira, dir. Antonio Ferro e Lourival Fontes.

1 – Há de haver uma lei, (1), Primavera 1942, pp.105-112.

O Mundo Português, revista de cultura e propaganda, arte e literatura coloniais, dir. Augusto Cunha.

- 1 – A carta, A.II (13), Jan. 1935, pp.7-12.
- 2 – Entre Quimbundos, A.II (17), Maio 1935, pp.169-176.
- 3 – Singularidades de um país distante, Rios, (23), Nov. 1935, pp.341-344.
- 4- A Guiné em 1917, (28), Abr. 1936, pp. 179-184.
- 5- Lagos na floresta do Moxico, (32,33), Ago. Set. 1936, pp.357-360.
- 6- Zonas de turismo em Angola, (53), Mai. 1938 pp.209-213.
- 7- Legítima defesa, (65), Mai. 1939 pp.181-187.
- 8- Saudades de D. Joaquina, (69), Set. 1939, pp. 351-358.
- 9- A morte do pigmeu. Na terra dos Cuanhamas desaparece um selvagem boximane, (79), Jul. 1940, pp.309-313.
- 10- Tipos femininos na África portuguesa, (135), Mar. 1945, pp. 115-122.
- 11- Quando os portugueses chegaram à Guiné, 2ª Série, A XIII (1), 1946, pp.29-36.
- 12- Expansão portuguesa na Guiné, 2ª Série, (2), Abr.1946, pp.131-139.
- 13- Conquista e ocupação da Guiné, 2ª Série, (3,4), 1946, pp.209-215.

Portugal Democrático, jornal mensal de São Paulo, (7 Jul 1956-1974), Dir. Otávio Martins de Moura (desde Set. 1959, altura em que é representado o nome do director.)

- 7- A censura à Imprensa e ao livro. 6 de Out. 1956, pp.5,6
- 8- Um Vencido. 12 Jan. 1957, p.6.
- 9- Carta aberta a sua majestade Britânica Isabel II, pp. 1,4,2 (conclusão).
- 10- Eu e “A Voz”, Abr. 1957 pp. 1,6.
- 11- Eleição de candidato único. Mai. 1957 pp.1,4.
- 12- Cai sobre nós esta vergonha, mulheres!. Dez. 1958, p.8.
- 13- Cai sobre nós esta vergonha, mulheres!- (conclusão). Jan. 1959, p.5.
- 14- Somoza, Salazar e Cª. Jul 1959, p.6.
- 15- A revolução áurea. Out. 1960, pp.6,7.
- 16- Avacalhar e Portugalizar, Set. 1961, p.7
- 17- “Brasil, Fronteira da África”. Set. 1963, p.4.
- 18- Símbolo e Mito do 5 de Outubro. Out. 1963, p.8.

- 1- Pêssegos ou mangas? – crônica por Mara Archer, A.XVI (491), 10 Dez. 1936, pp.163-165
- 2- Casamento no Ribatejo, A.XVI (439), 14 Jan. 1937, pp. 195-199.
- 3- Quilo a mais, quilo a menos, A.XVII (500-3), 1 Ab. 1937, pp.321-324.
- 4- Provinciana vestida de novo, A.XVII (517), 10 Jul. 1937, pp.249-252.
- 5- Traduções e tradutores, por Maria Archer e Castelo Branco Chaves, A.XVII (530), 9 Out 1937, pp. 26-28
- 6- Aspectos da paisagem social na África portuguesa e no Brasil do passado sugeridos pelos livros de Gilberto Freyre, A.XVII (536), 20 Nov. 1937, pp. 166-170.
- 7- Aspectos da paisagem social na África portuguesa e no Brasil do passado sugeridos pelos livros de Gilberto Freyre, II, A.XVII (537), 27 Nov. 1937, pp.198-200.

Sol,semanário de estudo e crítica dos acontecimentos internacionais, dir. A. Lello Portella

- 1- Eu vi uma Leprosaria...(1), As devastações do terrível flagelo através dos séculos, A.VII (180), 14 Ago 1948, pp.4,9
- 2- Eu vi uma Leprosaria...(2), Algumas horas entre os leprosos, nas prisões sem grades em que vivem isolados do mundo, A.VII (181), 21 Ago 1948, pp. 4, 11.
- 3- Eu...E Mais Eu, Página do meu diário, A.VII (184), 11 Set 1948, p.4
- 4- O General Norton de Matos, Alguém que o mundo sabe quem é e quem foi, visto por Maria Archer, A.VII (201), 8 Jan. 1949, pp.1,10
- 5- O mais racional de todos os animais, A.VII (204), 29 Jan. 1949, p.4.

Crônicas Eu e Elas, por Maria Archer-Subtítulos publicados:

- 6- Uma mulher compreensiva, A.VII (125), 26 Jul 1947, p.3.
- 7- Quiromancia, A.VII (126), 2 Ago 1947, pp.3,10.
- 8- Sem fumo e sem fogo, A.VII (127), 9 Ago 1947, p.3.
- 9- O molho de “mayonnaise”, A.VII (128), 16 Ago 1947, p.3.

- 10- A ante-câmara da Glória, A.VII (129), 23 Ago 1947, p.4.
- 11- Uma costureira elegante, A.VII (131), 6 Set 1947, p.3
- 12- Carta aberta ao Senhor Ministro da Economia, A.VII (133), 20 Set 1947, p.4.
- 13- Eva continua a ser curiosa, A.VII (134), 27 Set 1947, p.3.
- 14- Tamariz, 1947, A.VII (135), 4 Out 1947, p.2
- 15- Imperium, 1947, A.VII (136), 11 Out 1947, p.4
- 16- Aos domingos, o general Eisenhower lava louça, A. VII (137), 18 Out 1947, p.4
- 17- Solteirona, A.VII (138), 25 Out 1947, p.4.
- 18- Argumento decisivo, A.VII (139), 1 Nov. 1947, p.4.
- 19- As eternas raparigas, A.VII (140), 8 Nov. 1947, p.4.
- 20- Cerimônias do tratamento português, A.VII (141), 15 Nov. 1947, p.4.
- 21- Tempo perdido por gosto, A.VII (142), 22 Nov. 1947, p.4.
- 22- Bastarda , A.VII (143), 29 Nov. 1947, p.4
- 23- Culpas do Négus da Etiópia, A.VII (144), 6 Dez. 1947, p.4
- 24- Preconceitos da alta burguesia portuguesa, A.VII (145), 13 Dez. 1947, p.4.
- 25- Fraternidade feminina, A.VII (146), 20 Dez. 1947, p.4.
- 26- [Das faldas da serra...], A.VII (147), 27 Dez. 1947, p.4.
- 27- Francesa Bertini, A.VII (148), 3 Jan. 1948, p.4.
- 28- Subsídios para uma nova lei da propriedade literária, A.VII (149), 10 Jan. 1948, p.4.
- 29- Subsídios para uma nova lei da propriedade literária, A.VII (149), 10 Jan. 1948, p.4.
- 30- O trabalho doméstico não garante o futuro da mulher, A.VII (151), 24 Jan. 1948, p.4.
- 31- Razões que são as nossas razões, A.VII (152), 31 jan. 1948, p.4.
- 32- O trabalho doméstico não assegura a mulher contra viuvez, A.VII (153), 7 fev. 1948, p.4.
- 33- Dirijo-me ás consciências , A.VII (154), 14 Fev. 1948, p.4.
- 34- Cavalleria rusticana, A.VII (155), 21 Fev. 1948, p.4
- 35- Tudo tem preço, A.VII (156), 28 Fev. 1948, p.4.
- 36- Duas teorias sobre o mesmo tema, A.VII (157), 6 Mar. 1948, p.4
- 37- Uma mulher sozinha, à noite, nas ruas de Lisboa, A.VII (158), 13 Mar. 1948, p.4

- 38- Cobardias, A.VII (159), 20 Mar. 1948, p.4
- 39- Acto de contrição, A.VII (160), 27 Mar. 1948, p.4.
- 40- Preconceitos, A.VII (161), 3 Ab. 1948, p.4.
- 41- Actualidade, A.VII (162), 10 Ab. 1948, p.4
- 42- Como eu conheci Gualdino Gomes, A.VII (163), 17 Ab. 1948, p.4.
- 43- Chá das cinco, A.VII (164), 24 Ab. 1948, p.4
- 44- Um bom casamento , A.VII (163), 1 Mai. 1948, p.4.
- 45- Clamar no deserto , A.VII (166), 8 Mai. 1948, p.4.
- 46- Alentejana, A.VII (167), 15 Mais. 1948, p.4.
- 47- Uma menina bem educada, A.VII (168), 22 Mai 1948, p.4.
- 48- Menina-Bem, A.VII (169), 29 Mai. 1948, p.4.
- 49- Da Senhora, A.VII (170), 5 Jun. 1948, p.4.
- 50- Motivo fútil, A.VII (171), 12 Jun. 1948, p.4
- 51- Faça o mal quem o fizer quem o paga é a mulher,A.VII (172), 19 Jun. 1948,p.4
- 52- Eu e Elas, A.VII (173), 26 Jun. 1948, p.4
- 53- Por detrás da fachada, A.VII (174), 3 Jul. 1948, p.4.
- 54- Eu e Elas, Vae Victis! A.VII (175) , 10 Jul. 1948, p.4.
- 55- A doçura das faltas de respeito, A.VII (176), 17 Jul 1948, p.4.
- 56- O arranjo negro, A.VII (177), 24 Jul 1948, p.4.
- 57- Filosofia duma mulher moderna, A.VII (178), 31 Jul 1948, p.4.
- 58- Termas de luxo, A.VII (179), 7 Ago 1948, p.9.
- 59- Heroínas, A.VII (182), 28 Ago 1948, p.4
- 60- Para além da vida, A.VII (183), 4 Set 1948, p.4.
- 61- Maneis e Marias, A.VII (185), 18 Set 1948, p.4.
- 62- O poder do dinheiro, A.VII (186), 25 Set 1948, p.4.
- 63- Diário da Caparica , A.VII (187), 2 Out 1948, p.4.
- 64- Pontos de vista meternos,A.VII (188), 9 Out 1948, p.4.
- 65- Como na tragédia antiga, A.VII (189) 16 Out. 1948, p.4.
- 66- O anel de rubi, A.VII (190), 23 Out. 1948, p.4.
- 67- Sem direito á vida, A.VII (191), 30 Out. 1948, p.4.
- 68- Fado, A.VII (192), 6 Nov. 1948, p.4.
- 69- O único noivo, A.VII (193), 13 Nov. 1948, p.4.
- 70- Passagem de modelos, A.VII (194), 20 Nov. 1948, p.4.
- 71- Sepulcros caiados, A.VII (195), 27 Nov. 1948, p.4.
- 72- A vida é triste, A.VII (196), 4 Dez. 1948, p.4.

- 73- O trabalho doméstico não garante nenhuma mulher contra invalidez, A.VII (197), 11 Dez. 1948, pp.4,11.
- 74- 24 horas da vida duma mulher no planalto de Benguela, A.VII (198), 18 Dez. 1948, pp.4,9.
- 75- História Contemporânea, A.VII (199), 25 Dez. 1948, p.4.
- 76- 24 horas da vida duma mulher em Luanda, A.VII (200), 1 Jan. 1949, p.4.
- 77- A vida tem preço, A.VII (202), 15 Jan. 1949, p.4.
- 78- Faça público o meu protesto, A.VII (203), 22 Jan. 1949, p.4.
- 79- Família, A.VII (205), 5 fev. 1949, p.4.
- 80- Alfacinha, Comédia num acto e para um só personagem, A.VII (206), 12 fev. 1949, pp.4,8
- 81- Alfacinha, Comédia em 1 acto, com uma só personagem (cont.), A.VII (207) 19 Fev. 1949, p.4.
- 82- Alfacinha, Comédia em 1 acto, com uma só personagem (cont.), A.VII (208) 26 Fev. 1949, p.4.
- 83- Hibernantes , A.VII (209), 5 Mar. 1949, p.4.
- 84- Renovação de valores sentimentais, A.VII (210), 12 mar. 1949, p.4.
- 85- A vidente, A.VII (211), 19 Mar. 1949, p.4.
- 86- Inveja, que não virtude, A.VII (212), 26 Mar. 1949, p.4
- 87- Emprego de Capital, A.VII (213), 2 Ab. 1949, p.4.
- 88- As manas Louzadas, A.VII (214) , 9 Mar. 1949, p.4.
- 89- Os crimes que não tem castigo, A.VII (215), 16 Ab. 1949, p.4.
- 90- Luxo em 2ª mão, A.VII (216), 23 Ab. 1949, p.4.
- 91- Dois livros, A.VII (217), 30 Ab. 1949, p.4.
- 92- Tempestade num copo de água, A.VII (218), 7 de maio 1949, pp.4,10.
- 93- Presença da mulher na paisagem social da África Portuguesa, A.VII (219), 14 Maio 1949, p.4.
- 94- O prestígio dum nome, A.VII (220), 21 Maio 1949, p.4.
- 95- Lição de egoísmo, A.VII (221), 28 Maio 1949
- 96- Anatomia, A. VII (222), 4 Jun. 1949, p.4.
- 97- Bisantinismos, A.VII (223), 11 Jun, 1949, p.4.
- 98- A piedosa mentira, A.VII (224), 18 Jun ,1949, p.4.
- 99- Escola de maridos, AVII (225) , 25 Jun. 1949, p.4.
- 100- Ainda a Escola de maridos , A.VIII (226), 2 Jul. 1949, p.4.
- 101- A nudez forte da verdade, A.VII (227), 9 Jul, 1949, p.4.
- 102- Manifesto, A.VIII (228), 16 Jul. 1949, p.4.

- 103-Ainda a nudez forte da verdade, A.VIII (229), 23 Jul. 1949, p.4.
- 104-Criadas, A. VIII (230), 30 Jul. 1949, p.4.
- 105- Labirinto A.VIII (231) ,6 Ago. 1949, p.4.
- 106-Direito de Varonia, A.VII (232), 13 Ago. 1949, p.4.
- 107-O casamento não defende a mulher contra a vida, A.VIII (233), 20 Ago. 1949, p.4.
- 108-Tragédia em Lisboa, A.VIII (234),27 Ago. 1949, p.4.
- 109-Pró toiros de morte, A.VIII (235), 3 Set. 1949, pp.4,10.
- 110-Sapatos de defunto , a.VIII (236), 10 Set. 1949, p.4.
- 111-Afecto pesado a dinheiro , A.VIII (237), 17 Set. 1949, p.4.
- 112-Ela é ainda uma espécie menor, A.VIII (238), 24 Set . 1949, p.4.
- 113-Senhora de sua casa, A.VIII (239), 1 Out. 1949, p.4.
- 114-A eterna odalisca, A.VIII (240), 8 Out. 1949, p.4.

Última Hora, Jornal republicano de grande informação, Luanda, dir. Dionísio de Castro Sá Menezes.

I -Os Portugueses e Angola. Levante-se o pó de impérios mortos, por Maria Archer, A.VIII (168), 29 Mar. 1933, pp.1-2.

Sobre a obra da autora

BOTELHO, Dina Maria dos Santos. *Ela é apenas mulher*. Universidade Nova de Lisboa. Dissertação de Mestrado em Estudos Anglo Portugueses, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Lisboa, 1994.

FERREIRA, Ana Paula. “‘*Continentes negros’ com nome de Portugal: O ‘Feitiço’ colonialista da Maria Archer*”. In *Discursos Estudos de Língua e Cultura Portuguesa. Literatura, Nacionalismos, Identidade*. 1996, nº 13, p. 85-98.

_____. *Maria Archer e a “Sexualidade Feminina”*. p. 155-164.

_____. *Home Bound: The Construct of Femininity in Estado Novo*. Portuguese Studies. 1996, volume 12, p. 133-144.

_____. *Nationalism and Feminism at the turn of the Nineteenth Century: Constructing the "Other" (Woman) of Portugal*. 1996. Santa Bárbara Portuguese Studies, Volume III, p. 123-142.

_____. *A 'Comédia da Feminilidade' no tempo de Maria Archer: De um mercado em que as mulheres negociam*. Centre de Recherche en Littérature de Langue Portugaise. Université Paul – Valéry, Montpellier III. 1997. Quadrant, nº. 14, p. 133-145.

MARTINS, Leonor Pires. *Menina e Moça em África*. *Revue Lusotopie* XII, (1-2), 77-91.

_____. *Cadernos de Memórias Coloniais. Identidades de "Raça" de classe e de Gênero em Maria Archer*. Dissertação de Mestrado em Literatura Comparada, Lisboa, Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, 2002.

De apoio à pesquisa:

ABDALA JR., Benjamin. *De vãos e Ilhas: Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Ed., 2003.

_____. "Globalização e Novas Perspectivas Comunitárias." In: *Portos Flutuantes: Trânsitos Ibero-afro-americanos*. ABDALA JR. Benjamin & SCARPELLI, Marli F. (orgs.) *Portos Flutuantes*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.

_____. "Um Ensaio de Abertura: Mestiçagem e Hibridismo, Globalização e Comunitarismos". In: *Margens da Cultura: Mestiçagem, Hibridismo & outras Misturas*. ABDALA JR. Benjamin (org.) São Paulo: Boitempo Editorial, 2004.

AGUIAR E SILVA, Victor Manuel de. *Teoria da Literatura*. 8. ed., Coimbra: Almedina, 1997.

ALMEIDA. Laura Beatriz Fonseca de. "O Cronista nas Ruas: câmara na mão e o Brasil no olho". In: *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 459-461.

BAHIA, Juarez. *Jornal: História e Técnica*. 4. ed., São Paulo, Ática, 1990.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. A Teoria do Romance. São Paulo: UNESP - Hucitec, 1988.

BARBOSA, João Alexandre. *A Biblioteca Imaginária*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996.

_____. "A Paixão Crítica". In: *A Leitura no Intervalo: Ensaios de Crítica*. São Paulo: Iluminuras/Secretaria de Estado da Cultura, 1990, p. 37-62.

BARTHES, R. *Novos ensaios críticos seguidos de o grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *Fragmentos de um discurso amoroso*. Trad. Hortência dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

_____. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Ginzburg. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BENJAMIM, W. "O narrador". In: *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 197-221.

BLOOM, H. *A angústia da influência*. Rio de Janeiro, Imago, 1991.

BRANDÃO, Roberto de Oliveira. *Elementos de Metodologia em nível de pós-graduação: área de Letras*. São Paulo: Humanitas /FFLCH/USP, 2001.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1982.

_____. *Dialética da Colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1985.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas Híbridas - estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. p.283-350: Culturas híbridas, poderes oblíquos.

CANDIDO, Antonio. *A Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 6.ed. Belo Horizonte Itatiaia, 1981.2v.

_____. *Literatura e sociedade; estudos de teoria e história literária*. 7. ed. São Paulo, Nacional, 1985.

_____. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo, Ática, 1987.

_____. *Iniciação a Literatura Brasileira*. São Paulo: Humanitas, 1998.

- _____. *Vários escritos*. São Paulo: Duas cidades, 1970.
- _____. A personagem do romance. In. CÂNDIDO A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968. p. 52-80.
- _____. ROSENFELD, Anatol. PRADO, Décio de Almeida. GOMES, Paulo Emilio Salles. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- CÂNDIDO, A, CASTELO J. .A. *Presença da Literatura Brasileira: Modernismo*. 7. ed. São Paulo: Difel, 1979.
- CANIATO, Benilde Justo Lacorte. *A Solidão de Mulheres a Sós*. São Paulo: Centro de Estudos Portugueses, Lato senso Editora de textos, 1996.
- CARNEIRO, A. Dias et alii. (Org.). *O Discurso da Mídia*. Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1996.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. São Paulo: Ática, 1986.
- CASTELO, C. “O Modo Português de Estar no Mundo” O Luso-Tropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa.(1933-1961) Porto, Edições Afrontamento.1999.
- COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Feminina no Brasil Contemporâneo*. São Paulo. Siciliano, 1993.
- COIMBRA, Oswaldo. *O Texto da Reportagem Impressa*. São Paulo, Ática, 1993.
- DUARTE, Constância Lima (Org.). *Mulher e literatura*. V Seminário Nacional. *Anais*. Natal. Ed. Universitária, 1995.
- CRUZ, Antonia Marly Moura da Silva. “Senhora dos Afogados: A Modernidade dos Arquétipos Amorosos a partir do Mito”. In: *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 129-134.
- DIMENSTEIN, Gilberto. *As Armadilhas do Poder*. São Paulo, Summus editorial, 1990.
- DUARTE, Paulo. *História da Imprensa em São Paulo*. São Paulo, ECA/USP, 1972.
- DOBOIS, Jean, GIACOMO, Mathée, GUESPIN, Louis et al. *Diccionario de lingüística*. Trad. Frederico Pessoa de Barros, John Robert Schmitz, Leonor Scliar Cabral, Maria Elizabeth Leuba Salum, Valter Khedi. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1988.

- EAGLETON, T. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 1983.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª, ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Joaquim. *História da Literatura portuguesa*. Porto: Editorial Domingos Barreira. 1964.
- . *História de Literatura Portuguesa*. Porto. Editorial Domingos Barreira, 3. Ed., 1969.
- FISCHER, Ernest. *A Necessidade da Arte*. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- FREYRE, G. *Casa grande & senzala*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1961.
- FREUD, Sigmund. *Obras Completas*. Trad. José L. Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 1990.
- GALLIANO, A. Guilherme. *O método científico*. São Paulo: Harbra, 1986.
- GIL, Antônio Carlos. *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. 3.ed., São Paulo: Atlas, 1993.
- GRACELLI Getúlio. *Maria Archer no Brasil. Meu Encontro Possível com Maria Archer*, 2006, (no prelo).
- GHILARDI, Maria Inês, BARZOTTO, Valdir Heitor (organizadores). *Nas Telas da Mídia*. Campinas, Alínea, 2002.
- GLISSANT, E. *Le discours antillais*. Paris, Seuil, 1981.
- GUILLÉN, C. *Entre lo uno y lo diverso. Introducción a la literatura comparada*. Barcelona, Editorial Crítica, 1985.
- GOMES, Mayra Rodrigues. *Jornalismo e Ciências da Linguagem*. São Paulo, Hacker Editores, EDUSP, 2000.
- GOTLIB, Nádya Batella. *Teoria do Conto*. São Paulo. Ática, 2. Ed., 1985.
- . (Org.). *A Mulher na Literatura*. Belo Horizonte. ANPOLL/Un.Fed.Minas Gerais, 1990, v. 2 e 3.
- . *Biografia de Clarice: História ou Ficção? Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 803-808.
- GOUVEIA, Arturo. *Na Contramão de Quixote. Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 153-159.
- HAUSER, Arnold. *História Social da Literatura e da Arte*. Trad. Walter H. Geenen. 4.ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Novo Dicionário Aurélio*. R. J. J.E.M.M., Editores Ltda.1999. Nova Fronteira.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

KAYSER, W. *Análise e Interpretação da Obra Literária*. 7. Ed. Coimbra: Armênio Amado, 1985.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros Para Nós Mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LAJOLO, Marisa. *O que é literatura*. 2. ed. São Paulo: Círculo do Livro, 1991.

LAKATOS. Eva Maria, MARCONI, Maria de Andrade. *Metodologia do trabalho científico*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1992.

LEITE, L. C. M. *O Foco Narrativo*. 3. ed São Paulo : Ática, 1987.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. Dissonâncias de um “Rigalegio” ou Ambigüidade de Juó Bananére. *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 977-979.

LETRIA, Joaquim. *Pequeno Breviário Jornalístico: Gêneros, Estilos e Técnicas*. 2 ed., Lisboa, Notícias Editorial, 2000.

LOPES, Oscar. *História da Literatura Portuguesa III, Época Contemporânea*, Lisboa, Editorial Estúdios Cor, s. d.

LOPES, Oscar e SARAIVA. Antonio José. 11 ed.cor. e atual. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 1979.

LOTMAN, Iuri. *A Estrutura do Texto Artístico*. Trad. Maria do Carmo Vieira Raposo e Alberto Raposo. Lisboa: Estampa 1978.

LUKÁCS, Georg. *Ensaio sobre literatura*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1965.

MACHADO, Álvaro Manuel, PAGEAUX, Daniel-Henri. *Da Literatura Comparada à Teoria da Literatura*. 2 ed. Revista e aumentada. Lisboa: Fundamentos, 2001.

MARCONDES FILHO, Ciro. *O Capital da Notícia*. São Paulo, Ática, 2.ed, 1989

MAGALHÃES, Isabel Allegro de. *O tempo das mulheres: a dimensão temporal na escrita feminina contemporânea*. Lisboa, Impr. Nacional/Casa da Moeda, 1987.

..... . “Os véus de Artêmis: alguns traços da ficção narrativa de autoria feminina”. Em *Colóquio/Letras* 125/126, jul.-dez./1992, pp. 151-168.

..... . “O sexo dos textos: Traços da Ficção Narrativa de autoria feminina” *O Sexo dos Textos*. Lisboa, Caminho, 1995.p.15-50.

MARIA, Luzia de. *O que é conto*. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MARÍAS, JULIAN. *A mulher no século XX*. Trad. Diva Ribeiro de Toledo Piza. São Paulo. 1981.

MASSAUD, Moisés. *A criação literária: prosa*. 13. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

..... . *Dicionário de Termos Literários*. 4.ed. São Paulo: Cultrix ,1985.

..... . *A Literatura Portuguesa*. São Paulo. Cultrix, 26. ed., 1994.

..... . *A Literatura Portuguesa Através de Textos*. São Paulo. Cultrix.

MARTINS, Eduardo (Org.) *Manual de Redação e Estilo de O Estado de São Paulo*. 3.ed.,São Paulo, O Estado de São Paulo, 1997.

MATHEUS, M. H. Mira et alii. « Mecanismos de estruturação textual ». In *Gramática da Língua Portuguesa*. Coimbra, Almedina, 1983, pp. 183-216.

MELO José Marques. *A Opinião no Jornalismo Brasileiro*. Petrópolis, Vozes, 1985.

MINÉ, Elza. *Páginas Flutuantes. Eça de Queirós e o Jornalismo no Século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

----- . *O Novo Mundo 1870-1879: Da Enunciação da Proposta às suas Revisitações*. São Paulo, Livre-docência Letras-USP, 1991.

----- . (Org., prefácio e nota). *Jaime Batalha Reis. O Descobrimento do Brasil Intelectual pelos Portugueses do Século XX*. Lisboa. Dom Quixote, 1988.

----- . *Eça de Queirós Jornalista*. Lisboa: Livros Horizontes, 1986.

OLINTO, Heidrun Krieger. Teoria da Literatura em desalinho. *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p.371-375.

- PADILHA, Laura Cavalcante. Ficção Angolinidade: Novos Caminhos Dialógicos. *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 463-469.
- PESSOA, Fernando. “Palavras de Pórtico”, In: *Introdução à Obra poética*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1965, p.16.
- PAILLET, M. *Jornalismo, O quarto Poder*. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- PRADO JR., C. *Formação do Brasil contemporâneo*. 4. ed. São Paulo, Brasiliense, 1953.
- PALLA, Maria Antonia, “A Renovação da Imprensa, Apesar da Censura”, In *Portugal Contemporâneo*, Antonio Reis (Direcção), Lisboa, Publicações Alfa, 1989, pp. 207-220.
- PRIORE. Mary Del (org.). *História das mulheres do Brasil* 2.ed., São Paulo: Ed. UNESP, 1977.
- RABAÇA, C. e BARBOSA, G. *Dicionário de Comunicação*. 2 ed., São Paulo, 1987.
- RAMOS, Tânia Regina de Oliveira. Folia e Látex: Discurso Carnavalesco e Política Antropofágica. *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 981-985.
- REBELO José. *O Discurso do Jornal: O Como e o Porquê*. Lisboa, Notícias Editorial, 2000.
- REIS, Carlos. *As conferências do Cassino*. Lisboa: Publicações Alfa, 1990.
- _____. *Técnicas de Análise Textual. Introdução à Leitura Crítica do Texto Literário*. Coimbra: 1976.
- RODRIGUES, Miguel Urbano. *O Tempo e o Espaço em que Vivi, I- Procurando um caminho*. Porto, Campo das Letras, 2002.
- RODRIGUES FILHO. José Maria. Monografia Emigração, Jornalismo, Educação e Luso-brasilidade em “Saibam quantos...” de Fialho de Almeida. Trabalho da Disciplina Relações literárias Brasil/Portugal apresentado na FFLCH - USP, 1997. (digitado).
- ROSAS, F. “O Estado Novo 1926-1974”, J. Mattoso (ed) , *História de Portugal*,7, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.
- SAID, Edward. *Reflexões Sobre o Exílio e outros Ensaios*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SALIS Viktor D “Os Grandes Princípios Míticos” In., *Mitologia Viva*. São Paulo, Nova Alexandria, 2003, p. 209 a 229.

SILVA, Douglas Mansur da. *A Ética da Resistência: Os Exilados Anti-Salazaristas do “Portugal Democrático” (1956-1974)*. Dissertação de Mestrado. Orientadora: Prof^a. Dra. Bela Feldman Bianco. Campinas, Unicamp, 2000.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. O Rumor e o Roçar da Língua Portuguesa na Busca de Africanos Caminhos, *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 185-187.

SODRÉ, Nelson W. *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo, GRAAL, 1997.

SOUZA, Lynn Mário T. Menezes de. Identidade e Subversão: O Discurso Crítico-Literário Pós Colonial de Homi Bhabha. *Literatura e Diferença-Anais do IV Congresso ABRALIC*. São Paulo: EDUSP/ABRALIC, 1994, p. 561-565.

SUSSEKIND, Flora. *O Brasil Não é Longe Daqui*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SCHWARZ, Roberto. *Duas meninas*. São Paulo, Cia. Das Letras, 1997.

VIEIRA, Nelson W. *Brasil e Portugal: A Imagem Recíproca: O Mito e a Realidade na Expressão Literária*. Lisboa: Ministério da Educação. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

WELLEK, R., WARREN A. *Teoria da Literatura*. 5. ed., Lisboa: Europa América, s.d.

XAVIER, Elódia (Org.). *Tudo no feminino: a presença da mulher na narrativa brasileira Contemporânea*. Rio de Janeiro, Fr. Alves, 1991.

_____. *Declínio do patriarcado. A família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro, Rosa dos Tempos, 1998.